



UnB

Universidade de Brasília
Instituto de Letras
Departamento de Teoria Literária e Literaturas
Programa de Pós-graduação em Literatura

Aline Teixeira da Silva Lima

Quando o amor rima com dor: representações da violência conjugal na literatura contemporânea

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Cíntia Schwantes

Brasília
2022

Aline Teixeira da Silva Lima

Quando o amor rima com dor: representações da violência conjugal na literatura contemporânea

Tese apresentada ao Departamento de Pós-Graduação em Literatura do Departamento de Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Literatura.

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Cíntia Schwantes
Área de Concentração: Literatura e Práticas Sociais.

Linha de Pesquisa: Representação na Literatura Contemporânea.

Brasília
2022

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

LL732qq Lima, Aline Teixeira da Silva
Quando o amor rima com dor: representações da violência
conjugual na literatura contemporânea / Aline Teixeira da
Silva Lima; orientador Cintia Carla Moreira Schwantes. --
Brasília, 2022.
257 p.

Tese (Doutorado - Doutorado em Literatura) --
Universidade de Brasília, 2022.

1. Literatura contemporânea. 2. Estudos de gênero. 3.
Representação. 4. Violência contra a mulher. I. Schwantes,
Cintia Carla Moreira, orient. II. Título.

Aline Teixeira da Silva Lima

Quando o amor rima com dor: representações da violência conjugal na literatura contemporânea

Banca Examinadora

Prof.^a Dra. Cíntia Carla Moreira Schwantes (POSLIT/UnB)
(presidente)

Prof.^a Dra. Virgínia Maria Vasconcelos Leal (POSLIT /UnB)
(membro interno)

Prof.^a Dra. Gislene Maria Barral Lima Felipe da Silva (SEDF)
(membro externo)

Prof.^a Dra. Paula Daniela Bianchi (UBA CONICET)
(membro externo)

Prof.^a Dra. Regina Dalcastagnè (POSLIT/UnB)
(suplente)

Brasília
2022

*É por meio do buraco da
fechadura que podemos ver não
apenas e encontro satisfatório
dos amantes, mas também o
tédio e a agressão que se
instalam sorrateiramente no
cotidiano dos casais.*

Mary Del Priori

*Dia útil ele me bate
Dia santo ele me alisa
Longe dele eu tremo de amor
Na presença dele me calo
Eu de dia sou sua flor
Eu de noite sou seu cavalo*

“Sem açúcar”, Chico Buarque

*Uma esposa não é um vaso...
e não se quebra se a gente
bater nela dez vezes*

Provérbio russo

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Alvarina Teixeira de R. Silva e João Ribeiro da Silva, pelo apoio incondicional;

Aos meus filhos, Ana Carolina Teixeira Lima e João Guilherme Teixeira Bezerra, os quais, mesmo ainda tão pequeninos, com muito amor, me encorajam e me estimulam a continuar no caminho acadêmico;

Aos irmãos, João Marcos Teixeira Silva e Rosana Luísa da Silva;

À minha orientadora, Cíntia Carla Moreira Schwantes, que, sempre presente, me orientou com seriedade, compartilhando leituras e contribuindo na construção do conhecimento necessário para fatura deste trabalho, além de me acolher com carinho, me norteando com muita generosidade e gentileza;

Aos professores do TEL, pelas colaborações diretas e indiretas, em especial a Regina Dalcastagnè e a Anderson Luís Nunes da Mata, não apenas pelas aulas estimulantes, mas por serem seres humanos justos e honestos, que enxergam o mundo e as pessoas sem preconceitos, pessoas que me servem de exemplo a ser seguido. E obrigada pela confiança, incentivo e carinho;

Às professoras Virgínia Maria Vasconcelos Leal, Gislene Maria Barral, Paula Daniela Bianchi e, novamente, a Regina Dalcastagnè por aceitarem fazer parte desta banca e contribuírem para o aperfeiçoamento deste trabalho.

Ao Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea, por me receber e acolher tão bem, pelo incentivo ao trabalho coletivo e pela troca de experiências;

Ao incrível amigo Marcus Bringel, que, de maneira sempre solícita e carinhosa, me apoiou e me orientou nesta pesquisa;

Aos funcionários do PÓSLIT, pela presteza de sempre.

RESUMO

Neste estudo, investiga-se a representação literária da violência contra a mulher, em relações afetivas, no âmbito privado, em narrativas da literatura contemporânea. Ademais, reflete-se sobre os diferentes tipos de violência contra a mulher, bem com as distintas reações das vítimas, inclusive o silêncio destas. Assim, foram selecionados quatro romances e dois contos, todos de autoria feminina, que abordam a temática da violência doméstica entre os anos de 2006 e 2016. As obras contempladas nesta tese são: *A vida invisível de Eurídice Gusmão* (2016), da brasileira Martha Batalha, *Meu Marido* (2006), da também brasileira Livia Garcia-Roza, *Minhas vizinhas* (2008), da italiana Cláudia Priano e *Hay una cierva menos en el monte* (2012), da uruguaia Helena Corbellini, e os contos “Destino: Sé” (2010), da brasileira Simone Paulino e “O homem do vale” (2014), da chilena Marcela Serrano. A análise é realizada pelo fio condutor de tais textos, o desfecho. Por essa razão, o recorte temático feito foi a partir dos desenlaces dessas narrativas, levando em consideração três tipos de “finais” mais recorrentes: a mulher agredida, a qual continua no casamento abusivo, por razões diversas; a mulher que consegue sair do relacionamento abusivo por intermédio de uma ajuda externa e a mulher que é assassinada pelo seu parceiro. Tais aspectos são observados por meio da teoria da representação, utilizando um método comparativo descritivo, sob a perspectiva dos estudos feministas e de gênero. Para tanto, trago como aporte teórico os estudos de Marcela Lagarde (1999) e Heleieth Saffioti (2001), dado que definem a violência doméstica como uma relação assimétrica de gêneros. Ademais de utilizar os trabalhos da pesquisadora Esperanza Bosch (2010), que é referência no que tange aos estudos de gênero atrelados à violência.

PALAVRAS-CHAVE: Representação; Violência contra a mulher; Literatura contemporânea; Estudos de gênero.

ABSTRACT

In this study, we investigate the literary representation of violence against women, in affective relationships, in the private sphere, in contemporary literature narratives. In addition, it reflects on the different types of violence against women, as well as the different reactions of the victims, including their silence. Thus, four novels and two short stories were selected, all of them authored by women, which addressed the theme of domestic violence between the years 2006 and 2016. The works included in this thesis are: *A vida invisível de Eurídice Gusmão* (2016), by the Brazilian Martha Batalha, *Meu Marido* (2006), by the also Brazilian Livia Garcia-Roza, *Minhas vizinhas* (2008), by the Italian Cláudia Priano, and *Hay una cierva menos en el monte* (2012), by the Uruguayan Helena Corbellini, and the short stories “Destino: Sé” (2010), by the Brazilian Simone Paulino, and “O homem do vale” (2014), by the Chilean Marcela Serrano. The analysis is carried out by the guiding thread of such texts, the outcome. For this reason, the thematic cut made was based on the outcome of these works, taking into account three types of “endings” most recurrent: the battered woman, who continues in abusive marriage, for different reasons; the woman who manages to get out of the abusive relationship through external help; the woman who is murdered by her partner. Such aspects are observed through the representation theory, using a descriptive comparative method, from the perspective of feminist and gender studies. To this end, I bring as a theoretical contribution the studies of Marcela Lagarde (1999) and Heleieth Saffioti (2001), because they define domestic violence as an asymmetrical relationship between genders. In addition to using the work of researcher Esperanza Bosch (2010), who is a reference when it comes to gender studies linked to violence.

KEYWORDS : Representation; Violence against women; Contemporary literature, Gender studies.

RESUMEN

En este estudio investigo la representación literaria de la violencia contra la mujer, en las relaciones afectivas, en el ámbito privado, en las narrativas de la literatura contemporánea. Además, reflexiono sobre los diferentes tipos de violencia contra la mujer, así como las diferentes reacciones de las víctimas, incluido su silencio. Así, se seleccionaron cuatro novelas y dos cuentos, todos escritos por mujeres, que abordan el tema de la violencia intrafamiliar ente los años 2006 y 2016. Los trabajos incluidos en esta tesis son: *A vida invisível de Eurídice Gusmão* (2016), de la brasileña Martha Batalha, *Meu Marido* (2006), de la también brasileña Livia García-Roza, *Minhas vizinhas* (2008), de la italiana Claudia Priano, e *Hay una cierva menos en el monte* (2012), de la uruguaya Helena Corbellini, y los cuentos “Destino: Sé” (2010), de la brasileña Simone Paulino y “O Homem do Vale” (2014), de la chilena Marcela Serrano. El análisis se lleva a cabo por el hilo conductor de dichos textos, el desenlace. Por ello, el corte temático se hizo a partir de los desenlaces de estas narrativas, teniendo en cuenta tres tipos de “fines” más recurrentes: la mujer maltratada, que continúa en un matrimonio abusivo, por diferentes motivos; la mujer que logra salir de la relación abusiva con ayuda externa y la mujer que es asesinada por su pareja. Dichos aspectos son observados a través de la teoría de la representación, utilizando un método descriptivo comparativo, desde la perspectiva de los estudios feministas y de género. Para eso, traigo como aporte teórico los estudios de Marcela Lagarde (1999) y Heleieth Saffioti (2001), ya que definen la violencia doméstica como una relación asimétrica entre géneros. Además de utilizar el trabajo de la investigadora Esperanza Bosch (2010), quien es un referente cuando se trata de estudios de género vinculados a la violencia.

PALABRAS CLAVE: Representación; La violencia contra las mujeres; Literatura contemporánea; Estudios de género.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
Capítulo I: O amor tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta	23
1. Eurídice Gusmão: a mulher que poderia ter sido	24
1.1.Eurídice: a vagabunda	25
1.2.Eurídice: a chef	30
1.3.Eurídice: a costureira	32
1.4.Eurídice: a mulher para casar	37
1.5.Eurídice: a irmã	44
1.6.Eurídice: a escritora	47
2. Bela, a esposa de Eduardo	51
2.1.Bela: o casamento	55
2.2.Bela: o casamento em ruínas	63
2.3.Bela: o fim do casamento	71
Capítulo II: Em briga de marido e mulher se mete, sim, a colher	85
1. Anna e Margarida: as vizinhas	86
1.1.Margarida: a testemunha das agressões contra Anna	91
1.2.Anna e Margarida: um novo processo de comunicação	98
1.3.Margarida: a intercessora de Anna	104
1.4.Anna e Margarida: uma amizade	112
1.5.Anna: o recomeço	124
2. Ana: rumo ao marco zero	130
3. Pascuala: a mulher de um homem do vale	143
Capítulo III: Até que a morte os separe	159
1. Cecília e Luz: duas cervas no monte de Conchillas	162
1.1 Luz: em Conchillas	163
1.2 Cecília: uma cerva no monte	174
1.3 Luz: em Montevideú	193
1.4 Cecília: uma cerva a menos no monte	198
1.5 Luz: de volta a Conchillas	230
CONSIDERAÇÕES FINAIS	237
REFERÊNCIAS	244
ANEXOS	255

INTRODUÇÃO

De acordo com a Organização Mundial de Saúde, “a violência contra a mulher no âmbito doméstico tem sido documentada em todos os países e ambientes socioeconômicos, e as evidências existentes indicam que seu alcance é muito maior do que se supunha” (OMS/OPAS, 1998). Ainda segundo a OMS/OPAS (2017), a violência de gênero deve ser considerada uma questão de saúde pública global, tendo em vista que afeta 35% das mulheres em âmbito mundial, isto é, aproximadamente uma a cada três mulheres em todo o mundo já sofreu algum tipo de violência por parte do parceiro ou de terceiros durante a vida. Além disso, em 2017, a Organização das Nações Unidas (ONU) e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) indicaram que a América Latina é a região com mais casos de violência contra a mulher¹.

O tema, por sua extrema gravidade, foi tratado pela ONU, a qual aprovou a Recomendação Geral nº 19, de 1992, da CEDAW (Comitê para a Eliminação de todas as formas de Discriminação contra as Mulheres das Nações Unidas), a qual define, em seu artigo 1º, a “discriminação contra a mulher”, incluindo, neste mesmo artigo, a violência de gênero, ou seja, aquela “que é dirigida contra uma mulher porque ela é mulher ou que afeta as mulheres desproporcionalmente, e, como tal, é uma violação de seus direitos humanos”. A Recomendação Geral nº 35, de 2017, que atualiza a Recomendação nº 19, afirma que “a violência de gênero contra as mulheres é um dos meios sociais, políticos e econômicos fundamentais pelos quais a posição subordinada das mulheres em relação aos homens e seus papéis estereotipados são perpetuados”. E, no ponto 19, considera-se que

a violência de gênero contra as mulheres está enraizada em fatores relacionados ao gênero, como a ideologia do direito e o privilégio dos homens sobre as mulheres, as normas sociais em relação à masculinidade, a necessidade de afirmar o controle ou poder masculino, reforçar os papéis de gênero ou prevenir, desencorajar ou punir o que é considerado um comportamento inaceitável para as mulheres. Esses fatores também contribuem para a aceitação social explícita ou implícita da violência de gênero contra as mulheres, muitas vezes ainda considerada como uma questão privada, e para a impunidade generalizada quanto a ela.

¹ É importante ressaltar que a violência doméstica aumentou em meio ao isolamento social obrigatório, ocasionado pela pandemia do coronavírus, conforme alerta António Guterres, chefe da ONU (2020), ainda sem apresentar dados precisos. Além disso, segundo Guterres, para as mulheres que já são vítimas de abuso, “o risco é agravado pelo fato de haver menos intervenções policiais; fechamentos de tribunais e acesso limitado à Justiça; fechamento de abrigos e de serviços para as vítimas”. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/chefe-da-onu-alerta-para-aumento-da-violencia-domestica-em-meio-a-pandemia-do-coronavirus/>> Acesso em: 06 de maio de 2022.

No Brasil, a maior conquista do processo de resistência feminista às violências contra as mulheres foi a aprovação, em 2006, da *Lei Maria da Penha*, ou *Lei nº 11.340*, que dispõe sobre mecanismos para coibir a violência doméstica² e familiar contra a mulher. No seu Artigo 5º, estabelece que se “configura violência doméstica e familiar contra a mulher qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial”, criminalizando, assim, tais abusos inaceitáveis. A violência doméstica³ contra a mulher recebe esta denominação por ocorrer dentro do lar, e o agressor ser, geralmente, alguém que já manteve, ou ainda mantém, uma relação íntima com a vítima. Esta pode caracterizar-se de diversos modos, desde marcas visíveis no corpo, designando a violência física, até formas mais sutis, porém, não menos importantes, como a violência psicológica, que traz danos significativos à estrutura emocional da mulher.

Independentemente da sua roupagem, a violência de gênero expõe o desequilíbrio social da nossa sociedade, demonstrando a relação de poder de dominação do homem e de submissão da mulher, como já explicitada pela Recomendação Geral nº 35, de 2017. Esses papéis impostos de maneira tão arbitrária a ambos os sexos são consolidados ao longo da história e reforçados pela ideologia, como atenta Pierre Bourdieu ao afirmar que as estruturas de dominação são

produto de um trabalho incessante (e, como tal, histórico) de reprodução, para o qual contribuem agentes específicos (entre os quais os homens, com suas armas como a violência física e a violência simbólica) e instituições, famílias, a Igreja, a Escola e o Estado (BOURDIEU, 2016, p.55).

Ressalto ainda que, consoante a sociedade patriarcal e essas normas por ela definidas, a “mulher correta” não deveria ultrapassar a área a ela destinada, o espaço privado, para se tornar sujeito no espaço público. A sociedade patriarcal sempre ditou

² É importante acrescentar que, apesar de eu trabalhar neste estudo com a terminologia “violência doméstica”, ela também poder ser compreendida como “violência patriarcal”, conforme afirma a teórica americana bell hooks. Para ela “el término ‘violencia patriarcal’ es útil porque, al contrario de la expresión más aceptada de ‘violencia doméstica’, recuerda continuamente a quien la oye que la violencia en el hogar está ligada al sexismo y al pensamiento sexista, a la dominación masculina” (2017, p. 88).

³ Embora o termo “violência doméstica” abranja a violência dentro de um grupo familiar, em que possa haver membros sem função parental e que tal violência não seja necessariamente perpetrada contra a mulher, segundo a definição dada pelo Ministério da Saúde (2002, p.15), neste estudo, devido ao seu recorte, o qual será explicitado mais à frente, usarei a terminologia supracitada (que é a adotada na própria *Lei Maria da Penha*) sempre no sentido da violência contra a mulher cometida por parceiro íntimo, ocorrendo comumente, embora não necessariamente, no espaço privado do domicílio. Ademais, apesar de a violência contra a mulher ser uma forma de violência baseada em gênero em um contexto de relações produzidas social e culturalmente, logo, devendo ser lidas dentro de uma perspectiva mais abrangente de relação de gênero, já que dependem de outras categorias sociais, como classe social, raça, entre outras. Para fins deste estudo, utilizo as categorias de violência contra a mulher e violência doméstica com um sentido equivalente, uma vez que ambas estruturam um lugar de dominação e exploração para a mulher.

como as mulheres devem se comportar, “con dulzura, paciencia y comprensión, que son las idóneas para realizar las tareas que le habían sido previamente asignadas”⁴ (ACOSTA, 1999, p. 46), entretanto, caso elas se “desviem” desse padrão, “o homem julga-se no direito de espancar sua mulher. Esta, educada que foi para se submeter aos desejos masculinos, toma este ‘destino’ como natural” (SAFFIOTI, 1987, p. 79), validando, desse modo, a violência, a subordinação e o confinamento da mulher no espaço doméstico. A violência esboçada em relações íntimas e afetivas, dentro do espaço privado, abrange uma complexa rede de significados, elaborados social e culturalmente, que independem de raça, classe social, idade, ou outro marcador social, ou seja, a violência de gênero atinge mulheres em todas as esferas da sociedade, independentemente do lugar ou da cultura às quais pertençam. A violência conjugal pode ser entendida como a conexão de inúmeras questões que envolvem a relação hierárquica entre homem e mulher, como a falta de igualdade, assimetria de poder e, inclusive, de amor, os quais são significados construídos em torno do gênero.

De acordo com o filósofo suíço Denis de Rougemont (1988), o casamento coercitivo era imposto, a favor da instituição matrimonial, de três maneiras: sagradas, sociais e religiosas. Entretanto, já no final do século XIX, devido às grandes transformações econômicas e sociais, como a consolidação do capitalismo e a ascensão da burguesia, respectivamente, o comportamento da sociedade foi alterado e, nessa nova dinâmica da vida, em suas diversas dimensões, a organização do casamento também mudou. Segundo Del Priori, “os casais começam a escolher, porque as relações matrimoniais tinham de ser fundadas no sentimento recíproco. O casamento de conveniência passa a ser vergonhoso” (DEL PRIORE, 2006, p. 231)⁵. Dessa forma, o amor, agora romântico, é o cimento do matrimônio. E, a partir da ideia de amor romântico, o qual foi “mantido sob controle pela associação do amor com o casamento (...), [preserva-se] a ideia de que o amor, uma vez encontrado, é para sempre” (GIDDENS, 1993, p. 58)⁶. Este conceito de amor romântico é sustentado por uma série de mitos, os mitos do amor romântico, que são compartilhados culturalmente e transmitidos por

⁴ “com doçura, paciência e compreensão, que são as idóneas para realizar as tarefas que lhe foram anteriormente atribuída” (tradução minha). Doravante, todas as traduções do espanhol e do inglês serão de minha autoria.

⁵ No entanto, vale ressaltar que, apesar desse “poder de livre escolha”, determinados padrões continuaram a ser seguidos, como classe social e raça. Logo, foram assegurados limites dentro desse universo de escolhas. Ver Maia (2007).

⁶ Nas narrativas aqui analisadas, nem sempre encontrei a informação de que tais casamentos se deram por conta do amor romântico. Contudo, percebo que os mitos amorosos e a promessa da felicidade, inerentes ao amor romântico, estarão presentes.

distintos agentes socializadores, os quais veremos mais adiante neste estudo. Conforme Esperanza Bosch “los mitos románticos son el conjunto de creencias socialmente compartidas sobre la supuesta ‘verdadera naturaleza’ del amor”⁷ (BOSCH, 2010, p. 7). Esse amor se consolida, em tese, na dependência sentimental entre homens e mulheres, justificando-se na aparente necessidade de complementação entre eles. E essa ideia de completude está vinculada ao sentimento de felicidade, ou melhor, à promessa da felicidade, consoante Sara Ahmed, pois, para ela,

a la futuridad de la felicidad, es decir, al modo en que la felicidad nos [para nós, mulheres] ofrece una promesa, que vislumbramos en el despliegue del presente. El deseo de felicidad proyecta hacia adelante los objetos felices, que dejan a su paso estelas y senderos, como si fuéramos alcanzar la felicidad siguiendo ese camino que dejan marcado⁸ (AHMED, 2019, p. 334).

Assim, tal “promessa” torna o amor e a busca por uma “alma gêmea” uma meta vital. Conforme Ana Sofia Neves, o amor, esse produto social e discursivo, é frequentemente classificado como feminino, sendo, portanto, referenciado como um sentimento de mulheres (NEVES, 2007, p. 163). Nesse contexto, por conta desses discursos genderizados sobre o amor, legitimam-se relações conjugais baseadas em um sistema de dominação masculina, em que a violência contra a mulher é validada, pois, enquanto ao homem, associa-se a masculinidade, a violência, a agressividade e o domínio, tendo a virilidade como esse agente autenticador de tais comportamentos, há, em relação às mulheres, uma incorporação de elementos como a passividade, a submissão e a dependência, deixando-as precisamente mais vulneráveis ao acometimento de comportamentos violentos e, conseqüentemente, a se enquadrarem como vítimas de violência doméstica.

É notável, a partir das características aqui explanadas sobre o amor romântico, que esta forma de amor é uma clausura, pois todos os mitos que o alimentam limitam as expectativas vitais da mulher, desempoderando-a, encarcerando-a em uma teia de medos e frustrações: perder seu parceiro, fracassar no relacionamento, não atender às expectativas impostas por ele etc. E, dessa situação, pode-se desembocar, como dito anteriormente, na

⁷ Alguns exemplos de mitos do amor romântico, conforme Bosch (2010), seriam: o do “felizes para sempre”, o da “alma gêmea”, o da “fidelidade”, o mito que “o amor tudo pode”, ou seja, que apenas o amor é suficiente para solucionar qualquer problema dentro do matrimônio, o do “ciúmes como demonstração de amor”, entre outros.

⁸ “à futuridade da felicidade, ou seja, ao modo em que a felicidade nos [para nós, mulheres] oferece uma promessa, que vislumbramos no desenrolar do presente. O desejo de felicidade projeta para adiante objetos felizes, deixando uma trilha de rastros, como se fôssemos alcançar a felicidade seguindo o caminho que deixam marcado”.

violência de gênero, tendo em vista que o marido a considera propriedade e que, se ela não está cumprindo seus deveres e atingindo as suas expectativas, ele está autorizado a “consertar” tal situação da maneira que considerar apropriada.

As representações naturalizadas dessas violências evidenciam, mais uma vez, as relações de gênero, as quais Pierre Bourdieu (2016) e Elaine Showalter ratificam que são, na verdade, relações de poder, tendo em vista que

gênero não é apenas uma questão de diferença, o que presume que os sexos sejam distintos e iguais; mas de poder, já que observando a história das relações de gênero, encontramos assimetria sexual, desigualdade e dominação masculina em qualquer sociedade (SHOWALTER, 1989. p. 4).

Percebe-se, portanto, que a prática da violência de gênero está, de alguma forma, arraigada no âmbito das relações humanas, sendo encarada como se fizesse parte da natureza do próprio ser humano, além de ser permitida e naturalizada historicamente. A sociedade patriarcal legitima tais condutas violentas, dificultando a denúncia e a implantação de processos preventivos que poderão erradicar a prática da violência de gênero. Dessa forma, o patriarcado pode ser visto como uma maneira de organização social na qual a família é tradicionalmente comandada por um homem, que geralmente exerce o poder econômico e político dentro e fora do seu núcleo familiar, enquanto à mulher lhe cabe ficar restrita ao âmbito privado, espaço que muitas vezes ameaça até a sua própria privacidade. Isso porque, de acordo com Miguel e Biroli, o direito à privacidade é fundamental para garantir a autonomia dos indivíduos, porém, muitas vezes, “a privacidade no domínio familiar e doméstico é vista (...) como uma ferramenta para a manutenção da dominação masculina” (MIGUEL; BIROLI, 2013, p. 15), por isso, para a mulher agredida, o direito a essa privacidade é complexo, pois, se por um lado o Estado lhe garante, por outro, o marido altamente controlador não.

Ainda conforme Miguel e Biroli, a instituição do casamento legitima o controle interno das mulheres numa estrutura patriarcal e autoritária (MIGUEL; BIROLI, 2014, p. 54). Tal dinâmica se deu em um dos meus relacionamentos, assim, por algum tempo, fui uma “mulher espancada”. Sofri vários dos tipos de violência doméstica descritos pela *Lei Maria da Penha* e, como a maioria das vítimas, fui passiva, passei por decepções, sofrimentos, vergonha, humilhação, medo, dor, dentre outros sentimentos indescritíveis. Ainda hoje, carrego as cicatrizes internas desse período sombrio da minha vida. Sendo assim, é impossível para mim, devido à minha experiência pessoal, não me identificar com narrativas que tragam à tona essa temática e, conseqüentemente, não ter como

determinação o estudo desse fenômeno representado na literatura contemporânea. Sandra Harding, versando sobre algumas características da pesquisa feminista, afirma que

a melhor análise feminista [...] insiste que o/a próprio/a investigador/a seja colocado/a no mesmo plano crítico que o tema pesquisado, fazendo assim com que todo o processo de pesquisa possa ser avaliado através de seus resultados. Isto é, os pressupostos de classe, raça, cultura e gênero, as crenças e os comportamentos do/a próprio/a pesquisador/a devem ser colocados dentro da moldura do quadro que ele/ela pretende descrever. [...]. Então, o/a pesquisador/a nos aparece não como uma voz de autoridade invisível ou anônima, mas como um indivíduo real, com desejos e interesses concretos e específicos. (HARDING, 1987, p. 7 *apud* LOURO, 2014, p.157).

Desse modo, abandono um pouco a pretensão de uma análise completamente objetiva, uma vez que acredito que a minha experiência pessoal e parcialidade quanto ao tema possam ser relevantes para as análises, no sentido de que poderão ajudar na ampliação e compreensão do problema. Ainda segundo Harding, “introduzir este elemento ‘subjetivo’ na análise aumenta, de fato, a objetividade da pesquisa e diminui o ‘objetivismo’ que esconde esse tipo de evidência do público” (HARDING, 1987, p. 9 *apud* LOURO, 2014, p. 158).

Logo, a partir do momento que decido abordar o tema e analisar a representação literária dessas mulheres, com as quais me identifico, deixo de ser subserviente ao silêncio que me foi imposto durante o casamento (e que, pelas normas patriarcais da nossa sociedade, ainda me é instituído). É importante ressaltar que o silêncio e o silenciamento, “que já não é silêncio, mas ‘pôr em silêncio’” (ORLANDI 2015, p. 12), das vítimas são atitudes recorrentes, assim, ao pesquisar e escrever a respeito, passo, de alguma maneira, a resistir, denunciando que “o mundo dos afetos é também aquele em que muitos abusos puderam ser perpetuados em nome da privacidade e da autonomia da entidade familiar em relação às normas aplicáveis ao espaço público” (MIGUEL; BIROLI, 2014, p. 34), há, portanto, a necessidade da intervenção do Estado para garantir a saúde física e mental dessas mulheres, além de evidenciar a imprescindibilidade da denúncia às autoridades, por parte das vítimas, e a consequente punição dos agressores, para que haja justiça também na esfera privada.

Contudo, quando comecei a buscar o *corpus* deste trabalho, por narrativas nacionais, cuja temática fosse a violência doméstica, deparei-me com uma omissão desta, haja vista que há uma escassez quanto a essas produções. Regina Dalcastagnè (2010), por meio de uma pesquisa, coordenada por ela e executada na Universidade de Brasília, analisou centenas de romances, publicados pelas principais editoras brasileiras, durante o período de 1990 a 2004, ou seja, quase quinze anos, e constatou numericamente que a

violência doméstica é um tema silenciado na literatura brasileira⁹, inclusive por autoras, caracterizando, dessa forma, um tema pouco recorrente na produção literária nacional contemporânea. Logo, foi necessário estender o *corpus* do trabalho para outros países, a fim de ampliar a perspectiva de análise.

Desse modo, ao invés de fazer um recorte geográfico ou a partir da autoria, por exemplo, elegi textos apenas de escritoras mulheres, os quais tratam de maneira significativa a temática da violência de gênero nas relações conjugais no espaço doméstico, por meio de um recorte temporal, obras publicadas dos anos de 2006 a 2016, e temático, buscando, então, narrativas que apresentassem desfechos comuns. As obras selecionadas estão compostas em quatro romances, *A vida invisível de Eurídice Gusmão* (2016), de Martha Batalha, *Meu Marido* (2006), de Livia Garcia-Roza, *Minhas vizinhas* (2008), de Cláudia Priano, e *Hay una cierva menos en el monte*, de Helena Corbellini, e dois contos, “Destino: Sé” (2009), de Simone Paulino e “O homem do vale” (2014), de Marcela Serrano. O filósofo espanhol Xavier Caño (1995) afirma que, segundo a psiquiatra Ivon López von Wallnstein, a mulher maltratada somente dispõe de quatro saídas: “escapar, huir lo más lejos posible para que el maltratador no pueda encontrarla; volverse loca, porque en el mundo de la locura el dolor es menor y, al estar casi ausente la conciencia, la angustia se diluye; quitarse la vida; suicidarse; o matar al maltratador”¹⁰ (CAÑO, 1995, p. 151), ou seja, na ordem social, não existem grandes possibilidades de “final feliz” para as vítimas de violência doméstica. Nos textos lidos, para o recorte do *corpus*, realmente, detectei uma similaridade em seus desfechos, cujas representações dos destinos das esposas espancadas se assemelham, de alguma maneira, à teoria da psicóloga citada por Caño. Dessa forma, justifico a decisão de fazer um recorte temático, a partir dos desfechos das obras selecionadas, levando em consideração três tipos de “finais” mais recorrentes:

1º) A mulher agredida continua no casamento abusivo, por razões diversas: passividade, por achar que este é o papel da mulher, por questões econômicas, filhos...;

2º) A mulher consegue sair do relacionamento abusivo por intermédio de uma ajuda externa: uma amiga ou a família;

⁹ É válido especificar que nessa pesquisa foram trabalhados 258 romances de autores brasileiros, publicados pelas editoras: Companhia das Letras, Editora Record e Editora Rocco.

¹⁰ “escapar, fugir para o mais longe possível para que o agressor não a encontre; enlouquecer, porque no mundo da loucura a dor é menor e, como a consciência está quase ausente, a angústia se dilui; tirar a vida; cometer suicídio; ou matar o agressor”.

3º) A mulher é assassinada pelo seu parceiro.

Além do desfecho, outro aspecto constante, nas produções literárias analisadas, foi o silêncio, já aqui referido, que permeia a vida das personagens vítimas de violência doméstica, ou seja, o comportamento destas, em diversos momentos dos textos, é representado na literatura a partir do silêncio. Logo, a hipótese de leitura dos textos selecionados foi a de que os silêncios, compartilhados pelas mulheres agredidas nas obras estudadas, possuem múltiplos significados¹¹, o que implicaria em diferentes representações literárias de reações/resistências dessas personagens frente à violência doméstica que é cometida. E, de maneira subsidiária, é possível refletir, de uma maneira geral, como se dá a representação da dinâmica de tal violência contra a mulher no espaço privado e se, sob as perspectivas das vozes narrativas e dos desfechos infelizes das obras, as representações analisadas alimentam o imaginário social de que as mulheres gostam/merecem apanhar, ou se desconstroem esse estereótipo.

Sabe-se que “a cultura é a categoria que proporciona a matéria-prima para a construção das representações e é, também, a cultura que constitui o espaço onde circulam as representações sociais” (JODELET, 2001, p. 14), conseqüentemente, as produções literárias representam o tema aqui em consideração, estimuladas pelas ações violentas contra a mulher encontradas na ordem social. Dessa forma, a representação da violência doméstica do corpus¹² aqui estudado será investigada a partir de uma metodologia cultural, na qual questões de gênero devam ser lidas a partir das intertextualidades estéticas e culturais que cada texto carrega. A intertextualidade passa a ser uma opção interpretativa, visto que há um “deslocamento substancial da definição de literatura como arte ou como objeto-estético, para a noção de literatura como produção estético-cultural, matéria significativa situada no domínio da cultura” (SCHMIDT, 2010, p. 174). Analisar-se-ão tais aspectos, por meio da teoria da representação, utilizando um método comparativo descritivo, sob a perspectiva dos estudos feministas e de gênero, instigando-se questionamentos e ponderações sobre as estruturas de dominação, explicitadas anteriormente, as quais ainda vigoram na sociedade, e que, geralmente, legitimam uma naturalização da violência contra a mulher. Dessa maneira, ao analisar o vínculo entre a

¹¹ Conforme Eni Orlandi, “o silêncio (...) não é transparente. Ele é tão ambíguo quanto as palavras, pois se produzem em condições específicas que constituem seu modo de significar” (ORLANDI, 2015, p. 101).

¹² As personagens (os casais) do *corpus* trabalhado neste estudo são brancos; de classe média, com exceção dos contos, nos quais as personagens possuem baixa renda, e heterossexuais, com exceção da personagem Eduardo, do romance *Meu Marido* (2006), de Livia Garcia-Roza, que é bissexual, ainda que negue tal identidade.

obra e o ambiente social, não se deve deixar de lado o estudo de Antonio Candido sobre a literatura como produto social, em que “o *externo* (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, *interno*” (CANDIDO, 2010, p. 14). Assim, o texto literário constitui-se em uma importante fonte para nos aproximarmos do imaginário de diferentes grupos sociais. Em um artigo¹³, sobre a representação do feminicídio na literatura, a pesquisadora argentina Nora Domínguez afirma que

la literatura ha ido a la par de esos datos y escenas [de la violencia] desplegando las ficciones necesarias para trazar el mapa de la política proponiéndose como un campo de fuerzas donde la violencia verbal y el terror desmenuzan aquello que de político contiene esta práctica verbal. Es decir, aquello que, lejos de reducirse a una explicitación de la denuncia que sin duda siempre dice, al mismo tiempo detiene el carácter más complejo y fluido del dicho y ahora la fuerza poética del decir. La literatura, repito, como un campo de fuerzas, dialoga con el orden de los cuerpos y las lenguas y con sus intercambios y posibilidades al desplegar variados planos y cruces de sentidos sobre los que están impresas o grabadas las distintas formas de poder¹⁴ (DOMÍNGUEZ, 2015, p. 211).

Neste sentido, ao associar a literatura a um instrumento de denúncia, por meio da representação literária da ordem social, a pesquisadora sinaliza que a literatura tem muito a nos dizer sobre a realidade em que vivemos, corroborando, desse modo, a pertinência da teoria da representação utilizada como uma possibilidade de investigação e estudo de temas emergentes na sociedade, como a violência contra a mulher.

No primeiro capítulo deste estudo, “O amor tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta”, trabalho com dois romances, *A vida invisível de Eurídice Gusmão*¹⁵ (2016), de Martha Batalha, e *Meu Marido* (2006), de Livia Garcia-Roza, ambas escritoras brasileiras. Nessas obras, analiso a representação literária da violência doméstica sofrida pelas respectivas protagonistas, bem como a invisibilidade e o silêncio dessas mulheres, já que tais características, que estão relacionadas às regras do patriarcado e aos mitos do amor romântico, influenciam diretamente para que essas personagens se mantenham no

¹³ Neste artigo, a pesquisadora analisa a temática do feminicídio na obra *2666* (2004), de Roberto Bolaño.

¹⁴ “a literatura andou de mãos dadas com esses dados e cenas [de violência], desdobrando as ficções necessárias para traçar o mapa da política, propondo-se como um campo de forças onde a violência verbal e o terror destroem o que há de político nessa prática verbal. Ou seja, aquilo que, longe de se reduzir a uma explicação da denúncia que sem dúvida sempre diz, ao mesmo tempo interrompe o caráter mais complexo e fluido do dizer e agora a força poética do dizer. A literatura, repito, como um campo de forças, dialoga com a ordem dos corpos e das linguagens e com suas trocas e possibilidades ao exibir vários planos e cruzamentos de significados nos quais as diferentes formas de poder estão impressas ou gravadas”.

¹⁵ Inicialmente, a obra foi rejeitada por diversas editoras nacionais, sendo publicada no Brasil apenas após seu sucesso no exterior e sua tradução para dez idiomas.

relacionamento abusivo. Para tanto, trago como aporte teórico os estudos de Marcela Lagarde (1999), Heleieth Saffioti (2001) e Miguel Lorente Acosta (1999), haja vista que esses definem a violência doméstica como uma relação assimétrica de gêneros, que tem por objetivo a exploração e opressão da mulher com a finalidade de se reproduzir e manter o *status quo* da dominação masculina, além de nos conduzirem à compreensão do patriarcado como uma forma de organização das relações sociais, que impede o fim das desigualdades, e à reflexão crítica sobre a dualidade entre a esfera pública e a esfera privada, sendo esta última o lugar destinado à mulher.

O segundo capítulo, “Em briga de marido e mulher se mete sim a colher”, apresento uma análise do romance *Minhas vizinhas* (2008), da italiana Cláudia Priano, e dos contos “Destino: Sé” (2009), da brasileira Simone Paulino, e “O homem do vale” (2014), da chilena Marcela Serrano¹⁶. O objetivo desse capítulo é analisar a representação literária da violência contra a mulher em um contexto de silêncio cúmplice entre as vítimas, os agressores e os demais indivíduos que os rodeiam, mas que há uma terceira pessoa, que na contramão do dito popular¹⁷, o qual nos induz a não nos envolvermos em circunstâncias de violência entre casais, não se omitirá frente à situação violenta testemunhada e irá, de alguma maneira, tentar ajudar a mulher agredida a romper com o ciclo violento que a permeia. Ademais de utilizar os trabalhos da pesquisadora Esperanza Bosch, que é referência no que tange aos estudos de gênero atrelados à violência, fazem-se fulcrais as pesquisas da psicóloga americana Lenore Walker (1999), que analisa o ciclo de violência, no qual essas mulheres agredidas estão inseridas, explicando que tais atos de violência se apresentam em fases, sendo a primeira delas a construção da tensão no relacionamento; a segunda, o episódio da violência e a terceira, a lua de mel. Logo, devido ao fato de a violência doméstica, e seu ciclo, ocorrer numa relação afetiva, sua ruptura irá demandar, na maioria das vezes, como já citado, uma intervenção externa.

No terceiro e último capítulo, “Até que a morte os separe”, discuto, a partir do romance uruguaio, *Hay una cierva menos en el monte* (2012), de Helena Corbellini, a representação literária da violência doméstica culminada no assassinato da vítima,

¹⁶ É importante esclarecer que o conto de Serrano não apresenta um desenlace similar às outras obras analisadas no segundo capítulo, contudo, ao longo do texto, a protagonista, uma vítima de violência doméstica, declara a necessidade (bem como a falta) de amparo para conseguir se desvencilhar de seu marido abusivo. Logo, essa narrativa faz um contraponto com as outras, ao representar uma possibilidade possível de desfecho quando a ajuda externa inexistente.

¹⁷ Em briga de marido e mulher **não** se mete a colher.

demonstrando que, quando silenciada e, desse modo, não denunciada, essa violência extrema pode levar a esposa agredida à morte. Tal proposição será estudada, a princípio, por meio da presença dos mitos do amor romântico, explicitados pela psicóloga Flávia Timm e pela antropóloga Ondina Pereira, os quais entravam o rompimento da relação conjugal abusiva. Ademais, far-se-á uso do conceito de biopolítica, elaborado pelo filósofo Michel Foucault (1988 [1976]) e retomado por Giorgio Agamben (2007 [1995]), que desenvolve a concepção de vida nua, a qual é formulada a partir da ideia do homo sacer, uma figura ambivalente do direito romano arcaico, a qual não pode ser sacrificada, contudo, pode ser morta por qualquer um impunemente. Dessa forma, sua morte (que não é aprovada por lei) não é considerada como sacrifício, nem como homicídio. Por conseguinte, a vida nua seria essa vida matável e insacrificável do homo sacer. Avançando nesse pensamento, Judith Butler (2015) propõe pensar a vida para além dos direitos de cidadania, apresentando uma outra chave de leitura para analisar a biopolítica: a noção de vida precária. A partir dessas perspectivas, é possível pensar as mulheres, em situação de violência doméstica, como “vidas precárias”, “matáveis”, as quais não são social e politicamente passíveis de luto, já que estão expostas à violência patriarcal, a qual é, muitas vezes, legitimada pela sociedade, e, por não terem uma proteção jurídica eficiente do Estado, são vítimas do crime de feminicídio.

Assim, apesar de entender que a literatura não tem o poder de resolver os problemas sociais que identifica, é inegável que é um ativo meio de denúncia, além de provocar reflexões pertinentes sobre o assunto, atuando, conseqüentemente, de maneira conscientizadora, visando à mudança na ordem objetiva, conforme atenta Rita Terezinha Schmidt, ao afirmar que

o exercício da crítica literária através de uma política interpretativa sustentada por estratégias textuais que possam decodificar os regimes de verdade incrustados nos textos da cultura, deslocar suas hierarquias e abrir espaços para as diferenças é a forma mais importante de construir novos conhecimentos sobre quem somos nós (SCHMIDT, 2006, p. 795).

Outrossim, conforme Jaime Ginzburg, “a leitura de textos literários (...) é capaz de romper com percepções automatizadas da realidade. Se estamos habituados a ver as coisas de modo pautado por parâmetros opressores, em razão de circunstâncias hostis, a leitura pode deslocar os modos de percepção” (GINZBURG, p. 2013, p. 24). Percebe-se, assim, a importância da literatura e das artes em geral, pois são espaços de circulação de ideias e representações sociais, as quais podem possibilitar novas perspectivas e ponderações que favoreçam as mulheres vítimas de violência doméstica, já que chama

atenção para o fenômeno, além de gerar novos estudos e ações de combate à violência de gênero, pois mais difícil que mudar a lei é mudar mentalidades. Além de que a proposição de uma reflexão sobre a violência doméstica e sua análise a partir de uma perspectiva de gênero, contribui não apenas para dar visibilidade à temática, como também para discutir os aspectos literários das obras das escritoras aqui apreciadas.

Capítulo I

O amor tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta

*Mas não se preocupe, meu amigo,
Com os horrores que eu lhe digo
Isso é somente uma canção
A vida realmente é diferente
Quer dizer
Ao vivo é muito pior.*

Belchior

No presente capítulo, analisar-se-ão as representações literárias da violência doméstica em duas obras brasileiras contemporâneas, *A vida invisível de Eurídice Gusmão* (2016), de Martha Batalha¹⁸, e *Meu Marido* (2006), de Livia Garcia-Roza¹⁹, cujas protagonistas sofrem violência doméstica, a qual é perpetrada por seus respectivos cônjuges. O recorte deste *corpus* se deu pelo fato de as duas narrativas apresentarem personagens que são vítimas de agressão pelos seus parceiros, no espaço privado, mas que não questionam seus papéis de esposa dentro do relacionamento conjugal, persistindo em manterem-se casadas, como sugere o título do capítulo.

Em ambas as narrativas, as protagonistas são vítimas do abuso não-físico²⁰; assim, faz-se necessário esclarecer que este, segundo Mary Susan Miller, compreende qualquer “destruição acumulada do bem-estar emocional, psicológico, social e econômico de uma mulher” (MILLER, 1999, p. 21). Tal agressão, mais conhecida como violência psicológica, é praticada, geralmente, nos entremeios do cotidiano, sendo a mais silenciosa das formas de violência doméstica. Por essa razão, não é alvo de muita atenção por parte da sociedade e/ou até mesmo das vítimas, visto que estas, muitas vezes, não percebem, conscientemente, as agressões. Entretanto, tal violência pode ocasionar marcas profundas e, assim, causar sequelas irreversíveis, fazendo com que suas vítimas percam a noção da

¹⁸ A autora é formada em Jornalismo e possui mestrado em Literatura Brasileira. Além da obra aqui analisada, ela também escreveu o romance *Nunca Houve um Castelo* (2008), o qual traz, dentre outras, uma temática feminina e feminista.

¹⁹ Livia Garcia-Roza é psicanalista e possui uma ampla produção literária, cuja “temática principal [são] as relações familiares, como espaço de adoecimento e desencontros, no qual suas personagens, em especial as mulheres - mães e filhas – buscam uma linguagem toda própria mesmo que permaneçam impossibilitadas de se expressarem plenamente” (LEAL, 2008, p. 8).

²⁰ É importante ressaltar que nem sempre a violência doméstica se restringe à violência psicológica. Em geral, ela aparece entrelaçada aos outros tipos de violência contra a mulher descritos na *Lei Maria da Penha* (2006). Além disso, esclareço, desde já, que a personagem vítima de violência em *Meu marido* sofre, ademais do abuso psicológico, abuso físico e sexual.

realidade e da própria identidade. Segundo a *Lei Maria da Penha* (2006), em seu artigo 7º, inciso II:

a violência psicológica é entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação (BRASIL, 2006, s/p).

Logo, além da análise da representação literária da violência doméstica já explicitada, observo os silêncios apresentados por tais personagens, neste contexto, e como estes podem ser interpretados (reações/resistências) dentro de suas respectivas dinâmicas. Ademais, busca-se identificar prováveis razões para a permanência dessas personagens em suas relações conjugais marcadas pela violência.

1. *Eurídice Gusmão: a mulher que poderia ter sido*

O romance *A vida invisível de Eurídice Gusmão*²¹ (2016), de Martha Batalha, tem como personagens principais duas irmãs, Eurídice e Guida, sendo a primeira a real protagonista. Contudo, há um enfoque sobre a vida das mulheres, de uma maneira geral, pois o narrador trabalha seus temas por meio de histórias de outras mulheres, as quais são costuradas à narrativa principal, que não segue uma ordem cronológica, abordando diversas facetas da violência sofrida por elas: na família, na exploração de seus corpos, no ambiente de trabalho, na maternidade (nas dificuldades do papel de mãe), na austeridade na vida conjugal, por conta do sexismo de seus parceiros, dentre outras. Dentro desse leque de perspectivas e possibilidades de análise, me deterei em averiguar a violência psicológica conjugal que se passa no ambiente doméstico de Eurídice Gusmão, a qual é casada com Antenor, tem dois filhos, Cecília e Afonso, e deseja ter uma vida profissional e criativa. Em um primeiro momento, tem-se a ideia de que o romance se passa em um tempo longínquo, que não nos diz respeito, pois está ambientado em meados do século XX, no Rio de Janeiro. Entretanto, com uma leitura atenta, o livro mostra que as temáticas abordadas são extremamente atuais, nas linhas, nas entrelinhas e

²¹ A obra recebeu uma adaptação cinematográfica, em 2019, intitulada *A vida invisível*, roteirizada e dirigida por Karin Aïnous. A adaptação recebeu o prêmio *Espiga de Prata*, na Semana Internacional de Cinema (SEMINCI), realizada na cidade de Valladolid, na Espanha. Além disso, concorreu ao Oscar, na categoria de melhor filme estrangeiro, em 2020.

inclusive no título, o qual é escrito com humor e verve, mas que transmite a ideia do apagamento da figura feminina na sociedade e da pouca importância dada à vida e à história das mulheres, demonstrando o preconceito que estas sofrem simplesmente por terem nascido mulheres. O livro tem início com um narrador, em terceira pessoa, onisciente, contando justamente a história da protagonista, Eurídice Gusmão, “a mulher que poderia ter sido (BATALHA, 2016, p. 38)”, porque

Eurídice, vejam vocês, era uma mulher brilhante. Se lhe dessem cálculos elaborados ela projetaria pontes. Se lhe dessem um laboratório ela inventaria vacinas. Se lhe dessem páginas brancas ela escreveria clássicos. Mas o que lhe deram foram cuecas sujas, que Eurídice lavou muito rápido e muito bem, sentando-se em seguida no sofá, olhando as unhas e pensando no que deveria pensar (BATALHA, 2016, p. 12).

1.1.Eurídice: a vagabunda

A narrativa, não por acaso, tem início a partir do seu casamento. Apesar de não nos serem dados muitos detalhes do percurso amoroso do casal até as bodas, o próprio narrador deixa subentendido que não foi por amor. Logo, pode-se afirmar que foi um matrimônio por contrato. Consoante Carole Pateman, “el contrato original constituye, a la vez, la libertad y la dominación. La libertad de los varones y la sujeción de las mujeres (...), [así] el derecho patriarcal de los hombres sobre las mujeres se establece a partir del contrato”²² (PATEMAN, 1995, pp. 11-12). Esse ponto já chama atenção, porque descobri a ideia do mito do amor romântico, o qual, geralmente, é associado à mulher. De acordo com Mary Del Priore, o amor é

milagre de encantamento, espécie de suntuoso presente que atravessa os séculos. Espécie de maravilhamento sobre o qual os artistas, e talvez os amantes, possam nos dizer alguma coisa. Feito de encontros inesperados ou de acasos favoráveis, ele é como um choque violento que eletriza, cega, encanta. Deixa-nos perdidos (DEL PRIORE, 2006, p. 12).

Outrossim, esse sentimento, que é visto como transcendente, magnífico, sobre-humano, é comumente considerado uma atribuição feminina, mais do que isso, é uma verdadeira vocação, e está sempre atrelado ao sentimento de felicidade. Na atualidade, o amor romântico continua tendo uma grande importância para as mulheres, porque nos oferece, em forma de mitos e relatos, uma espécie de utopia emocional coletiva, um ideal

²² “o contrato original constitui tanto a liberdade como a dominação. A liberdade do homem e a sujeição da mulher (...), [assim] o direito patriarcal do homem sobre a mulher se estabelece a partir do contrato”.

de casal, em que nosso amado nos considerará suas companheiras para sempre, nos tratará como iguais e nutrirá por nós um amor incondicional. Porém, tal discurso representa, na verdade, apartar da mulher a sua autonomia e a sua liberdade pessoal.

Por muito tempo, o amor, como emoção suprema, manteve-se arraigado a crenças e, portanto, fora do âmbito crítico e científico, ignorando-se, assim, que ele é, na verdade, produto de uma longa herança cultural (MAY, 2012), em que o patriarcalismo, sempre presente, impõe o domínio masculino sobre nossos corpos e nossa sexualidade, definindo, desse modo, o que é apropriado e desejável nas relações entre homens e mulheres. Nesse sentido, ao encararmos o amor como construções socioculturais, evidencia-se que estas relacionam às mulheres as funções de esposas, mães, provedoras de afetos e de cuidados²³, colocando a mulher em um lugar de opressão e, dessa forma, perpetuando o *status quo* patriarcal. Conforme a antropóloga feminista mexicana Marcela Lagarde, “o patriarcado durará até que as mulheres o sustentem com nossas fantasias. A duração do patriarcado é diretamente proporcional a nossas fantasias patriarcais” (LAGARDE, 2005, p. 431). Logo, percebe-se a necessidade de realizar uma negociação em relação ao discurso do amor, a fim de que se construam novas formas de amar, que sejam democráticas, igualitárias e livres.

Nesse sentido, é bastante relevante na obra que a motivação de Eurídice para casar-se não tenha sido o amor. Na verdade, nem houve motivação, como veremos mais à frente, mas, voltando ao início da narrativa e, conseqüentemente, ao início dessa nova vida a dois, percebe-se que a questão que o narrador quer enfatizar, e, por isso, a importância de o enredo ter início neste ponto da vida de Eurídice, é a noite de núpcias do casal, quando, durante sua primeira relação sexual, ela não sangrou, pois o

lençol não ficou sujo, e Antenor se indignou:

- Por onde raios você andou?
- Eu não andei por canto algum.
- Ah, andou, mulher.
- Não, não andei.
- Não me venha com desculpas, você sabe muito bem o que deveríamos ter visto aqui.
- Sim, eu sei, minha irmã me explicou.
- Vagabunda. Eu me casei com uma vagabunda.
- Não fale assim, Antenor.
- Pois falo e repito. Vagabunda, vagabunda, vagabunda.” (BATALHA, 2016, p. 10).

²³ Tanto que, quando se trata de profissões, há aquelas consideradas "femininas", que estão ligadas à educação e aos cuidados de saúde. Ver Wolff, 2010.

Observa-se, nesse trecho, como “a virgindade feminina (...) ainda tem [em muitas culturas] um papel simbólico considerável. É uma dimensão da relação entre os sexos, um componente do tecido social” (KNIBIEHLER, 2016, pp. 9-10), sendo, ainda hoje, uma marca de valorização da mulher²⁴. Assim, logo na primeira noite de casados, pelo fato de seu hímen não haver se rompido, Eurídice já foi agredida psicologicamente por seu parceiro, tendo em vista que foi humilhada, diminuída e xingada. Nota-se que a intenção do marido era de se apoderar, diminuir e anular sua mulher. Ele se sentiu tão superior a ela depois desse acontecimento que, mesmo tendo o direito de devolver a mulher aos pais, pela possibilidade de ela não ter se casado virgem²⁵, já que a biologia individual do seu órgão reprodutor feminino não foi levada em consideração, ele não o faz. Isso se dá, primeiramente, por ela ser uma boa dona de casa, algo que era de grande apreço para ele, como veremos mais adiante, mas também porque “o incidente da noite de núpcias serviu para deixá-lo mais alto, fazendo com que precisasse baixar a cabeça ao se dirigir à esposa. Lá de baixo, Eurídice aceitava” (BATALHA, 2016, p. 11).

Esse sentimento de poder que se apropriou de Antenor é muito característico dos agressores psicológicos, pois, segundo Schwab e Meireles, “este comportamento tem por objetivo desestabilizar ou ferir o outro. (...) Nesse tipo de abuso, nega-se o outro, considerando-o um objeto, um mimo ou um ‘escravo emocional’, fazendo com que o outro seja submisso para que o controle seja determinado” (SCHWAB; MEIRELES, 2014, pp. 30-31). Desse modo, Antenor deixou claro para Eurídice, logo na primeira noite depois das bodas, quem estava no comando daquele relacionamento, visto que os corpos femininos são tomados como um território, pois quando há o rompimento do hímen, a mulher fica marcada como uma área conquistada, uma propriedade privada. Logo, a sexualidade masculina funciona a partir da submissão, do controle e do disciplinamento do corpo feminino.

Além desse episódio das núpcias haver sido o primeiro ato de violência doméstica contra Eurídice, foi também o primeiro momento na narrativa em que fica perceptível ao/à leitor/a que ela já era, aparentemente, antes do matrimônio, uma mulher submissa. Como resposta às agressões verbais sofridas, “sozinha na cama, corpo escondido sob o

²⁴ Embora esta marca de valorização ainda esteja muito presente na mentalidade masculina, na feminina, atualmente, ela vem sendo desconstruída, por meio das lutas feministas. Contudo, essa ideia da preservação da virgindade continua conservada nas gerações mais antigas.

²⁵ Segundo Carla Bassanezi Pinsky (1997, p. 613), nos Anos Dourados, “no próprio Código Civil estava prevista a possibilidade de anulação do casamento caso o recém-casado percebesse que a noiva não era virgem e, se tivesse sido enganado, poderia contar com o Código Penal que garantiria punições legais para o ‘induzimento a erro essencial’”.

cobertor, Eurídice chorava baixinho pelos *vagabunda* que ouviu, pelos *vagabunda* que a rua inteira ouviu. E porque tinha doído, primeiro entre as pernas e depois no coração” (grifos da autora) (BATALHA, 2016, p. 11). A antropóloga Rita Laura Segato denomina a violência psicológica como violência moral²⁶ e afirma que esta,

por su invisibilidad y capilaridad, es la forma corriente y eficaz de subordinación y opresión femenina, socialmente aceptada y validada. De difícil percepción y representación por manifestarse casi siempre solapadamente, confundida en el contexto de relaciones aparentemente afectuosas, se reproduce al margen de todos los intentos de librar a la mujer de su situación de opresión histórica²⁷ (SEGATO, 2003, p. 115).

Dessa maneira, apesar de essas agressões não deixarem marcas na parte externa do corpo, elas podem ser tão destrutivas quanto a agressão física. E, para a protagonista, que foi criada a partir da cultura sexista e que teve seu lado “insubordinado” domado ainda na adolescência, o natural era aceitar, em silêncio, todas as estratégias abusivas utilizadas pelo seu agressor. E, ao longo da narrativa, esse episódio da noite de núpcias é retomado várias vezes, tendo em vista que, sempre que Antenor se excedia na bebida, o que, de acordo com o narrador, acontecia a cada dois ou três meses e era chamado de Noites de Choro e Uísque, ele retomava o assunto, voltando a oprimir Eurídice, acusando-a de não ter se casado virgem e chamando-a de “a vagabunda que não se manteve pura para o marido na noite de núpcias”, além de levantar dúvidas sobre a paternidade de seus filhos com ela²⁸ (BATALHA, 2016, p. 34). Apesar de não saber o porquê de não haver sangrado, mas de ter a certeza de que se casou virgem, ela se culpava por haver decepcionado o marido, ou seja, para ela, ele era a vítima, já que

Antenor era um bom marido. Antenor não sumia em orgias e **em casa não levantava a mão**. Ganhava bem, reclamava pouco e conversava com as crianças. Ele só não gostava de ser incomodado quando lia seu jornal, quando dormia até tarde e quando descansava depois do almoço, e desde que seus chinelos permanecem paralelos ao pé da cama, que seu café fosse servido quase fervendo, que não houvesse natas no leite, que as crianças não corressem pela casa, que as almofadas permanecessem na diagonal, que as janelas fossem nunca fechadas depois das quatro, que nenhum barulho fosse feito antes das

²⁶ O conceito de Segato (2003) de violência moral é mais amplo que o de violência psicológica por não se restringir à definição disposta no Código Penal de injúria, calúnia e difamação. Olhares inapropriados, suspeitas, ridicularização, desvalorização cotidiana da mulher como pessoa, de sua personalidade, de seu corpo, entre outros, são exemplos de violência moral. Neste trabalho, usarei a terminologia “violência psicológica”, mas com a abrangência da violência moral, conforme defendida por Segato.

²⁷ “por sua invisibilidade e capilaridade, é a forma atual e efetiva de subordinação e opressão feminina, aceita e validada socialmente. Difícil de perceber e representar porque quase sempre se manifesta de forma encoberta, confusa no contexto de relações aparentemente afetivas, reproduz-se à margem de todas as tentativas de libertar as mulheres de sua situação de opressão histórica”.

²⁸ De acordo com Yvonne Knibiehler (2016, p. 12), criou-se um tabu nas relações familiares, que impulsionou a primeira razão de ser do casamento, em que “um homem devia desposar uma virgem para assegurar a autenticidade de sua progenitura, para saber quais crianças eram seus filhos, para que as crianças soubessem quem era seu pai”.

sete, que o rádio nunca estivesse muito alto ou muito baixo, que nunca, de forma alguma, ele tivesse que repetir o prato em duas refeições, e que os banheiros cheirassem a eucalipto, ele não exigia demais (grifo meu) (BATALHA, 2016, p. 33).

Essas afirmações dos “predicados” de Antenor são uma constante na narrativa, pois, sempre que se sentia oprimida, ela os repetia internamente, para se acalmar e se conformar perante determinada situação, tentando, assim, se convencer de que ele era um bom companheiro. É interessante observar, na oração grifada no trecho supracitado, que ela reconhece, como qualidade de Antenor, o fato de ele não ser um homem violento, já que este não cometia violência física contra ela, contudo, a violência psicológica, que também traz danos à saúde mental da mulher, não é compreendida por ela. De acordo com Mary Susan Miller, “as sutis manifestações do abuso não-físico, em geral, não são reconhecidas – ao menos durante muito tempo (...). Dessa forma, uma mulher (...) pode não reconhecer o que está acontecendo como abuso” (MILLER, 1999, p. 17). Ademais, ela também não identifica o autoritarismo masculino em todas essas demandas de Antenor, pois a dinâmica daquele casamento já estava “caracterizada pela dominação do mais fraco pelo mais forte” (SCHWAB; MEIRELES, 2014, p. 13).

Outro ponto que merece destaque nessas Noites de Choro e Uísque é a questão da relação da violência com a bebida alcoólica²⁹. Muitos agressores, depois de haver passado o efeito do álcool, culpam-no pelas suas palavras e/ou atitudes violentas, pedindo perdão às vítimas. Ainda que Antenor oprima a mulher em diversos momentos da história, ele “apenas” a xinga quando bebe. Porém, ele nunca lhe pede desculpas, nem pelos xingamentos regados de uísque nem pelas repressões. Isso se dá porque não há arrependimentos de sua parte, afinal, cabia a ele, como marido, dono do corpo de Eurídice, “deflorar” a sua vagina (KNIBIEHIER, 2016). Como ele acreditava que isso não ocorrera, já que não houve marcas visíveis na roupa de cama, ele enxerga-se como uma vítima, um homem enganado, pois não foi o primeiro a violar o, agora, seu objeto de prazer, o corpo da recém-esposa.

²⁹ Segundo Zilberman e Blume (2005, p. S52), “o álcool frequentemente atua como um desinibidor, facilitando a violência” por parte dos perpetradores, contudo, a violência doméstica não pode ser justificada pelo abuso dessa substância. Essa questão será retomada na análise de outras narrativas.

1.2.Eurídice: a chef

Eurídice Gusmão, apesar de todo o brilhantismo e de ter uma família aparentemente estruturada, era infeliz. Ela não reclamava do casamento em si, nem apresentava arrependimento quanto ao mesmo, contudo, seu lamento tinha a ver com o fato de não ter o que fazer. Devido à sua inteligência e agilidade, terminava com rapidez os afazeres domésticos, os quais eram suas funções como mãe, esposa e dona de casa, e ficava ociosa pelo resto do dia, “ficava em casa, moendo carne e remoendo os pensamentos estéreis que faziam da sua uma vida infeliz” (BATALHA, 2016, p. 12). Ela precisava de desafios

e foi assim que concluiu que não deveria pensar. Que para não pensar deveria se manter ocupada todas as horas do dia, e que a única atividade caseira que oferecia tal benefício era aquela que apresentava o dom de ser quase infinita em suas demandas diárias: a culinária. Eurídice jamais seria engenheira, nunca poria os pés num laboratório e não ousaria escrever versos, mas essa mulher se dedicou à única atividade permitida que tinha um certo quê de engenharia, ciência e poesia (BATALHA, 2016, p. 12).

A culinária foi seu primeiro projeto, depois de casada, com o objetivo de sair do ostracismo de sua vida. Desse modo, começou a fazer com primor os pratos e as guloseimas de um livro de receitas que tinha. Todavia, depois de haver experimentado todas as receitas, percebeu que poderia criar seus próprios pratos, afinal “aquela Tia Palmira³⁰ sabia das coisas, mas não sabia de tudo” (BATALHA, 2016, p. 14). Comprou um caderno, no qual escrevia os passos de cada receita que elaborava. “Era seu diário, aquele. O relato que fez para suportar os anos de exílio doméstico, para tornar menos opressoras as paredes daquela casa” (BATALHA, 2016, p. 30). Ainda que suas proezas culinárias não fossem reconhecidas pela família, ela estava feliz. Assim que escreveu a última receita no caderno, o viu um livro pronto. Para ela, o próximo passo seria publicá-lo. Sonhava até em ter seu próprio programa culinário nas rádios. Entretanto, para que pudesse colocar em prática os seus sonhos, necessitava do consentimento de Antenor³¹. Quando ela mostrou a ele seu caderno e contou-lhe suas intenções de publicá-lo, o marido gargalhou e replicou: “Deixe de besteiras, mulher. Quem compraria um livro feito por

³⁰ Autora do livro de receitas que Eurídice seguia. Vale destacar que “Tia Palmira” faz referência à famosa cozinheira Palmira Onofre, também conhecida como Tia Palmirinha, que publicou seu primeiro livro de receitas em meados do século XX.

³¹ No tempo em que se passa a narrativa, a mulher necessitava da autorização do marido para exercer uma atividade remunerada fora do ambiente privado, segundo o *Código Civil* de 1916. Conforme Freire, essa questão só foi alterada pelo “*Estatuto da Mulher Casada, Lei n.º 4.121*, de 1962, que revogou artigos do *Código Civil* de 1916 e reconheceu as mulheres casadas como plenamente capazes, bem como garantiu-lhes, por exemplo, o direito de trabalhar fora de casa sem autorização do marido” (FREIRE, 2020, p. 147).

uma dona de casa?’- Aquela gargalhada entrou por um ouvido de Eurídice. E nunca mais saiu pelo outro. Ela baixou a cabeça” (BATALHA, 2016, p. 32). Este foi mais um momento de violência psicológica por parte de Antenor. Ele riu de seus planos, foi debochado e a oprimiu. Ainda de acordo com Schwab e Meireles, a violência psicológica, “raramente proferida em público, começa com olhares enviesados ou de desprezo, frases humilhantes ou apenas com um tom ameaçador, criando uma tensão que é o caminho para demonstração do próprio poder” (SCHWAB; MEIRELES, 2014, p. 31). Ademais, ele a restringiu somente à identidade de dona de casa, função na qual ela não via muito valor, pois, para ela, “ninguém vale muito quando diz ao moço do censo que no campo de profissão ele deve escrever as palavras ‘do lar’” (BATALHA, 2016, p. 11). Esse ato de calar-se e baixar a cabeça para Antenor se torna algo sistêmico na narrativa, pois o faz todas as vezes que ele lhe chama atenção por conta de seus projetos, afinal, com a ocorrência contínua dessas violências, a vítima, como Eurídice, naturaliza o comportamento abusivo. Conforme Rebecca Solnit, “a violência é uma maneira de silenciar as pessoas, de negar-lhe voz e a credibilidade, de afirmar que o direito de alguém de controlar vale mais do que o direito delas [mulheres] de existir, de viver” (SOLNIT, 2017, p. 17). Nesse dia, ela chorou, mas deu razão, mais uma vez, ao marido, tendo em vista que

Antenor sabia das coisas. Ele estudou contabilidade, era funcionário do Banco do Brasil e discutia política com outros homens. Enquanto trabalhava nas receitas ela sabia que estava fazendo algo de valor, mas na frente do marido tudo perdia sentido. Publicar um livro, falar na rádio, ensinar culinária foram devaneios que teve. Visão quem tinha era Antenor – uma visão definida por tudo aquilo que via pelo bonde no trajeto até o trabalho. Mas mesmo essa visão de Antenor era maior do que qualquer outra que pudesse vir de Eurídice, que só via as paredes da casa, as barracas da feira, os grãos do armazém e o imenso vazio que a incomodava (BATALHA, 2016, p. 32).

Assim, Antenor “vira o jogo”, tornando-se o dono da razão, enquanto Eurídice se converte na responsável por todo aquele problema, sentindo-se, mais uma vez, culpada por haver desagradado o marido. Para Cardoso (1997) *apud* Strey (2000), a mulher submetida à violência doméstica passa por sentimentos de culpa e vergonha pela situação em que vive, por medo, impotência, debilidade e influência de mitos sociais, cabendo a este último os sentimentos de Eurídice, já que, se vista pela perspectiva do gênero, ela, novamente, desviava-se dos padrões de moralidade e dos valores delegados pela cultura patriarcal às mulheres.

1.3.Eurídice: a costureira

Após seu sonho culinário ter sido assassinado por Antenor, Eurídice ficou de luto e, novamente ociosa, se perguntava se existia “vida além dos uniformes escolares, da memorização da tabuada e de todas as histórias da carochinha” (BATALHA, 2016, p. 36), ou seja, se existiria uma outra identidade para ela além das de esposa e dona de casa, já impostas pelo marido, e a de mãe. É curioso observar que, apesar de haver claramente um inconformismo em relação à vida, o casamento, que é o que realmente a aprisiona, nunca é colocado em xeque. Essa postura da personagem pode ser justificada pelos, aqui já mencionados, mitos do amor romântico, esse conjunto de crenças, os quais são compartilhados e fortemente sustentados pelos diversos agentes socializadores (o sistema educativo, a própria família, os meios de comunicação, o uso da linguagem, a religião, entre outros). De acordo com Ferrer *et al.* (2010), a origem dos mitos do amor romântico é diversa, porém, em termos gerais, pode-se afirmar que eles foram desenvolvidos com o objetivo de primar por um determinado modelo de relação (monogâmica, heterossexual...) em diferentes momentos históricos e sociais. Portanto, consoante Lagarde (1999), a conservação desses mitos aparece como elemento normativo que responde, ainda que de modo simbólico, à lógica da dominação masculina, da hierarquização dos pares e da complementaridade dos sujeitos.

Entretanto, em oposição aos ditos da sociedade patriarcal, Eurídice continuava buscando um novo projeto, já que

precisava de algo que preenchesse as manhãs de ócio e as horas angustiadas de fim de tarde, quando os filhos ainda não tinham chegado da escola e quando tudo não parecia levemente enlouquecedor. Nessas horas perdidas ela podia sentir a solidão se transformar em angústia, a angústia se transformar em loucura e a loucura sussurrar-lhe calma e firme: *um dia eu te pego, um dia eu te pego, um dia eu te pego* (grifos da autora) (BATALHA, 2016, p. 39).

Para espairer, resolveu dar uma volta e acabou parando em um salão de beleza para arrumar os cabelos. É possível interpretar essa atitude de Eurídice como vaidade, mas esta é uma característica que ela não tinha; todavia, a voz narrativa, de uma maneira irônica, diz que “uma boa esposa deve estar sempre bonita para o seu marido, ou o marido poderá buscar na rua aquilo que não tem em casa” (BATALHA, 2016, p. 39). Segundo Carla Bassanezi Pinsky, “embelezar-se para o marido era uma obrigação da boa esposa e fazia parte da receita para manter o casamento” (PINSKY, 1997, p. 628).

E foi no salão, folheando *o Jornal das moças*³², que se deparou com a seção de corte e costura. Não sabia nada a respeito desse assunto, teria que aprender, seria um desafio, logo, esse seria seu novo projeto. Para dar início ao mais recente plano, convenceu Antenor a comprar uma máquina de costura por meio de “técnicas de guerrilha feminina”³³, as quais acreditava dominar. Ainda de acordo com Pinsky, nos Anos Dourados,

qualquer forma de protesto feminino era desestimulada. A melhor maneira de as esposas fazerem valer sua vontade era usar estratégias sutis e subterfúgios, em outras palavras, aplicar o “jeitinho feminino”. O truque, o “jeitinho”, faria com que o marido cedesse aos interesses da esposa sem zangar-se com ela e, em certas situações, até mesmo sem o saber (PINSKY, 1997, p. 631).

Uma dessas técnicas era “o combate por repetição, aquele que leva os homens a dizerem sim” (BATALHA, 2016, p. 40). Nessa ocasião, tal técnica funcionou, pois o marido adquiriu o instrumento e ela começou a cerzir sem parar. Rapidamente aprendeu o ofício e, enquanto realizava seu projeto, era uma mulher feliz. Porém, depois de alguns meses, ela voltou a ficar irrequieta, pois já “não podia mais inventar roupas para os filhos, uniformes para Das Dores³⁴, paninhos para a sala e camisas para Antenor. Precisava de novos projetos, o que não seria difícil conseguir” (BATALHA, 2016, p. 44). Eurídice saiu pelo bairro à procura de clientes e conseguiu várias, “toda hora a campanha tocava e entrava alguém para experimentar um vestido” (BATALHA, 2016, p. 45). É importante ressaltar que, diferentemente da culinária, essa sua nova atividade lhe concedia uma vida social, a qual era muito apreciada e bem quista por ela, além de lhe fornecer uma renda. Contudo, o dinheiro que ela recebia pelo seu trabalho como costureira não é mencionado na narrativa, fazendo com que ela continue dependente economicamente do marido, já que o seu papel de provedor não foi alterado.

Durante o período do projeto de corte e costura, Antenor adoeceu e precisou ficar em casa. Pelo fato de ter tido muito êxito com essa nova empreitada, houve a necessidade da contratação de uma outra costureira, Maricotinha, para que Eurídice desse conta das encomendas. Com o marido enfermo, a nova funcionária ficou a cargo das costuras na sala, enquanto a esposa cuidava do marido no quarto. Em uma determinada tarde, ele se sentiu melhor, levantou-se e dirigiu-se à sala, onde encontrou o ateliê de costura da mulher, cheio de clientes. Até então, ele permanecia “alheio às ambições produtivas da

³² O *Jornal das moças* era uma das várias revistas que circulavam nos anos 1950, que tratavam de “assuntos femininos”. Ver Pinsky (1997, p. 609).

³³ Eurídice voltará a usar as “técnicas de guerrilha feminina” mais à frente na narrativa.

³⁴ Das Dores era a empregada doméstica da família.

mulher. Dessa vez Eurídice tinha usado outra técnica de guerrilha feminina: o combate por omissão (aquele que impede os homens de dizerem não)” (BATALHA, 2016, p. 51), o qual era uma estratégia mais eficaz. “Essas artimanhas eram preferidas não só em detrimento das discussões, como também da possibilidade de um diálogo entre iguais, inexistente quando a prática privilegia o subterfúgio ao invés da franqueza, da reivindicação ou do enfrentamento” (PINSKY, 1997, p. 631). Todavia, quando ele se inteirou do projeto da mulher, tal enfrentamento, por parte dele, foi inevitável. Ficou muito nervoso e, depois de expulsar todos que se encontravam em sua casa, encarou a esposa, que, mais uma vez, olhava para baixo. O controle exercido sobre ela já a havia condicionado a calar-se, dado que cotidianamente a voz lhe era negada, bem como suas aptidões. Seu companheiro lhe explicou, gritando, quais eram seus papéis como mulher:

É sua reponsabilidade me dar paz de espírito para eu sair e trazer o salário para casa. Você tem ideia de como é complicado trabalhar na área de financiamentos? (...) Não falo [do trabalho] **porque você não iria entender.** (...) Uma boa esposa não arranja projetos paralelos. Uma boa esposa só tem olhos para o marido e os filhos. Eu tenho que ter tranquilidade para trabalhar, você tem que cuidar das crianças (grifo meu) (BATALHA, 2016, p. 53).

O excerto acima está repleto de violência psicológica. Primeiramente, no trecho grifado, ele, apesar de toda genialidade já demonstrada por Eurídice, a chama, de maneira eufêmica, de “burra”, demonstrando que para a cultura patriarcal o homem é superior à mulher também quanto ao seu intelecto. O mesmo se passa com Guida, a irmã de Eurídice, pois, quando o narrador conta a sua história, há dois momentos em que ela, ao questionar sobre o trabalho do sogro, o futuro marido à época lhe responde: “Mas esse é um assunto muito complicado para uma moça tão linda como você” (BATALHA, 2016, p. 91); “[Meu pai tem] assuntos do interior para tratar. Coisas que você não entende, meu amor. Esse assunto é muito complicado para uma moça tão linda como você” (BATALHA, 2016, p. 92). Percebe-se, na fala da personagem, que há uma contraposição entre inteligência e beleza (esta, sim, característica valorizada nas mulheres), como se fossem dois atributos impossíveis de coexistir em uma mulher. De acordo com o *Jornal das Moças* (1959) *apud* Pinsky (1997, p. 626), “estas qualidades [inteligência e cultura] degeneram num perigo quando a força da alma e do coração não segue o mesmo ritmo do desenvolvimento intelectual, ou melhor, quando falta o verdadeiro espírito feminino”, o qual não é a inteligência, mas sim a beleza e a completa dedicação ao lar.

Não satisfeito com a violência que já havia infringido à mulher, proibindo-a de trabalhar e chamando-a de ignorante, Antenor fez questão de colocá-la “em seu lugar”, reforçando suas incumbências dentro da instituição casamento e lhe dizendo que, ao não

seguir as regras, que são na verdade os papéis destinados ao gênero feminino, ela não era uma boa mulher. Afinal,

la mujer buena es encantadora, educada y discreta. Las mujeres buenas trabajan, pero se conforman con ganar el 77 por ciento de lo que ganan los hombres o, dependiendo de a quién preguntes, las mujeres buenas tienen hijos y se quedan en casa a criarlos sin rechistar. Las mujeres buenas son modestas, castas, sumisas. Las mujeres que no adhieren a estos cánones son las desgraciadas, las indeseables; son malas mujeres³⁵ (GAY, 2016, pp. 303-304).

Antenor também abusou do estado emocional de Eurídice ao lhe dizer que os filhos estavam malcuidados, abandonados, acusando-a agora de não estar sendo uma boa mãe devido ao trabalho no ateliê, como se ela não soubesse conciliar o papel de mãe e de mulher que trabalha. Isso significa que a ela não lhe seria permitido exercer um ofício destoante daqueles que estão em consonância ao modelo de família patriarcal, o qual se foca nos

papéis atribuídos a elas [mulheres], como a dedicação prioritária à vida doméstica e aos familiares, [os quais] colaboraram para que a domesticidade feminina fosse vista como algo natural e distintivo, mas também como um valor a partir do qual outros comportamentos seriam caracterizados como desvios (MIGUEL e BIROLI, 2014, p. 32).

Após escutar aos berros o marido lhe ensinando como deveria se comportar, “Eurídice não usou suas mãos para proclamar a independência, mas para cobrir o rosto cabisbaixo. Ela sabia que o marido tinha razão, dentro de tudo aquilo que parecia razoável” (BATALHA, 2016, p. 74). Mais uma vez, ela se sujeitou aos comandos de Antenor, dando-lhe razão e se sentindo culpada, pois, já vulnerável com esses episódios agressivos e humilhantes, tais atitudes de violência se naturalizaram, produzindo o silêncio e o não enfrentamento da situação de violência (PONDAAG, 2009). Além disso, o sentimento de culpa se dá pelo fato de acreditar que estava realmente fazendo algo de errado, pois estava se “desviando” dos papéis a ela atribuídos.

Desse modo, todos os seus projetos eram inapropriados, haja vista que estavam em desajuste com o que se esperava de Eurídice como mulher, isto é, ser apenas dona de casa, esposa e mãe. No que concerne à maternidade e à possível negligência quanto aos filhos, da qual é acusada por Antenor, o próprio narrador o desmente, pois afirma anteriormente na narrativa que “nas semanas seguintes Eurídice estaria tão empenhada

³⁵ “a boa mulher é charmosa, educada e discreta. Boas mulheres trabalham, mas se contentam em ganhar 77% do que os homens fazem ou, dependendo de quem você perguntar, boas mulheres têm filhos e ficam em casa para criá-los sem questionar. As boas mulheres são modestas, castas, submissas. As mulheres que não aderem a esses cânones são as infelizes, as indesejáveis; são mulheres más”.

em aprender os costurês que se esqueceria de comer, e se esqueceria de atazanar Maria das Dores, mas olha só que curioso, ela não se esqueceu dos filhos” (BATALHA, 2016, p. 44). Um outro aspecto que fez com que Antenor sentisse tanta raiva foi a preocupação por imaginar que as pessoas que viviam em sua comunidade iriam “pensar que ele era homem de menos porque a mulher trabalhava demais” (BATALHA, 2016, p. 52). Esse pensamento é egocêntrico e fútil, pois, neste momento, ele não está preocupado com a felicidade da mulher, nem apresenta motivos razoáveis que poderiam ser obstáculos para o ofício que Eurídice queria exercer, porque, na verdade, ele está apreensivo apenas em não se sentir diminuído perante a sociedade da qual fazia parte e em manter ilibada sua figura de macho provedor. Isto é, em um padrão de masculinidade hegemônica³⁶, o ato de prover é associado ao homem, sendo assim um comportamento valorizado pelas sociedades patriarcais, além de lhe garantir poder na relação conjugal. Logo, se não desempenhado, esse homem perderá prestígio perante a sociedade e controle quanto à esposa.

Eurídice conseguiu omitir por bastante tempo seu labor clandestino, porque Antenor “respeitava” os limites dos espaços público e privado. Obviamente, o dele era o público, mas transitava por alguns domínios da casa: quarto, banheiro, mesa de jantar e sofá:

o que havia além de seus limites não interessava. A intimidade de Antenor com a casa era quase inexistente. (...) **O resto era resto, e o resto era domínio de Eurídice** (...). Por isso nunca descobriu os muitos metros de tecido guardados dentro do aparador, ou a pilha de tecidos de costura na parte fechada da estante, ou os cinquenta e sete moldes atrás do sofá (grifo meu) (BATALHA, 2016, p. 52).

Nota-se nesse trecho a dicotomia entre o público e o privado, a qual é formulada por meio das diferenças biológicas entre homens e mulheres e reforçada pela ideologia patriarcal. Para Hannah Arendt (1991), o âmbito público é o comum, aquele que reúne os homens, e é também o aparente, pois ele pode ser tanto visto como ouvido, constituindo, desse modo, a realidade. Já o âmbito privado é o espaço da abnegação, da renúncia de si, da ausência de outro, não havendo, dessa maneira, a relação do sujeito com a realidade do mundo comum, ou seja, é um espaço desprovido de relações interpessoais, com exceção da própria família. Logo, pode-se afirmar que há uma invisibilidade do privado, pois “o homem privado não se dá a conhecer e, portanto, é como se ele não existisse. O

³⁶ A masculinidade hegemônica, conforme Schraiber *et al.* (2005, p. 69), é uma masculinidade modelo, em que os “‘padrões’ esperados de comportamento [masculino] geram estereótipos que passam a ser a referência conhecida”, além de serem culturalmente idealizados.

que quer que ele faça permanece sem importância ou consequência para os outros e o que tem importância para ele é desprovido de interesse para os outros" (ARENDDT, 1991, p. 68), ou seja, é por isso, que Antenor o chama de resto. De acordo com o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2007, p. 1656), o verbete “resto” tem como primeira acepção “o que sobra, o que fica de um todo de que se retirou uma ou várias partes”; isto é, mesmo no âmbito doméstico, Antenor selecionava os lugares que considerava relevantes e de utilidade e os tomava para si, e o descarte, as sobras, as áreas invisíveis ficavam para a também invisível Eurídice, que, afinal, não tinha domínio completo nem do espaço que a própria sociedade patriarcal reserva às mulheres, de forma geral.

1.4.Eurídice: a mulher para casar

Após esse episódio, o narrador retrocede cronologicamente na história e passa a narrar a infância de Eurídice, introduzindo no enredo uma personagem até então desconhecida: a Parte de Eurídice Que Não Queria Ser Eurídice. A protagonista, desde jovem, era inteligente, sonhava em ter uma profissão (engenheira) que não fosse ajudar os pais em sua quitanda. Contudo, por causa de uma professora que a humilhava e implicava com ela na escola, contraditoriamente, pelo fato de ela ser a mais esperta da turma, nasceu esse lado: a Parte de Eurídice Que Não Queria Ser Eurídice, pois ser ela mesma (a mais intelectualizada) lhe causava transtornos e, por isso, ela criou esse seu outro lado, que se autoboicotava, já que passou a abrir mão de seus sonhos para satisfazer e/ou realizar os desejos de terceiros.

Nessa mesma época, com 14 anos, o pai de Eurídice começou a lhe pagar aulas particulares de flauta doce. “A flauta foi o primeiro amor de Eurídice” (BATALHA, 2016, p. 61), além de ter sido o seu primeiro projeto. Seu talento era tão magnífico que Heitor Villa-Lobos, ao ouvi-la em ação em uma ocasião em sua escola, convidou-a para tocar em seu conservatório. Entretanto, seus pais não lhe deram autorização, haja vista que para eles “a flauta jamais seria um fim. A flauta era apenas um meio. Um meio de aumentar as prendas da filha para que fizesse um bom casamento” (BATALHA, 2016, p. 61). A parte genuína de Eurídice resistia, lutava pelo que ela queria, não aceitava de forma submissa a decisão dos pais de por fim ao seu sonho³⁷. Já a Parte de Eurídice Que Não Queria Ser Eurídice, sua outra metade, “reforçava os argumentos dos pais. (...) Seria o

³⁷ O primeiro sonho de muitos outros que lhe seriam podados ao longo da vida.

convívio entre artistas benéfico para uma donzela em formação? Havia riscos” (BATALHA, 2016, p. 61).

Apesar de não haver muito diálogo naquela casa, de acordo com o narrador, sua metade não submissa argumentou, “brigou mais com os pais do que em todo o resto de sua vida. Gritou com eles de uma forma que nem sabia ser capaz. Como ela queria aquilo!” (BATALHA, 2016, p. 62). Ao final desse entrave homérico, a resposta dos pais ao sonho de Eurídice foi não, porque não. Além disso, conforme a mãe, ela tinha “que terminar seus estudos e se concentrar nas coisas que meninas de sua idade fazem. Encontrar-se com as amiguinhas, conhecer um rapaz e formar sua própria família” (BATALHA, 2016, p. 62), exercendo o papel de boa esposa, sendo, assim, “a principal responsável pela paz doméstica e a harmonia conjugal, além de não discutir, não se queixar, não exigir atenção” (PINSKY, 1997, p. 630). Nesse contexto, os únicos projetos que lhe cabiam era um casamento e uma família-modelo.

É apenas neste momento da narrativa que tomamos conhecimento que Eurídice tinha uma irmã mais velha, Guida, com a qual se dava muito bem, ainda que fossem bem diferentes no que tange às ambições para o futuro. Guida sonhava para ela e para a irmã um casamento feliz com “um bom marido e muitos filhos, uma casa muito grande, com um jardim” (BATALHA, 2016, p. 66). A primogênita tinha exatamente o comportamento esperado para uma mulher de respeito, afinal ela se informava nos livros da *Biblioteca das Moças*³⁸, em que se lia que “cabe à mulher o dever de estarrecer o homem com sua beleza, e cabe ao homem a tarefa de lutar por essa mulher depois de voltar a se mexer, passados os primeiros segundos de imobilidade causada pela beleza estarrecedora d’A Escolhida” (BATALHA, 2016, p. 86). Guida acreditava nos mitos do amor romântico e “via no casamento a porta de entrada para a realização feminina” (PINSKY, 1997, p. 610). Assim, para levar seu próprio sonho adiante, ela foge³⁹ de casa com Marcos para se casar⁴⁰. Em razão da fuga da filha, seus pais ficaram extremamente desgostosos e, por isso, em uma tentativa de proporcionar certo alento a eles, evitando que passassem por outras amarguras, a caçula prometeu a si mesma que seria uma filha exemplar. Nesse momento, a verdadeira Eurídice adormeceu dentro de si mesma, e a Parte de Eurídice

³⁸ Os livros da *Biblioteca das Moças* eram como manuais de como as “mulheres corretas” deveriam se comportar.

³⁹ A fuga se deu pelo fato da não permissão para o casamento, por parte da família de Marcos, devido ao casal pertencer a classes sociais bem distintas. Porém, não darei ênfase à história de Guida, em virtude do recorte temático feito neste trabalho.

⁴⁰ Guida só retornará por volta de 11 anos depois.

Que Não Queria Ser Eurídice assumiu o controle daquela vida. Porém, essa dinâmica dos dois lados de Eurídice não permaneceria dessa maneira até o fim de seus dias, tanto que a própria voz narrativa, demonstrando apoio à personagem, nos explica as alternâncias de controle das duas personalidades da protagonista:

Agora que as partes de Eurídice foram apresentadas dá para entender por que essa moça vai e volta. Por que inventa projetos e não consegue enfrentar o marido. Por que não mandou Antenor catar coquinhos depois da gargalhada da Noite do Grande Banquete. E por que, no dia da Grande Briga Por Causa do Ateliê de Costura, depois da Grande Gripe, Eurídice não levantou a voz, dizendo *as mãos são minhas e com elas faço o que bem entendo, e entendo que devo usá-las para costurar e para te apontar o indicador, e dizer que as mãos são minhas e com elas faço o que bem entendo* (grifos da autora) (BATALHA, 2016, p. 74).

Observa-se, portanto, que Eurídice tinha dois lados: o submisso e o “subversivo”. Mas, por conta da promessa que fez a si mesma, após a partida de Guida, de ser uma “boa moça”, o que, na verdade, significava seguir os moldes impostos à mulher pela sociedade patriarcal, seu lado submisso acabava vencendo. Essa aparente característica de Eurídice agradava e agigantava o ego de Antenor, o qual sempre teve a ilusão de se casar com uma “mulher comportada”, em virtude de sua própria história de vida. Sua mãe, Maria Rita, também não se encaixava nos ditames impostos pela sociedade patriarcal. Ela costumava dizer ao seu marido, Feliciano: “Você não me entende, eu sou uma poeta, uma artista! Um espírito livre que algemaram a essa vida” (BATALHA, 2016, p. 77).

Dessa forma, enquanto Feliciano reclamava que a casa estava sempre suja e os filhos malcuidados, Maria Rita chorava de tristeza pelos versos que não escrevia e, por conseguinte, não declamava. A poetisa incompreendida se suicidou. Para ajudar a cuidar dos seis filhos do casal, Dalva, a irmã solteirona⁴¹ de Feliciano, que não se casou por já ter trinta anos e, desse modo, ter passado da idade de estabelecer matrimônio, cumpriu o papel esperado de dona de casa e até de mãe, pois cuidou deles e da casa com esmero. Assim, Antenor passou a abominar a poesia, pois a culpava pela morte da mãe, e a exaltar Dalva pelos papéis atribuídos à mulher que ela exerceu bem e sem reclamar. Desse modo, idealizava que

haveria de se casar, e sua mulher teria que ser tão boa quanto Dalva. A casa e os filhos teriam que ser prioridade. Ele estava disposto a dar tudo de si para a mulher que escolhesse, e exigia em troca uma vida que não tivesse nem um pouco da poesia e dos sonhos que só serviram para enlouquecer a mãe (BATALHA, 2016, p. 80).

⁴¹ Segundo Pinsky (1997), na década de 1950, as mulheres que não se casassem até os 25 anos já eram consideradas solteironas e fonte de constrangimento para a família. Sobre a estigmatização da “solteirona” no Brasil, ver Maia (2017).

Mas para lhe proporcionar essa vida que queria, ele imaginava uma mulher muito mais que prendada, que deveria ser subserviente em alto grau, pois ele queria uma esposa

capaz de se levantar todos os dias na mesma hora, [que] não vai esperar a cama esfriar para esticar os lençóis, [que] não vai conciliar a feitura do café com a hora que me sento à mesa. Ele queria o livre arbítrio de lambar o chão para provar que estava limpo (BATALHA, 2016, p. 81).

Assim, quando conheceu Eurídice, ajudando os pais na quitanda, imaginou que aquela era uma mulher que se encaixava nos nichos de mulheres para casar. Conforme Pinsky, as mulheres dessa época⁴² eram classificadas como moças de família ou moças levianas. “Às primeiras, a moral dominante garantia o respeito social, a possibilidade de um casamento-modelo e de uma vida de rainha do lar – tudo o que seria negado às levianas” (PINSKY, 1997, p. 610). Antenor chegou à conclusão que Eurídice era moça de família por reparar no modo que prendia o cabelo, sem vaidade; no rosto limpo de maquiagem e no seu olhar completamente desinteressado por ele ou por qualquer outro homem, ou seja, não era uma moça leviana. Mais tarde descobriu ainda que ela havia terminado o secundário, mas que parou de estudar, para ajudar os pais na quitanda, e que era boa com cálculos. Já naquela época,

Eurídice tinha abafado os desejos, deixando na superfície apenas a menina exemplar. Aquela que não levantava a voz ou o cumprimento da saia. Aquela que não tinha sonhos que não fossem os sentimentos dos pais. Aquela que só dizia não senhora ou não senhor, sem nem mesmo perguntar para que é o sim, ou por que disse não (BATALHA, 2016, p. 83).

Além disso, Antenor associou o estado catatônico de Eurídice, após a fuga de Guida, com submissão, pois “confundi com ordinário esse jeito de concordar com tudo, e pensou: Essa *aí é pra casar*” (grifos da autora) (BATALHA, 2016, p. 83). Observa-se que os homens, de maneira bem distinta, também são influenciados pelos mitos do amor romântico, já que a cultura patriarcal lhes impõe a regra de que as mulheres ideais para casar são as que se assemelham ao modelo “princesa”, ou seja, aquelas que seguem e obedecem às regras a elas impostas também pela cultura patriarcal. Segundo Heleieth Saffioti, essas mulheres seriam aquelas cujos destinos

é cumprir suas funções sociais sem jamais reclamar. Na alegria ou na dor, ela deve sempre considerar-se ser secundário e, portanto, viver como sombra do marido. Trata-se, enfim, da mulher que compreende seu lugar na sociedade e nada reivindica. Aceita o destino que a ideologia oficial lhe promete, enxergando seus papéis através do crivo machista (SAFFIOTI, 1980, p. 14).

⁴² Ainda hoje há classificações similares, baseadas em diferentes ideologias, que separam as mulheres em nichos, as “casáveis” e as “não-casáveis”.

Logo, por conta de tais valores, a sociedade acaba por dividir as mulheres em dois grupos: as santas e as putas. As primeiras, obviamente, são aquelas que seguem as atribuições descritas acima por Saffioti (1980); as segundas seriam as “desviantes”, ratificando a classificação feita por Pinsky (1997). Uma das consequências dessa divisão arbitrária é que os homens, de maneira geral, têm restrições em se relacionarem com mulheres resilientes, que estão cientes da importância de sua participação social e que lutam por seus direitos, como, por exemplo, o da total equidade de gêneros, pois estas fazem parte do grupo das “desviantes”, já que, de acordo com os que lhes foi ensinado, eles são o sexo forte, devem ser machos, ativos, violentos e possessivos, dificultando a manutenção de uma relação em pé de igualdade com as mulheres. Ao assumirem esse “privilégio” do gênero, não se libertam desse estigma e não compreendem, portanto, que várias formas de masculinidade são possíveis, assim como várias formas de amar e de se relacionar também são.

Desse modo, foi por essa perspectiva que Antenor fez sua escolha, contudo, a voz narrativa afirma que nem o casamento, nem a promessa de ser “boa moça” que havia feito, nem a Parte de Eurídice Que Não Queria Ser Eurídice, nem a opressão em relação à mulher da década de 1940⁴³ poderia fazer com que Eurídice perdesse sua essência e, por isso, no dia da descoberta do ateliê, Antenor teve que, literalmente, gritar as regras do casamento para a mulher. Sobre essa questão do casamento, Eurídice também destoa da de Guida, das mulheres de sua época e de muitas mulheres desta época, tendo em vista que, como já explicitado anteriormente, ela não tinha o matrimônio como projeto de vida:

Se Eurídice queria casar? Talvez. Para ela o casamento era algo endêmico, algo que acometia homens e mulheres entre dezoito e vinte e cinco anos (...). O que Eurídice realmente queria era viajar o mundo tocando flauta. Queria fazer faculdade de engenharia e manter-se fiel aos números. Queria transformar a quitanda dos pais num armazém de secos e molhados, o armazém de secos e molhados numa distribuidora de grãos, e a empresa num conglomerado. Mas ela não sabia que queria tanto (BATALHA, 2016, p. 82).

Desse modo, o ato de casar-se era apenas para cumprir a ordem do mundo para a mulher no contexto histórico em que se passa a narrativa. Talvez, seja por essa razão, de o casamento ser o destino natural da mulher, que ela, em nenhum momento da trama, se

⁴³ De acordo com Pinsky (1997, p. 635), “esperava-se que essas mulheres se dedicassem inteiramente ao lar, fossem sustentadas pelo marido e preservadas da rua”.

queixa do casamento em si. Ademais, consoante a historiadora Cláudia Maia⁴⁴, versando sobre o “dispositivo de escolha”⁴⁵, no século XIX,

atribuíam-se às mulheres que exerceram o seu suposto direito de escolher um marido, a “culpa” pelos casamentos malsucedidos, pelos fracassos e infelicidades conjugais. Elas eram obrigadas a aceitar o comportamento dominador dos maridos, uma vez que, elas “escolheram” e por “livre” vontade, ingressaram no contrato de casamento (MAIA, 2007, p. 124).

Assim, Eurídice não reclama do marido, o qual a impedia de concretizar seus projetos, havendo apenas um lamento pela não realização desses sonhos, mas não de maneira verbal, e sim por meio do silêncio. Desse modo, mesmo tendo se casado sem amor, ela respeitava a instituição “casamento”, a qual é formulada a partir do mito do amor romântico e está pautada em uma concepção patriarcal, que dissimula a desigualdade de gênero, a discriminação das mulheres e a submissão destas à heterossexualidade como única forma de relação afetiva, enxergando, no casamento, a oportunidade pessoal e de concretização do estado pleno de felicidade. Dessa maneira, nessa sociedade desigual, é sabido que são os agentes socializadores⁴⁶, anteriormente mencionados, por meio de seus discursos, repetidos incessantemente, que fazem com que tais valores sociais tradicionais sejam internalizados e perpetuados pela sociedade. Ademais, eles valorizam o âmbito público, em detrimento do privado, o qual é ocupado majoritariamente por mulheres, mesmo que nenhum desses espaços seja necessariamente positivo ou negativo, e tendem a associar tradicionalmente a masculinidade com o poder, com a racionalidade e com aspectos da vida social pública, como o trabalho remunerado, responsabilizando ao homem a aquisição dos bens materiais, motivando-o e o educando-o para que sua autoestima venha do mundo exterior. Dessa forma, para que tenha êxito no macrossocial, seus talentos e suas ambições são estimulados, bem como sua independência emocional. Já à feminilidade coube, além do ideal maternal, na construção das subjetividades femininas, a sensibilidade, a emoção, a passividade e a provisão de cuidados e afetos. De acordo com Clara Corta,

a organização da nossa sociedade patriarcal preparou durante séculos o gênero feminino para transitar pela vida a serviço das necessidades alheias. Desde pequenas, as mulheres são treinadas para decifrar os desejos que as rodeiam, primeiro dos pais e das pessoas ao seu redor, depois de seus companheiros amorosos e, finalmente, de seus filhos/as. De tanto se aprofundarem nos

⁴⁴ A tese de Maia, *A invenção da solteirona: conjugalidade moderna e terror moral – Minas Gerais (1830-1948)*, citada neste trabalho, foi publicada, em 2011, pela Editora Mulheres.

⁴⁵ Segundo Maia (2007), o “dispositivo de escolha”, noção construída pela autora, é uma estratégia discursiva em que o casamento passou a basear-se, em tese, em escolhas individuais, não sendo mais uma imposição dos pais para com os nubentes.

⁴⁶ Ver p. 32.

desejos alheios, acabam perdendo a habilidade de decifrar os próprios desejos e, de tanto se acomodarem para satisfazê-los, terminam tomando para si os desejos dos outros (...). Não são poucas as mulheres que veem um enorme deserto intransponível se desdobrar diante delas no momento de procurar os desejos dentro de si mesmas (CORTA, 2005, p. 29).

É perceptível, então, que as mulheres são educadas para que sua gratificação pessoal venha da esfera doméstica, pois lhes é inculcada a ilusão da “promessa da felicidade”⁴⁷, fazendo, assim, que estas reprimam suas liberdades, seus talentos e suas ambições. Seus êxitos devem provir do microssocial, necessitando serem, portanto, dependentes de um homem. De acordo com Estaban e Távora, essa atribuição do poder do afeto às mulheres as levará a “estabelecer um tipo de relações íntimas que vão se converter na principal fonte para construir suas identidades” (ESTEBAN e TÁVORA, 2008, p. 64). Porém, devido à obrigatoriedade de prover tais cuidados e afetos a outros, correndo o risco até de serem tachadas como mães e esposas ruins, caso não desempenhem estes papéis da maneira esperada, muitas mulheres se anulam, esquecendo-se de suas próprias vontades e de seus desejos, perdendo, desse modo, suas individualidades e identidades, corroborando a afirmação de Clara Corta, aqui transcrita, de uma renúncia pessoal e, conseqüentemente, de entrega total a outros, dependência e submissão.

E essa obrigatoriedade de entrega total e de submissão, juntamente com sua tristeza, em forma de silêncio, consumiu Eurídice de tal maneira que ela “concordaria com tudo, desde que não tivesse que dizer mais nada. (...) Ela se rendeu anunciando a vitória da Parte de Eurídice Que Não Queria Ser Eurídice” (BATALHA, 2016, p. 84), ou seja, assim como a mãe de Antenor, ela perdeu a vontade de viver, haja vista que era uma mulher que não podia ser quem ou o que quisesse ser, que não podia existir como ela mesma, que não tinha o direito de ter desejos próprios. Isso porque sua rotina era se anular para que o marido pudesse trabalhar, os filhos irem à escola e estarem bem cuidados, a casa estivesse bem arrumada e, assim, ela manteria o equilíbrio e a felicidade da família e, em tese, também seria feliz, porque “a felicidade da esposa viria como consequência de um marido satisfeito” (PINSKY, 1997, p. 627). Entretanto, na prática, essa dinâmica de felicidade conjugal não funcionava para Eurídice. Apenas um fato inesperado

⁴⁷ Esse é um termo/conceito criado por Sara Ahmed (2019), apresentado na introdução e que será explorado no segundo e no terceiro capítulos deste estudo.

conseguiu tirá-la do seu estado de languidez e contemplação frente à estante de livros: a volta de Guida.

1.5.Eurídice: a irmã

Depois da proibição que o marido fez a Eurídice de continuar costurando, “no dia da briga do ateliê, [quando] Antenor falava cada vez mais alto e Eurídice cada vez mais baixo” (BATALHA, 2016, p. 74), ela acatou a decisão do esposo e inventou para as ex-clientes que estava doente e que precisaria abandonar a costura. A partir desse momento, ela começou a apresentar sinais de profunda tristeza, não tinha vontade de fazer absolutamente nada, estava desmotivada, letárgica, ficava sentada durante todo o dia no sofá, olhando a estante de livros, no mais absoluto silêncio, “meio songa, meio monga, meio morta” (BATALHA, 2016, p. 83). Todavia, Antenor não via esse comportamento atípico da mulher como sinal de tristeza ou, até mesmo, de uma possível depressão. Ele estava satisfeito com essa nova postura da mulher, “aquela era uma mulher comportada. (...) Sim, era tudo o que ele sempre quis” (BATALHA, 2016, p. 76). Ou seja, ela havia finalmente se tornado uma espécie de tia Dalva, o exemplo de mulher que ele queria como esposa, como já explicado. Contudo, relatos da Organização Mundial de Saúde (OMS), referentes a uma pesquisa realizada em 2003, informam que as pessoas que vivem em um ambiente violento correm maior risco de sofrerem desordens alimentares, alcoolismo, depressão, ansiedades, fobias, pânico, baixa autoestima e de fazerem uso de drogas. Monteiro e Souza (2007) ratificam os dados da OMS, pois afirmam que “os maus-tratos sofridos pela mulher geram perdas significativas em sua saúde física e mental”. Dessa forma, essa tristeza profunda de Eurídice, associada à sua nova maneira de se portar perante a vida, poderia ser sintoma de um quadro de depressão, resultante da violência psicológica que sofria.

Porém, é quando Eurídice encontra-se na mais absoluta tristeza que Guida bate à sua porta, trazendo consigo Chico, seu filho de onze anos. Neste momento da narrativa, a história da vida de Eurídice se invisibiliza quase que por completo, pois o narrador passa a contar a história da primogênita desde sua fuga da casa dos pais. Só nos deparamos com Eurídice quando o narrador interrompe a história e volta à sala da casa dela para demonstrar sua reação perante todo o fato narrado. Tomar conhecimento do que havia acontecido lhe deu um certo alento, tendo em vista que se culpava, de certa forma, pela

fuga da irmã, devido a uma discussão que tiveram na véspera. Além disso, depois de escutar as desventuras pelas quais Guida havia passado devido ao abandono do marido, ela começou a comparar Marcos com Antenor, afirmando, mentalmente para si, sobre este último, “que ele sempre soube ser um bom marido” (BATALHA, 2016, p. 127). Nota-se com essa afirmação que ela ainda não havia se dado conta de que seu marido a agredia emocionalmente desde o primeiro dia do casamento e que, por essa razão, ela era uma vítima de violência doméstica. Marcos, por sua vez, abandonou Guida, mas nunca lhe bateu, nem a maltratou. Obviamente que Guida sofreu, mas teve uma vida livre para tomar as suas próprias escolhas, e “aquela era Guida Gusmão, a mulher que nunca olhou para baixo” (BATALHA, 2016, p. 95), diferentemente da irmã.

Logo que a história do passado de Guida finda, Eurídice ganha novamente a atenção do narrador e de Antenor, pois este, ao notar pela primeira vez, depois de muito tempo, interesse nos olhos da mulher, não reclama da presença daqueles desconhecidos em sua casa. Ademais, Eurídice diz, sem pronunciar uma palavra, apenas com sua postura, que “minha irmã ficará conosco pelo tempo que precisar. Ela irá embora quando estiver preparada, o que pode acontecer em um mês, em um ano ou sabe-se lá quando” (BATALHA, 2016, p. 130). Essa é a primeira vez na narrativa que Eurídice se impõe em relação ao marido, porém, não foi por causa própria. Apesar de ter abandonado seus projetos, ela saiu da letargia e se mostrava muito feliz com a presença de Guida, do sobrinho e com esse novo arranjo familiar.

Contudo, Guida casou-se novamente e foi morar com o marido e o filho em outra casa, fazendo com que a tristeza de Eurídice voltasse e que seu único afazer fosse novamente encarar a estante de livros. Entretanto, o estado de espírito de Eurídice continuava invisível para Antenor, pois, para ele, “Eurídice era uma mulher realizada e desprovida de preocupações, graças a ele, Antenor, que nunca deixou a pá dos potes de mantimento tocar o plástico do fundo. Sempre houve fartura, sempre haveria estabilidade, e por isso sua mulher era feliz” (BATALHA, 2016, p. 161). Ou seja, ele tinha uma ideia completamente deturpada dos sentimentos de Eurídice e também não reconhecia que, em grande parte, ele era o agente causador da infelicidade da esposa. Eurídice estava golpeada emocionalmente, tanto pela ida da irmã quanto pelas constantes proibições de Antenor em lhe permitir ter outras identidades além daquelas que já eram “inatas” da mulher. Assim, “embora os seus ossos nunca sejam quebrados, sua carne nunca seja queimada, seu sangue nunca seja derramado, mesmo assim ela é ferida. Sem autoconfiança e autorrespeito, ela vive vazia, sem uma identidade pela qual se expressar.

Cede o controle de sua vida ao seu vitimizador. Está impotente” (MILLER, 1999, p.40), em virtude da violência psicológica que, a esse ponto, já sofria há anos. É perceptível, ao longo da narrativa, que a tristeza maior de Eurídice aflora justamente nesses momentos em que se vê impotente, sem identidade, uma mulher invisível. Conforme Stuart Hall, “a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato (...). Ela permanece incompleta, está sempre ‘em processo’, sempre ‘sendo formada’” (HALL, 2006, p. 38). Todavia, Antenor, seguindo os ditames da sociedade patriarcal, obrigava a companheira a ter uma identidade fixa e permanente, o que facilitava o manejo do seu controle sobre ela. Para Rita Terezinha Schmidt, as

identidades são concebidas como movimentos contínuos/descontínuos das relações que sujeitos, comunidades, nações estabelecem imaginariamente com o outro, o que garante sua auto-constituição e sua inserção dentro de certas condições sócio-históricas e discursivas que são, elas próprias, sustentáculos das relações. (...) Daí se explica porque a dominação sempre se manifesta como coerção e interrupção de processos de construção identitária (SCHMIDT, 1998, p. 184).

Porém, apesar de não ser um indivíduo livre, devido aos impedimentos impostos por Antenor para que Eurídice pudesse construir/desconstruir suas identidades, ela sempre encontrava uma maneira de se reformular, demonstrando que a protagonista era um “sujeito múltiplo em vez de único, [pois era] um sujeito constituído no gênero, sem dúvida, mas não apenas pela diferença sexual, e sim por meio de códigos linguísticos e representações sociais” (LAURETIS, 1994, p. 208). Ambicionava, assim, adquirir a identidade que quisesse, na medida em que esta lhe fosse apresentada, rechaçando, ainda que de maneira inconsciente, as ideias de um sujeito homogêneo e de uma identidade unificada. Logo, essa impossibilidade de assumir a identidade que bem quisesse lhe causava um grande desconsolo.

Em meados do texto, o narrador antevê um questionamento do/a leitor/a: “E aqui o leitor se pergunta: será que todas as mulheres nesta história são tristes ou amargas?” (BATALHA, 2016, p. 47). A própria voz narrativa responde que não, salvando três personagens, que nem sequer aparecem na história: uma era feliz, porque era viúva; outra, porque não se casou, e a última, porque tinha um marido com quem gostava de conversar. Percebe-se, portanto, que a felicidade dessas mulheres foi apurada por meio da presença ou da falta de um homem. Na maioria, pela ausência de um homem, sendo, assim, livres, podendo assumir as identidades que quisessem. Por outro lado, Guida, Zélia, Filomena,

Maria Rita, Das Dores⁴⁸ e as demais personagens mulheres, inclusive Eurídice, tinham seus problemas e infelicidades causados por homens. Essa é uma constante da narrativa, pois todos os personagens masculinos são, de alguma maneira, agressores de suas esposas, filhas, amantes, empregadas domésticas, freguesas, dentre outras. Todavia, as agressões são, em sua grande maioria, simbólicas, por conta da sociedade sexista da época (como ainda hoje), que concedia/concede total poder aos homens. Antenor podia limitar as aspirações de sua mulher, controlando suas escolhas e seus destinos, não se importando e, muitas vezes, não se dando conta dos danos que causava a ela, tendo em vista que ele se considerava um bom marido. Assim, restou a essas mulheres lutarem, com suas poucas armas⁴⁹, contra as condições que lhes eram impostas, contudo, estavam sempre no prejuízo, haja vista que a resistência se dava dentro de uma estrutura que as reduzia e as oprimia.

1.6.Eurídice: a escritora

Olhando a estante de livros, Eurídice teve uma ideia, a de ser uma grande leitora, e, dessa maneira, se reinventa mais uma vez, encontrando nas obras ali dispostas e em suas histórias a possibilidade que a literatura proporciona a seus leitores: a liberdade de imaginar, a capacidade de nos transportar para outros locais e épocas, a oportunidade de mergulhar em um mundo de significados desconhecidos, libertando as ideias, estimulando a criatividade e a criação de novos conteúdos. Assim, foi “para o sofá na companhia de um livro, e, pela primeira vez, em muito tempo dedicou às páginas sua total atenção. Depois pegou outro, e mais outro, e foi ligando os pontos imaginários que faziam de todos aqueles textos apenas um” (BATALHA, 2016, p. 162-163). Obviamente, Eurídice sendo Eurídice não se contentaria em apenas ler. Logo, a partir da leitura, ela criou um novo projeto: escrever. Desse modo, comprou uma máquina de escrever e começou a criar suas próprias histórias, as quais passaram a preencher aquele espaço de sua vida que Antenor insistia em deixar vazio. Toda a família sabia do novo propósito de Eurídice, mas nenhum dos familiares lhe pediu maiores informações, nem mesmo Antenor, o qual ignorou por completo os novos planos da esposa. A princípio, essa falta

⁴⁸ Esta, além dos problemas que tinha com seu próprio marido, era violentada por Afonso, filho de Eurídice, quando este ficou adolescente. Ela permitia o abuso sexual, porque tinha medo de perder o emprego e, assim, não conseguir sustentar os filhos.

⁴⁹ Por isso, Eurídice teve que criar táticas de guerrilha, porque havia uma batalha silenciosa travada entre ela e seu marido, e ela usava da estratégia para resistir.

de importância de sua parte pode até parecer algo positivo, já que, dessa vez, não colocou obstáculos que impedissem Eurídice de seguir com seus planos. Todavia, a razão desse consentimento é que o novo ofício da protagonista não saía das quatro paredes da casa e não colocava em xeque a sua posição de provedor, afinal, como afirma Virginia Woolf, em seu artigo⁵⁰ “Profissões para mulheres” (2017, p. 10), “escrever era uma atividade respeitável e inofensiva. O riscar da caneta não perturbava a paz do lar”. Entretanto, essa indiferença do marido para com a escrita da mulher, algo que lhe era caro, também pode ser considerada uma violência psicológica, pois, ao invés de receber apoio e incentivo, ela recebia o desprezo, o qual simbolizava a falta de relevância da sua mais recente ocupação. Esse menosprezo fica evidente quando Eurídice revela à família, durante o jantar, que estava escrevendo um livro sobre a invisibilidade, porém

o jantar seguiu em silêncio. Ninguém se importou em saber mais sobre o livro, se por acaso ela queria ver a obra publicada, se era uma história de amor ou de aventura (...). Havia a convicção de que Eurídice só podia ser levada a sério quando dizia que o jantar estava na mesa, ou que era hora de acordar para a escola (BATALHA, 2016, p. 165).

Conforme o narrador, Eurídice não se importou com o desdém que foi atribuído a ela e ao seu livro. “*O não ligar* fazia parte da nova fase” (grifos da autora) (BATALHA, 2016, p. 166). Segundo Miller (1999, p. 37), a mulher vítima de violência psicológica, para tentar suportar tal abuso, precisa se anestésiar quanto à sujeição, à humilhação e à sensação de fracasso. Dessa forma, essa postura de Eurídice pode ser compreendida como uma maneira de tentar não sofrer, uma forma de resistência, blindando-se do pouco-caso que lhe faziam em tudo que se propunha a realizar como projeto pessoal. Todavia, por mais que ela tentasse se resguardar e até mesmo se rebelar à sua maneira – porque a voz narrativa nos conta que, quando se tornou escritora, começou a fumar às escondidas e que essa atitude era para ela um grito de liberdade –, ela continuava baixando a cabeça para Antenor, como, por exemplo, nas Noites de Choro e Uísque, quando era apenas a Eurídice vagabunda, que não casou virgem, porque não sangrou nas núpcias.

Entretanto, ela seguia reagindo como podia. O ato de escrever um livro, cuja história é justamente a invisibilidade, também é resistir, pois, mesmo o narrador não nos dando nenhum detalhe do enredo, uma das possibilidades de interpretação é que se tratava de uma autobiografia, ou seja, ela se reconheceu uma mulher invisível dentro de sua

⁵⁰ Fruto de um discurso realizado em 1931 para um grupo de mulheres trabalhadoras.

família e da sociedade patriarcal. Para Gayatri Spivak, não oferecer a um subalterno⁵¹ “um espaço de onde possa falar e, principalmente, no qual possa ser ouvido” (SPIVAK, 2014, p. 14) é uma maneira de oprimi-lo e de impor o poder, mantendo-o silenciado. Porém, dessa vez, Eurídice não se manteve calada, visto que, mesmo não utilizando literalmente sua voz, tendo em vista que, para ela, o discurso oral não surtia efeito, uma vez que não havia espaço de fala, nem interlocutores interessados no que ela tinha a dizer, ela constatou que seu processo comunicacional poderia se dar de maneira efetiva via livro, já que este é um meio de comunicação coletivo e de longo alcance. Rita Terezinha Schmidt, fazendo uma alusão ao romance *Moses, man of the mountain*, da escritora afro-americana Zara Neale Hurston, explica que “o que acontece quando um objeto começa a falar, isto é, quando uma escritora se apropria da narrativa para contar a história silenciada da desapropriação da voz feminina, [ela acaba] criando um discurso oposicional, de força estratégica e ideológica” (SCHMIDT, 1998, p. 188). Sendo assim, o projeto de escrita de Eurídice pode ser lido como uma forma de resistência.

Durante essa nova fase da protagonista, a família se mudou da Tijuca para Ipanema, o que lhe causou grande expectativa, pois esse “era o bairro dos escritores, poetas e músicos. Atores, pintores e escultores. Jornalistas, dramaturgos e diretores de cinema” (BATALHA, 2016, p. 169). Nesse período, além de continuar a escrever, começou a cursar História, na PUC. Tal acontecimento é apenas mencionado pelo narrador, não aclarando como se deu essa conquista de Eurídice de ter um projeto pessoal que não estava confinado ao espaço privado. Sabe-se também que, em 1964, aos 35 anos, foi a algumas passeatas contra a Ditadura. Partindo da conjuntura até agora explicitada e de que a “mulher correta” não deveria ultrapassar a área a ela destinada – o espaço privado – para se tornar um sujeito político no espaço público, é incomum pensar em Eurídice lutando contra o autoritarismo e a supressão dos direitos constitucionais, que marcaram o regime militar. Entretanto, caminhando na contramão do que ditava o contexto patriarcal, muitas mulheres, nos anos de chumbo, contestaram, sim, a ordem estabelecida e romperam com “o estereótipo da mulher restrita ao espaço privado e doméstico, enquanto mãe, esposa, irmã e dona de casa, que vive em função do mundo masculino” (RIDENTI,

⁵¹ Entendo aqui como subalterno/minoria o conceito de Regina Dalcastagnè: “como todos aqueles que vivenciam uma identidade coletiva, que recebe valoração negativa da cultura dominante -, que sejam definidos por sexo, etnia, cor, orientação sexual, posição nas relações de produção, condição física ou outro critério” (WILLIAMS, 1998 *apud* DALCASTAGNÈ, 2012, p. 17).

1990, p. 114). Percebe-se, portanto, que Eurídice, de alguma maneira, conseguiu se desvencilhar de determinados valores a ela impostos por Antenor, pela sociedade patriarcal e, até mesmo, pela Eurídice Que Não Queria Ser Eurídice, ocupando espaços majoritariamente públicos e masculinos.

Ela continuou fazendo da escrita uma forma de resistência, manifestando seu repúdio àquele governo, pois

depois do Golpe de 64 Eurídice passou a escrever com mais raiva, o que se pode deduzir pela intensidade do *tectecs* na máquina. Mandou alguns textos para o *Jornal do Brasil*, que nunca foram publicados. Alguns anos depois, quando um novo jornal chamado *Pasquim* foi lançado, ela também tentou contribuir, mas nunca obteve retorno (BATALHA, 2016, p. 185).

Por já nos ter sido apresentado pelo narrador todo o brilhantismo e potencial de Eurídice, à primeira vista, seria incompreensível que seus textos não tenham sido publicados, contudo, o motivo era bastante óbvio: ela podia ser genial, mas continuava sendo uma mulher em uma sociedade sexista, que insistia em invisibilizá-la. Até mesmo com Ipanema ela se decepcionou, percebendo que “não era assim tão diferente da vida na Tijuca” (BATALHA, 2016, p. 185), pois, mesmo sendo o bairro dos artistas, incluindo os escritores, era o bairro dos escritores homens. Por razões de gênero, ela continuaria invisível independentemente do local onde morasse. Todavia, sendo reconhecida ou não, publicando ou não, a escrita a acompanharia para o resto da vida.

O narrador não nos evidencia como se deu, ao final da narrativa, essa guinada, de alguns graus, na vida de Eurídice. Haveria ela feito uso de táticas de guerrilha para conquistar um pouco de autonomia? Não se sabe. Sabe-se apenas que ela alcançou certa liberdade, já que conseguiu retomar os estudos e manifestar-se publicamente contra a Ditadura. Ainda no artigo “Profissões para mulheres” (2012), Virgínia Woolf declara que precisou matar o “Anjo do Lar”⁵² para continuar com sua profissão. O Anjo do Lar faz alusão a como uma boa mulher deve se comportar socialmente: ser muito gentil, elegante e educada, dar opiniões neutras e, de preferência, que estejam em consonância com as do homem, para que este se sinta confortável na sua liberdade, ou seja, o Anjo do Lar propõe a abnegação da mulher em favor do contentamento masculino. Pode-se afirmar que Eurídice não matou o seu Anjo do Lar, haja vista que ela continuou casada com um homem agressor, cumprindo seus papéis de mãe, esposa e dona de casa, permanecendo

⁵² Virgínia Woolf faz referência ao poema *The Angel in the House* (1854), do poeta inglês Coventry Patmore, o qual celebrava o amor conjugal e idealizava o papel doméstico das mulheres.

invisível para a família e para a sociedade, enquanto “Antenor se tornou essa coisa ainda mais antenoriense” (BATALHA, 2016, p. 184), isto é, ele não mudou, continuava sendo um marido abusivo, principalmente nas Noites de Choro e Uísque. Contudo, apesar do desfecho da narrativa não ser completamente favorável para Eurídice, principalmente pelo fato de ela não se libertar da violência doméstica que lhe acometia, seja abandonando Antenor, seja se impondo frente a todo o abuso psicológico que sofria, nota-se um relativo empoderamento dessa mulher ao final da história, visto o seu triunfo em poder transitar no espaço público e o de construir uma identidade própria, a de escritora.

Conforme Joice Berth, o empoderamento é “uma movimentação interna de tomada de consciência ou do despertar de diversas potencialidades que definirão estratégias de enfrentamento das práticas do sistema de dominação machista” (BERTH, 2018, p. 17). Desse modo, é possível reiterar que, por meio da escrita e de sua busca incessante por identidades, a qual é uma luta por reconhecimento e pertencimento, Eurídice se fortaleceu, de alguma maneira, o que lhe trouxe benefícios, como o acesso ao espaço público, que sempre lhe fora negado, a identidade de escritora, a qual tomou para si, e uma vida menos infeliz, porque conseguiu se desvencilhar de algumas das amarras que prendem, ainda hoje, muitas mulheres na nossa sociedade patriarcal.

2. *Bela, a esposa de Eduardo*

Meu marido, de Livia Garcia-Roza, narra a história de uma outra mulher também invisível para a sociedade. Consoante D’Oliveira e Tavares, “a invisibilidade da mulher significa um alijamento das mulheres nas relações sociais, desprovendo-as de qualquer participação ativa em situações decisórias” (D’OLIVEIRA; TAVARES, 2011, p. 114). Nesta obra, a personagem invisibilizada é Belmira, de apelido Bela. Esta é professora de um curso de Inglês, casada com o delegado Eduardo Durand, com quem tem um filho pequeno, Raphael, e cujo único *hobby* são as aulas de natação. Eles formam uma família de classe média alta e vivem em um amplo apartamento no Rio de Janeiro. A narrativa segue uma ordem cronológica, com algumas analepses, memórias que vêm à cabeça de Bela, a própria narradora, engatilhadas por algum aspecto do que está sendo contado. De acordo com Schmidt,

a memória, mais do que um simples arquivo classificatório de informação que reinventa o passado, é um referencial norteador na construção de identidades

no presente. Em sua capacidade de manter e segurar o sentido, a memória atua por meio de seus efeitos, que tanto podem ser de lembrança e de renomeação, quanto de ruptura e de negação do já-dito (SCHMIDT, 1998, pp. 184-185).

Porém, para Bela, narrar o passado, retomando as lembranças e experiências vividas, não lhe traz uma nova interpretação e entendimento de si mesma, tendo em vista que sua existência está pautada prioritariamente em ser a esposa de Eduardo. Assim, apesar de Bela ser a narradora do romance, a história contada, a princípio, não seria a sua, como demonstra o título, mas sim a de seu marido. Contudo, mesmo sendo uma personagem extremamente silenciosa, como veremos ao longo da análise, é por meio da história do marido que descobrimos quem é a esposa de Eduardo, pois, mesmo havendo esse *space-off*, expressão “emprestada da teoria do cinema: o espaço não visível no quadro, mas que pode ser inferido a partir daquilo que a imagem torna visível” (LAURETIS, 1994, p. 237).

Ou seja, esse espaço não enquadrado do discurso (aquilo que não é dito por Bela sobre si mesma), o/a leitor/a toma conhecimento de suas vivências, as quais são permeadas de violência e de opressão, demonstradas logo na primeira página do livro:

- Olha ali, Bela, quanto travesti... tudo infectado... viu? **Não vai dizer nada?**
- O que você quer que eu diga?
- **Que concorda** (grifos meus) (GARCIA-ROZA, 2006, p. 5).

Nesse curto excerto, já é perceptível o silenciamento da narradora, já que ela não responde à pergunta de Eduardo, sendo, então, confrontada por ele, o qual exige uma resposta que esteja em consonância com a sua opinião. Lenore Walker (1999), psicóloga americana, realizou uma pesquisa⁵³, na década de 1980, sobre o comportamento de mulheres vítimas de violência doméstica (tanto física como psicológica) e constatou alguns padrões comportamentais comuns a elas; um deles é a crença na incapacidade de reagir à situação. Desse modo, para enfrentar tal inabilidade, elas desenvolvem estratégias de sobrevivência, como o silêncio. Do ponto de vista psicológico, ao evitar discussões, por exemplo, elas estão se esquivando de agressões e se mantendo vivas nesse ambiente adverso, sobre o qual elas não têm controle, nem que, para isso, precisem deixar de opinar, abrir mão de suas vontades, aderir ao isolamento e/ou ao mutismo. Ainda no trecho transcrito, nota-se o temperamento abusivo de Eduardo, característica preponderante deste e dos agressores de mulheres, de maneira geral, pois qualquer cenário é motivo para

⁵³ Foram observadas aproximadamente 1500 mulheres.

que o ofensor se torne violento, inclusive o silêncio. Miguel Lorente Acosta ratifica tal afirmação ao declarar que

las causas, en la gran mayoría de las ocasiones son totalmente injustificadas; las razones que dan los agresores se mueven entre no tener preparada la comida, haberle llevado la contraria, no haber estado en casa cuando llegó o llamó por teléfono, haberle quitado la autoridad delante de los hijos u otras personas... cualquiera de ellas es suficiente para que le hombre se crea con el derecho de corregir a su mujer por medio de la violencia⁵⁴ (ACOSTA, 2001, p. 64).

Logo, motivos são desnecessários para eles, pois, na ordem social, o egocentrismo é outra característica peculiar desses indivíduos, ou seja, o mundo sempre tem que girar em torno deles; caso contrário, eles se irritam. A mulher é um simples “satélite” que tem que circular ao seu redor, sempre dependente do que ele quer dela em cada circunstância. Tudo tem que estar sob seu controle. Assim, ela tem que se portar exatamente de acordo com a vontade do homem e é dessa forma que se comporta Eduardo:

Vou dormir, me acorde na hora do almoço. Antes, verifique minha fisionomia, veja se realmente está descansada, só então me chame. Estou liquidado, Bela. E o Engov, comprou? Balançando a cabeça, por favor. Esqueceu de novo. Quer que minha cabeça exploda, não é mesmo? (GARCIA-ROZA, 2006, p. 76).

Nesse contexto, apesar de Bela ter, em tese, mais autonomia do que Eurídice Gusmão, visto que tem um emprego, por exemplo, o qual lhe permite transitar pelo espaço público, frequentar um ciclo social e possuir uma independência financeira, ela anula essas identidades, além de dar pouca ou nenhuma relevância para essa liberdade, a fim de viver em função de um relacionamento submisso e abusivo com Eduardo. Conforme o sociólogo Claude Dubar (1997), a identidade se constitui a partir da ocorrência de dois processos: o relacional e o biográfico. O primeiro diz respeito à identidade para o outro, já a segunda corresponde à identidade para si. À vista disso, mediante a associação desses dois processos, as identidades são produzidas. Logo, a essência da identidade é construída em referência aos vínculos que conectam as pessoas umas às outras. Todavia, o espaço da narrativa é predominantemente o doméstico⁵⁵, não lhe permitindo, portanto, essas

⁵⁴ “as causas, na grande maioria das vezes, são totalmente injustificadas; Os motivos alegados pelos agressores vão desde não ter a comida pronta, tê-lo contrariado, não estar em casa quando chegou ou telefonar, ter tirado sua autoridade diante das crianças ou de outras pessoas... basta para que o homem acredite que tem o direito de corrigir sua esposa por meio da violência”.

⁵⁵ A professora e pesquisadora Virgínia Maria Vasconcelos Leal, ao analisar os romances dessa autora publicados até 2006, afirma que “os seus romances, em sua maioria, se passam no Rio de Janeiro e têm como cenário principal os “lares”. Ou seja, as relações das personagens dão-se mais na esfera privada, espaço da domesticidade” (LEAL, 2008, p. 163). A obra *Meu marido* não é exceção, pois, apesar de sabermos que Bela possui um vínculo empregatício, em nenhum momento da obra ela narra sobre seu espaço de trabalho. Há apenas três situações em que ela narra sobre si mesma fora do âmbito privado: nas

trocas sociais e, por conseguinte, a construção e desconstrução de identidades. Além disso, consoante o sociólogo e antropólogo Denys Cuche (1999), a autoidentidade, que é a forma como o indivíduo se vê, está em permanente negociação com a heteroidentidade, a maneira pela qual a sociedade o vê.

Nessa perspectiva, é possível afirmar que a sociedade criada na narrativa, e, principalmente, a própria Bela, a identifica apenas com uma identidade, a esposa de Eduardo. Tal afirmação se confirma na invisibilidade da personagem dentro da narrativa, principalmente por meio da sua passividade, abnegação e silêncio, assim como pelo fato de Bela se referir a Eduardo como “meu marido” quinze vezes ao longo do romance, ratificando que sua existência se baseava em ser a esposa de Eduardo. Ademais, em várias ocasiões, as pessoas, quando falavam para Bela sobre Eduardo, se referiam a ele como “seu marido”, legitimando, assim, essa identidade.

Destarte, ao contrário das múltiplas identidades que Eurídice tanto almejava, Bela decide assumir praticamente apenas uma: a de esposa servil, porque, mesmo sendo uma mãe carinhosa e cuidadosa com o filho, Raphael não é sua prioridade. Ela tem uma babá, que, além de assumir as responsabilidades de cuidar da criança, também faz os serviços domésticos. Desse modo, ela não desempenha nem os papéis arbitrários considerados adequados à mulher, de mãe, esposa e dona de casa (RIDENTI, 1990), com exceção da de ser esposa, visto que sua identidade de mãe assume um segundo plano e a de dona de casa, ela não necessita exercer. Por essa razão, a análise desta obra não poderá ser subdividida como foi a de Martha Batalha, por identidades (almejadas, impostas e/ou conquistadas), pois o único papel que realmente lhe importa é de ser a cônjuge de Eduardo.

Dessa forma, o enredo da obra, do início ao fim, é o percurso dessa única identidade, constituída aos moldes tradicionais patriarcais: “**Acho que tem momentos esquisitos, mas eu já me acostumei.** Além do mais, ele é pai de Raphael. E meu marido” (grifos meus) (GARCIA-ROZA, pp. 8-9). O período em negrito confirma que sua identidade foi forjada a partir da opressão. Como já explicitado, Eduardo é um homem altamente controlador e, ainda que Bela não relate, de maneira explícita, que sofre violência física, a violência psicológica, muitas vezes silenciosa, lhe causa marcas emocionais e psicológicas profundas. Essas ações violentas, com o tempo, levam a mulher a incorporá-las como normal, assim como sucedeu com Eurídice:

classes de natação, em duas viagens rápidas para o interior e em duas idas ao cinema, com uma colega de trabalho.

Ha sido, pues, esa normalización de la violencia contra la mujer en relación de la pareja la que ha permitido considerarla como algo habitual y propio de ese tipo de relaciones, no su ocultación ni negación. Cuando una mujer manifiesta “mi marido me pega lo normal, pero hoy se ha pasado”, significa que estamos fracasando como sociedad, y lo seguiremos haciendo hasta que nos arranquemos de lo más profundo de su estructura la desigualdad y los instrumentos sobre los que se mantiene, entre ellos la violencia estructural de los hombres contra las mujeres⁵⁶ (ACOSTA, 2009. p. 63).

Portanto, quando Bela diz já estar acostumada com aquela dinâmica familiar, a qual ela caracteriza como esquisita, ao invés de violenta, tal naturalização da violência já ocorreu, passando, então, a ser considerada invisível ou até mesmo inexistente. Desse modo, esse processo de dominação e controle, que se sucede em episódios de violência, encontra fundamento na nossa sociedade patriarcal, visto que esta é caracterizada pela imposição institucional da autoridade do homem sobre a mulher.

2.1. Bela: o casamento

Durante a narrativa, enquanto Eduardo se apresenta como um homem completamente desequilibrado, sobre Bela poucos aspectos são revelados, haja vista que ela, de forma geral, não se caracteriza física ou emocionalmente, dando-nos a conhecer pouquíssimos de seus anseios, sonhos, suas tristezas ou angústias. Todavia, ela não aparenta ser uma mulher tímida ou retraída, apesar de ser, ratificando, uma mulher silenciosa/silenciada. E, por conta dessa mudez sobre si e, como já mencionado, pelo fato de a narrativa não se dar em torno dela, mas sim dos acontecimentos conflituosos da vida do marido, temos alguns respingos de informações sobre a vida da real protagonista, inclusive do seu matrimônio. Dessa maneira, como o foco da história é o marido, deste temos muitas informações, porém, o que mais chama atenção, além de ser um agressor psicológico extremamente autoritário e opressor, é o fato de ser alcoólatra, neurótico e hipocondríaco, pois “acontece com frequência ele achar que vai morrer, principalmente à noite” (GARCIA-ROZA, 2006, p. 7), mas Bela sempre cuida dele com muita paciência e abnegação, mesmo nas situações mais esdrúxulas:

Era madrugada quando acordei com os gritos de Eduardo:
-Acorda, Bela, vai! Me leva pro hospital! Estou com uma dor no cu infernal.

⁵⁶“Foi, portanto, essa normalização da violência contra a mulher na relação do casal que permitiu considerá-la como algo habitual e típico desse tipo de relacionamento, não sua ocultação ou negação. Quando uma mulher diz “meu marido me bate normalmente, e hoje aconteceu”, significa que estamos falhando como sociedade, e continuaremos a fazê-lo até que retiremos do mais profundo de sua estrutura a desigualdade e os instrumentos em que ela se sustenta, incluindo, entre elas, a violência estrutural de homens contra mulheres”.

Acho que nunca corremos tanto; Eduardo alternava urros e xingamentos, chutes e empurrões, até conseguirmos chegar ao hospital. Assim que saltamos do carro fomos direto para a emergência. Ele entrou e eu fui preencher papéis. Quando terminou, fui me encontrar com ele. Encontrei-o deitado, rindo, conversando com o médico (GARCIA-ROZA, 2006, p. 117).

Um outro aspecto que é relevante quanto a Eduardo é a sua profissão, pois inferimos que um delegado seja sóbrio, em diversos aspectos, e a ele caberia estabelecer a ordem⁵⁷. Contudo, observa-se que, em alguns aspectos da sua vida⁵⁸, como em seu ciclo social e em sua vida pessoal, há apenas a desordem. Tanto que, no primeiro relato de Bela sobre Eduardo, ele já está bêbado, voltando dirigindo para casa, pois, quando alcoolizado, não lhe deixa conduzir em seu lugar, além de lhe proferir ofensas. Já em casa, as ofensas continuam e ele a oprime, amedrontando-a:

- Repare na expressão de um homem ficando nervoso: a palidez se instalando no rosto, deixando à mostra os dentes da frente – disse, envesgando. Desviei meu olhar do dele. Quando Eduardo bebe, ele não gosta de mim. Nas três primeiras doses, gosta muito, depois desgosta de novo. (GARCIA-ROZA, 2006, p. 10).

Percebe-se, então, que ele objetiva manter a ordem apenas no que diz respeito a Bela. E essa “ordem” lhe é imposta por um meio desordeiro, já que ocorre a partir desses recorrentes momentos de ofensas, gritos, opressão e humilhação. Todavia, talvez pela normatização da violência já interiorizada por Bela, ela não aparenta dar-se conta de que é uma vítima de violência psicológica⁵⁹; ao contrário, ela demonstra ter um grande apreço pela família que formou: “Somos três, Eduardo, Raphael e eu, quando um de nós não está, sinto que os outros se desequilibram” (GARCIA-ROZA, 2006, p. 18). Vale observar, no trecho transcrito, reiterando a afirmação de Saffioti (1980)⁶⁰, que quando Bela enumera a família, ela coloca Eduardo em primeiro lugar e ela em último, representando exatamente a ordem de prioridades em sua vida, coincidindo com a posição da mulher na hierarquia da família tradicional patriarcal.

⁵⁷ Por mais que Bela não demonstre, em nenhum momento da narrativa, uma vontade de delatar o marido pela violência que sofre, a profissão de Eduardo, um delegado de polícia, poderia representar um impedimento para essa hipotética denúncia, não apenas pelo fato de ele representar a ordem, tendo, portanto, um poder simbólico, em que suas palavras seriam mais confiáveis que as dela, mas também por ele possuir uma arma, embora isso não seja mencionado na obra. Porém, já que é um delegado de polícia, Eduardo carrega algum tipo de armamento e isso é um motivo para que uma esposa violentada se sinta intimidada e com medo de revelar a terceiros, principalmente para a própria polícia, a violência que sofre dentro de sua casa.

⁵⁸ No âmbito do trabalho, não se sabe, pois nada de efetivo é relatado por Bela quanto a esse aspecto.

⁵⁹ Como também ocorre com Eurídice Gusmão.

⁶⁰ Ver p. 41 deste trabalho.

Sobre sua vida pessoal, sabe-se que ela nasceu e foi criada em uma cidade do interior do Brasil, onde sua família ainda vive, a qual é composta pelos pais, que são pobres e sem instrução, no que tange à educação formal, e por uma irmã adolescente. Quando Bela era mais jovem, surgiu a oportunidade de fazer um intercâmbio de oito meses no Alabama, Estados Unidos. Lá, ela aprendeu a língua inglesa e pôde se tornar professora⁶¹, profissão para a qual parece não ter vocação, mas que foi a que surgiu, tanto que ela afirma: “a cada dia gostava mais de nadar e menos de dar aulas de inglês, achava que ia acabar sendo professora de natação” (GARCIA-ROZA, 2006, p. 100). Este é um daqueles raros momentos da narrativa em que Bela expõe seus gostos e desgostos.

Ela conheceu Eduardo na praia, no Rio de Janeiro, enquanto passava as férias na casa de uma prima:

- Como você se chama?
- **Belmira**. E você?
- Eduardo.
- Onde você mora, **Bela**?
- Moro no interior (...).
- **E lá tem telefone?** (grifos meus) (GARCIA-ROZA, 2006, p. 133).

Essas informações nos são dadas por ela a conta-gotas, em pequenas retrospectivas, as memórias, já mencionadas, ao longo da narrativa. No curto diálogo transcrito, há um aspecto que será constante na obra: o preconceito de Eduardo quanto ao fato de Bela e seus familiares serem interioranos. Outrossim, percebe-se que foi ele quem a apelidou de Bela⁶², logo no primeiro encontro, provavelmente porque não tenha gostado de seu prenome, descontruindo, assim, uma de suas primeiras identidades: seu nome de batismo. Quando ele está com raiva dela, costuma chamá-la de Belmira, com o intuito de ofendê-la, para mostrar-lhe quem ela realmente é e de onde ela vem. Além disso, a pergunta que ele lhe faz (em negrito no trecho apresentado) tem uma carga semântica de que as cidades pequenas são atrasadas e, conseqüentemente, inferiores a um grande centro urbano, onde, provavelmente, ele nasceu e foi criado. E, dessa maneira, ele a estigmatiza como “menor” em virtude de suas origens. De acordo com Goffman,

a noção de estigma é compreendida como um atributo que implica desvalorização, inferioridade e situa a pessoa em uma posição de desvantagem. A vergonha se torna uma possibilidade central, que surge quando o indivíduo

⁶¹ A narradora não afirma ser licenciada em um curso de Letras Inglês. Infere-se que sua “formação” em língua inglesa tenha se dado apenas por esse intercâmbio.

⁶² Em diálogos com os pais, esses a tratam por Belmira, raramente a chamam de Bela, reforçando a ideia de que foi Eduardo quem decidiu alterar sua alcunha.

percebe que um dos seus próprios atributos é impuro e pode imaginar-se como um portador dele (GOFFMAN, 1988, p.17).

Nesse sentido, o sujeito estigmatizado destoa, por conta de suas características distintas, dos atributos que a sociedade avalia como positivas. Logo, estigmatizar alguém é depreciá-lo, é inferiorizá-lo, devido, por exemplo, ao grupo social a que pertence. Assim, Eduardo estigmatizou Bela em razão de sua origem, a qual ele considera inferior à dele e, por isso, ele a diminuía (e a seus familiares) sistematicamente, enfraquecendo sua identidade social. Goffman (1998) esclarece que os indivíduos estigmatizados enfrentam diversos problemas psicológicos devido ao esfacelamento de sua autoimagem feita por terceiros. Dessa forma, estigmatizar alguém pode ser considerado um ato de violência psicológica.

Contudo, Bela parece não encarar a estigmatização como ofensa e, por conseguinte, como violência. Ela conta que eles se viram todos os dias depois deste primeiro encontro e que, quando chegou o dia de ela voltar para casa, ele disse que a acompanharia. Já no interior, ele pediu aos pais de Bela a sua mão em casamento. “Eduardo contou que passara em um concurso de delegado e com isso ganharia um bom salário, que daria para nos sustentar, eles deram o consentimento” (GARCIA-ROZA, 2006, p. 134), pois viram em Eduardo um bom partido para Bela, ou seja, um homem “sério – com intenções de casar e não apenas de aproveitar-se da moça, responsável e capaz de sustentar uma família” (PINSKY, 1997, p. 616). Desse modo, casaram-se e, em seguida, voltaram para a cidade carioca.

Esse período do namoro ao casamento foi extremamente rápido e tem um feitiço impulsivo, que é uma das características de Eduardo. Bela afirma que voltaram ao Rio “casados e apaixonados” (GARCIA-ROZA, 2006, p. 134). Mas e o amor? Casaram-se por amor? Consoante Esteban e Távora (2008), o amor romântico está baseado em quatro elementos básicos: a idealização, a erotização do outro, desejo de intimidade e expectativa. A partir do que é narrado por Bela, nenhum desses princípios é mencionado, não sendo possível, portanto, garantir que ela se casou por amor, já que ela não desenvolve essa temática ao longo da narrativa. Entretanto, ao mencionar que estavam apaixonados, infere-se que ela (somente ela) estava, ao menos, enamorada por ele. Contudo, em relação a Eduardo, pode-se afirmar, categoricamente, que o matrimônio não

foi por amor. Ele viu em Bela uma mulher que fazia parte do grupo das “casáveis”⁶³, assim como Antenor rotulou Eurídice, e ele diz isso a ela:

Pois é, Bela, te escolhi depois de muita procura, vasculhei esta cidade, porque, pra se divertir, nada melhor do que este balneário cheio de pilantras... (...) Depois de uma busca intensa, finalmente encontrei uma mulher rara, íntegra, idônea, decente, proba, qualidades que eu sempre admirei em você, até acontecer esse brutal incidente em que levei uma bruta chifrada⁶⁴... É foda! (GARCIA-ROZA, 2006, p. 165).

Depois de casados, eles começaram a tentar ter um filho, porque este era o grande sonho de Eduardo. A narradora, por sua vez, não demonstra interesse na maternidade, indo ao contrário “dos discursos recorrentes sobre as mulheres, que lhes atribuem o papel de mãe, já normatizado e fixado em torno da noção do instinto materno, que serve para a naturalização dos papéis de gênero” (DALCASTAGNÈ, 2010, pp. 61-62). Porém, ainda que Bela não anseie ser mãe, esse estigma de que “a maternidade seria seu destino [das mulheres] e sua única forma de transcendência” (NAVARRO-SWAIN, 2007, p. 207) não é desconstruído, visto que a personagem aceita com conformidade a vontade do marido e não se queixa das várias relações sexuais que teve com o único propósito de tentar engravidar, e não para satisfazer sua libido. Ela diz:

Custei a engravidar. Ficamos dois anos casados sem filhos. Passei por muitas situações esquisitas sexualmente falando. A cada vez que fazíamos amor, Eduardo achava que estava fazendo o filho dele, então me punha em posições complicadas e falava o tempo todo, numa sofreguidão desesperada (...) No dia seguinte perguntava se eu estava grávida. (...) Passado o tempo do desespero noturno, ele concluiu que o problema era meu. Que eu não engravidava porque não sabia relaxar, e não adiantava eu dizer o contrário. (...) Então punha um travesseiro no meu rosto, porque só assim eu me transportaria e alcançaria o relaxamento necessário, segundo ele⁶⁵. (...) Mas essa invenção também não surtiu efeito, além das dificuldades para respirar em algumas noites. Um dia, cansada de tantas **inovações**, comentei que existiam casais sem filhos, talvez nós fôssemos um deles. Na minha família, uma tia-avó não tivera filhos com o marido, e nem por isso foram infelizes. Eduardo ficou tão desesperado, gritou tanto, dizendo que não queria saber daquele casal de merda que não sabia trepar (grifo meu) (GARCIA-ROZA, 2006, pp. 102-103).

O que Bela chama de “inovações” são na verdade extremos atos de violência. Conforme Chauí, “a grande violência é o processo de redução de um sujeito à condição de coisa” (CHAUÍ, 1980, p. 16). E Eduardo a havia reduzido justamente a uma coisa: a uma receptora de sêmen, a um útero fertilizável. É notável a passividade de Bela e o poder coercitivo de Eduardo em todas essas “tentativas” de fazê-la engravidar, como também em seu repúdio ao comentário da esposa sobre a possibilidade de serem um casal sem

⁶³ Ver Pinsky, 1997, p. 610.

⁶⁴ Essa questão da possível traição será abordada mais adiante no capítulo.

⁶⁵ Esse ato de sufocá-la com o travesseiro, em meio ao ato sexual, pode ser lido como um abuso-físico.

filhos, pois, ao final, foi sua vontade que prevaleceu. Ademais, se não tivesse seu próprio filho, e, de preferência, um filho homem, ele não estaria representando adequadamente seu papel de macho. Conforme Bourdieu,

a virilidade, em seu aspecto ético mesmo, isto é, enquanto quiddidade⁶⁶ do *vir*, *virtus*, questão de honra, princípio da conservação e do aumento da honra, mantém-se indissociável, pelo menos tacitamente, da virilidade física, através, sobretudo, das provas de potência sexual – defloração da noiva, progeneritura masculina abundante⁶⁷ etc. – que são esperadas de um homem que seja realmente um homem (BOURDIEU, 2016, p. 25).

Quando Bela finalmente conseguiu engravidar, ficou feliz. Segundo ela: “o período da gravidez foi o melhor da minha vida; além de eu me sentir bem, as pessoas me tratavam com carinho, e Eduardo estava irreconhecível. Outro marido. Até seu tom de voz tinha mudado, falava manso, baixo, suave” (GARCIA-ROZA, 2006, p. 112). Obviamente, o bom-humor do marido se dava em virtude de que agora sua virilidade (BOURDIEU, 2016) estava comprovada. Em relação a Bela, percebe-se que seu contentamento não é pela chegada do bebê em si, nem por uma realização pessoal, mas sim pela atenção que recebia de terceiros, afinal, agora que era mãe poderia ser considerada uma mulher completa, pois “as mulheres são assentadas e definidas por esta diferença em seus corpos, em uma imanência que se concentra em seus órgãos reprodutores (...), procriar, reproduzir a espécie passou a significar socialmente o feminino” (NAVARRO-SWAIN, 2007, p. 204), cumprindo, portanto, seu “destino biológico”. Além do mais, ela se alegrava pelo comportamento do marido haver mudado, tornando-se mais dócil. Esse sentimento é muito importante para desconstruir um dos mitos culturais no que tange à violência contra a mulher: o masoquismo da vítima (ACOSTA, 1999), ou seja, o mito de que as mulheres gostam (ou não se importam) de serem agredidas, tanto física como psicologicamente, haja vista que Bela preza pelo momento em que tem ao seu lado um marido cortês, como demonstrado no excerto transcrito no início deste parágrafo.

A violência sexual perpetrada por Eduardo não ocorreu apenas durante a gestação da esposa. E a narradora, da mesma maneira que se submetia às extravagâncias sexuais do marido para tentar engravidar, também era completamente submissa no que concerne à vida sexual “regular” do matrimônio. Ela estava sempre acatando as vontades e os

⁶⁶ “Quiddidade” significa a essência ou a natureza de algo.

⁶⁷ Eduardo conseguiu cumprir as duas “provas” de virilidade citadas por Bourdieu (2016), já que foi o primeiro a ter relações sexuais com Bela, porque ela se casou virgem, e, apesar de ter apenas um filho, este é do sexo masculino.

desejos de Eduardo e inerte aos seus próprios anseios. Além disso, Eduardo chamava seu pênis de “Comendador”. De acordo com o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2007, p. 499), tal verbete tem como algumas de suas acepções: “aquele que tem comenda (benefício); titular de ordem militar ou honorífica, cuja dignidade é superior à do cavaleiro; indivíduo que tem uma insígnia ou uma condecoração honorífica”. Logo, é perceptível o alto valor que ele dá a seu falo. Sabe-se que este foi constituído, segundo a visão androcêntrica, como instrumento simbólico de virilidade, mantendo uma relação estreita com a questão da honra masculina. A exibição do poder de Eduardo (e da virilidade que acreditava possuir) pode ser lida abaixo:

Bem, agora, como disse o elefante para a formiguinha: vai abaixando as calcinhas. (...) O DJ vai escolher a trilha sonora e pede que a formiguinha faça um desfile para elefante nenhum botar defeito. Não é só para tirar a calcinha... nuinha, *please*. Deixe apenas os sapatos de salto. **Elegantes, hein?** Vai, Bela, encenando! (...) **Tudo isso é uma maravilha, não é, Bela?** Agora finja que sua carteira caiu... carteira não, senão você pega depressa, finja que seu brinco despencou da orelha. (...) **De costas para mim, não é, Bela?** Isso. Agora abaixando, devagar, lentamente, procurando, (...) mãos na cintura, abra um pouco as pernas, assim, (...) cabeça quase no chão (...), mas que visão do caralho! (grifos meus) (GARCIA-ROZA, 2006, p. 55)⁶⁸.

Este relato da narradora evidencia como o marido hierarquizava os sexos, pois, metaforicamente, ele se autodenominava o elefante, animal vultoso e imponente, enquanto ela é um inseto, a formiga, ou melhor, a formiguinha, no diminutivo, ressaltando sua pequenez e insignificância frente a ele. Neste excerto também fica claro como Bela se submetia a todas as ordens de Eduardo, por mais bizarras e inusitadas que fossem, cumprindo, assim, seu papel de esposa. Nos trechos em negrito, Eduardo interage com a mulher, mas ela nada lhe responde, se atém ao silêncio e se restringe a cumprir o que lhe é exigido, de modo a agradar Eduardo. Conforme Simone de Beauvoir, “a mulher sempre foi, se não a escrava do homem, ao menos sua vassala” (BEAUVOIR, 2016, p. 17). Nesse contexto, Bela se comporta justamente como uma vassala de Eduardo, seguindo rigorosamente as instruções do marido. Outrossim, todas essas exigências que lhe são impostas podem ser lidas como estratégias de dominação e poder de um cônjuge agressor a fim de garantir a subjugação da esposa, tendo em vista que, para Michelle Perrot (2005), o corpo feminino está no centro de toda relação de poder, “pois o corpo das mulheres não

⁶⁸ Em outro trecho muito similar, em que há uma completa subjugação e o total silêncio da mulher, ele diz a ela: “vamos brincar de uma coisa (...): ‘Fazei tudo o que seu mestre mandar’. Já ouviu falar? Genial! O mestre, o papai aqui, vai mandar uma tarefa que você terá que realizar. (...) Agora **seu mestre** manda que você se **ajoele**, e deixe pingar o líquido no Comendador, aos poucos (...). **Seu mestre** sabe que você não gosta de uísque, mas são só umas gotinhas (...). Agora seu mestre **manda** que você (...) venha para o colo dele... Isso, de costas... abertura total, geral e irrestrita!” (grifos meus) (GARCIA-ROZA, 2006, pp. 11-12).

lhes pertence. Na família, ele pertence ao seu marido que deve possuí-lo como sua potência viril” (PERROT, 2005, p 447) e, assim, Eduardo a possui, a oprime e, por conseguinte, a silencia.

É importante ressaltar que foi desde o início do casamento que Eduardo se mostrou insensível em relação à sexualidade da esposa, haja vista que, quando esta lhe contou, “feliz, apesar do medo do que ia acontecer” (GARCIA-ROZA, 2006, p. 13), que era virgem, na lua de mel, ele literalmente se lançou em cima dela, “dizendo que não tinha sobrado virgem para ninguém mais” (GARCIA-ROZA, 2006, p. 13), ou seja, ele não se preocupou se ela estava emocionalmente preparada, se estava se sentindo confiante e segura naquele momento. O relato se assemelha a um estupro, ainda que este tenha sido visto, até recentemente, “como impossibilidade lógica, uma vez que o direito ao corpo da mulher era entendido como algo que é transferido para o marido no momento do casamento” (MIGUEL; BIROLI, 2014, p. 42). Heleieth Saffioti corrobora tal afirmação ao declarar que

o direito do companheiro ao uso sexual da mulher inscreve-se no capítulo do *dever conjugal*, outrora constante do Código Civil brasileiro e ainda muito presente na ideologia que legitima o poder do macho. Por dever conjugal entende-se a obrigação de a mulher prestar serviços sexuais ao companheiro quando por ele for solicitada. Percebe-se, com muita facilidade, a posição de objeto de desejo masculino ocupada pela mulher (grifos da autora) (SAFFIOTI, 1987, pp. 18-19).

Contudo, com a homologação da *Lei 11.340/06, Lei Maria da Penha*, o ato sexual⁶⁹ realizado pelo marido de forma violenta e sem o consentimento da esposa é um ato doloso, considerado um estupro marital, em que o autor deve receber a punição referente às suas atitudes. Logo, não existe um débito conjugal, em que a mulher é obrigada a se sujeitar aos desígnios sexuais do parceiro, contra a sua vontade, acreditando que o homem está exercendo seu “direito” em relação ao seu corpo devido à instituição casamento.

Além da submissão de Bela quanto às relações íntimas do casal, o assujeitamento desta ao controle de Eduardo também fica evidente em ações rotineiras. Ela já se encontrava tão “adestrada” que, sempre que saía de casa, ou para trabalhar, ou para nadar, porque não se ausentava por outro motivo, ela comunicava ao marido. Já Eduardo

⁶⁹ Na *Lei 11.340/06*, artigo 7º, inciso III, lê-se que “a violência sexual é entendida como qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos” (BRASIL, 2006, s/p).

começou uma dinâmica de não atender às ligações da esposa, de sair sem dar satisfação e de chegar em casa na hora que bem entendesse, às vezes quando o dia já estava amanhecendo, bêbado, gritando, xingando, e sem a menor intenção de justificar-se. Porém, Bela nunca lhe pede explicações ou o confronto sobre suas saídas, ainda que já tivesse tentado conversar com ele sobre o excesso da bebida, mas ele sempre se esquivava. Contudo, em uma dessas madrugadas, ele chegou em casa, alcoolizado, como de costume, “dizendo que tinha sido a porra de um dia, ou um dia de porra, como [ela] preferisse, embora a segunda opção fosse a mais correta” (GARCIA-ROZA, 2006, p. 15), contando-lhe, com esse trocadilho e com muita naturalidade, que havia tido relações sexuais com um de seus amigos, o Ramón, e que no outro dia lhe explicaria. Consoante Leal, nas narrativas de Garcia-Roza,

o conflito está a todo tempo presente, não necessariamente nos diálogos (muito sem sentido), mas na própria falta de comunicação entre essas pessoas vivendo sobre o mesmo teto. Há afeto, junto com uma outra série de sentimentos misturados, mas a expressão é falha (LEAL, 2008, p. 167).

Logo, por mais inverossímil que pareça, já que a esposa descobriu não apenas uma traição extraconjugal, mas também homossexual⁷⁰, não houve briga, nem explicações, pois, ratificando a afirmação de Leal, não há comunicação entre o casal. Todavia, Bela tomou sua primeira atitude de resistência na narrativa: deixou um bilhete para Eduardo, informando-lhe que iria visitar os pais, e viajou com Raphael e Dulce, a babá, para sua terra natal.

2.2. Bela: casamento em ruína

Essa viagem foi o início do esfacelamento desse matrimônio, não porque Bela assim o quisesse, mas sim em razão do comportamento de Eduardo, o qual se tornava cada vez mais esdrúxulo. Já havia dois anos que ela não via sua família, pois Eduardo os afastava, não escondendo seu descontentamento em relação à família da esposa e se negando, ao máximo, a ter qualquer contato com eles. Desse modo, como Bela sempre

⁷⁰ Mirla Cisne (2014) afirma que o regime da heterossexualidade compulsória é, também, uma das dimensões fundamentais para a consolidação do patriarcado. Nessa perspectiva, o patriarcado cria modelos, no que tange à sexualidade, de masculinidade e feminilidade, visando fortalecer o padrão de família heterossexual. Logo, chama atenção que Eduardo e Bela, um casal que cumpre esses papéis que deles se esperam dentro da sociedade patriarcal, ajam, respectivamente, com naturalidade e extrema passividade quanto à revelação da bissexualidade do primeiro. Vale frisar que, ao longo da narrativa, Bela não menciona a bissexualidade do marido em nenhum momento, ou seja, ela silencia mesmo frente a uma prática, a relação extraconjugal homossexual em um contexto de casamento hétero, que não é legitimada e/ou naturalizada pela nossa sociedade patriarcal, como é o caso da poligamia heterossexual para os homens.

lhe obedecia, ela, conseqüentemente, se distanciou também. Como antes mencionado, o menosprezo que ele tem para com os sogros e a cunhada se dá em razão da falta de recursos financeiros da família e de esta ser oriunda de alguma parte do interior do Brasil, sendo importante frisar que ele fazia uso de tais aspectos familiares não somente para humilhar a esposa constantemente, por meio do estigma, como também para declamar insultos sobre sua família de maneira cruel. Segundo a narradora, “sempre que pode, Eduardo fala mal da minha família, principalmente da minha mãe” (GARCIA-ROZA, 2006, p. 9), pois ele costuma chamá-la de “caipirinha sem álcool”. Em um grau máximo de desprezo pela sogra, que se chama Josefina, ele diz à mulher que não consegue memorizar seu nome, sendo necessário que Bela cochiche o nome da mãe em seu ouvido quando estes se encontram. O pai e a irmã também são alvos de chacota, bem como sua cidade, que ele a caracteriza como um sertão piorado, onde “não tinha edifício nem escada rolante, e só havia duas putas” (GARCIA-ROZA, 2006, p. 11). Nesse contexto, sempre que podia, associava, em seu discurso, o que era feio ou inferior à família ou à terra natal de Bela, a qual ele se referia também como “torrão natal”. O afastamento de Bela quanto a seus familiares também se deve ao isolamento que os maridos agressores impõem às suas vítimas, visto que “o isolamento é uma forma de violência em que o parceiro íntimo busca enfraquecer a rede de apoio da mulher, afastando-a do convívio social, proibindo-a de relacionar-se com familiares e amigos” (NETTO *et al.*, 2017, p. 01). O objetivo primário do isolamento social é o controle absoluto da mulher, já que, ao restringir seu contato com a família e/ou amigos, ela dependerá ainda mais de seu parceiro, tornando-se submissa a ele. Logo, as mulheres em situação de violência perdem seus laços familiares e sociais. Em muitos casos, devido ao isolamento, elas acabam ocultando dos parentes as dificuldades pelas quais estão atravessando. Bela, por exemplo, escondeu o quanto pôde seus problemas matrimoniais, como veremos a seguir.

Ao chegar ao interior, a família a recebeu com muito carinho, mas ela teve pouquíssimo tempo para ficar com eles, porque Eduardo, assim que soube da viagem da mulher, começou a lhe fazer ligações, gritando e exigindo que ela voltasse para casa naquele mesmo dia, ou seja, colocou em ação todo seu controle sobre ela. Ela obedeceu e voltou no dia seguinte⁷¹. É importante ressaltar que seus pais não sabiam como ela era tratada, ao contrário, a mãe elogia Eduardo várias vezes ao longo da narrativa, dizendo que ela “tinha dado sorte, feito bom casamento, sujeito trabalhador, cumpridor de seus

⁷¹ Bela só não regressou no mesmo dia devido à dificuldade de mobilidade nos transportes.

deveres” (GARCIA-ROZA, p. 20). Também não estranham os “pedidos” de Eduardo para que a filha volte imediatamente, nem que tenha feito uma viagem tão longa, com um bebê de colo, para ficar apenas de um dia para o outro, porque interpretam a atitude de Eduardo como saudade de um marido que “continua apaixonado” (GARCIA-ROZA, 2006 p. 21), de acordo com sua mãe.

No seu retorno, nenhum dos dois aborda a questão que fez Bela viajar, a traição de Eduardo com Ramón. Esse assunto só será abordado por ele quando Bela lhe pergunta quem era Lucho, um outro amigo seu, com quem adormeceu bêbado, deitado no tapete da sala, no mesmo dia em que ela voltara de viagem. Primeiramente, ele diz que Lucho fora um amigo da época de escoteiro, depois confessa que não, que foi um homem que conheceu no bar em um dia qualquer. Ao perceber sua expressão de desconfiança, ele pergunta:

- Por que esse olhar variável, Bela? Sei que está chateada por causa do meu encontro com Lucho, e mais chateada ainda com meu encontro com Ramón. (...). Como você sabe, Bela, apesar de me dirigir a todos com simplicidade e afeto (...) devo confessar que minha conduta permanece irretocável. Continuo rigorosamente fiel ao nosso compromisso. Um homem honra com seus compromissos. Não houve nenhuma mudança para uma linha mais aberta. Por que essa expressão de cachorro em dúvida? (GARCIA-ROZA, 2006, p. 30).

Apesar das perguntas, ela nada responde. Ela não expõe o que está sentindo em relação à traição, ela não o desmente, dizendo que ele não trata a todos com simplicidade e afeto, principalmente os mais próximos, como ela e sua família, nem explica o porquê de suas dúvidas em relação à postura de Eduardo frente ao casamento. O silêncio se mantém. Contudo, é possível desvendar a razão de suas dúvidas, pois ela acreditava que estava sendo regularmente traída. Bela não tem nenhuma amiga⁷² com quem possa dialogar e externar suas suspeitas. Todavia, quando ela está na classe de natação, mesmo que não interaja com ninguém, ela narra o que outras mulheres, que também se encontram no clube, conversam. Em uma das ocasiões, elas estão discutindo justamente sobre a traição masculina. Ao escutar o que diziam, ela se sentiu tão incomodada que não conseguiu mais nadar, saiu da piscina e foi embora. Desse modo, ainda que não exponha em palavras suas desconfianças, podemos concluir que o tema a perturbava, porque era o que ela imaginava que Eduardo estivesse fazendo, embora nunca o interpelasse.

⁷² Houve apenas duas ocasiões em que ela se relacionou com alguém fora do habitual: nesses dois momentos, ela foi ao cinema com uma colega de trabalho. Porém, a protagonista não interage com a colega, ela praticamente apenas escutou o que a outra professora tinha a dizer. Portanto, tal relação não pode ser caracterizada como uma amizade.

Mais uma vez, Eduardo saiu sem dar explicações. Ela acabou cochilando e acordou com o som do interfone do prédio, era Josimar, o porteiro, informando que Eduardo estava lá embaixo e que necessitava falar com ela. Ela desceu e o encontrou dentro de seu carro, com outro homem ao volante, porque Eduardo estava tão bêbado que não teve condições de voltar para casa dirigindo. Ela tentou tirá-lo do carro e levá-lo para o apartamento, mas ele se negou, esbravejando que dormiria ali mesmo. Diante desse contexto, ela relata: “Passei pela portaria e pedi a Josimar que de vez em quando desse uma espiada em Eduardo. Qualquer coisa, podia me chamar. Dei boa-noite e subi. Dormi numa noite escura, com Eduardo lá embaixo, longe de mim” (GARCIA-ROZA, 2006, p. 37). É perceptível que, mesmo perante uma circunstância em que ela deveria sentir raiva do marido, ela se preocupa com ele e também se entristece por ele não estar ao seu lado na cama. Ainda sobre esse episódio, no dia seguinte, quando ela desce e o encontra acordando, ele sai do carro e grita, culpando-a pela situação: “Francamente, Bela, isso é coisa que se faça? Me deixar dormir na garagem?” (GARCIA-ROZA, 2006, p. 38). Ou seja, ele coloca-se na posição de vítima e culpabiliza a mulher, fazendo uso do seu poder corretivo (ACOSTA, 2001, p. 30), responsabilizando Bela pelo ocorrido e “legitimando”, portanto, a violência psicológica contra ela perpetrada.

Ainda que não questionasse as suas ações, Bela decidiu conversar com ele sobre o exagero na bebida. Ela não afirma isso, mas talvez acreditasse que, se ele não bebesse ou se bebesse menos, mudaria de comportamento:

- Vamos sentar.
- Você não sabe conversar em pé? Na sua cidade natal não se conversa desse jeito?
- Senta, Eduardo, o que eu quero dizer é que você está exagerando.
- Com o quê?
- Com a bebida.
- (...) Então você acha que, de vez em quando, o sujeito tomar um uísque – que ele mesmo proporciona –, depois de uma vida solancada, é exagero? **Nunca escutou o verbo solancar, não é? Sua expressão relevou ignorância. Solancar é trabalhar arduamente, com afinco, em serviço pesado (...).**
- Eu dizia que você está exagerando na bebida porque não é um uísque que você toma.
- Não, são três. Alguém disse que o mundo está a três uísques atrás; estou tentando acertar o jogo. E o que tem tomar três uísques? Qual o exagero, diga, Miss Bela? Você gosta de ser chamada assim? Achei bacana.
- Você mesmo, quando bebe, sai gritando pelo meio da rua que é alcoólatra.
- Não gostei do seu comentário, não foi elegante, Bela, vamos encerrar a conversa (grifos meus) (GARCIA-ROZA, 2006, pp. 43-44).

No trecho transcrito, observa-se que Bela não foi bem-sucedida em sua tentativa de persuadir Eduardo a diminuir o consumo de álcool, pois, mesmo apresentando justificativas plausíveis para o pedido, ele dá o diálogo por encerrado. E ela não insiste

que a conversa continue. Neste excerto também fica evidente que ele tem autonomia sobre o que comprar, já que é o provedor. Em uma outra passagem do texto, em que ela liga pra ele, preocupada, porque ele ainda não havia voltado do trabalho, nem dado notícias, ele se revolta e lhe diz que “um chefe de família cuida das obrigações, e nossas contas eram altas, tínhamos um bom padrão de vida, não nos faltava nada, e ele era o mantenedor, OK? OK, respondi” (GARCIA-ROZA, 2006, p. 104). Conforme Bandeira e Thurler,

as situações de co-dependência econômica da mulher a seu marido/companheiro podem parecer minoritárias e até mesmo superadas, porém estão ainda presentes em muitos segmentos sociais, podendo acentuar a dominação patriarcal, sobretudo no espaço privado (...). Em consequência da co-dependência da mulher e da estratificação sexual, o homem é o provedor-chefe, cabendo à mulher seguir as normas que lhes são impostas pela autoridade do marido/companheiro, a sujeição pessoal, a obediência (BANDEIRA; THURLER, 2009, p. 161).

Desse modo, mesmo Bela tendo seu próprio salário, Eduardo era o provedor-chefe, tanto que costumava lhe dizer que seu dinheiro não servia para nada. Nesse ponto ela discordava, pois, quando fez a viagem para visitar seus pais, usou o seu próprio dinheiro e demonstrou orgulho sobre isso. Todavia, ela aceita seu discurso, pois quem arcava com as despesas era ele, porque, certamente, seu salário de delegado era superior ao dela, de professora. Dessa forma, ele também pratica a violência psicológica pelo viés econômico, acentuando a hierarquia e as práticas de dominação entre os gêneros, as quais implicam a supremacia de um dos atores na relação e tem, como consequência, a negação ou submissão do outro. Em relação ao ato de prover, provavelmente, devido aos diferentes contextos históricos em que as narrativas se passam, Eduardo difere de Antenor, pois, enquanto este estava preocupado em perder seu prestígio social de mantenedor da família para com a sociedade, em razão do trabalho da esposa, aquele tinha como única e exclusiva finalidade preservar seu controle em relação à Bela.

Outra violência que ele comete contra ela, ainda no trecho supracitado, nos períodos em negrito, é desmerecer a sua inteligência. Em quinze ocasiões, durante a narrativa, Eduardo usa desse mesmo recurso, de proferir uma palavra, perguntar se Bela a conhece, sem permitir que ela lhe responda, e, logo em seguida, explicar o significado do vocábulo a fim de insinuar que ela é ignorante. Em um outro momento ele diz a ela: “sabe que eu acho que você embroma esses alunos, nunca te vi falando inglês...” (GARCIA-ROZA, 2006, p. 45). Essa exibição de desconfiança, que objetiva desmerecer o intelecto da esposa, é um outro mecanismo de humilhação, o qual, segundo Adelma

Pimentel, é uma forma de violência psicológica brutal, “que atinge o autoconhecimento, a autoimagem e a autoestima de alguém” (PIMENTEL, 2011, p. 24). É importante ressaltar que o propósito de todo esse abuso emocional não é simplesmente por um prazer em magoar o outro, mas sim pela necessidade do controle, pois, nessa condição, com a autoestima destruída, a esposa é mantida numa relação de subserviência, sentindo-se incapaz de reagir.

Devido a uma nova bebedeira de Eduardo, mais um personagem aparece na trama, Marquinho. Esse rapaz, que alegou conhecer o casal de vista, disse a Bela que viu Eduardo alcoolizado, sentado em um meio-fio com uma mendiga. A narradora foi buscá-lo e o levou para casa com a ajuda de Marquinho. Como de costume, não houve discussão, apenas queixas de Eduardo para com Bela, porque o Engov havia acabado e ela não tinha repostado o remédio em casa, e gritos, em razão da notícia que Bela lhe dera, que sua família estava chegando para o aniversário de um ano de Raphael. Esse pode ser considerado o segundo momento de resistência de Bela na narrativa, visto que ela ignorou as vontades de Eduardo e recebeu a família em sua casa no Rio de Janeiro.

A família foi recepcionada calorosamente por Bela, enquanto Eduardo apenas os cumprimentou e informou que precisava sair para trabalhar com urgência. Na verdade, durante a estadia da família dela no apartamento do casal, Eduardo mal ficava em casa. Além disso, fez questão de pagar para eles a passagem de regresso, via aérea, a fim de que fossem embora mais rápido.

No outro dia, os pais queriam sair para jantar, Bela perguntou a Eduardo:

-Não vai conosco?

-De forma alguma.

Estávamos os dois no quarto, tentei saber por que não nos acompanharia, mas ele, com pressa, não respondeu. Em seguida, saiu, e eu fui atrás para me despedir. Sempre que posso levo-o até a porta. (...) Eduardo deu um tchau geral, disse no meu ouvido (...) que à noite, depois que a família se escafedesse, eu podia lembrá-lo de como se trepava, e bateu a porta (GARCIA-ROZA, 2006, pp. 66-67).

Marie-France Hirigoyen, a respeito do homem agressor, afirma que “ele quer possuí-la [a mulher] totalmente e exige dela uma presença contínua e exclusiva” (HIRIGOYEN, 2005, p. 28), por isso, no excerto transcrito, Eduardo encontra-se irritado, já que perdeu, de certa forma, o “monopólio” de Bela, não mais possuindo a esposa orbitando em sua vida, em razão de ela ter que dividir, com a sua família, a atenção que o seu marido queria só pra ele. Ainda nesse trecho, é visível como Eduardo reforça a posição submissa de Bela em relação ao ato sexual, rebaixando-a, humilhando-a e ratificando seu papel de mulher objeto. É nesse contexto de múltiplas exigências que o

uso da violência psicológica, por parte do homem, ganha espaço, enquanto, por parte das mulheres, há o silenciamento. Contudo, também é neste ponto da narrativa que fica evidente que Bela tinha um limite quanto às opressões: sua família, principalmente seu pai.

A primeira manifestação de resistência, já mencionada, foi quando Eduardo a traiu com seu amigo Ramón e ela viajou para o interior, sem dar-lhe satisfações, buscando, em silêncio, consolo em seus pais. A segunda, foi trazer a família, sem a permissão de Eduardo, para o aniversário do filho. E a terceira, e última, é em relação ao seu pai. Ela nada retrucava quando Eduardo falava mal de sua família, de maneira geral, mas quando se referia especificamente ao pai, ela não aceitava. Bela narra que contou a Eduardo que “vinha acontecendo uma coisa estranha com meu pai: começaram a nascer fios pretos entre seus cabelos brancos e no local da barba (...) e ele dissera que papai devia ter comido ração no meio do roçado. Fiquei dois dias sem falar com ele” (GARCIA-ROZA, 2006, pp. 68). Percebe-se, portanto, que, assim como Eurídice tinha um limite para as agressões que sofria de Antenor, que era sua irmã Guida, Bela também tinha: seu pai⁷³.

Durante o jantar com sua família, Bela teve finalmente a oportunidade de dialogar, contar sobre a natação que lhe era tão cara e que Eduardo nunca mostrou interesse em saber a respeito. Enquanto jantavam, Eduardo ligou, “dizendo que ia comer na cidade e depois iria para casa. E como estava a trinca caipira?, perguntou. Não respondi nem me despedi. O telefone voltou a tocar: — Fiz a conta errada, é o quarteto caipira!” (GARCIA-ROZA, 2006, pp. 69-70). Observa-se que a “piada” de Eduardo é carregada de requinte de crueldade. Segundo Pimentel, a brincadeira “perversa” é uma “forma de promover a violência psicológica por meio da desqualificação verbal com uso de palavras que desrespeitam ao outro” (PIMENTEL, 2013, p. 10), sendo evidente que a satisfação é unilateral, ou seja, somente o agressor se diverte com as brincadeiras e com os comentários.

Quando saíam do restaurante, a mãe de Bela caiu e necessitou ser levada ao hospital. Ela ligou para o marido, a fim de informar o acontecido, porém, ele se limitou a questioná-la, ironicamente, se a sogra havia bebido, e lhe informou que estava no bar, não manifestando nenhum sinal de preocupação. Ele nem chegou a perguntar se Bela precisava de ajuda, expressando uma completa falta de empatia. Consoante Cunha e

⁷³ Há outros dois episódios em que Bela, à sua maneira, defende o pai. Em uma, ela diz a Eduardo que seu pai é mais digno que um amigo que o marido preza muito (GARCIA-ROZA, 2006, p. 48). E, em outro, Eduardo chama o pai de Bela de gatuno e, por isso, ela sai do recinto com raiva, mas em silêncio, deixando-o sozinho (GARCIA-ROZA, 2006, p. 56).

Sousa, “a indiferença é caracterizada por um processo de afastamento e desinteresse por tudo que o outro deseja ou gosta de fazer. A maior demonstração dessa forma de violência acontece quando um dos cônjuges se torna insensível ou desatento para com a parceira ou parceiro” (CUNHA; SOUSA, 2017, p. 7). Mais uma vez, é notável como os interesses e as necessidades de Bela são depreciadas por Eduardo, colocando-a, desse modo, em uma posição, dentro do matrimônio, de invisibilidade.

Ao voltarem para casa, com Josefina com uma das pernas engessada, Eduardo ainda não tinha chegado. Mais tarde da noite, ele ligou e Bela lhe deu notícias: “Contei que mamãe tinha sofrido uma fratura estável. Rindo – **Eduardo tinha bebido de novo**-, ele disse que era a única coisa estável nela. (...) Dormi sem ver Eduardo chegar” (GARCIA-ROZA, 2006, p. 73). Bela, bem como a sociedade patriarcal, minimiza e/ou justifica, como demonstra a frase em negrito no trecho transcrito acima, as atrocidades do marido, culpabilizando a bebida. O reconhecimento da relação entre violência contra a mulher e o álcool não é novo. As crenças culturais associam o efeito do álcool às agressões, como nas Noites de Choro e Uísque, momentos que Antenor xingava Eurídice de vagabunda. Contudo, segundo Acosta,

el alcohol, tantas veces esgrimido como causante o precipitante del maltrato, ha sido eliminado como un factor etiológico directo de ese tipo de violencia. Se ha comprobado que actúa de forma general como desinhibidor y de forma particular como excusa para el agresor y como elemento para justificar la conducta de este por parte de la víctima⁷⁴ (ACOSTA, 1999, p. 95).

É importante ressaltar que, na afirmação de Miguel Acosta, é o próprio homem que usa a ingestão de bebida alcoólica como desculpa para as más condutas realizadas. Entretanto, nas narrativas analisadas, Eduardo e Antenor nunca fazem uso desse artifício, afinal, de acordo com suas perspectivas, não faziam nada errado, nem quando estavam bêbados, nem quando estavam sóbrios. Na obra de Garcia-Roza, é a própria Bela que se utiliza desse mecanismo para narrar, de maneira eufêmica, os excessos e as violências praticadas por Eduardo.

⁷⁴ “O álcool, tão frequentemente utilizado como causa ou precipitante do abuso, foi eliminado como fator etiológico direto desse tipo de violência. Comprovou-se que atua de forma geral como desinibidor e de forma particular como desculpa para o agressor e como elemento para justificar o comportamento deste por parte da vítima”.

2.3. Bela: o fim do casamento

Logo após o regresso da família de Bela para o interior, Eduardo começou a fazer várias viagens seguidas, as quais ele alegava que eram a trabalho. No começo, suas ausências tinham dias de ida e de volta, além de telefonemas para avisar que havia chegado bem e para dar notícias ao longo da viagem. Porém, um tempo depois, os telefonemas cessaram e ele passou a dizer que não era possível precisar o dia em que voltaria para casa. O tempo que ficava em casa entre uma viagem e outra também passou a minguar. Em uma das ligações que Bela fez para o marido e, excepcionalmente, ele atendeu, ele perguntou, ao final da conversa:

- É isso, dona Bela, algo mais?

Perguntei por que estava falando comigo daquele jeito, ele então disse que guardaria a discussão para o recesso do nosso lar. E desligou. Estranhei meu marido. (GARCIA-ROZA, 2006, p. 105).

É curioso pensar que Bela estranhasse o comportamento de Eduardo apenas a essa altura do casamento, tendo em vista a excentricidade do marido, tanto ao que tange à sua personalidade extravagante quanto às violências já rotineiras. Contudo, ela sentiu que algo, em relação à solidez do casamento, estava incomum. Conforme Lilia Schraiber, “as relações familiares não devem ser vistas como organizadas por normas fixas ou em evolução linear, mas como fruto de contínuas negociações e acordos entre seus membros” (SCHRAIBER *et al.*, 2005, p. 89). Percebe-se que a dinâmica do casamento mudou de maneira significativa com as viagens de Eduardo, porém, independentemente se eram legítimas ou não, não houve as negociações mencionadas por Schraiber, pois tais alterações na rotina do casal foram impostas a Bela pelo marido, causando-lhe sofrimento, como veremos adiante, além da intensificação das suspeitas de traição. No trecho transcrito acima, Bela infere que, por ele ter usado a forma de tratamento “dona”, o marido estaria dissimulando, para uma terceira pessoa, com quem estava realmente falando ao telefone, mesmo que não exponha tais suspeitas a ele. Virgínia Leal, em seu estudo sobre as narrativas de Garcia-Roza, afirma que “as pessoas continuam morando juntas por conta dos laços consanguíneos e conjugais, mesmo em meio ao caos e à comunicação truncada” (LEAL, 2008, p. 167). Tal afirmação pode ser evidenciada no relacionamento do casal, visto que, mesmo sem uma comunicação efetiva, os dois continuam oficialmente juntos.

O dia de seu aniversário de 30 anos estava se aproximando e ela almejava muito que o marido estivesse em casa nesta data e que a celebrasse com ela. O marido prometeu que chegaria.

Durante todo o dia ele não ligou, mas, no final da tarde, surgiu apressado, com o porteiro atrás dele (...).
- Parabéns, Bela! – disse entrando e me dando dois beijos. – Seu presente está aqui nas mãos do Josimar (GARCIA-ROZA, 2006, p. 113).

Nota-se que o menosprezo em relação à esposa e ao seu dia especial é gritante. Depois dessa chegada, carregada de indiferença, ele simplesmente vai se deitar, alegando cansaço. Mas Bela não o achou abatido, ao contrário, afirma que ele “estava fisicamente diferente, mais magro, cortara o cabelo e parecia mais jovem” (GARCIA-ROZA, 2006, p. 114). Enquanto ele estava descansando e Bela abria seu presente (um colar com pingente de coração), o telefone tocou⁷⁵, ela atendeu e uma voz masculina lhe disse: “você não está mais só, no entanto continua sozinha” (GARCIA-ROZA, 2006, p. 114). O autor da chamada não é revelado ao longo da narrativa, mas sua fala pode ser interpretada no sentido que, mesmo Eduardo estando de volta, em casa, fisicamente, ela continuava sozinha, haja vista que ele não lhe dava atenção. Todos esses fatores juntos, as consecutivas viagens, a falta de comunicação, a indiferença, essa mudança tanto de aparência quanto de comportamento de Eduardo, poderiam ser interpretados como se ele a estivesse traindo. Contudo, pelo fato de não haver um narrador onisciente e de que tudo o que sabemos é pela perspectiva de Bela, ainda que seja suspeito, não se pode afirmar que Eduardo estava tendo um caso extraconjugal. E um dos aspectos mais curiosos é que Bela, apesar de estar desconfiada da traição (embora essa palavra não seja proferida), ela nunca o enfrenta sobre o assunto.

A comemoração do aniversário também foi incomum. Bela relata que

Eduardo parecia outro homem, perguntou se eu tinha gostado mesmo do presente, tomou duas taças de vinho, brindou meus 30 anos, jantou, comeu sobremesa (coisa rara!), tomou café e, ao terminarmos, disse que estava semimorto, precisava dormir. Tinha dado uma dormidinha de merda, e no dia seguinte precisava ir a Brasília. Não levamos hora e meia entre a saída e a volta para casa (GARCIA-ROZA, 2006, p. 116).

No Rio de Janeiro, esta saída e a do começo da narrativa são as únicas relatadas pela narradora. Assim, na obra, esses são os únicos momentos em que eles estão juntos, fora do espaço privado, desfrutando de algum tipo de lazer. Na primeira vez, como

⁷⁵ Esse foi o primeiro de vários outros telefonemas anônimos que insinuavam ou acusavam o marido de traição.

relatado, ele fica bêbado e infere-se, pelo discurso de Bela, que aquele era seu comportamento habitual, tanto que ela diz que já havia se acostumado. Já nessa ocasião do aniversário, ele praticamente não bebe, para quem se diz um alcoólatra, trocando o uísque pelo vinho; ao invés das ironias e deboches, conversa com ela de maneira civilizada, mas, além do jantar não durar nem duas horas, ele lhe comunica sobre outra viagem.

Nesse momento, há na narrativa um grande salto temporal, que acompanhamos pelo crescimento de Raphael. O menino, até então de um ano, agora “já ia para a escola de condução, comia sozinho, e não queria que ninguém o visse tomando banho” (GARCIA-ROZA, 2006, p. 114), ou seja, compreende-se que haja passado, no mínimo, uns quatro anos, em razão da autonomia que a criança adquiriu em vários aspectos. Todavia, na rotina da protagonista, nada mudou, pois as viagens de Eduardo continuaram, e essa ausência a afetava profundamente. Sobre isso, ela diz: “muitas vezes, chorei de saudade de Eduardo, e quando eu lhe contava, ele dizia que não gostava de me ver fraquejando” (GARCIA-ROZA, 2006, p. 122). Como ela podia sentir falta de um marido que a violentava constantemente, além de não ter a mínima empatia para com o seu sofrimento? Uma interpretação possível é a de que o que Bela sentia não era saudade, mas sim dependência afetiva, um sentimento muito comum compartilhado pelas vítimas de violência doméstica. Simone Zolet define a dependência afetiva como:

a concessão extrema, desnecessária, permissiva, na qual a pessoa se deixa na mão do outro. Pode ser classificada enquanto personalidade dependente, porque o indivíduo submete-se à subjugação afetiva, faz e reage para não perder o afeto do outro devido a algum medo, falta de autoconfiança, insegurança pessoal (ZOLET, 2000, p. 54).

Miguel Acosta compara tal dependência emocional da mulher com a síndrome de Estocolmo, entretanto, com peculiaridades que convertem essa dinâmica, por se tratar de uma relação conjugal, em algo ainda mais tóxico, pois

no se trata de un enemigo que te ataca o te secuestra buscando un objetivo o beneficio que no tiene nada que ver contigo, aunque puedes servirle como medio, sino que se trata de un marido o compañero que te ataca, te retiene, te responsabiliza de la situación y cuyo objetivo eres tú misma⁷⁶ (ACOSTA, 2001, p. 105).

⁷⁶ “não se trata de um inimigo que te ataca ou te sequestra em busca de um objetivo ou benefício que não tem nada a ver com você, embora possa servir como meio, mas sim de um marido ou parceiro que te ataca, te segura, torna você responsável pela situação e cujo objetivo é você mesma”.

Logo, tal patologia⁷⁷ pode ser a verdadeira razão do sofrimento de Bela pela ausência de Eduardo. Devido à renúncia de sua individualidade, ela não se sente competente com sua estrutura emocional para cuidar de si mesma, tendo em vista que anulou sua própria identidade para ser apenas a esposa de Eduardo, função a qual estava impossibilitada de exercer, porém, continuava presa na engrenagem exploração-dominação, visto que se encontrava paralisada frente à situação, apenas aguardando o retorno do seu marido.

Sem abordar a suspeita da traição, Bela resolve conversar sobre o casamento deles, que, para ela, era muito diferente do casamento dos outros. Eduardo contestou que

os casamentos eram uma odiosa farsa, pura tormenta, fachada aos escombros, enquanto que a nossa relação continuava firme, sólida, inquebrantável; Eduardo terminou de falar me dando um tapa nas costas.

- Não há mais relação – disse eu.

- Que relação? Você está se referindo a sexo?

- Estou.

- Não pense que eu também não sinto falta – reagi -, tem momentos agônicos. Bacana essa palavra, hein, Bela? Vem de agonia, sabe, não é? Voltando ao tema, não sei se te acontece o mesmo, mas às vezes eu gano, Bela, gano. **Mas quando um homem está exigido no trabalho, dedicado, concentrado como eu preciso estar, e você sabe que eu não fujo aos compromissos, sou homem que não recua diante de nenhuma situação inóspita...** Estranhou a palavra, não é? (...) Bem, mas creio que em breve comungaremos de alegria diante do súbito ressurgimento do nosso nobre Comendador! (grifos meus) (GARCIA-ROZA, 2006, pp. 123-124).

No trecho supracitado, Eduardo tenta convencer Bela de que os outros casamentos, sim, são uma farsa, enquanto o deles era inabalável, apesar de toda a indiferença que é conferida à Bela. O fato de ela se queixar sobre a falta de sexo, a princípio, é bastante contraditório, visto que, nos excertos aqui já mencionados, na relação sexual, entre eles, não há uma preocupação em satisfazê-la sexualmente, ao contrário, ele literalmente dita o que ela deve fazer, como deve se posicionar apenas para agradá-lo. Logo, os momentos de relação sexual entre os dois são marcados pelo alto grau de violência que é cometida. Então, por que cobrá-los? Primeiramente, já fora explicitado que ela tinha se acostumado com as excentricidades do marido, pois “nessa dinâmica [de relacionamento] (...) tais ações de violência levam a mulher a incorporá-las como normal” (BANDEIRA; THURLER, 2009, p. 164).

Além disso, a falta de sexo, em sua visão, mesmo que dessa maneira horrenda, era um sinal de que a relação estava se desmantelando, tendo em vista que, no início do casamento, como relatado por ela, a relação sexual era um ato constante entre eles. Assim,

⁷⁷ Segundo Sophia *et al.* (2007), a dependência afetiva é considerada uma enfermidade psicológica.

é possível que seu questionamento sobre o tema não tenha sido em razão de uma necessidade pessoal, mas sim para demonstrar ao marido, por meio desse aspecto, que o casamento não estava estável. Já nos períodos em negrito, além de justificar (ou fabular) o porquê da falta de seu apetite sexual, ele reforça a sua posição de provedor, como também garante sua virilidade, padrões que, nas relações de gênero, são papéis que o homem deve cumprir.

Dois meses depois dessa conversa, quando o marido lhe garantiu a solidez do casamento, ela recebe outra ligação anônima, em que alguém lhe dizia que seu marido havia ficado noivo. Ela tentou contatar o marido, para dizer-lhe o que havia ocorrido, quando conseguiu, ele, mais uma vez, amenizou a situação para o seu lado e lhe imputou, aos gritos, a causa da discórdia. Segundo Miller (1999), os homens agressores manipulam as mulheres, fazendo-as pensar que são culpadas pelos conflitos⁷⁸:

- Mas me liga pra dizer isso!? Hein, Bela? Interrompe o curso de uma investigação longa, confusa, cheia de contratempos, para isso? – gritou no meu ouvido. – Como é que me pergunta uma coisa dessas!?!...
- Uma pessoa ligou pra cá contando.
- Trote, Bela, trote! Tenho muito o que fazer, vou desligar. Mas que porra de merda é essa, que merda de porra... (GARCIA-ROZA, 2006, p. 125).

As conversas com Eduardo, ou melhor, as tentativas de conversa com ele sempre acabavam assim, de maneira abrupta e no momento em que ele bem decidisse. Além do mais, as temáticas não voltam a ser abordadas em outros momentos. É como se houvesse uma naturalização do ocorrido, por mais bizarro que fosse, como, por exemplo, a traição de Eduardo com Ramón, o “trote”, informando que ele havia noivado com outra pessoa, as viagens repentinas e corriqueiras, entre outros. Ainda conforme Virgínia Leal, “a escritora não trabalha em um estilo estritamente realista, apesar da linguagem referencial” (LEAL, 2008, p. 163). Desse modo, a narrativa afasta-se, de certa maneira, da verossimilhança com o mundo conhecido pelo/a leitor/a, tendo em vista que o esperado, pelo/a leitor/a, é que houvesse uma interpelação da parte de Bela sobre todas essas questões que afetavam seu matrimônio, contudo, para a vítima de violência doméstica, a inércia quanto aos problemas conjugais não é incomum, haja vista que, como aqui já mencionado por Walker (1999), as vítimas de violência doméstica veem-se incapazes de reagir à situação.

Ainda nesse contexto de acontecimentos singulares, uma personagem secundária, mas não menos importante, reaparece na narrativa de forma inesperada, o Marquinho,

⁷⁸ Bem como Antenor faz com Eurídice nos episódios do livro de receitas e do ateliê.

rapaz que ajudou Eduardo no episódio em que estava bêbado na rua na companhia de uma mendiga. Vale lembrar que vários anos se passaram desde aquele incidente. Marquinho telefona para Bela, dizendo que queria falar com ela, porém, ela não lhe dá a chance de continuar a conversa, se diz ocupada e desliga o telefone. Todavia, após o término da ligação, se pergunta: “O que esse rapaz teria para me falar?” (GARCIA-ROZA, 2006, p. 126). Consoante Miller, “mulheres agredidas não-fisicamente têm medo de olhar para as feridas que deixam cicatrizes em sua alma” (MILLER, 1999, p. 20). Dessa forma, percebe-se que Bela se recusa a escutar Marquinho, provavelmente, porque tinha receio do que ele poderia dizer sobre Eduardo. Suas feridas internas já eram demasiado doloridas, logo, ela opta pela desinformação como um meio de blindar-se de mais desgostos.

Na véspera de Natal, Eduardo estava desconsolado pela morte de um amigo do trabalho, Bela, tentando reconfortá-lo, abraçou-o. Ela diz que “Raphael abraçou-se a nós. Voltamos a ficar juntos os três, abraçados, como havia muito tempo não ficávamos” (GARCIA-ROZA, 2006, p. 127). Entretanto, sua felicidade durou pouco, pois

Nesse momento o telefone tocou. Eduardo, ao lado do aparelho, atendeu.

– Quem? Não, ela não pode falar, está conversando com o **marido**.

Eduardo saiu do abraço, sacudiu a cabeça e me encarou. Estava com uma fisionomia estranha. Me afastei, Raphael também deu um passo atrás.

– Quem é Marquinho? Hein, Bela? O que está se passando na minha ausência? Que é o filho-da-puta? Fala, Bela... Por acaso você está me traindo? Por uma combinação macabra do destino, isso está me acontecendo? E o bosta se chama Marquinho? Quer me submeter a mais um sofrimento? Hein? Já não basta? Vai, Bela, responde, o sangue tá fluindo, borbulhando, tá explodindo... (grifo meu) (GARCIA-ROZA, 2006, p. 128).

Enquanto Bela nada pergunta a Eduardo quanto às suas suspeitas de traição, este, por sua vez, por um simples telefonema, já a rotula como uma traidora e exige explicações, porém, tem como resposta o silêncio. Sempre o silêncio. A narradora conta que, durante esse período de desconfiança, Eduardo não lhe dirigia a palavra e que, quando aparecia em casa, falava apenas com Raphael. Sabe-se que uma das implicações da violência psicológica é o medo. Conforme Hannah Arendt, “o medo é o sentimento mais perigoso na vida de um homem. O medo acua, impede que o ser humano modifique suas ações, reduz a possibilidade de plasticidade, acovarda-o, fragiliza-o, e coloca-o na dependência e submissão do outro” (ARENDDT, 1991, p. 25).

Nessa perspectiva, é possível afirmar que Bela tinha medo, já que, mais uma vez, fugindo de uma narrativa mais coerente para os leitores, Bela nem ao menos tenta se explicar ou esclarecer a confusão que o marido causou. Ela age, em todos os momentos, como se não fosse capaz de desafiá-lo ou retrucar-lhe. Contudo, o medo que Bela sente e

a paralisa não aparenta ser de que Eduardo seja violento com ela, pois aparenta, na verdade, medo de que ele a abandone definitivamente, tendo em vista que, ao que parece, a violência não era um problema. Isso porque a dependência afetiva, aqui já descrita, caracterizada pelo comportamento de cuidado e atenção excessivos com a outra pessoa, provoca a renúncia dos seus próprios interesses, antes valorizados, havendo, portanto, uma permanência nos relacionamentos amorosos insatisfatórios, mesmo após várias atitudes nocivas para a vida da pessoa e/ou de seus familiares. Dessa forma, apesar de o casamento estar se desmoronando, devido à ausência de Eduardo, ela ainda se mantém no papel de esposa e faz conjecturas sobre o que fazer no futuro, demonstrando suas inseguranças, caso o relacionamento realmente acabe, e ela não possa mais exercer sua única identidade. De acordo com Bela,

Eduardo não vinha mais à nossa casa (...). O tempo passava e eu não ouvia nem via mais o meu marido. Nosso casamento devia estar mesmo para acabar, e eu precisava pensar no que ia fazer. Com a vida que ele inventara, estávamos sempre em desequilíbrio, ou eles estavam juntos [Eduardo e Raphael], ou nós, meu filho e eu, mas nunca mais os três, pai, mãe e filho (GARCIA-ROZA, 2006, p. 150).

Durante esse período de distanciamento de Eduardo, a família de Bela telefonava e ela sempre tentava amenizar a situação, associando tais ausências do marido com o trabalho, porém, os pais compreenderam que, na verdade, o casamento estava se esfacelando. Nesse contexto, o pai escreve uma carta para Bela:

Filha,
Soube do acontecido que arriou sua mãe numa cama. Espantei porque seu marido tem cara de gente séria, sempre foi ajuizado, na linha, o maioral. Você deve estar desgostosa, mas deixa isso pro lado, ele deve ter ido espairer, de repente até volta. Quando moço cismeia e também me larguei por aí, mas José⁷⁹ me catou e eu voltei. Sua mãe você sabe como é que é... Aqui, você tem família e comida. Não se perde aí nesse mundão, filha. Se quiser, pega o menino e vem pra cá; nós cuida dele.
Com a benção de seu pai (GARCIA-ROZA, 2006, p. 148).

Observa-se, no discurso do pai, que a mãe adoeceu, porque o casamento da filha não estava indo bem, o que surpreendeu a família, haja vista que, por Bela esconder o que acontecia no espaço privado e de Eduardo ser dissimulado, os pais sempre o viram como um bom marido. Outro aspecto que chama atenção é o fato de o pai dizer que Eduardo

⁷⁹ É o apelido da mãe de Bela.

saiu de casa para espalhar e que ele mesmo já havia feito o mesmo, ou seja, era uma coisa de homem. Nessa perspectiva, segundo Pinsky⁸⁰,

esperava-se que o homem casado se tornasse responsável pai de família, provedor da casa. As regras sociais eram menos rígidas com relação às suas aventuras eróticas extraconjugais; com o casamento, o homem não perdia, na prática, o direito a ter as “liberdades” terminantemente negadas às suas esposas. O argumento principal baseava-se na ideia de que os homens tinham necessidades sexuais diferentes e bem maiores se comparadas com as das mulheres – uma característica natural masculina (PINSKY, 1997, p. 632).

Desse modo, a fala do pai naturaliza a infidelidade conjugal, ademais de atribuir à esposa a conquista de seu regresso ao lar, visto que coube à mulher (traída) procurar por ele e pedir que ele voltasse para casa. O único ponto coerente desta carta é o apoio que o pai dá à filha, dizendo-lhe que, se o casamento realmente não desse certo, ela poderia voltar para o interior. Contudo, na carta-resposta, ainda que Bela agradeça ao pai pelas boas intenções e pelo carinho, ela diz: “aqui está tudo bem; Eduardo está sempre conosco e não nos falta nada. Gosto muito de estar ao lado de vocês, mas espero que o senhor entenda que meu lugar é aqui no Rio; trabalhando, cuidando da casa, do meu filho, e esperando meu marido” (GARCIA-ROZA, 2006, p. 158). Isto é, ela deveria seguir cumprindo com o papel a ela atribuído pela sociedade patriarcal: “o assujeitamento da mulher às necessidades do homem e da família (...), perdendo a sua autonomia para *ser um ser para outros*” (grifos dos autores) (AGUIAR; DINIZ, 2009, p. 141). Por essa razão, ela aguardava o retorno do marido, sem que houvesse qualquer perspectiva do seu regresso.

Entretanto, ele reaparece, na garagem do prédio deles, enquanto Bela saía do carro, e presencia uma cena surreal, pois Marquinho, que até então se limitava às ligações, “avançou sobre mim, me imprensando contra o carro” (GARCIA-ROZA, 2006, p. 158), de acordo com Bela. Eduardo gritou e saiu correndo a seu encalço. Bela não sabe dizer se ele o alcançou ou não, já que não houve conversa, pois, quando seu marido atendeu seu telefonema, depois de muitas tentativas, ele se limitou a intimidá-la: “Não posso falar, Bela. Sabe o que é um homem não poder falar? Não posso. Mas posso te esmurrar...” (GARCIA-ROZA, 2006, p. 159). Essa é a primeira e única vez na narrativa que Bela relata, de maneira explícita, que Eduardo a ameaçou por meio da violência física⁸¹.

⁸⁰ Pinsky está abordando o contexto dos anos 1950, porém, apesar de que muitos dos costumes dessa época tenham mudado, a ideia da liberdade conjugal masculina ainda é atual.

⁸¹ Como já observado no início deste estudo, Bela, a narradora, é quem faz o enquadramento do que será contado ao/à leitor/a. Logo, como ela atenua o comportamento enlouquecido e abusivo de Eduardo, não é possível afirmar categoricamente que ela nunca sofreu abuso-físico: “E antes que eu terminasse de conhecer

Segundo Acosta, “en la violencia contra la mujer siempre llueve sobre mojado, y toda lluvia, hasta la tormenta más intensa, comienza con unas gotas que, poco a poco, van a más”⁸² (ACOSTA, 2001, p. 31). A analogia feita pelo pesquisador sugere que a aceitação da violência, seja ela apenas psicológica ou não, conduz a um aumento gradual e progressivo desta.

Depois desse episódio, Eduardo parou de ver e falar com Bela. Se necessitava de alguma informação sobre o filho, pedia que algum colega de trabalho ligasse em sua casa; e, se queria vê-lo, ia até a sua escola. Isso se dava porque ele estava convencido de que estava sendo traído, mas não procurava resolver a situação por meio de uma conversa franca, e, assim, ele apenas se atinha às suas suspeitas. Ao longo desse período, Bela “não tinha o menor ânimo para nadar. Trabalhava e voltava para casa; aguardando notícias de Eduardo” (GARCIA-ROZA, 2006, p. 159). Nota-se, nesse trecho, que Bela apresenta traços da síndrome da mulher maltratada⁸³ (WALKER, 1999), pela presença de um estado depressivo e uma reação de impotência diante do abandono, encontrando-se em um completo estado de submissão e passividade, restringindo-se a esperar que Eduardo a procurasse. Desse modo, Bela não toma absolutamente nenhuma iniciativa a fim de confrontá-lo e dizer a verdade, que nunca o traiu, ou colocar de vez um fim nesse casamento abusivo. Já Eduardo, quando decide reaparecer, a princípio por telefone, é sempre para acusá-la e se fazer de vítima, nunca lhe dando a chance de responder. Todavia, depois de uns dias,

a porta da frente se abriu num estrondo. Eduardo entrava.

– OK, Bela, OK. Pode começar a falar. O que você tem pra me dizer? Hein? Se é que existe alguma coisa a ser dita. Acho difícil, depois do que vi. (...) Gostaria apenas de fazer uma pergunta: em que momento das nossas vidas, declarei que estávamos separados? Hein? Que era para você arranjar um namorado? Hein? Se explicando, Bela, vamos! Considerou-se livre, não é? Desimpedida, sem compromisso, podendo sair por aí e se atracar com os caras...

– Eduardo...

o apartamento, Eduardo mandou que eu tirasse a roupa, enquanto ele tirava a dele, e, se deitando no chão, disse para comemorarmos. Brindamos à nossa casa. **Ele me puxou pela mão; eu perdi o equilíbrio e caí, e bati a cabeça contra tacos empoeirados**” (grifos meus) (GARCIA-ROZA, 2006, p. 66). O trecho transcrito demonstra que ela se feriu, porque ele a puxou com muita força, já que ela chegou a cair. Porém, ela descreve o tombo como consequência do seu próprio desequilíbrio, e não do excesso de força (a violência) utilizado por Eduardo ao segurar a sua mão e puxá-la para si. Assim, segundo o seu discurso, o ocorrido não seria caracterizado como violência física por parte do marido. Todavia, levando em consideração esse caráter não confiável da narradora, por escamotear a violência sofrida, o abuso físico é uma interpretação possível.

⁸² “na violência contra a mulher é sempre frio, e é tudo frio, mesmo a tempestade mais intensa, vem com umas gotas que, aos poucos, vão piorando”.

⁸³ A síndrome da mulher maltratada caracteriza-se também de várias outras maneiras, como veremos ao longo deste estudo.

- Vamos, Bela, e aí?... Ainda não ouvi o som da sua voz. Está espetando a caneta na tâmara de propósito ou pretende furá-la? Quem sabe daí de dentro sai alguma ideia... (...).
- Eduardo...
- Enche o copo, caralho! Puta golpe, Bela! Perdi tudo de uma vez e para sempre – perdi até cabelo (GARCIA-ROZA, 2006, p. 165).

Apesar de sobrecarregá-la de perguntas, o marido não permite que ela lhe responda. E, dessa maneira, sai definitivamente de casa, deixando-a só, e ainda é petulante o suficiente para dizer que ela não estava desimpedida, pois ele não a havia liberado, ou seja, o casamento só acabaria se ele assim o desejasse. Porém, passados alguns dias, ele permite/exige que Bela lhe conte o que ela acredita ter acontecido, porque, em realidade, ela não sabe: “quando fui buscar o carro na garagem, aquele rapaz apareceu e ficou na minha frente sem me deixar passar, acho que a intenção era me roubar um beijo...” (GARCIA-ROZA, 2006, p. 166). Em razão de Eduardo achar a resposta extremamente ingênua, ele se manteve incrédulo e se foi do apartamento. Com exceção de mais uma ligação de Marquinho, em realidade do seu irmão caçula, dizendo que o primogênito pedia desculpas e lhe mandava um beijo, ele não reaparece na narrativa. Seu papel no contexto da obra não fica claro, porque não se sabe se seu interesse por Bela tinha um fundo amoroso ou se o que ele insistia em dizer, e Bela não permitia, tinha relação com Eduardo, pois, talvez, Marquinho fosse o autor dos telefonemas anônimos que insinuavam as traições do delegado. Porém, nenhum desses pontos é revelado ao/à leitor/a, já que a própria narradora não tem esse conhecimento.

Por fim, Eduardo decide voltar para casa. Segundo Bela: “ele me abraçou, dizendo que me perdoava. (...) Meu marido voltava. Bêbado, mas voltava” (GARCIA-ROZA, 2006, p. 168). É importante ressaltar na fala da narradora que, se ele diz que a perdoa, é porque não acredita em sua palavra, que não fora infiel. E ela aceita “ser perdoada”, sem refutar essa ação, como se realmente tivesse alguma culpa. Além disso, Eduardo voltara a beber, depois de, aparentemente, alguns anos sóbrio. Bela estava muito feliz com o retorno do marido, bem como sua mãe: “você deve estar muito satisfeita de não ter perdido o marido, filha! Foi uma benção! Hoje em dia é coisa muito fácil... **Marido está na frente da gente, de repente, ó, levaram!**” (grifos meus) (GARCIA-ROZA, 2006, p. 173).

Esse é um pensamento patriarcal, o qual justifica, em certa medida, a passividade de Bela em esperar o regresso do marido, pois foi criada a partir desses princípios. Apesar da violência que sofria ao lado do marido, ela era “mais feliz” tendo um marido do que não o tendo. Ademais, o período em negrito revela duas questões muito relevantes no que

tange às questões de gênero. Por um lado, percebe-se a hierarquia dos gêneros, dentro do casamento, em que a mulher deve se posicionar atrás de seu companheiro, ou seja, sua vida está em segundo plano em relação à do marido. Por outro, denota-se que, se o marido vai embora, não é por conta própria, pois ele deve ter sido levado embora, obviamente, por outra mulher, não atribuindo, portanto, a infidelidade e a culpa⁸⁴ da separação ao marido, mas a uma outra mulher, provavelmente, pertencente ao grupo das levianas (PINSKY, 1997), que o convenceu a abandonar a família e a ficar com ela.

O regresso de Eduardo coincidiu com o casamento da irmã de Bela, Luli, que seria realizado, no interior. Ele a fez prometer que, logo que acabasse a cerimônia, voltariam ao Rio, e ela concordou. Assim que regressaram, ele comentou que queria convidar alguns de seus amigos para jantar, definindo qual seria o cardápio, o que ela também consentiu. Ele disse “gosto de você assim...” (GARCIA-ROZA, 2006, p. 176). Essas reticências poderiam ser substituídas pela palavra “obediente”. Miguel Acosta afirma que o objetivo do homem agressor é “mantener una posición de superioridad y guardar el control en la relación”⁸⁵ (ACOSTA, 2001, p. 221). Nesse contexto, Bela estava tão feliz com a volta do marido, que, apesar de sempre ter sido obediente e submissa, agora realizava seus desejos sorrindo (peculiaridade que não nos fora dada a conhecer antes, no decorrer da narrativa), potencializando o controle que Eduardo tinha daquele casamento, tanto que ele continuava violento, pois, além das opressões (suas demandas) anteriormente citadas, ele ainda prosseguia com as insinuações de que Bela era ignorante, quando dizia uma palavra que ele supunha que ela não saberia o significado, e mantinha as ofensas dirigidas à sua família e às suas origens.

Todavia, Bela estava contente, ainda que as desconfianças de traição do marido ressurgissem vez ou outra, quando o marido se atrasava para voltar do trabalho ou quando a mãe lhe perguntava se não havia outro rabo-de-saia. A narradora acreditava que o casamento tinha se reerguido e cria na promessa que Eduardo lhe fizera antes do casamento, “que viveriam juntos para sempre, felizes para sempre” (GARCIA-ROZA, 2006, p. 187). Esse mito do amor romântico, do “felizes para sempre”, perdura durante

⁸⁴ A culpa da separação também pode recair na própria mulher, a qual não soube ser uma *boa esposa*, não colocando o marido em primeiro lugar, comprometendo, desse modo, a felicidade conjugal (PINSKY, 1997), porém, o homem sempre é eximido dessa responsabilidade.

⁸⁵ “manter uma posição de superioridade e manter o controle no relacionamento”.

toda a narrativa, haja vista que ela suporta todas as intempéries da relação conflituosa a fim de manter o matrimônio.

A partir de uma perspectiva de gênero, como afirma Lagarde (1999), a manutenção desses mitos dentro da sociedade patriarcal visa reforçar e manter o papel passivo e de subordinação da mulher em relação ao homem, sacralizando o matrimônio, atribuindo-lhe um caráter eterno e indestrutível, caso as regras sejam obedecidas, reforçando, desse modo, o papel feminino de passividade e de cuidadora, papéis esses que Bela cumpre fielmente ao longo de todo o casamento. Entretanto, o casamento chega ao fim de maneira abrupta. Bela recebe um telefonema, informando que Eduardo estava passando mal na rua. Ao chegar ao local, encontrou-o deitado no chão, seu corpo “estava inquieto, e, pouco a pouco, refugiou-se no meu. Abracei-o e fiz carinho no seu cabelo úmido de suor, pedindo que tivesse paciência, a ambulância devia estar chegando. E eu iria junto com ele, disse, perto do seu ouvido” (GARCIA-ROZA, 2006, p. 188), mas, subitamente, Eduardo faleceu ali mesmo.

Essa obra, apesar de ter como desfecho a morte do cônjuge, enquadra-se no recorte temático deste capítulo, porque Bela, assim como Eurídice Gusmão, em momento algum da narrativa, cogitou a hipótese da separação. Ao contrário, ela agiu com naturalidade e silêncio frente a todos os abusos a que foi submetida por Eduardo e ficou com ele até seu fim, tratando-o com carinho e confortando-o em seus últimos momentos. Durante o casamento, com exceção dos raros episódios com sua família, em especial com seu pai, ela não resiste às agressões. Conforme Margaret McLaren, a qual analisa de que modo os estudos feministas podem fazer uso das teorias de Foucault, “mudanças nas relações de poder podem encerrar uma situação de dominação e incrementar possibilidades de liberdade” (MCLAREN, 2004, pp. 223-224), ou seja, mesmo que os estados de dominação sejam, para o filósofo francês, estáticos, ainda que sejam relações de poder ossificadas, há possibilidade de resistência. Com o falecimento de Eduardo, houve, em tese, uma mudança nessa relação de poder, quanto à Bela, já que seu opressor estava morto. Entretanto, de maneira dialética, ela não se apropria dessa liberdade, não havendo nenhuma emancipação da sua parte, pois, mesmo que ela construa uma narrativa sobre “sua história”, a qual poderia ser encarada como uma forma de resistência, o foco da história não é ela, é seu marido, como bem ilustra o título da obra. Além disso, não há na narrativa nenhum tipo de reflexão, da sua parte, sobre a violência que descreve. Logo, ela ficou livre do opressor, porém, dialeticamente, não ficou livre da opressão, ela continua silenciada.

Percebe-se, portanto, a partir dos elementos que compõem os romances de Martha Batalha e Livia Garcia-Roza, que acreditar no mito de que “o amor tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta”, sendo, assim, capaz de vencer quaisquer dificuldades na relação e/ou mudar o comportamento agressivo do companheiro, preserva a relação abusiva, pois, além de naturalizar a violência, cria-se uma ideia errônea de que esta e o amor são compatíveis de alguma maneira, dificultando a reação das mulheres que vivem em situação de violência doméstica.

Quanto à hipótese prosposta, em ambas as narrativas o silêncio das protagonistas é evidente e pode ser interpretado como uma forma de reação, mesmo que com finalidades diferentes. Eurídice Gusmão utilizava o silêncio como estratégia de guerrilha, a fim de atingir seus objetivos, haja vista que de nada adiantava se pronunciar, pois era invisível para todos à sua volta. Por essa razão, optou pela escrita, visto que “escrever é um pronunciamento de voz, e voz é sinônimo de poder, de libertação, pois o discurso é uma ferramenta preciosa de autoconhecimento e reinvenção do sujeito” (ALVES *et al.*, 2019, p. 56). Logo, ela não permitiu que as paredes de sua casa a impossibilitassem de se expressar. Bela, por sua vez, fazia uso do silêncio para evitar discussões, o que não deixa de ser um modo de resistir (WALKER, 1999), porém, em um grau muito mais elevado, seu silêncio era disciplinado, o qual foi compelido por Eduardo, objetivando a preservação do seu controle sobre ela. Contudo, ao render-se ao mutismo e calar-se por completo, nunca reivindicando seu direito de expressão, seus pensamentos foram radicalmente dominados, podendo-a da possibilidade de “pensar sua própria opressão” (BOURDIEU *apud* DUBY; PERROT, 1993, p. 66). Dessa forma, ela não logra nenhum tipo de empoderamento, ao contrário de Eurídice, ao longo da trama. Nesse contexto, seu fim, na narrativa, com a perda do marido, pode ser caracterizado como a completa abolição do seu ser, tendo em vista que perdeu a única identidade que construiu para si (e que fora construída para ela), a de esposa de Eduardo.

A construção narrativa em terceira pessoa de *A vida invisível de Eurídice Gusmão*, com esse narrador onisciente, intruso, irônico e empático com a protagonista, frente às suas adversidades, nos dá mais a conhecer sobre Eurídice do que Bela, sobre si mesma, em *Meu marido*, narrando em primeira pessoa, pois esta não é uma instância narrativa confiável. Segundo Jaime Ginzburg, “a confiabilidade do narrador, nos termos tradicionais, não consiste em um valor em si mesmo. Pelo contrário, é no caráter antagônico da narração, pelo fato de haver instabilidade, vertigem, que a narração ganha interesse” (GINZBURG, 2012, p. 209), logo, o fato de Bela camuflar e esconder as

violências que sofre exige do/a leitor/a esse interesse, uma maior atenção no ato de leitura, visto que a violência sofrida por ela pode ser lida nas entrelinhas, no *space-off*. Contudo, tais diferenças quanto às instâncias narrativas não nos impedem de compreender que, apesar de ambas as protagonistas das obras aqui analisadas permanecerem em seus respectivos casamentos abusivos, os motivos são distintos⁸⁶.

Bela, além de crer nos mitos do amor romântico, dá indícios de que sofria de dependência afetiva/emocional, a qual, como explicado anteriormente, é uma das causas que mantém as mulheres em casamentos abusivos. Em relação a Eurídice, esta vivia em uma época em que o divórcio era “considerado por muitos um veneno para a estabilidade social por enfraquecer a instituição família” (PINSKY, 1997, p. 636). Porém, independentemente da causa, deve-se rechaçar a premissa de que a mulher permanece com o parceiro abusivo porque quer. Segundo Coral Herrera Gómez, “en numerosas ocasiones ha surgido en el seno de los estudios de género la pregunta si se puede atribuir a las mujeres la responsabilidad de su propia agresión”⁸⁷ (GÓMEZ, 2010, p. 222). Portanto, é extremamente relevante destacar que a culpa nunca é da vítima. A violência funciona como um mecanismo de controle social para reproduzir e manter o *status quo* da dominação masculina. Assim, deve-se abolir esse mito de masoquismo da mulher vítima de violência doméstica, pois criar estereótipos sobre essas mulheres é mais uma forma sorrrateira de jogar a culpa sobre a vítima e não ajuda em nada a entender e a prevenir a violência e, por conseguinte, desconstruí-la.

⁸⁶ Vale salientar que há diversos motivos para que a mulher permaneça em um relacionamento conjugal violento, como a dependência financeira, a incredulidade de poder criar os filhos sozinha, o medo de ser morta, dentre outros.

⁸⁷ “em inúmeras ocasiões, surgiu a questão nos estudos de gênero se a responsabilidade por sua própria agressão pode ser atribuída às mulheres”.

Capítulo II

Em vida de marido e mulher se mete, sim, a colher

O mundo é um lugar perigoso de se viver. Não só por causa dos que nele fazem mal, mas por causa daqueles que apenas olham e permitem que ele seja feito.

Albert Einstein

A representação literária da violência doméstica será analisada, neste capítulo, por meio do romance *Minhas vizinhas* (2011), da escritora italiana Claudia Priano⁸⁸, e dos contos “Destino: Sé” (2010), da brasileira Simone Paulino⁸⁹ e “O homem do vale” (2014), da chilena, Marcela Serrano⁹⁰. A escolha desse *corpus* para esta parte do estudo é pelo fato de que, nas duas primeiras obras citadas, as protagonistas, mulheres agredidas por seus parceiros, conseguem sair do casamento abusivo. Ainda que se mantenham em silêncio sobre tais violências, a partir de uma ajuda externa, ou seja, elas irão contar com o auxílio de uma terceira pessoa a qual irá intervir no relacionamento, “metendo, sim, a colher”, desmantelando-se, dessa forma, o ciclo da violência e, por conseguinte, socorrendo essas mulheres.

A presença do conto de Serrano neste capítulo se dá porque, embora seu desfecho se diferencie das obras de Priano e de Paulino, ele faz um contraponto pertinente ao evidenciar e problematizar uma das consequências possíveis para um relacionamento abusivo em que ninguém se interfere e que a mulher não consegue vislumbrar sozinha uma maneira de romper com o casamento abusivo.

Na ordem social, segundo Saffioti, “a violência doméstica ocorre numa relação afetiva, cuja ruptura, demanda, via de regra, intervenção externa. Raramente uma mulher consegue desvincular-se de um homem violento sem auxílio externo” (SAFFIOTI, 1999,

⁸⁸ A autora italiana, além da obra aqui analisada, escreveu, dentre outros livros, *Cose che capitano* (2006), *Com il cuore leggermente indolenzito* (2007) e *Medicina generale* (2007), o qual foi roteirizado pela emissora de televisão italiana Rai Uno. Priano também é colaboradora do site cultural <http://www.mentelocale.it>

⁸⁹ Simone Paulino é jornalista, mestra em Teoria Literária e Literatura Comparada pela USP, autora de vários livros (além de participações em antologias), como *O sonho secreto de Alice* (2013), *Clarice Lispector pode mudar sua vida* (2017), *Abraços negados* (2020), além de ser criadora da editora Nós.

⁹⁰ São recorrentes nas obras da escritora chilena Marcela Serrano as histórias de mulheres que, mesmo em situações de pressão e grande dificuldade, procuram seu empoderamento pessoal e lutam pela solução dos problemas, provocados pela violência de gênero, como no caso do romance *Antigua vida mía* (2005). Há também a temática do estupro em alguns dos contos reunidos em *Diez mujeres* (2012) e a violência social, no romance *La llorona* (2017).

p. 85). Nas representações de relacionamentos abusivos, nas obras supracitadas, as dinâmicas não se dão de maneiras distintas da apresentada por Saffioti. É importante ressaltar que a necessidade de uma intervenção externa não significa que as vítimas de violência doméstica possam ser rotuladas como masoquistas⁹¹, por não tomarem a iniciativa de saírem do relacionamento por si mesmas, pois, como veremos, ao longo deste estudo, há vários aspectos que podem dificultar e, até mesmo, impossibilitar a ruptura do casamento.

Ademais, será observado, nas obras de Claudia Priano e Simone Paulino, o silêncio cúmplice, que envolve as vítimas⁹², os agressores e os demais indivíduos que as rodeiam, os quais, mesmo não habitando entre as quatro paredes do casal, têm ciência das agressões e, em geral, permanecem inertes, pautados no dito popular, o qual é passado oralmente, de geração a geração que “em briga de marido e mulher não se mete a colher”. Esse dito popular, carregado de um tom proverbial, torna-se “uma asserção sobre a maneira como funcionam as coisas, sobre como funciona o mundo, dizendo o que é verdadeiro” (MAINGUENEAU, 2001, p. 171).

Nesse contexto, o responsável pela asserção se invisibiliza, uma vez que o enunciado se associou a uma memória discursiva oral, todavia, esse adágio, já “na boca do povo”, é sedimentado, tornando-se algo inquestionável, uma verdade absoluta. Contraditoriamente, “a sociedade considera normal e natural que homens maltratem suas mulheres” (SAFFIOTI, 1999, p. 84), mas considera anormal que alguém, que testemunhe tal violência, interfira, quebrando, assim, esse silêncio cúmplice. Já no conto “O homem do vale”, não encontraremos um silêncio cúmplice, mas sim um silêncio pautado na incredulidade de que haverá alguém que ouvirá e ajudará a personagem vítima de violência doméstica.

1. Anna e Margarida: as vizinhas

Minhas vizinhas (2011), de Claudia Priano, é um romance sobre mulheres, sobre vidas entrelaçadas, sobre violência e sobre solidão. Margarida Malinverni e Anna

⁹¹ Acosta (2001, p. 93) afirma que esse mito do “masoquismo da vítima”, ou seja, “que las mujeres maltratadas disfrutan con las agresiones” (“que as mulheres maltratadas gostam de ser agredidas”) deve ser desconstruído. Reforço essa ideia aqui, da desconstrução do “mito do masoquismo”, a qual já foi abordada no Cap. I (ver p. 60 deste estudo).

⁹² Assim como no primeiro capítulo deste estudo, tal qual no posterior, os silêncios das vítimas são observados a fim de compreender seu(s) significado(s).

Armandi são as protagonistas da obra, contudo, é a partir da perspectiva de Margarida, narradora em primeira pessoa, que tomamos conhecimento dos acontecimentos de sua própria vida, bem como dos da vida de Anna. Em alguns momentos, esta desaparece da narrativa, porque a narradora vai focar realmente em si, tanto retomando seu passado quanto refletindo sobre seu atual momento. Porém, indubitavelmente, Anna é o fio condutor dessa história, tanto que, logo no primeiro parágrafo da obra, lemos: “A primeira vez que a ouvi chorar, eu estava deitada em cima do colchão novo, cheirando a novo, a plástico novo, cercada de caixas e caixotes de papelão com fita durex (...)” (PRIANO, 2011, p. 11). Margarida havia acabado de se mudar para um novo apartamento, a fim de morar com seu companheiro, Sérgio. Nesse prédio, ao longo da narrativa, ela fará amizade com diversas mulheres (inclusive com Anna), suas vizinhas. Daí o título do romance, o qual é dividido em duas partes. A primeira começa com um impasse e termina com uma consciência, que coloca ambas as protagonistas frente a uma encruzilhada: a fuga ou a luta. Na segunda parte, segue-se uma batalha, a qual Anna terá que vencer se quiser sobreviver.

Entretanto, antes de passar para a análise do enredo em si, é relevante fazer um cotejo de dois elementos das edições italiana e brasileira, pois, com a publicação nacional, o livro passou por alterações quanto a aspectos externos, como a tradução do título e a ilustração da capa. Esses elementos, segundo Gérard Genette (2009), são paratextos, porque, como o próprio prefixo do vocábulo indica, são componentes, em tese, externos ao texto propriamente dito. Porém, o pesquisador afirma que os elementos paratextuais estão em concomitância com a obra como um todo:

Mais do que um limite ou uma fronteira estanque, trata-se aqui de um limiar, ou (...) um ‘vestíbulo’, que oferece a cada um a possibilidade de entrar, ou de retroceder. ‘Zona indecisa’ entre o dentro e o fora, sem limite rigoroso, nem para o interior (o texto) nem para o exterior (o discurso do mundo sobre o texto). (...) Constitui entre o texto e o extratexto uma zona não apenas de transição, mas também de *transação*: lugar privilegiado de uma pragmática e de uma estratégia, de uma ação sobre o público, a serviço, bem ou mal compreendido e acabado, de uma melhor acolhida do texto e de uma leitura mais pertinente – mais pertinente, entenda-se aos olhos do autor e seus aliados (grifos do autor) (GENETTE, 2009, pp. 09-10).

Assim, faço uso da teoria dos paratextos de Genette para analisar, de maneira comparada, dois aspectos paratextuais da obra de Claudia Priano: o título e a capa, como já mencionado. O primeiro, obviamente, foi traduzido do italiano para o português⁹³, contudo, se afastando da premissa de que “a tradução consiste em produzir na língua de

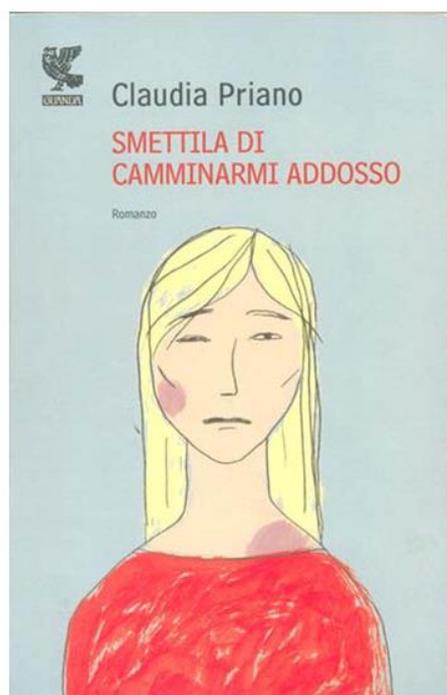
⁹³ Tradução de Mario Fondelli.

chegada o equivalente natural mais próximo da mensagem da língua de partida” (NIDA *apud* MOUNIN, 1975, p. 252). Dessarte, no que se refere à tradução de títulos, tal equivalência também se faz necessária. No entanto, o que se observa, na tradução realizada pela editora Rocco, é uma discrepância. Como já explicitado, o título em português, “Minhas vizinhas”, faz referência às vidas das mulheres, moradoras do mesmo edifício de Margarida e que, ao longo da narrativa, vão se tornando amigas. Dessa forma, por meio da perspectiva da protagonista, tomamos relativo conhecimento da vida dessas vizinhas, já que Margarida não nos apresenta, com muitos detalhes, essas mulheres, com exceção da vida de Anna, que é a mulher agredida pelo marido⁹⁴ e que mora lado a lado com Margarida. Assim, o título em português ficou extremamente abrangente, não fornecendo ao/à leitor/a nenhum indício de que a temática principal da obra é a violência doméstica. Já, em italiano, o título original, *Smettila di camminarmi addosso*, que, literalmente, em português, significa “pare de andar/pisar/pisotear em mim”, expressa um sentido de “pare de me maltratar, de me agredir”, fazendo, desse modo, referência direta à agressão física, que é a temática principal do enredo.

Consoante Ervin Theodor, as discrepâncias ocorridas na tradução do título de livros não estaria a cargo dos tradutores, mas sim das editoras, pois “em geral, a determinação final é dada por um editor, que se baseia quase sempre em propostas oriundas de âmbito extraprofissional (do ponto de vista do tradutor), quer sugeridas pela demanda do mercado (...), **quer pela natureza supostamente adequada ao consumo interno**” (grifo meu) (THEODOR, 1983, p. 34). Ou seja, de acordo com a oração grifada, as editoras elegem o título pensando na recepção do objeto livro, dentro do mercado editorial, não priorizando uma tradução mais próxima ao significado do título em seu original. Mais à frente, levantarei uma hipótese de o porquê isso ocorrer na obra de Priano aqui no Brasil.

⁹⁴ Conforme o ISTAT (Istituto Nazionale di Statistica), em 2018, aproximadamente sete milhões de mulheres sofreram algum tipo de violência doméstica na Itália. Disponível em: <<https://www.istat.it/it/archivio/235994/>> Acesso em: 06 de maio de 2022. A lei que ampara as mulheres vítimas de violência doméstica na Itália se chama *Código Vermelho* (lei AC 1455), aprovada em 2018. Em detalhe, “o dispositivo regula: violência psicológica (art. 33); atos persecutórios - *stalking* (artigo 34); violência física (artigo 35), violência sexual, estupro (artigo 36); casamento forçado (artigo 37); mutilação genital feminina (artigo 38), aborto forçado e esterilização forçada (artigo 39); assédio sexual (artigo 40), bem como crimes cometidos em nome da chamada ‘honra’ (artigo 42)”. Disponível em: <https://www.dirittopenaleglobalizzazione.it/lordinamento-italiano-vara-codice-rosso-la-violenza-sulle-donne/>> Acesso em: 06 de maio de 2022.

Já, acerca da capa, conforme Silva, “por definição, (...) é um plano único que envolve o miolo do livro, sendo composta por três faces: a capa ou painel frontal, a lombada e a contracapa. Apesar de o termo contemplar essas três partes, fisicamente ligadas entre si, é também empregue para falar apenas do painel frontal, o mais importante e visível dos três” (SILVA, 2008, p. 15). Essa última face, que seria o painel frontal, é a que será aqui analisada. Justamente por essa parte ser a mais visível, ela possui uma posição privilegiada no livro, podendo “dizer” muito (ou não) sobre a narrativa em si. Ainda segundo Genette, os projetos gráficos de publicação do texto “o cercam e o prolongam, exatamente para *apresentá-lo*, no sentido habitual do verbo, mas também em seu sentido mais forte: para *torná-lo presente*, para garantir sua presença no mundo, sua ‘recepção’ e seu consumo” (grifos do autor) (GENETTE, 2009, p. 09). Assim, mesmo sem percebermos, somos influenciados, quanto à recepção do livro, pelos paratextos editoriais.



Ugo Guanda Editore, 2009



Rocco, 2011

A partir da comparação e da análise do conteúdo dessas capas, nota-se que, na edição italiana, há o desenho de uma mulher, quase apenas um esboço, com poucas

características físicas. Tal decisão, de pouco delimitar a mulher⁹⁵, possibilita um destaque nas marcas de agressões físicas, as quais são bem visíveis pelo corpo (em um dos olhos, na face, abaixo do pescoço), além de um nítido semblante triste. O título original da obra e a imagem dessa mulher, que aparece na capa italiana, reportam a Anna, a qual, mesmo não sendo a única personagem que sofre abusos físicos por parte de um homem, ao longo da narrativa, é a única protagonista, da obra, que é agredida por seu marido, ou seja, a temática da violência contra a mulher ganha centralidade inclusive nos elementos paratextuais do livro. Em contrapartida, a capa da edição brasileira apresenta a fotografia de uma mulher bonita e, aparentemente, pensativa, não fazendo alusão, portanto, nem à tradução do título para o português, nem a nenhuma personagem, em específico, de “Minhas vizinhas”, nem ao tema tratado na obra. Conforme Alfredo Machado⁹⁶, fundador da editora Record, “o editor devia considerar o livro como um produto comercial, usando de todos os recursos para vendê-lo” (LEMOS *apud* FARIA, 1992, p. 10). Dessa forma, percebe-se que houve, por parte da Rocco, a qual, como editora, é um dos principais agentes do campo literário (BOURDIEU, 1996), uma alteração deliberada desses elementos paratextuais a fim de assegurar um controle quanto à interpretação e, por conseguinte, quanto à recepção dessa obra aqui no Brasil, provavelmente, com o mesmo objetivo que defendia Alfredo Machado.

Voltando à questão de uma hipótese plausível para tais modificações bruscas nas características paratextuais do título e da capa, fica sugestionado, por meio do estudo de Theodor (1983) e Genette (2009), tal qual pela colocação de Alfredo Machado (LEMOS *apud* FARIA), que as mudanças ocorridas não se devem a aspectos gráficos e/ou estéticos, mas sim a uma busca em garantir uma melhor aceitação da obra do mercado editorial por parte do público leitor. Mas por que tais adulterações foram necessárias? Minha hipótese é de que essas questões, de alguma maneira, corroboram com os resultados da pesquisa realizada por Regina Dalcastagnè (2010), já evidenciadas na introdução deste estudo, de que a violência doméstica é um tema silenciado na literatura brasileira. Por meio dos aspectos paratextuais aqui analisados, verifica-se que, mesmo que a obra em questão não faça parte da literatura brasileira, ao ser traduzida e publicada no Brasil, houve um

⁹⁵ Essa pouca delimitação dos traços físicos da mulher também pode ser um recurso com o propósito de salientar que qualquer mulher, independentemente da raça, classe social, dentre outros aspectos, pode estar vulnerável à violência doméstica.

⁹⁶ Essa informação foi fornecida pelo tradutor Alfredo Barcellos Pinheiro Lemos (1938-2008), funcionário da editora Record, à época, e enviada, por carta, à Sandra Aparecida Almeida Faria (1992), a qual pesquisava sobre o tema da tradução de títulos para sua monografia de final de curso.

silenciamento do tema, ainda que tenha sido na parte externa da obra, pois o título e a imagem da capa sofreram alterações significativas a fim de garantir sua comercialização, indicando que a temática da violência doméstica, em obras literárias, não são bem recebidas pelo público leitor nacional, por isso, tratar o título e a capa de maneira eufêmica pode ser uma estratégia de vendas.

1.1. Margarida: a testemunha das agressões contra Anna

O espaço narrativo da obra é, majoritariamente, a cidade de Gênova, na Itália, onde vive Margarida, uma mulher de 40 anos, a qual é uma escritora profissional. Depois de receber alta do hospital, onde foi internada por um colapso nervoso⁹⁷, ela decide morar com seu parceiro, Sérgio, o qual é um jornalista e correspondente de guerra. Porém, em razão do seu trabalho, ele não se encontra no país, está no Oriente Médio. Dessa forma, sem lhe proporcionar nenhum tipo de apoio ou cuidado, seja este físico ou psicológico, em relação à sua crise nervosa, ele ainda lhe delega a função de administrar a mudança sozinha, mesmo com a protagonista passando por esse momento difícil (de fragilidade) na vida. Ela relata que “tudo era sofrimento, para mim, e não havia jeito de melhorar a situação” (PRIANO, 2011, p. 11), ou seja, sua depressão se perpetuava, ainda que já tivesse recebido alta do hospital.

No que concerne à mudança, essa ideia partiu dele, pois, enquanto manobrava o carro para estacioná-lo, perguntou à namorada: “por que não vamos morar sob mesmo teto?, pouparíamos um bom dinheiro, luz, aluguel, gás etc. e tal, parece-me uma decisão bastante racional” (PRIANO, 2011, p. 12). Ela, sendo uma mulher madura, bem-sucedida e resolvida, não titubeia quanto à proposta de Sérgio e, imediatamente, responde que sim. Segundo Esperanza Bosch, “en las sociedades occidentales modernas una de las instituciones sociales básicas, como es la familia, se fundamente en el matrimonio y este, a su vez, en el amor romántico”⁹⁸ (BOSCH, 2010, p. 20). Contudo, o relacionamento do casal vai na contramão dessa idealização do casamento e do amor romântico, aproximando-se do conceito, de Giddens, de amor confluyente, “um amor ativo,

⁹⁷ O motivo do colapso nervoso de Margarida foi a necessidade que o cemitério, onde sua mãe estava enterrada, teve de mover seus ossos para um outro local, tendo sido essencial a sua presença nessa ocasião por uma questão de formalidades burocráticas. Tal feito lhe causou um grande abalo emocional.

⁹⁸ “nas sociedades ocidentais modernas uma das instituições sociais básicas, como a família, baseia-se no casamento e este, por sua vez, no amor romântico”.

contingente (...) que presume igualdade na doação e no recebimento emocionais” (GIDDENS, 1993, pp. 72-73).

Nesse prisma, de acordo com Prost (1992), a unidade familiar passou a sofrer, ao longo do tempo, modificações em termos quantitativos e conceituais, o casal passa a se tornar o centro da existência da família, inexistindo a obrigação de procriar, e o afeto passa a ser o centro da ligação emocional. O relacionamento de Margarida e Sérgio está pautado nessa ideia, eles se gostam, e isso já é razão suficiente para morarem juntos, eles não mencionam querer ter filhos e, além disso, não foi apenas o afeto que influenciou a decisão de ambos, mas também porque era o mais racional, como o próprio Sérgio afirma, visto que já permaneciam muito tempo na casa um do outro. Portanto, reitero que a relação de ambos não está pautada na ideia do amor romântico, tendo em vista que, mesmo deprimida e longe de Sérgio, ela demonstra bastante força e determinação ao lidar com essa nova fase de sua vida e também com as pessoas que a cercam, como sua prima Irene. Esta tenta persuadi-la a não se mudar, a não morar com Sérgio, já que ele era um homem pouco presente, porém, Margarida rebate: “eu só estava saindo daquela casa porque ia morar com meu homem (...). Já chega. Falei categórica, no mesmo tom enérgico e arrogante da prima Irene” (PRIANO, 2011, p. 14). Assim, embora tivesse noção de que começaria aquela vida a dois sozinha e que, provavelmente, mesmo morando com Sérgio, ele estaria muitas vezes ausente, a trabalho, ela não abre mão da relação.

No mesmo dia da mudança de Margarida, a temática principal da obra já ganha corpo, visto que a narradora começou a escutar barulhos vindos do apartamento ao lado do seu, pois “as paredes que separam dos vizinhos são praticamente de papelão” (PRIANO, 2011, p. 27):

Logo de cara não entendi direito do que se tratava, parecia um leve assovio, que se tornou mais audível, e então compreendi. Vinha do outro lado da parede. Era uma mulher, e o seu lamento era às vezes desesperado, às vezes raivoso, ou apenas um exausto balido. Não demorou a tornar-se um pranto convulso, chegava a gritar, parava por uns instantes e aí começava tudo de novo, primeiro o lamentoso murmúrio, aí aquele incontido. Fiquei olhando para a parede, quase não respirava para não fazer barulho, e permaneci algum tempo escutando. Achei um tanto idiota ficar ali, só ouvindo aquele sofrimento, **talvez** fosse melhor me levantar, bater à porta dela para oferecer ajuda. Mas algo, quem sabe **uma boba forma de discrição, me conteve**. Não lembro quanto durou, quem sabe uns dez minutos, ou talvez vinte, mas, quando decidi levantar-me e tomar uma atitude, ouvi outros ruídos. Era uma porta que se abria, a voz de um homem que dizia, chegamos, gritaria de crianças que chamavam a mãe. A mulher parara de chorar na mesma hora. Ouvi que assoava o nariz, e logo a seguir um tique-taque de saltos, e uma porta que se fechava, gritos de alegria e brincadeira, e tudo parecia estar certo. Só levei uns poucos minutos para adormecer. (grifos meus) (PRIANO, 2011, p. 21).

É dessa maneira, ainda indireta, retomando a ideia do primeiro parágrafo da obra, transcrito anteriormente⁹⁹, que Margarida tem contato com Anna Armandi, a qual é casada com Sandro Armandi, é mãe de dois filhos, Alice e Tommaso, e é sua vizinha da porta ao lado. A narradora ainda não sabia o porquê daquele choro, daquele sofrimento, mas tinha ciência de que o mais apropriado seria ir à vizinha e lhe oferecer ajuda, independentemente do motivo, ao invés de ficar apenas escutando através da parede. Contudo, nota-se, pelos trechos grifados no excerto acima, que Margarida tinha dúvidas (marcado no discurso pelo advérbio “talvez”) se deveria ou não oferecer tal auxílio, tendo em vista que não a conhecia, portanto, tal atitude poderia ser compreendida como indiscrição.

No entanto, devido aos fatos narrados já terem ocorrido, ela descreve sua conduta, após refletir a respeito, e considera seu posicionamento inicial como uma “boba forma de descrição”, externando seu pensamento de que a melhor atitude que ela poderia ter tomado era ter ido verificar o que estava ocorrendo. Em verdade, frente ao choro incessante, ela decidiu ir, mas a família de Anna chegou nesse mesmo instante, fazendo com que ela não visse mais necessidade de acudir a vizinha. Seu relaxamento é tanto que ela adormece. Margarida, falando sobre si mesma, diz que “eu nunca soube esperar, depois de tomar uma decisão precisava passar imediatamente à ação, ficar de lusco-fusco não era comigo” (PRIANO, 2011, p. 22). Essa sua característica é evidente, por exemplo, quanto à convicção de ir morar com Sérgio, contudo, em relação ao que se passava com a mulher, até então desconhecida para ela, Margarida toma a decisão de não interferir, mesmo que, posteriormente, mude de ideia. Essa questão de não se intrometer por acreditar que está sendo inconveniente reforça a manutenção da ideia de que o que ocorre no espaço privado de uma família não é problema alheio. Esse discurso, que retoma o sentido “sentencial” do ditado “em briga de marido e mulher não se mete a colher” é reproduzido dentro das próprias famílias, bem como na Igreja e na sociedade patriarcal como um todo.

Ao acordar, Margarida ainda tinha uma casa para organizar, por conta da mudança, porém, estava sem forças, porque vinha se alimentando mal desde seu colapso nervoso. Desse modo, decidiu ir à padaria a fim de tomar café da manhã, todavia, foi maltratada pela proprietária sem motivo aparente. Margarida não reagiu bem ao destrato: “Saí batendo a porta, a vidraça fez um grande estrondo. Afastei-me como um cão ferido

⁹⁹ Ver p. 87 deste estudo.

e raivoso, era assim que eu me sentia, e por um momento tive vontade de chorar” (PRIANO, 2011, p. 25). A partir dessa reação, como também daquela com Irene, quando esta criticou sua mudança, é perceptível que Margarida não é uma mulher passiva, ela é uma mulher de ação, como ela mesmo se descreve, já que não se mantém inativa frente a situações que a incomodam. Essa sua característica ficará ainda mais evidente durante a narrativa, pois essa sua inércia sobre o que está ocorrendo no apartamento ao lado do seu não irá perdurar.

No dia seguinte, ela acordou escutando vozes no patamar e, curiosa, começou a observar a movimentação pelo olho mágico da porta da frente, como relata:

Havia um homem, um menino, uma jovem e uma mulher, parados diante do elevador. O homem usava um sobretudo escuro, era alto e vigoroso (...). A criança menor, um menino pálido e magro de cabelos loiros, devia ter uns cinco anos, não parava de bocejar, a jovenzinha mantinha a cabeça baixa, de livros entre as mãos, parecia olhar para um ponto longínquo (...). Então a porta do elevador se abriu, o homem mandou entrar os filhos (...), despediu-se da mulher com um gesto distraído e desapareceu. A mulher ficou sozinha, imóvel, rígida. Continuava de olhos fixos no lugar onde tinha visto os seus desaparecerem, de rosto subitamente contraído, sério, quase pesaroso. De repente começou a apalpar a testa com a mão, a esbofetear de leve o rosto, o pescoço, a cabeça, batia por toda parte, mexia os braços magros aos pulos, com movimentos desordenados, cortava o ar, golpeava o vazio, mas com força e com raiva, e eu fiquei ali, olhando atrás da porta, gelada. (PRIANO, 2011, p. 34).

Margarida, após a cena que testemunhou, associou essa mulher àquela que chorava do outro lado da parede no dia anterior e passou a crer que, provavelmente, ela era desequilibrada. No início da narrativa, fica claro que Margarida, tanto pelas suas condições psicológicas quanto pela adaptação à sua nova vida, à sua nova moradia, não se preocupava muito com o que acontecia fora das suas quatro paredes (isso incluía Anna), tanto que, nos dias que se sucederam, ela se restringiu a narrar as adversidades relativas à mudança que estava enfrentando: como o aquecedor que não funcionava e o telefone fixo que estava mudo, além das dificuldades de desencaixotar e arrumar os objetos em seus devidos lugares. Ela vai contar como conheceu Sérgio, há 7 anos, e também vai retomar alguns pontos de sua infância, quando ficou órfã de mãe e foi morar na casa da tia Rita, mãe de Irene. Ao resgatar essas memórias, ela acaba fazendo menção a seus fantasmas.

Ainda que não explore o tema, neste momento da narrativa, fica claro, no entanto, que o que a assombrava tinha a ver com a mãe e que o gatilho dessas lembranças foi a situação de Anna: uma vítima de violência doméstica. Logo, Margarida já inferia o que se passava naquela casa, e a comprovação não tardou a chegar. Certa vez, enquanto ainda

colocava sua casa em ordem e em meio a um ataque de pânico, ela escutou seus vizinhos, do apartamento ao lado, despedirem-se de amigos e fecharem a porta. Subitamente,

um baque surdo do outro lado da parede me fez estremecer. Mais um, eu continuava a contar. Sete, oito, nove, dez. Outro golpe, um gemido. Frases murmuradas que não entendia, e mais baques. Dez, onze, não, quinze, quantas gotas botei¹⁰⁰? Aí uma espécie de latido gelou o meu sangue.

Não, eu lhe peço, por favor, não.

Os passos se afastaram, eu não me mexi enquanto ela continuava a ganir baixinho. Queixava-se e assoava o nariz, não, meu deus não, meu deus não, repetia, ajude-me, senhor, ajude-me, e assoava o nariz.

De repente, no quarto ao lado, a porta se abriu de novo, os passos se reaproximaram, e a voz do homem dizia, vamos, pare com isso, seja uma boa menina, olhe só para a sua cara, **a culpa é sua**, está entendendo?, só sua, **veja o que me força a fazer, fico até com vergonha**, arrume-se agora, sua boboca, e pare de tremer, *já lhe disse que sinto muito*, levante-se e limpe o rosto, e o chão também, agora vou acordar as crianças e ficamos fora por uns dois ou três dias, você não pode sair por aí desse jeito, *deixe ver, e afaste essa mão, vamos lá, não vou machucá-la, sabe que lhe quero bem, não sabe? Não, não chore, já pedi desculpas*, deixe ver, pare com isso senão vou chorar também, não tem nada de grave, vou acordar as crianças e vamos embora, amanhã você liga para o colégio e a creche e diz que estão doentes, eu ligo para o escritório, vou dizer que não está passando bem e tiro uns dias de folga. Está mais calma?, vamos, pode ficar tranquila, não sei o que deu em mim, já fazia muito tempo que não acontecia, **viu o que me força a fazer?**, você me deixa louco, *me perdoe, não vou fazer mais, eu juro, desta vez juro de verdade, venha cá, minha pequena, vem* (grifos meus) (PRIANO, 2011, p. 52).

No excerto transcrito é possível perceber duas características que, consoante Miguel Lorente Acosta, são frequentes na dinâmica dos maus-tratos. A primeira (ver trechos em negrito) é o fato de o agressor culpabilizar a vítima pelas agressões¹⁰¹, fazendo a mulher agredida “pensar que gran parte de la situación [de violência] viene condicionada por ella”¹⁰² (ACOSTA, 1999, p. 92), ou seja, o marido “vira o jogo”, pois ele se coloca no lugar de vítima, enquanto a mulher é manipulada a pensar que “mereceu” apanhar por ter feito algo errado. Assim, além de culpar a mulher pela conduta agressiva realizada por ele, há uma tendência quanto à minimização da agressão, nas palavras de Sandro: “não tem nada de grave”. A segunda característica é o ciclo da violência (ver trechos em itálico). É de extrema relevância ressaltar que as mulheres que são vítimas de violência por seus parceiros, em geral, não sofrem essa violência de forma pontual, as agressões ocorrem por meio de um ciclo, segundo Lenore Walker (1979), o qual tem como objeto principal controlar a conduta da mulher.

Ainda conforme Walker (1979), tal ciclo da violência é estabelecido por três fases: acumulação da tensão/violência psicológica; episódio da violência física e a lua de mel.

¹⁰⁰ Margarida se refere ao seu calmante em gotas, que tomava regularmente.

¹⁰¹ Questão também explanada no primeiro capítulo deste estudo.

¹⁰² “pensar que grande parte da situação [da violência] é condicionada por ela”.

A violência psicológica, que consiste na primeira fase, é perpetrada de maneira consciente por parte do agressor, “o homem incrementa seu sufocamento possessivo e sua brutalidade. Seus esforços para humilhar a mulher psicologicamente se fazem mais agudos, suas agressões verbais duram mais tempo e são mais hostis”¹⁰³ (WALKER, 1979, p.59). Isso significa que é um momento de tortura psicológica o qual culminará nas agressões físicas (das mais variadas), que são seguidas pela terceira fase, isto é, pela manifestação de arrependimento do autor e por promessas de que tais episódios não voltarão a acontecer. No trecho transcrito da obra de Priano, não é possível observar a primeira fase do ciclo e, como o foco narrativo não se dá por meio de Anna, tampouco tomamos conhecimento do que desencadeou o recomeço do ciclo da violência, já que o próprio Sandro afirma que já havia um tempo que ele não batia nela. A segunda fase fica evidente por meio dos diversos golpes deferidos em Anna e escutados por Margarida. E a terceira, são os pedidos de desculpa e a promessa que as agressões não voltarão a ocorrer. Desse modo, com a permanência da vítima e a estabilidade do relacionamento assegurada, as tensões, que caracterizam a primeira fase voltam a surgir, havendo, portanto, o recomeço do ciclo.

Margarida escutou também que ela não queria ir ao campo, no entanto, seu marido lhe disse: “Nada disso, agora você se levanta e faz tudo direitinho. Vamos partir dentro de meia hora” (PRIANO, 2011, p. 52). Após ter ouvido o suficiente, a narradora se dirige ao telefone para chamar a polícia, porém, não faz a ligação, porque percebe que a família ao lado está se movendo rapidamente para sair. Assim, ao invés de fazer o telefonema pretendido, tomou a decisão de abrir a porta. “Os quatro se viraram ao mesmo tempo, como pegos em flagrante. Ele sorriu para mim. Boa noite, disse cortês, apresentando uma forçada afabilidade. Ela [a esposa] continuava virada para a porta” (PRIANO, 2011, p. 53). O marido apresentou-se como Armandi, pediu desculpas, caso houvesse acordado Margarida, e explicou de estavam dando uma festinha e que, por fim, decidiram viajar para o campo, dado que sua esposa, Anna, estava muito cansada. Margarida interrompe seu discurso e se direciona a Anna, perguntando se estava tudo bem com ela. Nesse momento, Armandi parou de sorrir e respondeu por Anna:

Claro, só que é um tanto desastrada, escorregou.

Ela virou-se para mim. Mantinha o rosto encoberto por uma toalha suja de sangue, suas mãos eram extremamente brancas e magras, o rosto, a metade que eu podia ver, estava pálido e tenso, tinha os olhos úmidos e inchados de pranto.

¹⁰³ “the man increases his possessive smothering and brutality. His attempts at psychological humiliation become more barbed, his verbal harangues longer and more hostile”.

Se quiser entrar e fazer um curativo, sussurrei. Estou muito bem, respondeu seca. Queira nos desculpar, mas temos que partir. Como o meu marido já disse, é muito tarde.

Pronunciou estas palavras com uma inesperada agressividade na voz, uma espécie de azedume que me surpreendeu deixando-me sem palavras, e o gesto que fez em seguida... Esticou um braço e apertou o marido, lembro-me muito bem daquele movimento com que defendia o seu homem e o segredo da sua família de uma vida importuna, uma estranha que se atrevera a espionar na casa deles (PRIANO, 2011, pp. 53-54).

Margarida reparou que o marido voltara a sorrir, frente ao comportamento da esposa. Entretanto, reparou também que, enquanto o olhar de Armandi jorrava tranquilidade, o de Anna resplandecia ressentimento.

Naquele momento, Margarida soube que Anna não era uma mulher desequilibrada, como havia imaginado antes; ficou óbvio para ela que Anna fora vítima de agressões. Contudo, ela não comentou o que testemunhou com ninguém e tentava justificar, para ela mesma, que talvez o que vira não tenha sido grave:

E afinal, que diabo eu sabia daquela gente? Talvez fosse apenas um casal em crise, e o que ouvira fosse menos grave do que me parecera, a imaginação noturna é sempre aterradora, tende a dilatar e amplificar qualquer barulho. Talvez ela o tivesse traído, ou humilhado na frente de amigos, e ele reagira daquela forma descontrolada (PRIANO, 2011, p. 57).

Margarida estava “confusa entre o sentimento de descrição que educa as pessoas a não interferirem nos problemas de um casal – o que reafirma o ponto crucial do movimento feminista de que o privado é público e o pessoal é político” (DUTRA, 2018, p. 161). Por essa razão, procurava uma maneira de minimizar a situação para si mesma, procurando desculpas, levantando hipóteses, como a de um acidente doméstico, e, inclusive, culpando a vítima de haver traído o marido (ainda que fosse o caso, ele não teria o direito de agredi-la). Por fim, ela mesma não acredita na desculpa que criou, haja vista que ela tinha ouvido tudo. No entanto, o fato de Anna não ter lhe pedido ajuda, pelo contrário, ter demonstrado, por meio do olhar, que aquele era um assunto que não dizia respeito à narradora, a inibia no que tange a tomar alguma atitude.

Outrossim, ao ficar do lado do marido, ela estava apenas se protegendo, pois “muitas mulheres agredidas (...) fazem tudo o que esteja ao seu alcance para controlar todos os fatores externos possíveis com o propósito de impedir mais incidentes de agressão”¹⁰⁴ (WALKER, 1979, p. 58). Logo, o comportamento de Anna, muito possivelmente, tinha essa intenção de evitar um novo episódio de violência. Percebe-se também, nesse mesmo trecho, como o comportamento de Sandro é fingido, ele tinha

¹⁰⁴ “many battered women (...) go to great lengths to control as many external factors as possible in order to prevent further battering incidents”.

acabado de espancar a esposa, mas estava sorrindo e mentindo que ela estava bem, que Anna havia apenas caído, afinal, “parece razoável deduzir que os homens sabem que seu comportamento é inapropriado, mantendo, assim, a agressão como um assunto privado”¹⁰⁵ (WALKER, 1979, p. 60). Portanto, essa dissimulação dos agressores, os quais possuem um comportamento agradável e simpático, para com terceiros, é uma estratégia para não levantar suspeitas de sua conduta repugnante no convívio íntimo familiar. Porém, no caso de Margarida, ela sabia o que realmente acontecera.

Todavia, guiada pelo pensamento da não intromissão, ela conclui: “De fato, era a pura verdade. Eu não tinha nada a ver com aquilo” (PRIANO, 2011, p. 58), ou seja, ela se rende ao mito de que “em briga de marido mulher não se mete a colher”. Resoluta quanto a isso, decidiu esquecer o ocorrido e, finalmente, concluir a sua mudança para poder, desse modo, recomeçar a viver.

1.2. Anna e Margarida: um novo processo de comunicação

Passados alguns dias, Anna bateu à porta do apartamento de Margarida e viu que ela “usava grandes óculos escuros e um longo cachecol, também escuro, que lhe cobria metade do rosto, mas a marca roxa no rosto ainda era bem visível” (PRIANO, 2011, p. 61). É notório que todos esses acessórios eram para esconder as marcas do espancamento deixadas por Sandro. A razão, em tese, de Anna ter procurado sua vizinha foi para pedir desculpas por ter sido rude da última vez que se encontraram. Entretanto, fica evidente que o real motivo dessa visita é legitimar a justificativa dada pelo marido no dia da agressão, que havia sido um acidente, por Anna ser desastrada, protegendo, dessa forma, mais uma vez, o marido.

É importante ressaltar aquela afirmação de Lenore Walker (1979, p. 58), mencionada anteriormente, que essa “proteção” do marido é, na verdade, uma forma de autopreservação, pois, agindo dessa maneira, as vítimas de violência doméstica estão evitando que os agressores se irrite com elas e, por conseguinte, as espanquem novamente, por isso “elas os encobrem, dão desculpas por seu comportamento rude”¹⁰⁶ (WALKER, 1979, p. 58). Anna ainda acrescentou que seu marido, mesmo muito cansado de tanto trabalhar, sempre faz o possível para lhe agradar, por isso, foram ao campo, para

¹⁰⁵ “it seems reasonable to conclude that the men know their behaviour is inappropriate, because they keep battering such a private affair”.

¹⁰⁶ “they cover up for him, make excuses for his rude behaviour”.

que ela descansasse, porém, obviamente, o que ele queria era esconder, da sociedade da qual fazia parte, as marcas das agressões deixadas por ele no corpo da esposa. Margarida não retrucou, apenas disse: “se precisar de alguma coisa, pode contar comigo” (PRIANO, 2011, p. 62).

Nesse momento, uma nova personagem aparece na narrativa, a mãe de Anna, a qual a chamava insistentemente, porque iriam sair. Anna se despediu e acompanhou a mãe em silêncio. Diferentemente de Bela, narradora de *Meu marido*, de Livia Garcia-Roza, que tinha família, mesmo que esta estivesse sempre afastada por imposição do próprio marido, Eduardo, Anna não tem família próxima, com exceção da mãe, que é muito presente, embora não residam juntas. Contudo, também de maneira distinta da família de Bela, que nada sabia a respeito das violências que ela sofria por parte do cônjuge, a mãe de Anna, a qual não é nomeada no texto, tem ciência de todas as agressões sofridas pela filha. Ademais, ela apoia as atitudes violentas do genro, ao invés de defender sua própria prole. Veremos o porquê desse posicionamento tão incoerente mais adiante neste capítulo.

Já era noite e Margarida olhava pela janela, quando viu Anna, em silêncio, caminhando ao lado de sua mãe, a qual parecia animada, seu marido e um padre. A protagonista não compreende a presença do pároco, mas tampouco reflete sobre isso naquele momento, já que recebe um telefonema da sua prima Irene, com quem acaba tendo uma discussão, e de uma antiga amiga, Ângela Garofalo¹⁰⁷. As duas ligações lhe trazem lembranças; desse modo, ela interrompe a história de Anna para retomar as suas memórias.

Até então, com Sérgio ausente e tendo notícias de que ele ainda demoraria a regressar à Itália, Margarida não conseguia escrever e se “sentia uma dona de casa em horário integral” (PRIANO, 2011, p. 80). Embora cozinhasse apenas para ela, Margarida ia ao mercado com certa frequência. Em um desses dias de compras, coincidentemente, se encontrou com sua vizinha que mora na porta da frente. Até aquele momento se conheciam apenas de vista, porém, agora estavam devidamente apresentadas, a vizinha de chamava Anita Pomodoro, era professora aposentada, viúva e “uma dama requintada, mas ao mesmo tempo simples e disponível” (PRIANO, 2011, p. 82).

¹⁰⁷ Durante a conversa com Ângela, ela conta sobre sua vida, suas preocupações, suas angústias sobre sua depressão, sobre Sérgio, sobre o fato de não conseguir dar continuidade à escrita do seu livro e menciona o acontecido com Anna. Entretanto, sua amiga não esboça nenhuma surpresa, evidenciando como a violência contra a mulher é banalizada. Já para Margarida, mesmo que esta não tenha feito nada até então, é perceptível que isso a incomoda, ou seja, para ela, a violência doméstica não é algo natural.

Com exceção de Anna, ela ainda não conhecia ninguém do prédio. Após o mercado, Anita convidou Margarida para um chá, conversaram bastante, o que deixou a protagonista muito feliz, sentimento escasso naquele momento de sua vida, principalmente, por conta da depressão. Quando saiu do apartamento da nova amiga para entrar no seu, se deparou com a mãe de Anna deixando a casa da filha. Assim que Margarida a viu, perguntou como Anna estava e, para sua surpresa, a mãe lhe disse que ela estava ótima, que só precisava descansar e acrescentou: “estas mulheres jovens, de vez em quando entram em crise, não estão acostumadas com o trabalho pesado, as tarefas domésticas, os filhos para criar, um marido para cuidar, conosco a coisa era completamente diferente” (PRIANO, 2011, pp. 83-84), isto é, ela legitima a violência, faz vista grossa quanto às agressões e culpa a filha por não cumprir devidamente seu papel de mulher, de dona de casa, dentro do casamento. Consoante Antonie Giddens,

um casamento eficaz, ainda que não particularmente compensador, podia ser sustentado por uma divisão de trabalho entre os sexos, como o marido dominando o trabalho remunerado e a mulher, o trabalho doméstico. Podemos ver nesse aspecto como o confinamento da sexualidade feminina ao casamento era importante como um símbolo da mulher “respeitável” (GIDDENS, 1993, p. 58).

Sandro não necessitava de represálias, pois estava trabalhando e sustentando sua família, todavia, Anna, “merece” a repressão do marido, haja vista que, nessa divisão de trabalho entre os sexos, ela não estava cumprindo seu papel, não sendo, portanto, ‘respeitável’. A mãe ainda acrescenta que “não acontecem [os espancamentos] todos os dias, como talvez a senhora pudesse imaginar” (PRIANO, 2011, p. 82), corroborando aqui, uma vez mais, com outro dito sexista: “um tapinha não dói”¹⁰⁸. Portanto, não era um problema a filha apanhar de vez em quando para aprender a cumprir as suas responsabilidades matrimoniais. Ainda nessa conversa, Margarida descobre que Anna tem uma irmã, que fugiu de casa aos vinte anos, e que sua mais nova amiga, Anita, já tentou ajudar Anna, porém, sua mãe a rechaçou, ordenando que ela se afastasse e proclamando que seu genro era um homem generoso e temente a Deus.

Margarida se sentiu enojada com aquele discurso da mãe, encerrou a conversa e foi descansar. Certo dia, inexplicavelmente, Anna bate à porta de Margarida com uma vasilha de biscoitos nas mãos. A vizinha não chegou a entrar, mas a curta conversa que

¹⁰⁸ Este dito popular foi tema, no Brasil, da música “Só um tapinha” (2001), do Bonde do Tigrão. É inegável que a canção naturaliza a violência contra a mulher, como também a legitima e a estimula. Essa afirmação está em concordância com Langley e Levy, os quais declaram que “a sociedade encoraja o espancador por intermédio de vias como os meios eletrônicos, valores culturais passados de geração em geração e com a identidade egomachista que existe entre os homens” (LANGLEY; LEVY, 1980, p. 103).

ambas tiveram no entremeio da porta revela ao/à leitor/a a condição de isolamento e maus-tratos em que Anna vivia. Primeiramente, Margarida relata que a magreza de Anna era impressionante. Walker (1979, p. 58) afirma que muitas mulheres agredidas sofrem sérios sintomas psicofisiológicos, como, por exemplo, a perda de apetite. Desse modo, o pouco peso de Anna pode ser interpretado como um distúrbio alimentar fruto das agressões que sofria, tanto que, ao final do romance, já livre do ciclo de violência, ela ganha peso. Ao ser convidada a entrar, Anna enrijece, dizendo que não pode, provavelmente, porque o marido já lhe havia cortado qualquer possibilidade de fazer parte de um círculo social e, até mesmo, de interagir com quem quer que fosse, visto que ela conta a Margarida que é a mãe que busca os filhos na escola, mesmo não havendo nenhum empecilho que ela mesma pratique essa ação, pois ela não trabalha fora, ao contrário, está sempre confinada em casa. Logo, infere-se que ela não saía por falta de permissão de Sandro. Ela também não tinha autorização para ir ao mercado, uma vez que o marido alegava que ela tendia a gastar com coisas fúteis. Segundo Esperanza Bosch, existem os micromachismos¹⁰⁹, que são

aquellas conductas sutiles y cotidianas que constituyen estrategias de control y microviolencias que atentan contra la autonomía personal de las mujeres y que suelen ser invisibles o, incluso, estar perfectamente legitimadas por el entorno social. Se refiere, por tanto, a las prácticas de dominación masculina en la vida cotidiana, que incluyen un amplio abanico de maniobras interpersonales que tienen como objetivo mantener el dominio y su supuesta superioridad sobre la mujer objeto de la maniobra¹¹⁰ (BOSCH, 2007, p. 15).

Entre os tipos de micromachismos, listados por Bosch (2007), estão tanto a monopolização ou a anulação da vontade da mulher quanto o controle do dinheiro, objetivando provocar um sentimento de derrota, de “ineficacia o falta de fuerza para defender las propias decisiones o razones. Todo ello suele provocar en las mujeres inhibición, desconfianza en ellas mismas y en sus propios criterios y disminución de la autoestima”¹¹¹ (BOSCH, 2007, p. 16). Anna já estava tão convencida da sua impotência

¹⁰⁹ Conceito criado por Luis Bonino (1996) *apud* Bosch (2007).

¹¹⁰ “aqueles comportamentos sutis e cotidianos que constituem estratégias de controle e microviolência que ameaçam a autonomia pessoal das mulheres e que geralmente são invisíveis ou mesmo perfeitamente legitimados pelo meio social. Refere-se, portanto, às práticas de dominação masculina na vida cotidiana, que incluem uma ampla gama de manobras interpessoais que visam manter a dominação e sua suposta superioridade sobre a mulher objeto da manobra”.

¹¹¹ “ineficácia ou falta de força para defender suas próprias decisões ou razões. Tudo isso costuma causar inibição nas mulheres, desconfiança em si mesmas e em seus próprios critérios e diminuição da autoestima”.

que, quando conta a Margarida que Sandro a proíbe de ir ao mercado porque ela não sabe economizar o dinheiro, ela completa que ele “tem toda razão” (PRIANO, 2011, p. 90).

Assim, como ela não está autorizada a fazer compras, seu marido decidiu que em sua casa não se come nada industrializado. Por essa razão, Anna não aceita um pote de biscoitos de Pavia, cidade natal de Margarida, o qual ela ofereceu para a vizinha levar para seus filhos. “Pela expressão que se desenhara em seu rosto [de Anna], compreendi que aquela recusa não era uma bobagem sem motivo, nada disto, e que os biscoitos poderiam provocar um problema muito mais sério” (PRIANO, 2011, p. 90), ou seja, Margarida percebeu que eram proibições veementes do marido e não insistiu.

Essa conversa deixou Margarida tão desconcertada que ela, nervosa, saiu de casa:

fiquei andando por horas a fio, fazendo-me mil perguntas. Dizia a mim mesma que a vida tem o valor que cada um sabe atribuir-lhe, e ficava imaginando o que poderia representar para Anna. Uma desconhecida, afinal de contas, mas uma presença da qual não conseguia livrar-me. Suscitava em mim sentimentos contraditórios, compaixão misturada com raiva (PRIANO, 2011, p. 91).

Esse trecho demonstra que Margarida não era indiferente ao sofrimento de Anna, havia empatia, ela queria ajudar, mas ainda não sabia como e se sentia impotente frente àquela situação. O que fazer? Como fazer? Ela não tinha essas respostas. Aquela conversa com Anna também trouxe à tona não mais fantasmas, mas sim um monstro do passado que ela não conseguia mais controlar. A narradora ainda não nos revela o que seria, contudo, mais uma vez, dá indícios de que esse passado, que tanto a atormenta, tem ligação com algo que aconteceu com sua mãe, e é a violência sofrida por Anna que desencadeia essas lembranças.

Naquela noite, a narradora tinha combinado com Anita que esta iria a sua casa para beberem um vinho juntas. Após uma conversa de desabafos, por parte de Margarida, e de acolhimento, por parte da amiga, escutaram uma porta batendo e um gemido abafado, vindo do apartamento de Anna. E, pelas paredes, escutaram:

A voz dele soava seca e forçosamente comedida, você é apenas **uma títica, uma fracassada**, dizia, **não é nada sem mim, não é ninguém**, está entendendo **sua idiota de merda?**, nunca mais se atreva a responder daquele jeito.

Desculpe, não era minha intenção.

Não era sua intenção, mas fez.

Desculpe.

Escuta aqui, **saco de estrume**, se fizer outra vez vou jogá-la no olho da rua e nunca mais deixo que veja as crianças, entendeu, **sua grande bosta?**

Entendi, entendi, sim. Mas, por favor, não.

Viu, **sua vadia?** Nem cheguei perto de você. Não levantei um dedo, pode parar de bancar a vítima, **sua asquerosa**. Está vendo por que me faz perder a paciência, *percebe que é sempre culpa sua?*

Eu sei, desculpe, é minha culpa, por favor acalme-se.

E não me diga para me acalmar.

Está bem, desculpe.
E não se atreva a chorar, **sua inútil**.
Não, não vou chorar. Desculpe, desculpe. Tudo bem.
Tudo bem porra nenhuma (grifos meus) (PRIANO, 2011, p. 97).

Mais uma vez, nos deparamos com uma cena de extrema violência, mas sem termos conhecimento do que suscitou o recomeço do ciclo. Entretanto, conforme Bosch,

no hay una causa única que explique adecuadamente la violencia contra las mujeres si no que ésta surge de la convergencia de factores específicos en el contexto general de las desigualdades de poder (...) de modo que la violencia contra las mujeres funciona como un mecanismo para mantener la autoridad de los hombres y los límites de los roles de géneros masculinos y femeninos, en definitiva, como un mecanismo para el mantenimiento del sistema social patriarcal¹¹² (BOSCH, 2007, p. 8).

Logo, percebe-se que os motivos da violência não são relevantes, tendo em vista que, além de não justificá-la, eles têm como meta principal a manutenção do poder masculino sobre a mulher. “Neste sentido, o próprio gênero acaba por se revelar uma camisa de força: o homem deve agredir, porque macho deve dominar a qualquer custo; e mulher deve suportar agressões de toda ordem, porque seu ‘destino’ assim determina” (SAFFIOTI, 1999, p. 88). Nessa esfera, no trecho da obra transcrito, Anna suporta, no sentido de não contestar, todas as agressões psicológicas que lhe são perpetradas por meio dos xingamentos, ofensas e humilhações (em negrito na transcrição), visando depreciá-la, aniquilando sua autoestima. Outrossim, ele a ameaça, dizendo que ela não verá mais os filhos, fazendo uso da coerção para manter o controle. Assim como em um outro trecho aqui já analisado¹¹³, ele também a culpa pelo ocorrido e, provavelmente, para que ele não passe para a segunda fase do ciclo da violência, a da violência física, ela assume toda a culpa¹¹⁴, seja lá do que for, e ainda lhe pede desculpas (em itálico na transcrição).

Depois da agressão psicológica, o marido sai de casa, e Anna se rende ao pranto. Margarida e Anita, que estão do outro lado da parede, ouvem o choro e começam a dar batidas leves na parede. No início houve silêncio, mas, enfim, Anna bateu na parede de volta. Não era uma conversa, mas tal gesto fez com que Anna percebesse que não estava mais sozinha e que havia alguém que se importava com ela. Segundo Berlo (2003), para

¹¹² “não há uma causa única que explique adequadamente a violência contra a mulher, mas sim que esta surge da convergência de fatores específicos no contexto geral das desigualdades de poder (...) de modo que a violência contra as mulheres funciona como um mecanismo para manter a autoridade dos homens e os limites dos papéis de gênero masculino e feminino, enfim, como mecanismo de manutenção do sistema social patriarcal”.

¹¹³ Ver p. 95 deste estudo.

¹¹⁴ Por meios distintos, Antenor e Eduardo também fazem com que Eurídice e Bela, respectivamente, tomem para si a responsabilidade de qualquer discórdia.

que o processo de comunicação seja efetivo, é necessário que o emissor transmita uma mensagem através de um canal (ou meio) e que o receptor interprete tal mensagem de forma efetiva e emita uma resposta, completando, assim, o processo de comunicação. Como Anna ainda era uma mulher silenciada¹¹⁵, ela não poderia fazer uso da voz para se comunicar naquele momento, e Anita e Margarida (as emissoras) tinham ciência disso. Logo, já que a linguagem verbal não era uma opção, elas fizeram uso da linguagem não-verbal, a fim de manterem uma comunicação com Anna (a receptora). O canal utilizado foram as leves batidas na parede, e a mensagem, a qual foi interpretada por Anna e respondida, foi que as vizinhas sabiam o que estava acontecendo e que ela não estava só.

1.3. Margarida: a intercessora de Anna

Margarida agora já sentia que fazia parte daquela vizinhança e o processo de adaptação havia findado. Certa manhã, recebeu a visita de Mauro, marido de Irene. Ele a procurou dizendo que estava preocupado com sua esposa, pois esta não estava muito bem desde a internação de Margarida, porque, de alguma maneira, se sentia culpada pelo colapso nervoso da prima. Por essa razão, a narradora ligou para Irene e a chamou para um almoço em sua casa, intencionando convidá-la para um congresso, do qual participaria em Pavia, a cidade natal de ambas. Sobre o evento: “o assunto era bastante importante, a crise da mulher, a cada vez maior dificuldade em subir na carreira e firmar-se dentro das instituições, a violência, e assim por diante” (PRIANO, 2011, p. 103). É interessante observar que, a partir das temáticas do congresso, que engloba a violência contra a mulher, a autora evidencia a reforça a ideia do quão importante e necessário são esses momentos de discussão e de reflexão sobre o assunto. Na saída de casa para o supermercado, a fim de comprar os ingredientes para preparar o almoço de Irene, a narradora se depara com Anna, com um semblante sério, à sua porta e ela a convida a entrar e esta, pela primeira vez, aceita. O intuito da “visita” era justificar o acontecido da outra noite, defendendo Sandro, o qual é representado do excerto a seguir, sempre, como “meu marido”.¹¹⁶

¹¹⁵ Eurídice Gusmão, que, nesse caso era a emissoras, também necessitou encontrar uma outra maneira de se comunicar, já que também não tinha voz, assim, ela optou pela escrita de um livro. Contudo, a partir dos elementos narrativos da obra de Martha Batalha, não é possível afirmar que houve receptores. Quanto à mensagem, como explicitado no primeiro capítulo, pode-se inferir que o tema era a invisibilidade.

¹¹⁶ É interessante observar como, nesse momento de justificativas e explicações, ela se coloca em uma posição de subserviência quanto a Sandro, mesmo este não estando presente, assegurando, assim como a personagem Bela, a identidade de esposa submissa ao marido.

Eu sei, a outra noite eu me deixei levar, mas tudo isso é inútil e desagradável, e a senhora deve estar imaginando coisas erradas. Claro, continuou, é o que acontece com todos, mas o **meu marido** não é um monstro, ele me ama, e ama as crianças, gosta de mim e sofre muito devido a algumas coisas que acontecem. Só que às vezes perde a calma e fica furioso, e no fundo tem toda a razão, também sou culpada, não o ajudo o bastante, não pode contar comigo. Ele fica o dia inteiro no escritório (...) e precisa ser melhor que os outros, pois o **meu marido** não é um filhinho de papai, e tampouco alguém que se casou com uma mulher rica e de família conhecida, entende o que eu quero dizer? (...) Além do mais, eu não tenho recursos, está entendendo?, não tenho um tostão, minha mãe só tem o dinheiro do salário mínimo de aposentadoria, se não fosse por ele nem conseguiria sobreviver. Sem ele eu estaria no olho da rua, pois não há muita coisa que eu saiba fazer. Já fui secretária no passado, mas o **meu marido** diz que agora preciso cuidar das crianças (grifos meus) (PRIANO, 2011, pp. 104-105).

Neste trecho, Anna começa seu discurso retomando o ocorrido no dia das batidas na parede, descrevendo tal conduta como inútil, já que ela ainda não julgava que sua atitude já era, talvez, não um pedido, mas uma aceitação de ajuda. Ademais, encarava a situação como desagradável, possivelmente, por acreditar que estava incomodando Margarida e também porque ratificava o fato de que ela era uma vítima de violência doméstica, circunstância que ela queria esconder, inclusive, para sua própria proteção frente ao marido. Assim, em seu discurso, ela declara que Sandro ama tanto os filhos quanto ela e se culpa pelas violências que sofre. Consoante Acosta:

las dudas son sobre si la culpa fue del marido o fue ella misma que precipitó la agresión. Aunque estas reflexiones se mantuvieron más en el tiempo, sólo fue necesaria una nueva descarga de violencia para que, una vez más, los argumentos, justificaciones y explicaciones dejaran claro que la culpa había sido suya por provocar el marido¹¹⁷ (ACOSTA, 2001, p. 30).

Nas outras situações, aqui descritas, sobre ela mesma se culpabilizar pelas agressões, percebe-se que eram estratégias de defesa, isto é, ela aceitava a culpa, de forma irrefletida, com a finalidade de parar com a agressão. Porém, nesse excerto, a carga semântica da culpa se potencializa, pois Anna assimilou a culpa para si, sendo ela, portanto, a responsável pelas agressões por não o ajudar suficientemente, ou seja, levando em consideração a afirmação de Acosta acima, a violência sofrida somada às acusações do marido, a fizeram crer que ela mesma era a causadora da violência que sofria. Anna também deixa claro à vizinha que é completamente dependente do marido financeiramente e “a dependência financeira diminui a mulher, e o homem pode exercitar os seus músculos financeiros de muitas maneiras” (...). É aí que se encontra a tragédia das

¹¹⁷ “as dúvidas são se foi culpa do marido ou foi ela mesma quem precipitou a agressão. Embora essas reflexões tenham se mantido ao longo do tempo, só foi preciso uma nova rajada de violência para que, mais uma vez, os argumentos, justificativas e explicações deixassem claro que a culpa foi dela por provocar o marido”.

mulheres vítimas do abuso econômico: como elas não têm um centavo, nunca têm escolha” (MILLER, 1999, p. 72).

Logo, ainda que pudesse almejar o rompimento do casamento, ela via qualquer esforço a esse favor como “inútil” (retomando o adjetivo usado por ela no início do diálogo), visto que Sandro já havia movido “seus músculos financeiros” a fim de deixar Anna totalmente submissa a ele, além de atribuir-lhe a função de cuidar das crianças, impossibilitando-a, desse modo, a ter qualquer tipo de renda e, conseqüentemente, ter, como única opção, permanecer em casa e com ele, já que este garantia o sustento dela e dos filhos.

Diante desse discurso da vizinha, repleto de argumentos que atestavam não apenas a violência do marido, mas também a sua permanência no casamento, Margarida se colocou monossilábica, até que Anna perguntou: “O que pensa de mim? Acho que precisa de ajuda. E o meu marido? Ele também, claro” (PRIANO, 2011, p. 106). Observa-se, a partir dos questionamentos de Anna a Margarida e das respostas obtidas, que ela começa, mesmo que de forma incipiente, a desnaturalizar as ações de violência doméstica. Contudo, pela perspectiva de Anna, essa ajuda já estava providenciada, haja vista que dom Morena, o padre, já os estavam ajudando. A figura do padre representa a religiosidade, a permanência da família e a submissão da mulher. O título do capítulo passado, “o amor tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta”, não representa o desfecho de Anna na narrativa, porém, representa a premissa defendida pelo pároco, pois, conforme Danièle Krob, embora a religião esteja, primeiramente,

associada com a paz, com o bem comum da humanidade, com o amor, com a proteção daquele e daquelas menos favorecidas, o que dificulta a percepção do potencial de violência que subjaz em seu discurso e em sua prática, sobretudo em relação às mulheres, os tabus religiosos, muitas vezes, colaboram para manter a mulher que sofre violência em seu relacionamento. A falta de preparo teológico para lidar com situações de violência doméstica contra as mulheres também pode contribuir e alimentar os mitos religiosos que compactuam com esta realidade. Um dos maiores mitos da Igreja Cristã é o lar como lugar seguro e sagrado, devendo ser mantido acima de tudo (KROB, 2016, p. 209).

Vale lembrar que, para Pierre Bourdieu (2016, p. 55)¹¹⁸, a Igreja é justamente uma das instituições que reforçam determinadas ideologias, a fim de que o sistema de organização social patriarcal não se altere. Desse modo, a crença de que os homens possuem poder e autoridade sobre suas mulheres no matrimônio é legitimada, dificultando, assim, que as vítimas busquem ajuda jurídica, já que acreditam que sua

¹¹⁸ Ver p. 12 deste estudo.

obrigação é cumprir os papéis impostos a elas por seus maridos e, por conseguinte, pela sociedade patriarcal, onde o discurso religioso, aqui explicitado, está inserido.

Imediatamente após a saída de Anna da casa de Margarida, esta foi ao mercado e, depois, à igreja, estava decidida a conversar com o tal pároco. Assim que se encontram, ela foi questionada pelo padre: “E seu marido? Não sou casada. Solteira? Vivo com meu companheiro. **Tudo bem ainda tem tempo**” (grifos meus) (PRIANO, 2011, p. 109). Percebe-se que o padre a interroga sobre seu pertencimento a uma família tradicional, a qual, segundo Pollianna Freire, é aquela

inspirada nos valores da família nuclear burguesa, [que] tem servido como argumento para sustentação do conservadorismo social que vem se reverberando, por exemplo, por meio de discursos de ódio e do aparato jurídico resistente em reconhecer a legitimidade dos diferentes tipos de arranjos familiares existentes na sociedade brasileira (FREIRE, 2020, p. 153).

Esse não reconhecimento de um outro tipo de arranjo familiar, citado por Freire, está representado no período em negrito, citado acima, da narrativa de Priano, haja vista que a intenção do pároco é “consertar” a família de Margarida por meio do casamento civil/religioso, o qual traria a legitimidade necessária e exigida para essa união, segundo os moldes de família da sociedade patriarcal. Mas ela logo muda o rumo da conversa, dizendo que precisava de sua ajuda:

Os Armandi. São meus vizinhos.
Ótimas pessoas, não é verdade? Também conheço a mãe. (...).
Acho que o senhor está subestimando uma situação que pode ser muito grave.
Não sei do que está falando (...).
Aquele homem, Armandi, é um sujeito violento. E a coitada da mulher é prisioneira de um relacionamento doentio.
O padre parou de sorrir (...).
Acredito que não temos mais nada a nos dizer (...).
Mas o senhor sabe. Está a par de tudo. Bater numa mulher é crime.
Aqueles dois jovens se querem bem. Vão superar qualquer adversidade. (...)
Afim, o que quer que eu faça?, perguntou.
Anna confia no senhor. Convença-a a denunciá-lo, abra seus olhos.
Não diga bobagens. Como é que a senhora sabe? São amigas?
Já disse que moro ao lado deles, posso ouvir tudo.
Anna é uma boa moça que ama o marido e nunca faria alguma coisa para prejudicá-lo.
E ele pode? Pode fazer mal à mulher, bater nela toda vez que lhe der vontade?
Acha isso justo?
Afastou-se indignado, como se tivesse recebido uma grave ofensa.
Que Deus a perdoe, disse.
Deus não tem nada a ver com o caso, respondi. E, de qualquer maneira, deveria perdoar quem mantém toda essa história, esse verdadeiro massacre em segredo.
Mas que palavra é essa?, eximiu-se, levantando os braços para o céu.
Sou testemunha de violências bastante graves.

A senhora é uma histérica¹¹⁹. Está exagerando, berrou. (...) Conheço muita gente como a senhora, gente que não dá nenhum valor à família (...). Mas já pensou nas crianças? Naquilo que são obrigadas a ver? Aqueles filhos são abençoados pelo amor. Se há uma coisa que não existe naquela casa é o amor. (...) **Aquela mulher sofre violência todos os dias, e o senhor é cúmplice da mãe e do marido dela, continuei.** A senhora não sabe do que está falando, saia imediatamente daqui, berrou mais alto (grifos meus) (PRIANO, 2011, pp. 110-111).

Nesse excerto, fica claro que a Igreja pressiona a mulher para que esta se mantenha no casamento, a fim de que se preserve a sagrada família, “pois importa menos o que se passa em seu seio do que sua preservação enquanto instituição” (SAFFIOTI, 1999, p. 89), tendo em vista que, enquanto Margarida, em seu diálogo, tenta demonstrar ao padre, por meio da razão e, inclusive, da Justiça, que o que se passava dentro da casa dos Armandi era um verdadeiro massacre, ressaltando a violência física que Anna sofria, e sugerindo ao padre que denunciasse Sandro, o pároco, por sua vez, insiste na idealização do amor, do casamento e da família, afirmando que o casal irá superar “qualquer adversidade”, tratando a violência de uma maneira extremamente eufêmica. Ele declara ainda que uma possível denúncia de Anna prejudicaria seu marido, indicando, mais uma vez, que, na instituição “casamento”, o marido é, indubitavelmente, superior à esposa, conforme está na *Bíblia*, em Efésios 5:23-24: “Porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja, sendo Ele próprio o salvador do corpo. De sorte que, assim como a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo sujeitas a seus maridos”. Segundo esse versículo, qualquer mulher que se desloque da sua posição de submissão quanto ao marido, independentemente da razão, estaria cometendo um pecado. Nesse prisma, de acordo com Carolina Lemos e Sandra Souza,

o conjunto das representações sociais que se constituíram no decorrer da história sobre a subordinação e a inferioridade das mulheres marca sua autopercepção e a percepção dos outros sobre elas. São essas representações sociais que trazem significados que têm provocado nas mulheres a permissão resignada da violência, e o discurso religioso tem participado no processo de produção e reprodução dessas representações (LEMOS; SOUZA, 2009, p. 59).

Dessa forma, sendo Anna uma “boa moça”, conforme o padre, isto é, que seguia a doutrina cristã, e, conseqüentemente, se sujeitava a tudo que o marido lhe impunha, ela não prestaria queixa contra Sandro, ela não cometeria tal “pecado”. E, sobre a orientação que Margarida faz ao padre de ele mesmo denunciar as agressões de Sandro à polícia, ele se exime de qualquer responsabilidade e culpabiliza Margarida de estar querendo destruir

¹¹⁹ Essa questão da histeria feminina será tratada no próximo capítulo.

uma família com aquelas alegações. Contudo, a narradora deixa muito claro ao padre que, ao manter em silêncio tudo o que ele sabia, ele estava sendo cúmplice daquele crime. Para Krob,

as igrejas compactuam com a reprodução e manutenção dos mitos e da violência contra as mulheres no momento em que se tornam cúmplices da cultura do silêncio e da omissão, recusando-se a denunciar os atos de violência e seus autores, além das estruturas institucionais e sociais injustas que perpetuam essa prática (...). Ao comportarem-se frente à violência contra as mulheres como algo natural e banalizado socialmente, as Igrejas acabam legitimando sua prática no íntimo familiar, reforçando assim a visão do mundo patriarcal na qual o homem pode e deve exercer seu poder e autoridade sobre a mulher (KROB, 2014, p. 212).

Percebe-se, portanto, que o discurso religioso ampara o homem, independentemente de suas atitudes, em detrimento da mulher, a fim de que se mantenha a sagrada família. Assim, conserva-se o mito “de não meter a colher”, como é possível observar por meio da representação literária da personagem de Dom Morena, o qual rechaça Margarida e a expulsa da igreja, porque ela estava justamente “metendo a colher” no casamento de uma família cristã, a qual deveria seguir, sem titubear, a doutrina, os princípios e os valores do Cristianismo.

Ao sair da igreja, Margarida se dirigiu à padaria, onde Renata, a padeira, pela primeira vez, a atendeu gentilmente. Anita também se encontrava no local. As três mulheres travaram uma conversa sobre Anna, e, desse modo, Margarida tomou conhecimento que Renata, bem como Anita, já havia presenciado, há um ano, uma agressão de Sandro, bem em frente à padaria, no entanto, quando interveio, o marido se desculpou, dizendo que era apenas brincadeira entre namorados. E acrescentou que Anna foi ríspida, diante do oferecimento de ajuda da padeira, e pediu que ela não se metesse na vida alheia. O comportamento de ambos é idêntico ao que demonstraram em frente ao elevador: Sandro inventa uma desculpa e Anna não o desmente, além de se colocar na defensiva. Entretanto, como já explicado, essa era sua estratégia de autoproteção, evitando, assim, mais agressões. Anita disse que já estavam “todas fartas em saber o que acontece naquela casa” (PRIANO, 2011, p. 115) e declarou, ainda, que elas também já haviam procurado o padre, tal qual Margarida.

Todavia, como o diálogo com o pároco tampouco surtiu efeito, elas fizeram uma denúncia à polícia, a qual chegou a conversar com o casal, mas todas as alegações foram negadas tanto pelo marido como pela esposa. A polícia explicou a Anita e a Renata que, enquanto eles não colaborassem, nada poderia ser feito, assim, as aconselharam a esquecer o assunto. Além disso, a mãe de Anna, indignada com a denúncia que as

mulheres fizeram, as agrediu de maneira velada: esfaqueou a vitrine da padaria e matou uma das plantas de Anita, que ficava do lado de fora do apartamento. O fato de Anna negar o acontecido é compreensível, já que o fazia por medo. No entanto, a própria polícia, que tem o dever de proteger a mulher, em situações como essa, pedir que as testemunhas esqueçam o assunto, é inaceitável, porém, não é incomum. Conforme Marlise Vinagre Silva, versando sobre o Serviço Social (em situações de violência doméstica) em delegacias no Rio de Janeiro, afirma que

com relação ao atendimento policial, verificam-se duas questões. A primeira foi constatada ao se cotejarem os discursos e as práticas, quando ficou evidenciado que os agentes policiais têm uma percepção de que deveriam *meter a colher*, mas sua prática explicita a atitude de banalização da violência. Alguns policiais, sobretudo aqueles com maior tempo de instituição policial e pertencentes ao sexo masculino, demonstram sutilmente a tendência à posição de omissão (grifos da autora) (SILVA, 1992, pp. 67-68).

Ao agir dessa maneira, invisibilizando a mulher, as autoridades policiais estão dificultando a denúncia, por parte das vítimas, e favorecendo a impunidade acerca dos agressores. Michelle Perrot, ao tratar do tema da invisibilidade das mulheres, afirma que estas “são menos vistas no espaço público (...). Elas atuam em família, confinadas em casa. São invisíveis. Em muitas sociedades, a invisibilidade e o silêncio das mulheres fazem parte da ordem das coisas” (PERROT, 2019, pp. 16-17). Tal invisibilidade e silêncio são características de Eurídice Gusmão, de Bela e também de Anna, todavia, em relação a essa última, apesar de ela viver em silêncio, confinada em casa, ela era, em certa medida, visível, pois suas vizinhas e, inclusive, a polícia tinham conhecimento do que acontecia dentro do seu espaço privado, entretanto, era mais fácil para essas pessoas tratá-la como uma mulher invisível, visto que, desse modo, não precisariam intervir naquele casamento abusivo. Contudo, Anita diz a Margarida que, de alguma maneira, esta “conseguiu alguma coisa, não sei ao certo o que houve, mas ela reagiu. Só espero que alguma coisa aconteça” (PRIANO, 2011, p. 115). Quando Anita menciona essa reação de Anna, a qual foi uma conquista pequena, porém, significativa e advinda das intervenções¹²⁰ de Margarida, possivelmente, ela esteja se referindo àquelas batidas que Anna deu na parede, em resposta às batidas de Margarida e Anita, visto que, como explicado anteriormente, mesmo sem haver fala, aquele foi um processo de comunicação criado por essas mulheres.

¹²⁰ Percebo que, até esse momento da narrativa, as intervenções de Margarida foram justamente não tratar a violência que Anna sofria de maneira invisível, ratificando que ela precisava de ajuda e se colocando à disposição tanto para escutá-la quanto para ajudá-la no que fosse necessário.

Ao fim da discussão sobre a situação de Anna, Anita e Renata convidaram Anna para assistir a um filme, *Através de um espelho*¹²¹ (1970), de Bergman, na casa da professora, naquele mesmo dia à noite. Anita revelou que algumas mulheres do prédio e da vizinhança se reúnem em sua casa, duas vezes por mês, para essa sessão cinema, a fim de não se sentirem tão sozinhas. Margarida aceitou e ficou animada com a ideia de conhecer mais de suas vizinhas¹²². Depois de deixar a padaria, encontrou Irene tocando freneticamente a campainha de seu apartamento, pois Margarida, preocupada com Anna, havia se esquecido do almoço combinado. Como ela havia esquecido as compras na igreja, de tão desconcertada que ficou com a conversa com o padre, e também por conta do horário, não teria como cozinhar, levou sua prima para almoçar em uma cantina ali mesmo no bairro onde morava. Margarida, como pretendido, a convidou para acompanhá-la no congresso em Pavia, contudo, Irene negou, porque, para ela, também era difícil se lembrar do passado, logo, visitar o lugar onde cresceu traria essas memórias de volta. Nesse ponto, fica claro que não é apenas Margarida que possui fantasmas que ainda a assombram.

Margarida havia decidido começar a empreitada de escrever seu livro, escrevia compenetrada. Para não ser incomodada, desligara os telefones, todavia, naquele dia, a campainha tocava insistentemente. Era Anna. Seu marido havia viajado a trabalho, e a mãe estava gripada em casa, então, se aproveitando da ausência daqueles que a controlavam, ela teve a “liberdade” de ir até o apartamento ao lado, pela primeira vez, para uma visita. Assim que se sentou, ela desabafou:

o fato é que já espero há muito tempo que Deus faça alguma coisa, eu acredito, tenho fé, foi o que me ensinaram desde pequena, mas agora estou furiosa (...). Não sei se terei força de fazer o que deveria. (...). Todos esperam alguma coisa de mim, e sempre fiz o possível para não decepcioná-los. Mas agora me dou conta que deveria fazer alguma coisa por mim e pelos meus filhos.

Por que está com medo de denunciá-lo? (...)

O que seria de mim sem ele? Eu não sou nada, sou uma fracassada, não tenho trabalho, não tenho dinheiro, sou um zero à esquerda. (...)

Anna, você é mais forte do que pensa, falei passando com naturalidade para o “você”.

Como pode saber?, perguntou fitando-me fixamente.

¹²¹ A menção desse filme é uma intertextualidade quanto à temática da obra, pois este tem, como parte do enredo, o desfacelamento de uma família.

¹²² Nessa ocasião, conheceu Parodi, que vivia no apartamento abaixo do seu; Giudita, que morava no quarto andar do mesmo edifício; a contadora aposentada, do último andar; a pintora do prédio ao lado, além da cabeleireira e da quitandeira do bairro. “Estranha turma de mulheres, a boa vizinhança ainda existia, pensava [Margarida]” (PRIANO, 2011, p. 123). O fato de Margarida querer conhecer outras vizinhas contextualiza o título do livro, entretanto, de maneira alguma, representa, como já explicitado, a temática desta obra, até porque essas outras personagens, consideradas suas vizinhas, são absolutamente secundárias. Delas sabemos apenas os seus nomes, o local de moradia, ou, até mesmo, apenas suas profissões, posto que não chegam a ser nomeadas.

Eu sei.
Mas como?
Porque eu, no seu lugar, já teria morrido (PRIANO, 2011, p. 129).

Ela se deu conta de que esperar que Deus resolvesse o seu problema não era a solução e estava enraivecida com as pessoas que a fizeram crer que a religião era o único e absoluto caminho. É perceptível, pelo seu discurso, que ela quer sim pôr fim no seu casamento, devido às agressões, contudo, sua autoestima está baixíssima por conta das recorrentes violências físicas e psicológicas que sofria, em que o marido a inferiorizava. Enfim, ela não conseguia vislumbrar uma saída. Margarida tinha ciência disso, pois dizia que “havia conseguido deixá-la em pedaços, e recompor as peças não seria certamente uma tarefa simples. O minucioso trabalho de aviltamento diário, um tiquinho de bosta hoje, e depois as surras, os insultos, haviam-na deixado naquelas condições” (PRIANO, 2011, p. 130), ou seja, a narradora compreendia que tudo aquilo era consequência das agressões perpetradas por Sandro. Porém, Margarida lhe apoia: “fique tranquila, não vou deixá-la sozinha, se quiser minha ajuda é só pedir, **não sei como**, mas farei o possível, eu prometo” (grifos meus) (PRIANO, 2011, p. 130).

A narradora, bem como Anna, não tinha ideia do que poderia fazer, entretanto, Margarida oferece apoio total e incondicional a Anna, o que, para uma vítima de violência doméstica, a qual está, em geral, mantida em isolamento, é fundamental. Após se sentir acolhida e consolada, elas travaram um diálogo com assuntos triviais, até que algo completamente inusitado aconteceu. Ermínia Bassi, uma vizinha que morava no prédio ao lado de Margarida, a qual, apesar de nunca haver trocado nenhuma palavra com ela, a narradora gostava de observá-la trabalhando com esmero em sua casa, se suicidou, pulando da varanda do seu apartamento. Anna e Margarida foram testemunhas oculares. E é dessa maneira, com o suicídio de Ermínia Bassi, que a primeira parte do livro se encerra.

1.4. Anna e Margarida: uma amizade

A narradora foi quem tomou a iniciativa de ligar para a polícia, esta rapidamente chegou e interrogou Anna e Margarida. Ambas contaram a mesma história e foram logo dispensadas, porém, Anna ficou extremamente abalada, necessitando que sua vizinha, agora sua amiga, lhe dissesse: “daqui a pouco irei vê-la, chame-me se precisar de alguma coisa” (PRIANO, 2011, p. 137). Margarida se reuniu com Anita e Renata e ficou sabendo

um pouco mais da vida da suicida. Ermínia Bassi foi uma mergulhadora olímpica, no entanto, por conta de um acidente de carro, que lhe rendeu um problema nas costas, precisou abandonar a profissão. Ela se casou com seu antigo treinador, mas ele a deixou. Em seu segundo casamento, teve três filhos. Após a maternidade, teve um câncer. As vizinhas mais antigas disseram que, antes, ela ainda sorria e conversava, todavia, depois, se tornou uma reclusa, que saía apenas para ir ao mercado e não trocava uma palavra com ninguém.

Ao ouvir tal relato, Margarida, com a voz cheia de ódio, que nem parecia a dela, esbravejou que “o que aconteceu é culpa de todos, culpa de sua família, das pessoas que a conheciam, culpa nossa também. É assim que desperdiçamos nossas vidas, sem fazer nada, porque cada um de nós só pensa na própria vida, nas próprias pequenas guerras cotidianas. Mas acontece que estamos sozinhos, e ela estava mais sozinha que todos” (PRIANO, 2011, p. 139), ou seja, ela denuncia a falta de empatia e o “fingir não ver” das pessoas. Consoante Susan Sontag, “o outro, mesmo quando não se trata de um inimigo, só é visto como alguém para ser visto, e não alguém (como nós) que também vê” (SONTAG, 2003, p. 63), ou que também sente, isto é, tanto Ermínia Bassi quanto Anna são mulheres que estão sofrendo, a primeira de uma maneira mais escamoteada, a segunda, de forma escancarada. Entretanto, para a sociedade, o ato de não encarar essa dor do outro facilita a isenção de qualquer responsabilidade sobre ele. Nesse prisma, Margarida é o extremo oposto, pois ela não apenas vê a dor do outro, como também se coloca no lugar dele e busca oferecer-lhe auxílio.

A narradora saiu do apartamento de Anita e se dirigiu ao de Anna, como lhe havia prometido, para ver como ela estava, mas esta não a recebeu, pediu que seu caçula dissesse a Margarida que ela estava cansada. No outro dia pela manhã, Margarida retornou ao apartamento de Anna, não apenas para tomar conhecimento do seu estado, mas porque tinham que ir à delegacia assinar o boletim de ocorrência. Contudo, quem a recebeu na porta foi a mãe de Anna, com uma fisionomia hostil e relutante em chamar a filha. Margarida não se deu por vencida e persistiu. As vizinhas se encontraram, e Anna imediatamente pediu desculpas por ter exteriorizado seus sentimentos, no que concerne ao casamento, no dia anterior e afirmou: “às vezes sou frágil e insegura e então acabo transformando qualquer coisa em um drama. Desabafo meus bobos temores com qualquer um, como fiz com a senhora (...). Garanto-lhe que não voltarei a importuná-la. Espero

que a senhora faça o mesmo” (PRIANO, 2011, p. 144). Margarida ainda insistiu que ela precisava de ajuda, mas escutou que já tinha a própria mãe¹²³.

Nessa mesma tarde, Irene apareceu dizendo que havia mudado de ideia e que acompanharia Margarida à Pavia, para o congresso. Por um lado, a narradora estava animada, queria se desvencilhar da imagem sofrida de Anna e do suicídio da vizinha. Por outro, já não achava que a companhia de Irene seria agradável, queria ficar só. Mas a prima insistiu, e ela acabou cedendo, partiriam de trem no dia seguinte. Mesmo sendo uma viagem necessária, Margarida confessa que se sentia “aflita, por causa de Anna, que ficara sozinha, (...) enquanto eu simplesmente dava-lhe as costas e saía pela tangente” (PRIANO, 2011, p. 158). A narradora tinha, portanto, sentimentos contraditórios, pois ao mesmo tempo que gostaria de descansar, tentando se esquecer dos problemas de Anna, também se sentia culpada justamente por querer esquecer e se afastar, deixando Anna à mercê do marido violento¹²⁴.

A viagem a Pavia foi o gatilho definitivo para que Margarida relatasse e enfrentasse seus demônios do passado. Primeiramente, ela revela que Irene havia sido estuprada, aos 16 anos, pelo seu namorado da época, Lolli, e por três de seus colegas. Nessa ocasião, Irene estava demorando a voltar para casa, por isso, seu pai saiu à sua procura. Nesse interim, Margarida, que já imaginava onde ela poderia estar, no parque onde costumava ir com seu namorado, se dirigiu ao local, onde encontrou a amiga de Irene sendo estuprada e começou a pedir por socorro. Todos os estupradores fugiram e foi aí que ela viu Irene “deitada no chão, imóvel, toda arranhada e sangrando no rosto, de joelhos esfolados, lábio rachado” (PRIANO, 2011, p. 160). A amiga de Irene pediu a Margarida que guardasse segredo quanto ao que tinha passado, pois “esta é uma coisa que não se pode contar, se não meus pais me matam, entendeu? Pensa no que aconteceu com a Cesca” (PRIANO, 2011, p. 160). Cesca também era uma garota de Pavia que fora estuprada. Ela denunciou seu agressor, o qual chegou a ser julgado, mas foi absolvido, enquanto ela foi julgada e considerada culpada, pela população, por um crime que foi

¹²³ Em razão do foco narrativo, não sabemos o que ocorreu dentro do espaço privado de Anna para que esta negasse o que havia confidenciado à Margarida no dia anterior e também recusasse qualquer ajuda vinda da vizinha. Uma interpretação possível é que, devido ao suicídio de Ermínia Bassi, o qual Anna testemunhou e, por isso, foi arrolada pela polícia, não foi possível ocultar de Sandro que ela o havia desobedecido e que se encontrou com a vizinha em sua casa e, por esse motivo, ele a reprimiu.

¹²⁴ É interessante observar que, também por conta do foco narrativo, na obra *Minhas Vizinhas*, o/a leitor/a tem conhecimento do que Margarida, que é a personagem a qual representa a ajuda externa que a vítima necessita para romper com o ciclo de violência, pensa a respeito de Anna e de sua situação. Na próxima narrativa a ser analisada, o conto “Destino: Sé” (2010), não é possível, como veremos mais adiante, saber o que a personagem, que auxilia a vítima, reflexiona.

cometido contra ela. Peixoto e Nobre afirmam que, em razão do sexismo enraizado em nossa sociedade patriarcal

apesar de a mulher ser vítima, recai sobre ela a imposição social de que a culpa foi sua de alguma forma. Por mais que não seja encontrada uma relação dita direta de alguma atitude da mulher violentada, ou das mulheres em geral, com a violência sofrida, prevalece no imaginário de grande parte das pessoas a dúvida quanto à existência de uma possível “culpa indireta”¹²⁵ de tal vítima. Sendo essa dúvida sanada com a imediata responsabilização da violentada (PEIXOTO; NOBRE, 2015, p. 232).

Logo, devido a essa mitificação da culpa da vítima estuprada, tendo como exemplo o ocorrido com Cesca, Irene e Margarida (esta a pedido da prima) mantiveram o crime em silêncio. Entretanto, tal ato de violência, obviamente, lhe rendeu um trauma, tanto que um ano depois, época em que terminou o Ensino Médio, disse aos pais que queria ir para Gênova, a fim de cursar a Universidade de lá. Raramente voltava à cidade onde nasceu, por conta de tais lembranças.

Como já explicitado, Pavia também despertava os fantasmas de Margarida. Ela, em Gênova, dava indícios de que algo de ruim havia acontecido com sua mãe, porém, não revelava o quê. Já em sua cidade natal, ela liberta o monstro e relata que, após a morte do seu pai, em um acidente de trabalho, quando ela tinha apenas oito anos, sua mãe ficou extremamente deprimida. Em razão disso, ela recebia várias visitas de pessoas da vila, inclusive a de um homem, a qual sua mãe, no início, chamava de doutor (ele era o dono da farmácia local), “ele parecia muito atencioso, trazia comprimidos, perguntava como ela estava se sentindo, aconselhava-a a comer e a cuidar-se (...) foi nesta altura que mamãe voltou a sorrir (...). Chegava com flores do campo e bombons para mim” (PRIANO, 2011, p. 181). Esse homem, Anselmo, começou a viver com a mãe de Margarida, contudo, posteriormente, tais mimos deixaram de existir e ele passou a tratar a companheira como uma serviçal. Certo dia, Margarida, do seu quarto, escutou um gemido abafado¹²⁶ vindo do quarto da mãe, ela foi até lá e presenciou sua mãe “dobrada, de joelhos, com ele [Anselmo] que a segurava pelos cabelos e sussurrava em seu ouvido, nunca mais fale comigo desse jeito, está entendendo?, esta casa também é minha, quem paga as contas aqui sou eu, estou sendo claro? Ou pensa que pode viver com aquela pensão de miséria do seu marido? Mamãe dizia, não, por favor, por favor não¹²⁷” (PRIANO, 2011, p. 183). Mais uma vez, é possível observar, na narrativa, o “uso do patrimônio, que homens fazem

¹²⁵ Como, por exemplo, determinados comportamentos, as vestimentas, entre outros.

¹²⁶ Exatamente como escutou de Anna (ver pp. 102-103 deste estudo.).

¹²⁷ Exatamente como ouvia de Anna (ver pp. 102-103 deste estudo).

para subjugar suas mulheres. A ameaça permanente de empobrecimento induz muitas mulheres a suportar humilhações e outras formas de violência” (SAFFIOTI, 1999, p. 87), ou seja, Anselmo, bem como Sandro, fazia uso do controle coercitivo por meio do abuso econômico.

De forma semelhante ao comportamento de Anna, a mãe de Margarida também inventava desculpas, dizia que era apenas brincadeira, contudo, ela sabia que não era verdade. Desse modo, por ver a mãe cada vez mais triste, Margarida lhe disse que não queria mais ver o farmacêutico, que para ela era um intruso, em sua casa. A mãe a abraçou e lhe disse que assim o seria. Ela saiu de casa e voltou com hematomas no rosto, o que indicava que ela havia procurado o companheiro, a fim de terminar o relacionamento, e ele a espancou. Entretanto, a princípio, pareceu que ela havia conseguido colocar um fim no casamento e, conseqüentemente, no ciclo de agressões, pois Lena disse à filha que tinha uma boa notícia, que aquele homem não voltaria a entrar naquela casa. Todavia, mesmo não entrando, ele, durante várias noites, ficava do lado de fora, batendo na porta e gritando. Em uma dessas vezes, Lena disse que se ele não fosse embora, ela contaria tudo. Esse “tudo” não é esclarecido, mas é possível inferir que se tratava de denunciar os abusos que sofria entre quatro paredes e que eram testemunhados apenas pela filha, mas ela nunca o denunciou.

Passado um tempo do rompimento entre Lena e Anselmo, Irene saiu para procurar sua tia Lena, a pedido de sua mãe, para saber se Margarida, a qual a mãe havia deixado, mais cedo, na casa da irmã, poderia jantar e dormir lá. Irene a encontrou, porém, esta estava pendurada em um galho de uma árvore perto do rio. Ela havia se suicidado. O motivo do suicídio de Lena é desconhecido pelas demais personagens, contudo, pode-se inferir, a partir dos elementos do texto, que a mãe de Margarida estava infeliz por não conseguir afastar Anselmo, de forma definitiva, de suas vidas, então, talvez esse tenha sido o motivo¹²⁸.

Após cinco dias no campo, assim que chegou em casa, Margarida tocou a campainha de Anna, queria saber como ela estava, porém, ninguém atendeu. Por isso, procurou Anita, em busca de informações. Sua vizinha lhe informou que Anna havia sido internada. Obviamente, Margarida pensou que o motivo fora as agressões de Sandro, mas

¹²⁸ Vale ressaltar que não é coincidência que a narradora revele ao/à leitor/a que a mãe cometeu suicídio alguns capítulos depois de relatar o suicídio de Ermínia Bassi. Não há nenhum indício no texto que comprove que a vizinha de Margarida tenha tirado a própria vida por sofrer abusos por parte de seu marido. Contudo, o fato de a autora decidir colocar em seu livro duas personagens suicidas é uma maneira de ela chamar atenção para essa questão.

Anita não sabia dizer, apesar de compartilhar do mesmo pensamento. Ela acrescentou que, quando a ambulância chegou, o marido a acompanhou, e ao perguntar à mãe da vítima onde a filha tinha sido internada, ela se negou a dizer. Margarida, desconcertada, ligou para um amigo seu que era médico e lhe pediu que descobrisse em qual hospital Anna se encontrava. Ele retornou a ligação com a informação solicitada e disse mais: “[Anna] está com um braço quebrado e traumatismo craniano. Falei com o médico que a acompanha. Ela diz ter caído pelas escadas. Mas o meu colega não acreditou nem um pouco na história dela” (PRIANO, 2011, p. 202). Não é incomum que as mulheres vítimas de violência doméstica, que necessitam de socorro médico, venham a mentir sobre a origem dos ferimentos. De acordo com Acosta,

en muchas ocasiones cuando la mujer acude al médico (...) [ella] no suele decir que las lesiones se deben a una agresión del marido, sino que intenta justificarlas explicando que se ha tratado de un accidente fortuito, como ejemplo que se ha golpeado en casa o se ha caído por las escaleras¹²⁹ (ACOSTA, 2001, p. 73).

O ato de esconder dos médicos o que realmente aconteceu e, conseqüentemente, proteger o marido, pode ter várias razões, como, por exemplo, medo do reinício do ciclo, das autoridades não acreditarem em suas palavras, de o marido ser preso e ela perder o provedor do seu sustento (e dos filhos, quando há), caso a mulher seja dependente financeiramente dele, como também ela pode sofrer da síndrome da mulher maltratada (WALKER, 2017 [1984]). Em 1967, por meio de uma experiência com cães, o psicólogo Martin Seligman, da Universidade da Pensilvânia, “desenvolveu a teoria do desamparo aprendido: que os maus-tratos intermitentes, durante um período de tempo, tornam o indivíduo incapaz de fazer valer a sua vontade e, como resultado, submetem-se à vontade do controlador” (MILLER, 1999, pp. 120-121). A psicóloga Lenore Walker, em 1984, por sua vez, aplicou tal teoria em mulheres vítimas de violência doméstica, a qual denominou “síndrome da mulher maltratada”, a qual, segundo ela, consiste no

padrão dos sinais e sintomas que foram observados depois que uma mulher foi fisicamente, sexualmente e/ou psicologicamente abusada em um relacionamento íntimo, quando o parceiro (geralmente, mas nem sempre um homem) exerceu poder e controle sobre a mulher para coagi-la a fazer o que ele quisesse, sem levar em consideração seus direitos ou sentimentos (WALKER, 2017 [1984], pp. 49-50)¹³⁰.

¹²⁹ “muitas vezes quando a mulher vai ao médico (...) [ela] não costuma dizer que as lesões são por agressão do marido, mas tenta justificá-las explicando que foi um acidente fortuito, como, por exemplo, que sofreu um acidente caseiro ou caiu da escada”.

¹³⁰ "pattern of the signs and symptoms that have been found to occur after a woman has been physically, sexually, and/or psychologically abused in an intimate relationship, when the partner (usually, but not

Em decorrência de tal síndrome, as vítimas passam a acreditar que nada do que fizerem pode romper com o ciclo de violência e assumem uma posição de resignação perante a violência e ao seu destino. Consequentemente, segundo Miller (1999), elas desistem de fugir e se submetem ao agressor. Desse modo, em resumo, a síndrome da mulher maltratada causa uma sensação de impotência frente a qualquer situação, inclusive, a de denunciar o marido. Sabe-se que Anna era dependente financeira de Sandro, mas a narrativa não nos apresenta indícios de que esse tenha sido o motivo de ela não ter dito a verdade aos médicos. Contudo, o medo que tinha do marido e a apatia que apresentava em relação à vida estão bem nítidos no texto, assim, essa letargia existencial de Anna, bem como a da personagem Bela, de *Meu marido* (2006), acrescida à desesperança de se desvencilhar de Sandro, poderia caracterizar-se como a síndrome da mulher maltratada.

No mesmo instante em que recebeu o recado de seu amigo médico, Margarida foi ao hospital visitar a amiga, sua família não estava lá, apenas o padre, o qual não impediu a narradora de ver Anna. Ao vê-la, Margarida ficou chocada, “ela estava como um trapo, a cabeça enfaixada, a testa inchada e roxa, um braço engessado. Estava de olhos fechados e lábios apertados” (PRIANO, 2011, p. 203). Anna ficou bastante tempo em silêncio e quando falou foi para justificar, mais uma vez, as ações do marido: “jurou, ele jurou não fazer mais, desta vez é verdade, pedirá ajuda, vai se tratar, eu o amo (...), sem conseguir segurar um suspiro cheio de aflição” (PRIANO, 2011, p. 204). Nota-se que o ciclo de violência acabou de transitar da segunda fase, a da agressão, para a terceira fase, a da lua de mel, tendo em vista que Anna, novamente, crê nas promessas de Sandro de que os abusos não voltarão a ocorrer. Margarida não proferiu nenhuma palavra em relação a tal discurso, porém, interiormente, acreditava que já era tarde demais, que nada poderia fazer por Anna, porque “aquele homem conseguira. Aniquilara-a, apagara-a como mulher e como ser humano”. (PRIANO, 2011, p. 204), ou seja, Margarida temia que Sandro houvesse destruído todas as identidades de Anna, inclusive a de ser uma mulher e a de ser um indivíduo dentro da sociedade. De acordo com Zygmunt Bauman, “as identidades flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas por pessoas a nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras, em relação às últimas” (BAUMAN, 2001, p. 19). No caso de Anna, segundo o receio da narradora, ela estava impossibilitada de defender as suas identidades, aquelas por ela

always a man) exerted power and control over the woman to coerce her into doing whatever he wanted, without regard for her right or feelings”.

eleitas, devido à opressão do marido, que forjava suas identidades como melhor lhe convinha. Logo, com suas próprias identidades exterminadas e extinguidas, ela não teria forças para combater e, por conseguinte, romper com Sandro e com as violências que a cercavam.

Ao ir embora, ela viu o agressor, de longe, chegando ao hospital com um buquê de flores. É evidente que, ao visitar a esposa em posse de tal “presente”, ele estava fazendo deste um recurso para perdurar com a terceira fase do ciclo da violência, talvez por medo de que Anna o denunciasse naquele ambiente, em que ele não podia monitorá-la interruptamente, e também para aparentar ser um bom e amoroso marido, diante da equipe hospitalar, a fim de corroborar a história de Anna, isto é, que ele não teve nenhum envolvimento em seu “acidente”, já que seus graves ferimentos foram consequência da queda por ela relatada.

Anna demorou a ter alta do hospital e, quando voltou para casa, Margarida passou vários dias sem vê-la, pois não a procurou com o intuito de evitar problemas para a amiga. Contudo, monitorava o marido de Anna pela parede, por meio do som, e, também, pela janela. Às vezes, ele “chegava com flores, parecia realmente arrependido” (PRIANO, 2011, p. 207), provavelmente, ainda intencionando a duração da “lua de mel”. Todavia, consoante Miller, “durante muito tempo, eles [os parceiros agressores] as fazem acreditar que as coisas vão melhorar, concedendo-lhes momentos ocasionais de concórdia (...), porém, ele não vai mudar, ele não pode. Ele precisa de poder e de controle” (MILLER, 1999, p. 20). E, de alguma maneira, a narradora tinha ciência disso, porque já conjecturava que aquele comportamento de Sandro não seria uma constante na vida do casal e “ficava imaginando, com ansiedade, até quando aquilo iria durar” (PRIANO, 2011, p. 207). Durante esse período sem ver a amiga, Margarida encontrou, por acaso, a mãe de Anna no mercado. Esta, logo que viu a vizinha da filha, se dirigiu a ela e perguntou: “a senhora acha que eu sou uma péssima mãe, não é verdade? (...) que não penso na minha filha, que não quero o bem dela” (PRIANO, 2011, p. 208). Entretanto, ela não deu a oportunidade para que Margarida respondesse e foi logo dizendo que, em virtude da realidade financeira de Anna e pelo fato de ter dois filhos para criar, ela deveria se submeter àquela situação.

Além do mais, o meu genro acaba de ser promovido, continuou, agora é diretor de um banco (...) [ele está] sempre pensando no trabalho, pobre rapaz, enquanto a minha filha (...) diz que não tem a menor vontade de preparar jantares para os colegas e clientes do banco (...). São jantares importantes, mas ela **não quer assumir a sua parte da responsabilidade**” (grifos meus) (PRIANO, 2011, p. 84).

Outrossim, a mãe revela que ela mesma passou pela mesma situação para poder criar as filhas. A mãe de Anna não dá detalhes, mas fica evidente que, assim como Anna e assim como a mãe de Margarida, ela foi uma mulher agredida. Porém, além do padre, a mãe de Anna é a única personagem da narrativa a legitimar os abusos que a filha sofria. Conforme Perrot, versando sobre o contexto francês, do início do século XX, mas que ainda faz parte, de alguma maneira, da sociedade patriarcal atual, afirma que

a quantidade de mulheres que apanhavam dos maridos era imensa. Bater na mulher e nos filhos era considerado um meio normal, para o chefe de família, de ser o senhor de sua casa – desde que o fizesse com moderação. Tal comportamento era tolerado pela vizinhança, principalmente nos casos em que as esposas tinham reputação de serem donas de cada ‘relaxadas’ (PERROT, 2019, p. 77).

Desse modo, ademais de citar a situação financeira de Anna como justificativa para suportar as agressões do marido, ela também menciona que a filha não estava cumprindo, de forma adequada, com o seu papel de esposa/dona de casa, como é possível notar na oração em negrito no trecho da narrativa acima transcrito, ou seja, nas palavras de Michelle Perrot, ela se encaixaria nesse perfil de dona de casa ‘relaxada’, já que não quer preparar jantares para o seu marido, colegas e clientes, não assumindo, então, seu papel, “a sua parte da responsabilidade”¹³¹ dentro do casamento, podendo, portanto, apanhar de seu marido.

Um outro aspecto importante a ser observado é que a mãe de Anna naturaliza tanto as agressões da filha como as suas próprias, visto que declarou a Margarida que aguentou a violência que lhe era imposta por seu parceiro por questões econômicas, logo, muito provavelmente, Anna testemunhou, quando criança, tais abusos de seu pai dirigidos à sua mãe. Em um estudo sobre o impacto em crianças e adolescentes que presenciam a violência doméstica contra suas mães, Carolina Balista afirma que “os adolescentes tornam-se, assim, transmissores culturais dessa conduta, que gera para si mesmos, conflitos interpessoais, baixa autoestima, frustrações e risco de ser tanto agressor quanto vítima, com a possibilidade de perpetuar a violência intergeracional (BALISTA *et al.*, 2004, p. 2).

¹³¹ Já Sandro, segundo o discurso da mãe de Anna, estava cumprindo de maneira primorosa “a sua parte da responsabilidade” dentro do casamento, já que seu papel era o de prover, e ele havia conseguido uma promoção, tornando-se o diretor do banco onde trabalhava. Dessa forma, poderia proporcionar à família uma melhor situação financeira.

Nesse contexto, uma chave de leitura para a situação de Anna de, assim como a mãe, se tornar vítima de violência doméstica, bem como a sua baixa autoestima e a naturalização da violência, a ponto de tomar para si, muitas vezes, a culpa das agressões que sofria, seria essa perpetuação intergeracional da violência, visto que, ao presenciar a mãe sendo violentada e não reagindo, tal atitude recebeu, por parte de Anna, uma aceção de algo legítimo. É importante retomar o fato de que a mãe da narradora também foi abusada física e psicologicamente pelo novo companheiro, depois que enviuvou, porém, não suportou a violência sofrida, tanto que, provavelmente, esse tenha sido o motivo para ela tirar a própria vida.

Margarida não chegou a se encontrar com Anna durante o período da “lua de mel” do ciclo de violência, mas a encontrou no dia que essa fase acabou. Ela estava em sua casa com Irene, jantando, quando escutaram um barulho de vidro quebrado e de gritos vindos do apartamento ao lado. Margarida pediu a Irene que ligasse para a polícia e foi até o corredor, “os berros de Anna eram desesperados, nunca a ouvira gritar daquele jeito, normalmente suplicava bem baixinho. Mas agora se esgoelava a plenos pulmões, dominada pela voz trovejante do marido e pelo ruído de objetos despedaçados (...) ouvi claramente a voz de Anna, socorro, ajudem-me, socorro” (PRIANO, 2011, p. 214).

Provavelmente, seus gritos aumentaram, se tornando proporcionais à violência, que também aumentara¹³². Além disso, ela teve coragem de soltar a voz e pedir por socorro, pela primeira vez, visto que sabia que os reforços chegariam, na verdade, Margarida já estava à sua porta ao escutar os primeiros indícios de violência. A narradora começou a socar a porta da amiga, tal qual Irene e Anita, que se juntaram a ela. Sandro apareceu na porta com a mão sangrando e enfaixada, deu um empurrão em Margarida, para poder passar, e fugiu. As mulheres encontram Anna, ao chão, abraçada à filha, lhe fazendo a mesma promessa que outrora Lena fez à Margarida, que tudo havia acabado e

quando levantou a cabeça, tinha uma expressão que nunca vira nela, dura, parecia esculpida, e nunca mais iria esquecer aquele olhar, vibrante, ardente, como se pela primeira vez tivesse assistido a alguma coisa inimaginável e pavorosa. Só disse, nós estamos bem, mas chamem a polícia” (PRIANO, 2011, p. 215).

Mesmo com a polícia já a caminho, pela proatividade de Margarida, o fato de Anna, a própria vítima, pedir que a polícia fosse chamada é porque ela estava decidida a denunciá-lo. Essa foi a primeira voz de comando de Anna dentro da narrativa, pois, até então, ela se restringiu ao silêncio e à passividade. Vale lembrar que ela não prestou

¹³² Segundo Acosta (2001, pp. 31-32), a violência doméstica tem um caráter de progressividade.

queixa das agressões do marido nem quando a polícia a procurou por conta da denúncia feita por Renata, ao testemunhar as agressões em frente à sua padaria. Na verdade, o que ela fez, naquela ocasião, foi negar a violência sofrida. Logo, verifica-se que a tomada de decisão, por parte da própria vítima, é fundamental para romper com o ciclo de violência¹³³. Contudo, isso não significa que ela não necessite de apoio para chegar a essa resolução.

Margarida deu abrigo para Anna e seus filhos. Assim, eles se mudaram para o apartamento da vizinha e também foi lá que a polícia tomou o depoimento de Anna. Nesse momento, a narrativa adquire um tom de boletim de ocorrência e a vítima relata tudo o que lhe vinha acontecendo:

Disse que o marido vinha batendo nela havia alguns anos, já eram quatro desde a primeira vez, desde que ela dissera estar grávida de Tommaso. Disse que o marido, naquele tempo, acabara de ser contratado pelo novo banco, que tinha de sujeitar-se a horários estafantes, pois queria subir na vida, que estava muito ocupado para querer saber de mais um filho. Disse que chegou a agredi-la até mesmo quando já estava no nono mês, que durante a gravidez correu o risco de abortar três vezes devido às surras e a duas quedas. Disse que ele não queria que trabalhasse, que não lhe era permitido sair de casa, a não ser com a mãe. Disse que nos últimos dois anos ele a deixara sem celular e que não lhe permitia usar o telefone fixo, que controlava obsessivamente as contas telefônicas e os números chamados. Disse que não lhe dava dinheiro, que nem mesmo podia cuidar das compras. Disse que, depois das surras, ele sempre se acalmava, voltava a ser gentil e sensível como quando se conheceram, prometia que nunca mais iria acontecer. Disse que tinha todos os registros das internações no hospital, tirara fotocópias das fichas de entrada e as guardara, escondidas entre os lençóis, numa gaveta. Disse que da última vez ficara no hospital uma semana e que ele, mais uma vez, tinha jurado parar, prometido deixar-se ajudar por um especialista, um psicólogo, ou algo parecido. E que, no entanto, não fizera nada disso (PRIANO, 2011, p. 217).

Nesse relato, em que finalmente Anna toma a voz na narrativa, é possível perceber que o ciclo de violência não era algo recente em sua vida e que esta mulher era completamente cercada de vários tipos de agressões. De acordo com Xavier Caño,

es violencia psicológica doméstica aislar a la mujer de su familia original, de sus amigos, aislarla físicamente en la casa, encerrarla bajo llave, esconderle la ropa para que no pueda salir, dejarla sin dinero, prohibirle de trabajar, obligarle

¹³³ Essa convicção de denunciar o marido devido às agressões evita que a vítima tenda a retirar a queixa. É válido ressaltar que, no Brasil, “a maioria dos inquéritos policiais é arquivada por falta de provas ou por falta de vontade de prosseguir [por parte da vítima] (...) além do que, poucos desses inquéritos policiais, terminam em condenação” (SAFFIOTI, 1999, p. 88). Antigamente, ainda tratando de um contexto brasileiro, muitas das mulheres vítimas de violência doméstica, se dirigiam diretamente ou à delegacia, ou ao cartório da vara ou juizado da violência doméstica, a fim de retirar queixas (por distintos motivos), antes prestadas, contra o marido. Entretanto, a partir da *Lei Maria da Penha*, em seu artigo 16, essa dinâmica mudou, pois “só será admitida a renúncia à representação perante o juiz, em audiência especialmente designada com tal finalidade, antes do recebimento da denúncia e ouvido o Ministério Público” (BRASIL, 2006, s/p). Isso se deu para evitar que a mulher retire a queixa prestada por conta de algum ato de coerção do marido.

a dejar el trabajo, prohibirle desarrollarse como persona con actividades lúdicas, intelectuales, deportivas o creativas¹³⁴ (CAÑO, 1995, p. 201).

Ademais dos maus-tratos relatados por Anna, que Caño define como psíquicos, ela também declara que apanhou inclusive durante a gravidez do seu filho caçula, demonstrando, mais uma vez, a crueldade e egocentrismo de Sandro, pois, considerando que foi uma gravidez não planejada e que, naquele momento, seu desejo era ascender na carreira profissional, ele, ao bater em sua mulher, colocava em risco a vida da esposa e de seu próprio filho, não sendo possível desconsiderar que sua intenção, ao espancar Anna em plena gestação, era de que ela abortasse.

Em um segundo momento do depoimento, Anna conta o que lhe aconteceu naquela noite. Após o jantar, o marido trabalhava na mesa da cozinha, quando Alice, a primogênita, apareceu dizendo que não conseguia dormir. O pai já os havia alertado que queria sossego e tranquilidade para seguir com seu trabalho, por isso, a menina, de tanta aflição, quebrou, sem querer, uma xícara, com chá de camomila que sua mãe lhe havia preparado, Sandro perdeu o controle: “disse que ele tinha olhado para a filha com raiva e berrado, eu não falei para você ficar no quarto, sua bostinha nojenta” (PRIANO, 2011, p. 217). Ele empurrou Alice contra uma cristaleira, o vidro se espatifou, ele pegou um caco e o apertou na garganta da filha, enquanto gritava, pedindo que Alice lhe pedisse desculpas por tê-lo incomodado.

Diante daquela cena, Anna “se jogara em cima do marido com toda a força, que o segurara pelas costas com seu braço ainda engessado (...). Disse que haviam lutado, que caíra no chão e se ferira com o vidro (...). Disse que ele tirara do bolso um lenço, enfaixara a mão e saíra” (PRIANO, 2011, p. 218). Nota-se que Sandro, além de egocêntrico, se mostra altamente descontrolado, tendo em vista que dá início a uma cena de violência por razão alguma¹³⁵.

Um outro aspecto importante a ser observado no fragmento transcrito é que o estopim para que Anna largasse o marido foi a filha. Saffioti afirma que “cada mulher coloca seu limite [para as agressões] em um ponto distinto” (SAFFIOTI, 1999, p. 84). Este limite, para Anna, sem dúvidas, foi Alice. Até então, não havia nenhum relato, nem

¹³⁴ “é violência psicológica doméstica isolar a mulher de sua família de origem, de seus amigos, isolá-la fisicamente em casa, trancá-la, esconder suas roupas para que ela não possa sair, deixá-la sem dinheiro, proibi-la de trabalhar, forçá-la deixar o emprego dela, proibi-la de se desenvolver como pessoa com atividades lúdicas, intelectuais, esportivas ou criativas”.

¹³⁵ É típico dos agressores de mulheres esse temperamento “difícil”, sendo que qualquer situação é motivo para começar um episódio de violência. Na verdade, motivos são desnecessários para eles. Ver Acosta (2001) na p. 52 do presente trabalho.

nenhum indício de que Sandro maltratasse os filhos, assim, Anna tinha que lidar apenas com as agressões que eram cometidas contra ela, contudo, quando estas se estenderam à filha, o momento se tornou para ela uma forma de gatilho para a quebra de silêncio. Ela não suportaria que seus filhos também fossem machucados.

Depois de escutar todo o seu relato, o policial a elogia por sua coragem e diz que, com as provas, que seriam as fichas médicas que Anna guardou, e as testemunhas, Sandro poderia passar por um julgamento, porém, a alertou sobre o porvir até que o processo contra ele fosse julgado:

Fique sabendo que seu marido continuará livre e com a ficha limpa até que se prove o contrário (...). Fique sabendo que a senhora não pode fugir com as crianças, pois seu marido iria acusá-la de rapto de menor (...). Fique sabendo que depois da denúncia, os maus-tratos podem tornar-se mais violentos (...) Anna caiu no choro, Meu Deus, dizia, não há solução, quer dizer que não tem saída, o que eu posso fazer então para defender a mim e a meus filhos?, mas o policial disse, madame, se acalme, um jeito existe, mas não é fácil, só queria que a senhora ficasse a par de tudo (PRIANO, 2011, p. 219).

Esse discurso do policial é um alerta importante, porém, pelo fato de não apresentar medidas que protejam as vítimas, pode desencorajá-las a prosseguirem com a denúncia, porque elas se sentem impotentes e desprotegidas em relação ao agressor. Segundo Saffioti, os policiais que lidam com situações de violência contra a mulher deveriam conhecer “a área das relações de gênero, [pois], sem isto, é impossível compreender a ambiguidade feminina¹³⁶” (SAFFIOTI, 1999, p. 89). Anita, ao contrário do policial, apresentou uma solução viável, era um centro que atendia mulheres que sofriam violência doméstica¹³⁷.

1.5. Anna: o recomeço

No outro dia, ao regressarem do centro de acolhimento de mulheres vítimas de violência doméstica, onde Anna, acompanhada de Margarida e Anita, foi informada que, em alguns dias, haveria uma vaga ali para Anna e seus filhos, encontrou sua mãe em frente ao apartamento dela, exigindo que ela pegasse as crianças e voltasse para sua casa.

¹³⁶ A ambiguidade feminina, à qual a pesquisadora se refere, é sobre a apresentação da queixa e, posteriormente, a solicitação de retirada desta.

¹³⁷ Em um contexto brasileiro, a *Lei Maria da Penha*, em seu artigo 35, inciso II, garante “casas-abrigos para mulheres e respectivos dependentes menores em situação de violência doméstica e familiar” (BRASIL, 2006, s/p).

Acrescentou ainda que o marido estava mal, em estado de choque, que preferia morrer a viver sem ela e as crianças e propôs uma outra solução para aquela situação:

Fique na minha casa, comigo, só precisa ficar lá alguns dias, terá tempo para se recobrar, e enquanto isto Sandro poderá procurar alguém que o ajude, que ajude ambos, poderão ir juntos, até dom Morena diz isto (...). Mas você, por que chamou a polícia? Que vergonha, todos sabem, agora, não era o caso, devia chamar a mim, eu viria logo, você sabe disto, sabe que eu faria qualquer coisa por você, talvez tivesse sido melhor esperar, a além do mais ele ama você e os filhos, e você também o ama. Eu sei que está errado, mas às vezes erra justamente por amar demais, está entendendo? (PRIANO, 2011, p. 226).

Depois da decisão de denunciar o marido, esse foi o segundo momento em que Anna resiste, ao rejeitar os apelos da mãe, a qual retoma, em seus argumentos, a ideia da religião, fazendo referência à personagem de Dom Morena, como um meio de solucionar os problemas matrimoniais, e a reprime pela quebra de seu silêncio, taxando a denúncia como algo vergonhoso. Michelle Perrot afirma que “Paulo (na primeira Epístola a Timóteo) prescreve o silêncio às mulheres: ‘A mulher aprenda em silêncio, com toda a sujeição. Não permito que a mulher ensine nem use de autoridade sobre o marido, mas que permaneça em silêncio’” (PERROT, 2019, p. 23). Sob essa ótica, Anna, ao gritar por socorro e delatar Sandro à polícia, quebrando completamente o silêncio que lhe havia sido imposto, pelo marido e pela Igreja, nota-se que a personagem abandonou a crença no mito de que a religião poderia findar as violências que ela sofria, indo na contramão do que ela acreditava no início da narrativa, passando a crer no Sistema Judicial.

Logo, como já mencionado, Anna se nega a voltar ao ciclo de violência, indo contra a vontade e a insistência de sua mãe, visto que, após ouvir tais palavras, ela respondeu: “suma daqui, e pare, **pare de me pisotear**” (grifos meus) (PRIANO, 2011, p. 226). As palavras grifadas fazem referência ao título do romance em italiano, haja vista que esta é a sua tradução, literal, para o português.

Já havia se passado uma semana, quando Sandro reapareceu na vida de Anna. Primeiramente, ele deixou uma carta por debaixo da porta de Margarida, pedindo perdão, dizendo que não iria mais importuná-la, que não criaria problemas. Contudo, a aconselhava a voltar para seu apartamento com as crianças, já que era melhor do que morar na casa de terceiros e que, pelo fato de todos afirmarem a ele que o motivo do seu estresse era o trabalho, ele o largaria, caso Anna o aceitasse de volta, “pois o seu desejo era ficar com a família para sempre” (PRIANO, 2011, p. 228). Interpreta-se desse excerto

que ele não se responsabiliza pelas agressões infligidas em Anna. Conforme Aguiar e Diniz, os

homens que agridem suas companheiras dificilmente admitem as violências que cometeram. A negação dos atos e a minimização das agressões é um padrão recorrente nesses casos e, quando admitem ou são levados pelos fatos a admitirem que foram violentos, buscam justificativas para seus atos (AGUIAR; DINIZ, 2009, p. 142).

Sandro comporta-se exatamente como os psicólogos pesquisadores sobre os homens autores de violência conjugal os descrevem, uma vez que ele culpabiliza o excesso de trabalho por seus atos violentos, ademais de tratar, de forma eufêmica, a violência, pois a equipara com o “estresse”. Desse modo, eximindo-se da responsabilidade e prometendo abandonar o trabalho, que, para ele, era o causador de todas aquelas cenas de violência, Sandro declara o desejo de restaurar sua família e “aconselha” Anna a voltar para casa. Pelo que foi exposto, infere-se que seu intuito, ao sugerir que ela voltasse para seu apartamento, era o de isolá-la novamente e, assim, reassumir sua posição de poder naquela relação conjugal, desigual e violenta.

Depois passou a rondar o prédio, tanto que Margarida, Anna e Irene o viam constantemente pela janela. Certa madrugada, ele tocou a campainha incessantemente, além de socar a porta, gritando que ele se mataria se Anna não o recebesse. Anita, do seu apartamento, o ameaçou, dizendo que, se ele não partisse, chamaria a polícia. Ele se foi e a reação de Anna frente a todos esses aparecimentos de Sandro era o choro, tendo em vista que ainda se sentia fragilizada e com medo do seu agora ex-marido. Era um momento muito difícil, pois sabia que “se voltar atrás, acabarei como ela [Ermínia Bassi]” (PRIANO, 2011, p. 232), ou seja, morta, porque ela tinha ciência de que as agressões não findariam, que o arrependimento de Sandro era falso e suas promessas eram vãs. Porém, ao mesmo tempo, tinha que ser forte para recomeçar a vida, pois precisaria encontrar um lugar para ir e recursos para sua sobrevivência e a de seus filhos.

Sandro não desistia, continuava rondando o prédio e chegou a ir à porta da escola dos filhos, onde foi visto por Irene, que chamou a polícia. Naquele momento, ele foi alertado de que não poderia proceder daquela forma, posto que, agora, cabia ao tribunal decidir como e quando ele veria as crianças, mas isso não o intimidou. Ele voltou a bater na porta de Margarida, no meio noite, dizendo a Anna, com gentileza, que queria lhe entregar as fotos dos filhos, as quais ela tinha deixado no apartamento. Anna pediu que ele as passasse uma por uma por debaixo da porta e que, em seguida, fosse embora. Ele pediu que ela abrisse a porta por um instante, entretanto, ela se negou, demonstrando uma

vez mais a sua resistência frente ao ex-marido violento. Nesse momento, a máscara de tranquilidade e de candura do agressor caiu e o verdadeiro Sandro explodiu, socando a porta e berrando: “abra a porta, sua puta maldita, abra que vou matá-la, vou cortar sua garganta” (PRIANO, 2011, p. 241). Após o ocorrido, se foi, preocupado com que a polícia aparecesse. Consoante Saffioti, “uma mulher que, para fugir dos maus-tratos, muda-se da casa do seu marido, pode ser perseguida por ele até a consumação do femicídio” (SAFFIOTI, 1999, p. 83), logo, a reação de Anna, foi um pranto compulsivo, o que é compreensível, haja vista que, obviamente, temia que Sandro levasse a cabo sua ameaça direta de morte.

Margarida, no mesmo instante, entrou em contato com Lucia, funcionária do centro responsável¹³⁸ pelo caso de Anna, e contou o que havia acontecido: “falei do assédio diante da casa, das súplicas atrás da porta, e da sua violência, as ameaças e do descontrole de Anna (...), não lhe escondi os meus receios, receava que aquele homem nunca se conformaria, e só podia imaginar o final” (PRIANO, 2011, p. 242). Lucia entendeu a gravidade da situação e prometeu que a tiraria de lá o mais rápido possível. Isso ocorreu no dia seguinte e na ausência de Margarida, que tinha ido a uma livraria comprar presentes para a amiga e para as crianças.

Margarida só voltou a ver Anna vinte dias depois. Nesse interim, se dedicou à escrita do seu livro, às sessões de cinema, na casa de Anita, e a jantar com sua prima Irene. Antes de o reencontro ocorrer, Margarida foi informada por Lucia que Anna estava de partida para Milão, onde sua irmã¹³⁹ morava. Esta tinha alugado um apartamento para ela e os sobrinhos e lhe oferecido um trabalho em seu restaurante. Ademais de todo o apoio que Margarida deu a Anna, essas atitudes de sua irmã, uma outra ajuda externa, também foram de suma importância para que ela pudesse avançar no seu processo de recomeçar, afinal, agora, ela tinha um lugar seguro para morar com seus filhos, em outra cidade, longe de Sandro, e já tinha um emprego, ou seja, teria sua independência financeira, podendo propiciar o sustento para sua família. Ao ver Anna, Margarida percebeu imediatamente mudanças em seu aspecto físico, pois ela havia ganhado peso,

¹³⁸ Na narrativa, não é mencionado, exatamente, qual é a instituição que acolhe Anna. No entanto, vale destacar que na Itália há uma organização chamada “Telefono Rosa”, que atende pelo número 1522. Essa associação, além de fornecer abrigos para as vítimas de violência doméstica, também lhes proporciona ajuda financeira e aconselhamento psicológico e jurídico, gratuitamente. Ver: <https://www.telefonorosa.it/cosa-facciamo/>

¹³⁹ A história da irmã de Anna não é desenvolvida. Sabe-se apenas, por um relato que a mãe faz à Margarida, que ela fugiu de casa, aos vinte anos, com um namorado. Porém, ao contrário do que sua mãe imaginava, que ela deveria “estar lavando pratos numa espelunca qualquer, a infeliz” (PRIANO, 2011, p. 84), ao que parece, ela se tornou uma mulher bem-sucedida, gerenciando seu próprio restaurante.

vestia roupas floridas e sorria. Elas se abraçaram e Anna foi a primeira a quebrar o silêncio: “obrigada, Margarida, as coisas vão bem melhor agora, sinto-me mais forte, não uma rocha, é claro, mas todos dizem que dei passos de gigante” (PRIANO, 2011, p. 251). Ela, ao agradecer, reconhece o importante papel que Margarida desempenhou em sua vida a fim de que ela pudesse se desvencilhar do marido abusivo. Durante a conversa, ela contou como foram aqueles dias depois de sair de sua casa, disse que os meninos estavam bem e que ela tinha conhecido no centro

outras mulheres nas mesmas condições dela, que ficara surpresa ao reparar quão diferentes podiam ser entre si, havia de todas as classes sociais, esposas de profissionais bem-sucedidos e outras de família sem um tostão, mas **todas prisioneiras do mesmo medo**. Graças aos grupos de autoajuda dos quais participava, Anna tinha descoberto que não estava sozinha. Reconhecera-se em muitas histórias que ouvira, e tivera a oportunidade de contar a sua própria, abrindo o coração, dizendo tudo sem a menor vergonha. O mais importante era que agora sabia não ser ela a causa de todo mal (grifos meus) (PRIANO, 2011, p. 252).

O trecho grifado demonstra que a violência doméstica afeta todas as classes sociais, conforme atesta Saffioti: “a violência de gênero, especialmente em suas modalidades doméstica e familiar, ignora fronteiras de classes sociais, de grau de instrução, de renda *per capita*, de distintos tipos de cultura (ocidental *versus* oriental), etc” (SAFFIOTI, 1999, p. 87). O fragmento transcrito também explicita como o apoio psicológico é essencial para essas mulheres “prisioneiras do mesmo medo”.

Segundo Miller, as sessões em grupo, como essas relatadas por Anna, fazem com que a mulher saia “do isolamento criado por seu parceiro, levando-a para um mundo de mulheres como ela. Assim, não se sentirá mais envergonhada, culpada, ‘estúpida’ por ter permitido o abuso; finalmente percebe que não provocou o abuso, mas que é uma vítima” (MILLER, 1999, p. 192). Esse é exatamente o processo pelo qual Anna passa, ao se abrir com outras mulheres e, também, ao se reconhecer nas histórias dessas mulheres, expurgando toda a vergonha e toda a culpa da violência que sofria e que carregava sobre si.

Após a conversa, abraçaram-se de novo e despediram-se com a promessa de que Margarida visitaria Anna e os filhos em Milão. A narradora voltou para casa, pensando em tudo o que havia passado naquele último mês. Contudo, pelo fato de sabermos que a narradora ficou exatos vinte dias sem ver Anna, desde que ela foi para o centro de assistência a mulheres vítimas de violência doméstica, e que ela constatou, no mesmo dia em que se mudou para o novo apartamento, que a vizinha sofria maus-tratos por parte do

marido, é possível afirmar que, desde a sua mudança até o fim da narrativa, tenha se passado, aproximadamente, dois meses.

Anna, ao longo de praticamente toda a narrativa, manteve-se em silêncio, pelo medo de sofrer novos abusos, seria um silêncio como forma de segurança, pois

a mulher, vítima de abuso (...) está condicionada a antecipar aquilo que agrada ao marido – e, o mais importante, aquilo que não o irritará – e agir de acordo. Enquanto causa e efeito se mantiverem constantes, ela também continuará, não gostando, mas pelo menos *sabendo* o que deve e o que não deve fazer para ficar segura (grifos da autora) (MILLER, 2015, p. 44).

Nesse sentido, ela era, na verdade, silenciada pelas violências constantes cometidas por Sandro. Desse modo, o fato de não se separar e de não o denunciar, desde o instante em que as agressões começaram, está baseado no medo e em sua baixa autoestima, que era diariamente alimentada pelo então marido por meio dos abusos psíquicos. Porém, quando Anna encontra apoio em Margarida, essa mulher que não negligenciou a dor do outro, ela descobre, no apoio e no acolhimento da amiga, forças para quebrar esse silêncio e resistir em retomar o casamento, porque sabia que a dinâmica de seu relacionamento com o marido não mudaria. Dessa maneira, seu desfecho na narrativa é de libertação e de esperança diante desse recomeço. Nesse contexto, a história de Anna, dentro da obra de Priano, chega ao fim, ao passo que Margarida dá início à narrativa do seu próprio livro.

Após seu encontro com Anna, já em casa, Margarida recebeu um telefonema de Sérgio, dizendo que estaria embarcando para Gênova no dia seguinte, e, logo que a ligação findou, ela voltou a escrever, agora, certa de como a sua narrativa deveria começar: “este livro não é tranquilizador. Nem é sua intenção lê-lo. É um grito, um pedido de ajuda. Espero que alguém o ouça” (PRIANO, 2011, p. 254). Assim, por meio dessa metalinguagem, a narrativa de Claudia Priano finda, enquanto a de Margarida começa.

Conforme Perrot, citando o prefácio do livro *Images de femmes*, de George Duby, “a força da iniciativa masculina reduz as mulheres, mais ou menos submissas, de si mesmas. ‘As mulheres não representam a si mesmas’, escreve ele. ‘Elas eram representadas. (...) Ainda hoje é um olhar de homem que lança sobre a mulher’ e se esforça para reduzi-la” (PERROT, 2019, p. 24). Contudo, além de a própria Cláudia Priano estar rompendo com essa tendência de apenas escritores homens representarem as mulheres em suas obras, Margarida também o faz, pois, mesmo sem sabermos se ela contará a história de Anna em seu livro, sabe-se, indubitavelmente, pelo contexto da obra

e pelo trecho acima transcrito, que a temática será sobre as mulheres, a violência que as permeiam e a ajuda de que essas vítimas carecem. Enfatiza-se, dessa forma, ao final da obra de Cláudia Priano e no início da narrativa de Margarida, que é, sim, necessário meter a colher no casamento alheio, quando se tem o conhecimento de que dentro de quatro paredes há uma mulher sofrendo de violência doméstica. Conforme Miller “as mulheres com um ego tão enfraquecido precisam de muito apoio antes de conseguirem dar o primeiro passo para buscar proteção no tribunal” (MILLER, 1999, p. 27), então, muitas vezes, o que uma vítima de violência doméstica necessita para dar o primeiro passo rumo ao rompimento do seu ciclo de violência é de uma assistência externa.

2. Ana: rumo ao marco zero

O conto “Destino: Sé”, de Simone Paulino, faz parte de uma antologia de contos contemporâneos, intitulada *Grafias Urbanas* (2010). O texto tem início com o narrador, em terceira pessoa, nos apresentando Ana, a protagonista, como uma boa adolescente, já que esta é calma, calada e se contenta em ficar restrita ao espaço privado, pois, “enquanto as outras [meninas do bairro] passavam a maior parte do tempo nas ruas, ela tomava gosto de ficar em casa, cuidando dos afazeres cotidianos” (PAULINO, 2010, p. 68). Neste trecho, é perceptível que Ana estava sendo criada de acordo com o que se espera dos papéis sociais femininos de uma família considerada como tradicional pela sociedade patriarcal, porque, ao passo que ela estava restrita à esfera privada, seus irmãos estavam “soltos pelo mundo” (PAULINO, 2010, p. 73).

Havia, portanto, uma “distribuição desigual das responsabilidades sobre a vida doméstica e sobre as crianças, dos estímulos diferenciados que favorecem um maior exercício da autonomia, no caso dos homens, e a obediência ou o engajamento em relações que cultivam uma posição de dependência e subordinação para as mulheres” (MIGUEL; BIROLI, 2014, p. 34). Tais papéis também eram cumpridos por seus pais, visto que “o pai passava a maior parte do tempo fora de casa, trabalhando ou bebendo no boteco. A mãe, ocupada com a lida no fogão e as conversas de portão” (PAULINO, 2010, p. 73). Logo, “verifica-se, com efeito, que a sociedade patriarcal determinou que os homens ocupam o espaço público enquanto as mulheres são restritas ao espaço da casa” (FIGUEIREDO, 2020, p. 18), ou seja, seu pai pertencia ao âmbito público, onde trabalhava, provendo o sustento da família, e também se “divertia” no bar. Sua mãe tinha como limite espacial os portões de casa, haja vista que suas funções estavam restritas ao

espaço doméstico, assim como a filha. Nesse contexto, percebe-se que, consoante Eurídice Figueiredo,

a partir do século XVIII, há toda uma produção discursiva que cria um ideal de feminilidade e aponta o lar como o lugar para a mulher. Esse padrão de feminilidade, que sobrevive até hoje, tem como principal função promover o casamento, não entre a mulher e o homem, mas entre a mulher e o lar. Os discursos que constituíram esse ideal de feminilidade continuam atuando no imaginário social moderno porque são transmitidos pelos mecanismos disciplinares (educação formal, família, religião) (FIGUEIREDO, 2020, p. 199).

Desse modo, é notável que tanto a mãe quanto Ana desempenhavam as mesmas funções, as domésticas, dentro do espaço privado. A adolescente só se ausentava para ir à escola, de onde ela voltava diretamente para casa. Outrossim, outros aspectos que são possíveis apreender da narrativa é que esta era uma família economicamente desfavorecida, que o pai era abusivo com a mãe e que ambos não mantinham um diálogo com a filha.

Esta falta de interação familiar fica evidente com a menarca de Ana. Quando ela menstruou, em um final de semana, não fazia ideia do que lhe havia sucedido: “Será que havia algum ferimento dentro dela? Será que estava com alguma doença grave?” (PAULINO, 2010, p. 71). Apesar das dúvidas e também do pânico frente ao desconhecido, já que “durante o dia todo e no dia seguinte também, o mesmo episódio se repetia, e a cada vez o medo dela só aumentava” (PAULINO, 2010, p. 72), nada perguntou aos pais. Ana só vai descobrir que a mulher menstrua mensalmente, ao ouvir, algum tempo depois, no radinho de pilha do pai, uma canção de Rita Lee, “Cor de rosa choque” (1982), que dizia: “Mulher é bicho esquisito, todo mês sangra, um sexto sentido, maior que a razão” (PAULINO, 2010, p. 73).

Durante a narrativa, outras músicas aparecerão na história, sendo necessário, portanto, analisar essa outra “voz”, que não é a do narrador, nem das personagens, mas que, de alguma forma, interagem na narrativa. Desde já, verifica-se que os versos de Lee, ademais de fornecerem à Ana uma explicação sobre o sangramento da mulher, diz que a mulher é um bicho esquisito, porque, além de sangrar, possui esse sexto sentido que supera a razão. Entretanto, essa afirmação, em relação à Ana, é irônico, haja vista que, mais adiante no texto, perceberemos que a jovem mulher não possui esse sexto sentido associado às mulheres, pois ela tomará decisões cujos resultados lhe causarão sofrimento.

Com medo de sangrar na escola, Ana decidiu não ir à aula na segunda-feira, permanecendo deitada em sua cama. “Estranhando a atitude da filha, a mãe a chacoalhou

na cama, embora sem olhar direito para ela. Quando Ana disse que não estava se sentindo bem, que estava com um pouco de dor de barriga, a mãe olhou de esguelha e grunhiu um ‘você é quem sabe’ desinteressado” (PAULINO, 2010, p. 72). Nota-se que, além da falta de diálogo com a filha, há também um certo desinteresse para com o que se passa com ela, comprovado pelo próprio narrador, que diz que “em casa ninguém deu muita importância para seu abatimento. A verdade é que eles [os pais] quase não a enxergavam” (PAULINO, 2010, p. 73), ou seja, Ana era invisível, sofrendo de uma negligência parental, no que tange ao afeto e ao cuidado.

Consoante os estudos de Rocha, Mota e Matos (2011), a imagem que os adolescentes criam de si e dos outros está associada justamente às relações estabelecidas com a figura cuidadora (normalmente a mãe). A autoestima e a segurança surgem como variáveis associadas ao desenvolvimento psicossocial dos jovens. Isso significa que a forma como são cuidados e o amor que lhes é dado servirão de modelo no estabelecimento das suas relações com o meio. Nesta etapa, ocorre o processo de individualização e constituição de identidade. Logo, é possível dizer que muitos dos comportamentos na adolescência são reflexos do contexto em que se vive. Assim, pode-se afirmar que a dinâmica familiar de Ana interferiu, de alguma maneira, no seu porvir.

A menarca de Ana é uma significativa mudança de personalidade da jovem começaram em um dia em que, ao voltar da escola por um caminho diferente, sem ser caminhando pela linha do trem, por onde estava acostumada, ela se deparou com uma encruzilhada, onde havia um despacho. Ana

já ouvira falar de macumba, mas nunca tinha visto nada semelhante tão de perto: uma galinha preta, morta, velas vermelhas e pretas, farofa, um vidro de Seiva de Alfazema entornado pela metade e rosas – muitas rosas vermelhas -, de um frescor estranho à idade dos outros ingredientes. Demorou alguns instantes, estacada na encruzilhada, como se algo a prendesse ali. **Tinha que decidir: ir em frente ou fazer o caminho de costume?** Sentiu então um desejo a lhe soprar os ouvidos e com a mesma determinação de que se valia ao se arriscar e andar sobre os trilhos, embora sabendo da iminente chegada do trem, deu três passos, *pegou uma das rosas vermelhas e fugiu, com medo de que alguém pudesse vê-la em seu pequeno crime* (grifos meus) (PAULINO, 2010, p. 70).

O trecho em negrito é bastante significativo na narrativa, pois se trata de uma representação imagética de uma escolha que Ana se vê obrigada a fazer, afinal, ela está em um cruzamento e precisa decidir qual caminho seguir. O caminho de costume seria continuar vivendo segundo o estereótipo do “eterno feminino”, isto é, a construção cultural patriarcal da “menina bonita, frágil, delicada, fraca (...) e tendo como características psicológicas a doçura, a tranquilidade, a obediência e a passividade”

(AZEVEDO, 1985, p. 70), tal qual o narrador a descreve no início do conto. A segunda alternativa seria justamente a oposta, tornar-se uma mulher “desviante” (SAFFIOTI, 1980)¹⁴⁰. Conforme as orações em itálico, no trecho transcrito, ela escolheu a segunda opção, porque ela seguiu em frente e pegou uma rosa vermelha (ou “pecou a rosa vermelha”) para levar consigo. Para a alquimia, a rosa representa o órgão sexual feminino e, pode-se inferir, pelos elementos da narrativa, que o vermelho da rosa simboliza, segundo Schwantes e Dutra, em um artigo sobre o conto,

o vermelho do sangue, do feminino, do despertar de sua feminilidade. [E.] mesmo despetalando a rosa e jogando-a no rio, quando se arrepende do roubo, Ana tem pesadelo durante a noite e sonha que é enterrada viva em um caixão coberto de rosas vermelhas que a sufocam. O despertar da feminilidade é associado à morte e ao sofrimento, ao estar aprisionada em um caixão, como ao confinamento de tantas mulheres ao espaço doméstico. A menstruação na manhã seguinte é sinal de má sorte e de mudanças não apenas em seu corpo, mas em sua vida (SCHWANTES; DUTRA, 2016, pp. 159-160).

Outrossim, a cor vermelha tem uma carga semântica negativa, no que se refere à Ana em toda a narrativa. Além do vermelho do sangue da menstruação e do vermelho da rosa, em que ambos representam, como mencionado, mudanças negativas na vida de Ana, há também a cor barrenta da água do rio próximo à sua casa e a cor de terra batida de seu quintal (ambas as cores associadas ao vermelho), significando a precariedade do local onde vivia; a cera vermelha, com a qual tinha que encerar a casa de quatro, ralando os joelhos, atividade que detestava; as unhas dos pés pintadas de vermelho antes de receber a primeira surra do futuro companheiro; a camisola vermelha, que, provavelmente, foi um presente desse parceiro agressivo, tendo em vista que em casa tal roupa não seria permitida pelo pai; e o capim-gordura, uma espécie de vegetação avermelhada, a qual era característica da região onde ela vivia e onde ela foi tão infeliz.

Voltando à questão do “desabrochar” de Ana, esta, após se tornar mulher¹⁴¹, como explicitado anteriormente, foi mudando sua personalidade, pois ela

perdeu o gosto pelos afazeres de casa e pelos estudos também (...). De criatura dócil que era, ganhou uma rispidez estranha, como se houvesse nela uma segunda natureza a comandar gestos, palavras e pensamentos. Passava a maior parte do tempo na rua, onde foi aprendendo a se insinuar para os meninos que antes ignorava. Diminuiu o comprimento da saia pregueada e passou a usar camisa de tergal sem sutiã. Logo começou a fazer fama no bairro (PAULINO, 2010, p. 74).

¹⁴⁰ Ver p. 41 deste estudo.

¹⁴¹ Ana se tornou mulher no sentido biológico, pois, a partir de elementos textuais, infere-se que ela tinha, aproximadamente, 14 anos apenas.

Sua nova conduta não difere tanto da rebeldia característica de muitos adolescentes. Porém, tal “má fama” se deu pelo fato de ela ter se tornado uma “má mulher”, de acordo com os padrões pré-estabelecidos pela sociedade patriarcal, em que

as moças de família eram as que se comportavam corretamente, de modo a não ficarem *mal faladas*. Tinham gostos contidos, respeitavam os pais, preparavam-se adequadamente para o casamento, conservavam sua inocência sexual e não se deixavam levar por intimidades físicas com os rapazes (grifos da autora) (PINSKY, 1997, p. 610)¹⁴².

Nesse sentido, os novos hábitos de Ana se caracterizavam como condenáveis dentro do seu âmbito familiar¹⁴³. Seu pai, desconfiado do comportamento de Ana fora de casa, decidiu passar na porta da escola e, “quando a viu de cigarro entre os dedos, rindo muito numa roda de rapazes, partiu para cima, esfregou o cigarro na cara dela e a fez mastigá-lo, à força, para que nunca mais se esquecesse ‘o gosto de se comportar como uma vagabunda’” (PAULINO, 2010, p. 74). Para esse pai, Ana não estava mais cumprindo, de maneira aceitável e adequada, as funções sociais de uma “moça de família”, conforme aquelas descritas por Pinsky (1997), visto que “ficava mal à reputação de uma jovem, por exemplo, usar roupas muito ousadas, sensuais, sair com muitos rapazes diferentes ou ser vista em lugares escuros ou em situação que sugerisse intimidades com um homem” (PINSKY, 1997, p. 612). Por conta do seu comportamento “desviante” (SAFFIOTI, 1980), segundo a ideologia patriarcal seguida pelo pai, Ana passou a fazer parte do nicho oposto ao das “moças de família”, ela se tornou uma moça “leviana” (PINSKY, 1997).

O ato de violência, referido anteriormente, por parte do pai¹⁴⁴, juntamente com a omissão da família para com ela, foi determinante para os acontecimentos que se seguiriam. Além disso, outra reverberação de sua infância neste momento da sua vida é o caráter violento do pai, para com a mãe, o qual é apontado em vários momentos da narrativa. Consoante Langley e Levy, o testemunho de atitudes violentas faz com que as

¹⁴² É importante salientar que, neste texto, Pinsky está abordando o contexto dos anos 50, entretanto, certos estereótipos, em relação à mulher, ainda não foram completamente desconstruídos, ainda que haja agência do movimento feminista para que isso ocorra.

¹⁴³ Vale registrar que, ao longo da narrativa, o pai de Ana, dentro do seu núcleo familiar, é o único membro, citado pelo narrador, que reprovava o novo comportamento da filha, porém, o seu próprio comportamento, o de agredir a mulher, bem como Ana, não é reprovado. Veremos que Ana, de alguma maneira, desaprova esse “hábito” do pai ao querer um homem diferente para si, contudo, nem mesmo a filha o interpela por ser violento, havendo, portanto, uma naturalização da violência por parte das personagens.

¹⁴⁴ Mesmo não tendo ocorrido dentro de casa, a violência sofrida por Ana, por parte do pai, não deixa de ser doméstica, haja vista que “o processo de territorialização de domínio não é puramente geográfico, mas também simbólico” (SAFFIOTI, 1999, p. 83).

crianças naturalizem inconscientemente diferentes formas de agressão, dessa maneira, “as mulheres que foram criadas em lares violentos têm maior probabilidade de se casarem com homens com tendência a usar a força” (LANGLEY; LEVY, 1980, p. 144). Trata-se da mesma violência que circundou Anna, no romance de Priano, durante sua infância e juventude, a intergeracional (BALISTA *et al.*, 2014). Essa prospectiva se concretiza, pois Ana passará a viver com um homem agressor.

Ela, agora, já não estuda mais durante o dia, e sim à noite, pelo fato de já ter reprovado a mesma série mais de uma vez, já que “perdera de vez a paciência para os estudos. Sabia ler, e isso já estava de bom tamanho. Pra que mais? [...] Que diferença fazia?” (PAULINO, 2010, p. 76). Certo dia, conheceu Tarcísio, na saída da escola. Ela mesma tomou a iniciativa de ir puxar conversa, com a desculpa de pedir um isqueiro para acender seu cigarro. Conforme o narrador, ele não era um homem do tipo galã, mas “era ‘o dono do pedaço’. Mandava e desmandava. Impunha respeito. Sempre bem-vestido. Ela ficou fascinada pelo poder que ele emanava” (PAULINO, 2010, p. 77). Ana também viu nele a possibilidade de uma pequena ascensão social, visto que ele exibia um maço de dinheiro, mesmo que de notas de pouco de valor, e possuía um carro, um Fusca.

Em nenhum momento do conto é mencionado algum tipo de trabalho formal que justifique tais posses. Além disso, ele portava uma arma de fogo. Desse modo, é possível inferir que Tarcísio provinha seu sustento a partir de alguma atividade ilegal, apesar de essa temática não ser explorada no texto. Contudo, ignorando os indícios de que Tarcísio era um homem violento, tendo em vista que ela já sabia de sua personalidade impositora e já ter visto, neste primeiro encontro, que ele carregava um revólver preso à cintura, Ana acreditava que ele era

o cara [que] ia livrá-la de ter um destino miserável como o da mãe – se sujeitando a um homem desprezível e violento, dividindo a miséria enquanto cuidava de uma penca de filhos. Ela não. Queria ser mulher de alguém respeitado na vila. Ele a encheria de presentes, roupas de marca, tênis caros, perfumes e tudo mais o que ela merecia (PAULINO, 2010, pp. 76-77).

A partir desse trecho, fica claro que o que impulsionou Ana a começar um relacionamento com Tarcísio não foi o amor, o qual “foi apontado à mulher como uma suprema vocação” (BEAUVOIR, 2016, p. 491), haja vista que sua motivação era ascender socialmente e encontrar um parceiro, o qual, diferentemente de seu pai, seria carinhoso, e não violento. Assim, nesta mesma noite, tomando a iniciativa novamente e desconstruindo a ideia dos “estereótipos tradicionais de gênero, [que] designam os homens como assumindo um papel proativo na iniciação das relações e a mulher um papel reativo,

aceitando ou recusando as investidas masculinas” (NEVES, 2007, p. 613), o narrador dá voz a Ana, pela primeira vez na narrativa, e ela pergunta a Tarcísio o que ele tinha para oferecer-lhe¹⁴⁵. Ele prometeu que cuidaria dela e a convidou para dar uma volta de carro. Ali, dentro do Fusca, tocava na rádio a música “Please don’t go” (1979), de KC and the Sunshine Band, a preferida da adolescente, fazendo-a imaginar que era um sinal, que Tarcísio era, realmente, o homem certo.

Percebe-se, então, que, mais uma vez, uma canção, que seria essa voz que se “intrmete” na narrativa, aparece em um momento relevante, de mudança no percurso da vida de Ana. E, novamente, há uma ironia, visto que Ana interpreta a canção, cujo título, em português, significa “Por favor, não vá”, como um tipo de indício que ela deveria ficar com Tarcísio, ou seja, o sexto sentido, mencionado na letra da música de Rita Lee, não se figura em Ana. Logo, ela não compreende a canção como uma forma de presságio de que algo ruim estava por vir. Assim, dentro do automóvel, “ela se entregou pra ele naquela mesma noite (...). Foi rápido (...). Ela fingiu que gostou” (PAULINO, 2010, p. 78). Esse trecho também descontrói a ideia de um amor romântico por parte de Ana, pois este,

especialmente no caso de mulheres adolescentes, parece mesmo servir para o retardamento da adesão a atividades sexuais. Uma vez que a ideologia do romance é majoritariamente dirigida às mulheres, é esperado que sejam mais românticas nas suas crenças sobre as relações íntimas do que os homens (...). As mulheres são encorajadas a ver o sexo em termos de sua romanticidade, estando os guiões culturais impregnados com a ideia de que, no que respeita à sexualidade, o sexo feminino deve ser passivo, ao invés de ativo (NEVES, 2007, pp. 613-614).

Afastando-se, novamente, desse ideário do amor romântico, tendo em vista que, a partir do século XVIII, “a sociedade passou a exigir que o casamento estivesse associado ao amor” (NEVES, 2007, p. 615), Ana, no dia seguinte ao seu primeiro encontro com Tarcísio, saiu de casa e passou a morar com o namorado¹⁴⁶, acreditando que “tinha escapado daquele inferno e agora ia ter uma vida de verdade” (PAULINO, 2010, p. 78). Conforme Badinter, “voltamos aos estereótipos de antigamente à época do velho patriarcado – quando as mulheres, eternas menores, recorriam aos homens da família para protegê-las. Exceto que hoje em dia não há homens para protegê-las. [...] Todos os

¹⁴⁵ Durante todo o tempo em que Ana morou na casa de seus pais, o narrador não deu voz direta a ela. Além disso, ele só lhe dará voz novamente ao final do conto. Portanto, Ana é uma personagem silenciada pela família, com a qual não tem diálogo; por Tarcísio, como veremos a seguir; e pelo próprio narrador, o qual lhe nega a voz direta.

¹⁴⁶ Dentro do *corpus* deste estudo, apenas os contos de Paulino e de Serrano apresentam representações de casamentos não oficiais, isto é, os parceiros passam a morar juntos, todavia, sem oficializar a união em um cartório.

homens são suspeitos e sua violência é exercida em toda parte.” (BADINTER, 2005, p. 41). Nesse prisma, a violência vivenciada por Ana, que era, realmente, uma menor, em sua casa, onde seu pai agredia sua mãe, a alcançaria logo na segunda semana de “casamento”. A jovem estava sozinha e à vontade em seu palacete, tendo em vista que “perto do cubículo em que ela morava com os pais, aquilo era um palácio” (PAULINO, 2010, p. 78), ouvindo música, pintando as unhas, vestindo apenas um short curto e um top, quando Tarcísio chegou com alguns amigos. Ao perceber que os colegas a olhavam com desejo, sentiu um misto de ciúmes e ódio. Ele agarrou seus cabelos e

num acesso de fúria, ele a jogou no chão e a fez rolar para dentro [de casa], embaixo de pontapés e xingamentos. Os gritos dela se misturavam ao latido dos cachorros alvoroçados pela confusão e à música que tocava no último volume: “Mas na vida a gente tem que entender... que um nasce para sofrer... enquanto o outro ri...”. O espancamento só parou quando o corpo de Ana estava inerte aos chutes de Tarcísio (PAULINO, 2010, p. 80).

É perceptível que a violência do agora marido de Ana foi movida por ciúmes. Consoante Hirigoyen, “o controle pode traduzir-se em um comportamento ciumento: suspeição permanente, atribuição de intenções infundadas etc” (HIRIGOYEN, 2005, p. 33). Em relação a Ana, o ciúme de Tarcísio foi baseado justamente em uma intenção infundada, porque, por conta dos olhares de seus amigos¹⁴⁷, que, em sua opinião eram desejosos, ele, ao invés de repreendê-los, culpabiliza a vítima, já que ela é quem estaria usando roupas “provocantes”. De acordo com Figueiredo, “o perfil do marido corresponde ao perfil do abusador que usa da sedução para conquistar a mulher e que, em seguida, após o casamento, sentindo-se dono dela, começa a oprimi-la” (FIGUEIREDO, 2020, p. 18). No caso da protagonista, Tarcísio a seduziu, oferecendo-lhe o que mais desejava, ascensão social e fuga da violência doméstica, porém, ela não logrou nenhum de seus sonhos, pois, como veremos a seguir, além dos espancamentos, ela se tornou prisioneira em seu “palácio”.

Ainda sobre tal agressão, é importante ressaltar que os amigos de Tarcísio presenciaram toda a cena de violência, mas não interviram. Assim, Tarcísio estava protegido pelo silêncio, o “silêncio das fontes” (PERROT, 2019, p. 17), ou seja, as

¹⁴⁷ Conforme Eurídice Figueiredo, “os homens aprendem a dominar, a exercer a violência, enquanto as mulheres aprendem a submissão. Porém, o privilégio masculino é também uma armadilha, pois eles precisam a todo instante provar sua virilidade, é um ponto de honra” (FIGUEIREDO, p. 2020, p. 20). Logo, não é possível ignorar que, além de ciúmes, Tarcísio, um homem viril, segundo o narrador (PAULINO, 2010, p. 76), sentiu necessidade, diante de uma situação que, de certa maneira o humilhava, porque, para ele, sua mulher estava agindo de forma sensual propositalmente, de demonstrar “seu poder de macho” e, assim, legitimar sua honra frente a seus amigos, espancando Ana.

peessoas que testemunharam a violência não iriam interferir ou denunciá-lo, reiterando o dito popular de que “em briga de marido e mulher não se mete a colher”, afinal, não cabe a terceiros se intrometerem na dinâmica do casamento alheio, reiterando a ideia que “a privacidade [é] parte de um ideário que serve à dominação masculina” (MIGUEL, BIROLI, 2014, p. 41), já que os limites do privado legitimam ou ignoram a gravidade das violências sofridas pelas mulheres. Além disso, nessa situação em específico, não era apenas o controle do marido para com a esposa que estava em xeque, afinal, o homem que “emanava poder” e que era “o dono do pedaço” (PAULINO, 2010, p. 76) não poderia perder sua reputação de homem poderoso e viril que ele mantinha frente aos seus companheiros, que lá estavam, e, também, frente à sociedade da qual fazia parte.

Cabe ressaltar ainda, a respeito de trecho supracitado, que a voz musical, a qual aparece pela terceira vez, por meio da canção “Azul da cor do mar” (1970), é a trilha sonora de outro acontecimento marcante na vida da protagonista. Os versos de composição de Tim Maia destacam, ironicamente, o sofrimento do ato violento vivido por ela, uma vez que reiteram, de acordo com o contexto, que, se alguém tem que sofrer neste mundo, esse alguém seria ela. Os acontecimentos que sucedem esse episódio de violência corroboram essa afirmação, pois, a partir desse dia, Ana passou a viver em cárcere privado, ou seja, Tarcísio lhe impôs uma privação arbitrária da liberdade na vida pública, Restringiu-a à esfera doméstica, a fim de que outros homens não pudessem olhá-la, fazendo com que ela ficasse ainda mais tolhida do que na época em que morava com seus pais. Conforme Giddens, “o paradoxo é que o casamento é utilizado como um meio para alcançar certa autonomia” (GIDDENS, 1993, p. 67), tendo em vista que os filhos saem da casa dos pais, visando formar suas próprias famílias, acreditando que, nessa nova dinâmica familiar, lograrão determinada independência. Todavia, algumas mulheres, ao se casarem, mudam-se apenas de espaço, haja vista que a dependência, a submissão e a violência, quando existem, permanecem, porém, agora, o perpetrador é o companheiro. Essa contradição se passa na vida de Ana, pois, como já referido, ela não se casou com Tarcísio porque o amava, mas sim visando a uma vida tranquila, sem violência e economicamente mais favorecida. No entanto, após o casamento, ela perdeu completamente qualquer tipo de autonomia, visto que nem de casa tinha a autorização de sair, e ela era completamente dependente e submissa ao marido.

Em casa, “longe dos olhos de outros homens, Tarcísio alternava ternura e violência em doses cavalares. Fabricava pavor a cada gesto. E a enchia de presentes” (PAULINO, 2010, p. 80). Tal trecho demonstra um ciclo de violência, como aqueles que

Anna, de *Minhas vizinhas* (2011), sofria. No excerto transcrito não é possível visualizar a primeira fase do ciclo, que seria a violência psicológica, contudo, a segunda fase, a da violência física, e a terceira, a da lua de mel, estão claras, pois, segundo explicitado por Schwab e Meireles, corroborando o conceito de Walker (1979), “a fase de agressão é seguida da fase de desculpas e, por fim, de reconciliação” (SCHWAB; MEIRELES, 2014, p. 26). Essa dinâmica caracteriza-se, portanto, como um jogo relacional entre vítima e agressor, que inclui um padrão de relacionamento contraditório e permeado por grande investimento afetivo, ambivalência de sentimentos, retirada de queixas após o acionamento dos órgãos protetores, retomada do relacionamento com a esperança de que possa ser diferente, entretanto, o que ocorre é o recomeço do ciclo de violência.

No que tange ao relacionamento de Ana, não havia rompimento, por razão da violência que sofria, nem a restauração deste, tampouco havia denúncias ou retiradas de queixas, afinal, ela estava submetida a um completo isolamento e ao mais absoluto silêncio. O narrador afirma que “Ana se submetia. Quase não falava. Aceitava tudo calada, como se fosse merecedora” (PAULINO, 2010, p. 80), ou seja, ela se mantinha em silêncio, como na casa de seus pais, e ainda se sentia culpada pelas agressões. O sentimento de culpa, já discutido neste estudo, demonstrado pela personagem, é comumente partilhado entre as vítimas de violência, visto que, com a repressão psicológica e física, o agressor exerce poder integral sobre o que a mulher faz, sente e pensa, mesmo no mais íntimo de seu ser. Dessa forma, ele consegue virar os papéis e fazer com que a vítima atribua a ela mesma toda a culpa sem mesmo entender o porquê.

Em relação ao silêncio, este “não fala, ele significa. É, pois, inútil traduzir o silêncio em palavras; é possível, no entanto, compreender o sentido do silêncio por métodos de observação discursivos” (ORLANDI, 2015, p. 102). Desse modo, o silêncio de Ana justifica-se pelo medo, porque, consoante Hirigoyen, “de maneira geral, nenhuma explicação racional consegue acalmar um ciúme patológico” (HIRIGOYEN, 2005, pp. 33-34), assim, não havia nada que ela pudesse falar que, efetivamente, convenceria Tarcísio a cessar com os espancamentos. No decorrer dos dias e das agressões, Ana “emagreceu. Perdeu o viço. Os olhos se apagaram” (PAULINO, 2010, p. 80). Vale lembrar que Anna, de *Minhas vizinhas* (2011), enquanto ainda era casada com Sandro, também apresentava uma magreza acentuada, que chamava atenção de Margarida. Ainda de acordo com Hirigoyen, “a violência conjugal tem efeitos devastadores, tanto sobre a saúde física quanto sobre a saúde mental das mulheres” (HIRIGOYEN, 2005, p. 173),

sendo que as desordens alimentares¹⁴⁸ são sintomas típicos de mulheres vítimas de violência doméstica.

A protagonista viveu dessa maneira por vários meses. De acordo com Heleieth Saffioti reitera-se que “a rigor, não é fácil, para uma mulher, romper com a relação amorosa sem auxílio externo” (SAFFIOTI, 2001, p. 120), seja por medo, por não ter condições de se manter sozinha economicamente, entre outros fatores. Ana não foi exceção à regra, já que “pensava obsessivamente em fugir, embora não soubesse como” (PAULINO, 2010, p. 80), visto que vivia literalmente presa em casa e sem nenhum contato externo. Esse trecho também nos evidencia que, diferentemente de Bela e de Anna, Ana, pelo fato de almejar a fuga, não apresenta traços da síndrome da mulher maltratada, tendo em vista que, como apontado anteriormente, seu silêncio e subordinação se davam por conta do medo que sentia de Tarcísio, haja vista que, conforme Hirigoyen, a submissão “é também uma estratégia de adaptação e de sobrevivência, [pois] as mulheres sabem que a oposição frontal a um homem violento pode aumentar enormemente sua violência” (HIRIGOYEN, 2005, p. 102). Entretanto, certo dia, quando Tarcísio chegou muito bêbado em casa de madrugada, ela se aproveitou da oportunidade e fugiu para o barraco da irmã mais velha, Altina.

Segundo Miguel e Biroli (2014, p. 32), em muitos casos, a integridade individual da mulher é comprometida em nome da valorização da entidade familiar. Nesse contexto, o pai de Ana, que reprovava sua postura e sua decisão de sair de casa para viver com Tarcísio, proibiu toda a família a manter contato com a filha “leviana”. Porém, Altina, desobedecendo ao pai, foi essencial na quebra do ciclo de violência de Ana, pois a acolheu, “cobriu o corpo da irmã com uma colcha, passou a mão em seus cabelos num desajeitado gesto de carinho” (PAULINO, 2010, p. 81). Além disso, apoiou-a emocionalmente, ratificando a necessidade da fuga, “antes que aconteça uma desgraça maior” (PAULINO, 2010, p. 81), e economicamente, lhe arrumando um possível emprego de empregada doméstica:

Altina explicou à irmã que ia começar a trabalhar numa outra casa de família naquela semana. “Aceitei só para dar uma mão pra dona Helena. Ela é gente boa e tava desesperada atrás de uma empregada. Mas ela não quer diarista. Quer alguém para dormir no serviço e tomar conta da casa, porque viajam muito. Você vai lá e diz que é minha irmã. Tenho certeza de que ela vai aceitar você” (PAULINO, 2010, p. 82).

¹⁴⁸ Ver p. 44 deste estudo.

A primogênita deu-lhe dinheiro para a condução, uma vez que, para chegar à casa de dona Helena, Ana deveria pegar o metrô sentido Sé, daí o título do conto. No texto, não é especificado o lugar onde se passa a narrativa, porém, por conta da referência “Sé”, pode-se afirmar que o espaço narrativo é algum município de São Paulo. Outrossim, é importante destacar que o bairro da Sé, em especial, a Praça da Sé é considerada o centro geográfico da cidade, seu marco zero, haja vista que é dali que se contam todas as distâncias das rodovias que partem de São Paulo. Logo, o título, “Destino: Sé”, pode ser interpretado como um recomeço para Ana, afinal, agora ela estava livre para percorrer caminhos diferentes, renunciando, desse modo, àqueles versos de Tim Maia, os quais escutava enquanto era espancada por Tarcísio pela primeira vez.

É interessante observar, ao final do conto, neste encontro com Altina, que Ana volta a falar, ainda que sua voz estivesse “pastosa, meio presa, como a de quem desacostumara a falar” (PAULINO, 2010, p. 81), confirmando que, nos meses anteriores, ela estava realmente confinada ao silêncio. Além de agradecer a irmã pela ajuda, ela, antes de partir, pede roupas emprestadas para irmã e esclarece que não é apenas pelo fato de estar de camisola, já que saiu de casa no meio da noite, como também para esconder os machucados¹⁴⁹. Assim que ela chegou, Altina percebera “os hematomas nas pernas, nos braços, tudo à mostra. [...] Então reparou que o rosto, apesar de abatido, tinha sido preservado dos espancamentos” (PAULINO, 2010, p. 81).

Usualmente, as mulheres que sofrem agressões por parte do cônjuge costumam ocultar os machucados ou mentir para terceiros sobre suas lesões. Mentem por vergonha¹⁵⁰ ou para proteger os parceiros. Na narrativa, infere-se que ela deseja esconder as feridas por vergonha, mas, mesmo que de maneira indireta, ela protege Tarcísio, tendo em vista que, ao cobrir seus ferimentos, ela invisibiliza as agressões cometidas por ele. Outro ponto que chama atenção no trecho supracitado é o fato de o rosto de Ana não estar ferido. Na verdade, o agressor preserva o rosto da mulher para se salvaguardar, visto que este é uma parte do corpo que, se estiver machucado, não é possível esconder, evidenciando, dessa forma, publicamente, as atitudes violentas que comete contra a esposa no espaço privado.

¹⁴⁹ Anna também escondia os machucados cometidos por Sandro, não exatamente por vergonha, mas para proteger o marido e, por conseguinte, a si mesma.

¹⁵⁰ No artigo “O cinema brasileiro contemporâneo e a violência contra a mulher” (2017), de Tânia Montoro e Bárbara Cabral, ao analisarem dois documentários que abordam a temática da violência contra a mulher, *Precisamos falar de assédio* (2016), de Paula Sachetta, e *Câmara de espelhos* (2015), de Déa Ferraz, identificaram que os sentimentos mais comumente compartilhados pelas mulheres vítimas de violência são vergonha, medo, raiva e tristeza.

Antes de ir embora, Ana reconhece a importância do auxílio da irmã e, ao lhe agradecer, diz: “Deus lhe pague, Tina, se é que ele existe mesmo” (PAULINO, 2010, p. 82). Suas dúvidas em relação à existência de Deus se dão pelo fato de que, quando estava sendo espancada pelo marido, clamava a Deus por ajuda, “mas Deus não ouvia” (PAULINO, 2010, p. 80). Segundo Schwantes e Dutra, fazendo referência ao texto “Religious issues and violence against human”, de Marie Fortune (2001, p. 372)¹⁵¹, afirmam que “a maioria das mulheres vai lidar com algum aspecto de sua crença/fé paralelamente ao trauma diante da violência sofrida” (SCHWANTES; DUTRA, 2016, p. 156). Logo, assim como Anna, antes de tomar qualquer medida prática, elas apelaram para a religião, esperando por uma ajuda divina, a qual não chegou para nenhuma das duas. No entanto, ao proferir tais palavras para a irmã, esta lhe responde: “Não fala bobagem, minha irmã, Deus existe sim, é que às vezes ele escreve certo por linhas tortas, a gente é que precisa aprender a ler” (PAULINO, 2010, p. 80).

Esse discurso da irmã reforça o estereótipo de que qualquer problema, inclusive o da violência doméstica, pode ser resolvido via fé, não desconstruindo, portanto, tal ideia. Ademais, mesmo que Altina tenha ajudado a irmã a fugir, aspecto positivo do desfecho da obra, porque desconstrói o preceito da não interferência no casamento alheio, ainda que haja situações de violência doméstica, reforçando a relevância de ajudar as vítimas, ela, a partir dessa retórica religiosa, deixa subentendido que a irmã, de certa maneira, tem culpa pelo que lhe aconteceu, haja vista que ela não teria “aprendido a ler” o que Deus lhe escrevera, não vendo os indícios de que ao abandonar sua casa, contrariando a vontade do pai, para viver com um homem que mal conhecia, estaria fazendo algo errado, reiterando, desse modo, uma ideia de que a culpa da violência doméstica é da vítima.

É sabido que “no pensamento social e político, de modo mais abrangente, prevalece o silêncio sobre as relações de poder e as desigualdades e as formas de dependência e vulnerabilidade reproduzidas pelos arranjos familiares convencionais” (MIGUEL; BIROLI, 2014, p. 47). No que tange à Ana, não foi diferente, pois, embora o narrador não nos dê a conhecer se a família da vítima tinha noção das agressões, sabe-se que, ao menos, alguns dos amigos de Tarcísio tinham, porém, nada fizeram pela adolescente, visto que, consoante Dantas-Berger e Giffin (2005), uma ordem social de tradição patriarcal, por muito tempo, “consentiu” um certo padrão de violência contra as mulheres, designando ao homem o papel ativo na relação, ao mesmo tempo em que

¹⁵¹ In: RENZETTI, Claire; EDLESON, Jeffrey; BERGEN, Raquel (Eds.). *Sourcebook on violence against women*. California: Sage Publications, 2001, pp. 372-385.

restringiu a mulher à passividade. Entretanto, Ana rompe com essa passividade, frente à violência, ao decidir e conseguir fugir de casa, contudo, sem a assistência vital de Altina, ela não teria conseguido “deixar as trilhas de capim-gordura para trás” (PAULINO, 2010, p. 83), essa vegetação vermelha, cor que, como explicitado ao longo da análise, simboliza, na narrativa, o sofrimento e a violência sentidos por Ana naquela área da cidade de São Paulo, onde residia.

3. Pascuala: a mulher de um homem do vale

O conto de Marcela Serrano, “O homem do vale” (2014), como explanado no início deste capítulo, não apresenta, como desfecho, a vítima sendo capaz, por meio de uma ajuda externa, de se libertar das agressões conjugais que sofre, porém, o texto em questão tem por objetivo fazer um contraponto com as narrativas de Priano e de Paulino, evidenciando e problematizando uma representação possível do que poder vir a ocorrer caso a mulher, vítima de violência doméstica, se veja completamente impotente frente ao relacionamento abusivo por não vislumbrar nenhum tipo de apoio externo, seja este emocional, econômico, dentre outros¹⁵². O conto tem início com a narradora, em primeira pessoa, anunciando que aquele era um dia importante, pois “por fim desatou-se a tormenta. Entrei em ação” (SERRANO, 2014, p. 105). Contudo, o/a leitor/a só toma conhecimento de tal feito ao final da narrativa, já que Pascuala, após a afirmação supracitada, retoma e descreve acontecimentos de sua infância, que irão repercutir em sua vida adulta, que é o tempo presente do conto.

Esta começa seus relatos a partir de seu nascimento. Ela era filha da cuidadora de uma senhora, a qual não é nomeada, mas é chamada por Pascuala de Senhora. Esta era muito rica, de alto nível, todavia, de saúde frágil. Sua mãe, a Maruja, já trabalhava em tal casa de fazenda há oito anos quando engravidou de um homem do vale, surpreendendo as pessoas que a conheciam, porque “todos ficaram paralisados, mas como?, se a Maruja é uma boa mulher, como foi aprontar essa?” (SERRANO, 2014, p. 106). Nota-se que o acontecimento de uma gravidez não planejada

é associado a um julgamento preestabelecido, no qual a mulher que engravida fora do casamento, é, moralmente, mal-vista. Isto acontece, pois o casamento,

¹⁵² É importante destacar que, na ordem social, quando as mulheres agredidas permanecem no relacionamento abusivo, independentemente do motivo, um desfecho muito comum para tal relação é o assassinato da vítima pelo seu companheiro, como veremos no terceiro capítulo.

ainda hoje, permanece como uma elaboração social que simboliza a mulher respeitável. As mulheres que fogem a este modelo rompem com a equação esposa-mãe e expõe-se a serem rotuladas com adjuntos adnominais semanticamente carregados de preconceitos: “mulher à-toa, de má nota, errada, perdida, vadia”. Assim, o espaço do casamento permanece soberano em seu papel fundador das representações da gravidez (RANGEL; QUEIROZ, 2008, pp. 783-784).

A princípio, não se sabia o que fazer com a mãe e com a criança, que estava a caminho, entretanto, uma das filhas da dona da casa interveio e pediu à mãe que a criasse na fazenda. A dinâmica familiar da menina era bem diferente da de Ana, personagem do conto “Destino: Sé”, pois sua esfera privada constituía-se em um lugar de afetos. Era uma organização não convencional de família, visto que não havia a presença de homens. Infere-se que a Senhora era viúva e que seus filhos e filhas viviam na capital do Chile, Santiago. Ali moravam apenas a dona da casa, suas cuidadoras e Pascuala, a única criança, que exercia o papel de filha adotiva da Senhora. Segundo ela, aquele era um ambiente saudável: “nasci naquela maravilhosa casa de campo e fui bem-vinda. Afinal, eram apenas mulheres sozinhas as que viviam ali, a Senhora e suas empregadas e cuidadoras, e então a chegada desta criatura – eu – se tornou quem diria uma sorte. Fui mimada e cuidada ao extremo” (SERRANO, 2014, p. 107).

Essa afirmação confirma-se ao longo do relato, tendo em vista que, à medida que crescia, nenhum trabalho doméstico lhe era incumbido, além de ter sido matriculada em uma escola particular, porque a Senhora, que lhe tinha um enorme apego, acompanhava de perto a sua educação. Percebe-se, portanto, que, mais uma vez, diferentemente de Ana, Pascuala foi criada em um círculo familiar carinhoso e acolhedor. Outrossim, enquanto a família de Ana não a incentivava a estudar, aquela afirma que “o sonho da Senhora era que eu, quando crescesse, frequentasse a universidade e não repetisse a história da minha mãe. Nenhum homem do vale vai vir engravidá-la, para isso você tem cabeça, me dizia, e não vai limpar a sujeira alheia” (SERRANO, 2014, p. 108), isto é, não seria empregada doméstica ou cuidadora.

É importante observar que Pascuala não estava sendo criada de acordo os moldes patriarcais, ou seja, para simplesmente “se casar, ser boa mãe e esposa” (AZEVEDO, 1985, p. 61), já que era incentivada a dar continuidade aos seus estudos, a fim de ter um emprego melhor que o da mãe, ocupando, conseqüentemente, o espaço público, ademais de não ter filhos antes de concluir as etapas acadêmicas. Isso significa que a Senhora almejava que Pascuala fosse uma mulher bem-sucedida e independente.

Contudo, quando estava com 12 anos, a Senhora faleceu. Seu filho mais velho dispensou todas as funcionárias, e, assim, Maruja e Pascuala ficaram sem moradia e com dificuldades econômicas, porque “ninguém queria os serviços de minha mãe, não por ela, mas por arcar com esta filha que parecia não caber em lugar nenhum” (SERRANO, 2014, p. 109). A mãe acabou conseguindo um emprego de colhedora de abacates, o que lhes permitiu alugar um lugar para morar e também permitiu que a narradora pudesse continuar a estudar, porém, agora, em uma escola pública. Todavia, quando Pascuala completou quinze anos, Maruja também faleceu. Dessa forma, sem recursos, ela foi expulsa do quatinho onde moravam e largou os estudos. Sem família, recorreu à filha da Senhora, aquela que havia intercedido por ela à época que nascera, confidenciando-lhe que não tinha para onde ir. Esta, mais uma vez, a ajudou, arrumando-lhe um emprego de cuidadora/acompanhante, tal qual fora sua mãe, contrariando os desejos da Senhora para o seu futuro. A Senhora Dois (uma pintora), como ela a chamava, também era muito bondosa com Pascuala. Como necessitava de seus serviços apenas à noite, também a incentivava a estudar. Logo, ela retomou mais uma vez os estudos. Além disso, deixava-a à vontade para sair de casa durante o dia, pois dizia que sua casa “não é uma prisão, é só um dormitório” (SERRANO, 2014, p. 112). Segundo Pascuala, “a Senhora Dois era uma personagem bastante estranha (...). Vivia sozinha, não tinha marido nem filhos (não parecia interessada no assunto)” (SERRANO, 2014, p. 111). Mais uma vez, a questão da independência feminina é enfocada na narrativa, evidenciando, de alguma maneira, que as mulheres, em geral, são capazes de garantir por elas próprias seu sustento e de se sentirem bem na solidão.

Pelo fato de ter a tarde livre, já que ia à escola no período matutino, ela começou a ajudar na colheita do abacate, a qual era uma atividade que ela conhecia, tanto por observar os catadores, em seu período de férias, enquanto ainda morava na fazenda da Senhora, quanto por ajudar a mãe, que às vezes a levava junto para a colheita. Contudo, o afazer esporádico virou rotina. Pascuala diz que

o jardineiro me contou que em outras chácaras estavam precisando de mão de obra e perguntou se eu tinha tempo. Então parti. Vocês já devem estar imaginando em que acabou tudo isso: abandonei a escola, achei tolice continuar estudando. Afinal, pensei, de que me serve saber um pouco mais ou um pouco menos (SERRANO, 2014, p. 113).

Conforme Soares *et al.* (2015), a evasão escolar de alunos pertencentes a classes sociais menos favorecidas decorre de vários fatores, entretanto, o mais recorrente é a ideia

de que completar o processo educacional não trará necessariamente uma ascensão social. Por isso, muitos alunos optam por abandonar os estudos e começar a trabalhar em subempregos. Neste viés, da mesma maneira que Ana, Pascuala também não deu valor aos estudos, mas esta, refletindo a respeito depois de todo o acontecido, demonstra arrependimento pela sua decisão.

Aos dezessete anos, na casa de Eufemia, a qual era empregada na casa da Senhora Dois e de quem se tornou amiga, a narradora conheceu o Rato. Ele trabalhava como vigia noturno em uma das plantações onde ela colhia abacates. Ela acabou se envolvendo com ele e alertou aos leitores: “não pensem que aos dezessete anos eu era uma freirinha, não, nessa idade ninguém é” (SERRANO, 2014, p. 114). Novamente, há uma quebra de paradigmas na narrativa no que tange ao comportamento dito adequado às mulheres, pois Pascuala, de acordo com a sociedade patriarcal, da mesma maneira que Ana, seria uma “mulher desviante” (SAFFIOTI, 1980) ou “leviana” (PINSKY, 1997).

A narradora diz que

Rato não era flor que se cheire, pensando bem. Tinha maus hábitos [...] bebia, fumava mais de um maço por dia [...] e tinha um gênio dos diabos. Quando explodia era melhor não estar por perto. E ainda por cima o babaca era mandão. No começo não mostrava essa faceta, fui percebendo mais tarde (SERRANO, 2014, p. 115).

Ou seja, ela não se deu conta de que estava iniciando um relacionamento com um homem com tendências agressivas. A violência foi gradual. Ela afirma que ele a conquistou por demonstrar apego e carinho por ela, algo que ela não recebia àquela altura da vida, após a morte da Senhora e de sua mãe. Portanto, não se pode falar de amor propriamente dito, entretanto, ela optou por ficar com Rato porque foi conquistada pelo seu afeto e, até então, tal sentimento era recíproco. Nesse aspecto, as protagonistas dos contos aqui analisados diferem, haja vista que, apesar de Ana também não estar acostumada a receber carinho em sua casa, não foi, aparentemente, por esse motivo que se envolveu com Tarcísio, como já explicitado anteriormente.

Como trabalhava no período noturno, Rato tinha apenas a noite de sábado de folga para se encontrar com Pascuala. No entanto, conforme o combinado com a Senhora Dois, ela deveria dormir em casa todas as noites, porém, lhe desobedecia e, muitas das vezes, passava a noite com Rato, voltando furtivamente para casa logo cedo. A pintora acabou notando e chamou sua atenção, fazendo-a prometer que não lhe desobedeceria mais. Todavia, o namorado insistia em vê-la neste horário, ela diz que “o Rato não se importava

muito com o que acontecesse no meu emprego” (SERRANO, 2014, p. 116). Em um estudo sobre a violência conjugal e a natureza dos homens agressores, Suzana Nardi e Silvia Benetti identificaram que o egocentrismo¹⁵³ é uma característica comum entre eles, uma vez que “sua capacidade de empatia é limitada, ficando ainda mais evidente quando não demonstram preocupação nem com a companheira” (NARDI; BENETTI, 2012, pp. 60-61), além de apresentarem “uma disposição em manipular o outro para seus próprios objetivos e em perceber os outros como se existissem somente em relação a si mesmos” (NARDI; BENETTI, 2012, p. 55-56). Nesse contexto, tudo tem que estar a favor deles, caso contrário, eles se enraivecem. A mulher deve permanecer em constante dependência do que o companheiro demanda dela em cada situação, isto é, ele está sempre no controle. Dessa forma, a mulher tem que se comportar exatamente de acordo com a vontade do homem. Logo, eles continuaram a se encontrar e ela, aos dezoito anos, assim como sua mãe, engravidou-se de um homem do vale, daí o título do conto, contrariando, mais uma vez, os planos que a Senhora tinha para o seu futuro.

Rato não gostou da notícia, nem a Senhora Dois, a qual não permitiu que ela continuasse em sua casa. Sem opções, ela passou a morar na casa do pai de seu filho:

a casa de merda. Ao lado da ponte de Boco. No mais fedorento dos povoados de Quillota. E com um homem que, à medida que os meses passavam, ia ficando cada vez mais difícil. Ele me controlava, sabia que eu não podia ir embora, então para que me tratar bem? Às vezes me sufocava (...). Quando o Josecito nasceu, não saí mais. As quatro paredes, o filhotinho, as fraldas, a cozinha, os pratos e a roupa suja, as panelas, os escovões, as mamadeiras (SERRANO, 2014, p. 117).

Este trecho levanta três questões importantes: a primeira delas é o fator econômico, o qual a impedia de abandoná-lo. A dependência econômica da mulher em relação ao marido é algo que influencia no não rompimento do ciclo de violência¹⁵⁴. Contudo, vale ressaltar que “não é apenas a pobreza absoluta, mas, principalmente, a existência de profundas desigualdades sociais que podem gerar um campo propício para a violência” (ZALUAR; ABRANCHES, 1995, p. 90), ou seja, a violência doméstica não está restrita às classes mais baixas, pois, como explicitado na análise de *Minhas vizinhas* (2011), o fantasma da violência assombra mulheres de todos os níveis sociais. Porém, consoante Betina Bernardes (1998), a maioria das mulheres que sofre violência doméstica

¹⁵³ Vale lembrar que esta é uma característica marcante das personagens Eduardo, em *Meu marido* (2006), e Sandro, em *Minhas vizinhas* (2011).

¹⁵⁴ Como visto no início deste capítulo, essa era uma grande preocupação de Anna, no sentido de findar seu casamento e, conseqüentemente, a violência que sofria.

e permanece na relação não tem emprego, nem trabalho fixo. A afirmação da jornalista evidencia o fator econômico como elemento presente na relação entre agressor e vítima, em que, devido a inúmeras circunstâncias, as mulheres se sujeitam aos diversos tipos de violência que as acometem. Dessa forma, para a mulher,

ter um emprego significa, embora isso nem sempre se eleve a nível de consciência, muito mais do que receber um salário. Ter um emprego significa participar da vida comum, ser capaz de construí-la, sair da natureza para fazer a cultura, sentir-se menos insegura na vida. Uma atividade ocupacional constitui, portanto, uma fonte de equilíbrio (SAFFIOTI, 1979, p. 58).

A segunda questão é que ela estava acostumada a ocupar o espaço que quisesse e agora estava presa no âmbito privado, “em quatro paredes”, em suas palavras. E aí também se encontra o terceiro ponto, haja vista que, uma vez restrita em casa, tinha que se dedicar aos trabalhos domésticos, aos quais ela não estava acostumada, já que, até aquele momento, em todos os lugares em que morou, foi incentivada a estudar, a ser uma mulher independente, e nunca lhe havia sido imposto nenhum afazer doméstico. E para agravar a situação, Rato não a ajudava com tais serviços, nem com o bebê, pois, para ele, havia os papéis masculinos e femininos. Segundo Guacira Lopes Louro, esses

papéis seriam, basicamente padrões e regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos (...), seus modos de se relacionar e de se portar... através do aprendizado de papéis, cada um/a deveria conhecer o que é considerado adequado (inadequado) para um homem ou para uma mulher, numa determinada sociedade, e responder a essas expectativas (LOURO, 2014, p. 28).

Isto é, mesmo passando todo o dia em casa, porque trabalhava apenas à noite, Rato não a ajudava, posto que os afazeres domésticos fazem parte do papel feminino. A ele restava o papel de prover, tendo em vista que “no casamento convencional, o controle dos recursos materiais permanece nas mãos dos homens” (MIGUEL; BIROLI, 2014, p. 36). Contudo, a narradora declara que ele não repassava nenhum dinheiro a ela para que fosse obrigada a pedir. Essa é uma descrição da violência psicológica, visto que se trata de uma conduta de controle, constrangimento e humilhação. Nota-se também que a intenção do marido era diminuir e anular sua mulher e isso, para ela, já tinha se tornado um hábito. Marie-France Hirigoyen afirma que a violência psicológica consiste em

uma série de atitudes e expressões que visa a alvitar ou negar a maneira de ser de uma outra pessoa. Seus termos e seus gestos têm por finalidade desestabilizar ou ferir o outro. (...) Esses procedimentos destinam-se a obter a submissão do outro, a controlá-lo e a manter o poder. (HIRIGOYEN, 2005, p. 28).

Contudo, raramente, a violência psicológica não coexiste com a física. Ainda segundo Hirigoyen, “não há violência física sem que antes não tenha havido violência psicológica” (HIRIGOYEN, 2005, p. 27). Desse modo, a violência física não tardou, pois a primeira agressão se deu justamente quando ela lhe pediu dinheiro para comprar alimentos para o filho, e ele se negou. Ela gritou que “ele era um pão-duro de merda. [Foi] uma bofetada só, forte e bem dada” (SERRANO, 2014, p. 117), ou seja, no momento em que ela levantou a voz, ele viu seu poder ameaçado e a agrediu, a fim de retomar tal poder simbólico. De acordo com a narradora, a violência física foi aumentando gradativamente ao longo dos dois anos que se seguiram, assim como a opressão. Ela conta que ele lhe dava ordens o dia inteiro:

Pascuala, vá me comprar cigarros.
Pascuala, me traga a roupa limpa.
Pascuala, vá me buscar a Pilsen no armazém.
Pascuala, faça este garoto de merda calar a boca.
Eu era sua empregada dentro de casa, serviço por vinte e quatro horas, e ele não me pagava salário (SERRANO, 2014, p. 119).

A partir desse contexto, é perceptível que uma forma de violência doméstica contra a mulher dificilmente ocorre isoladamente das demais. No relacionamento de Rato e Pascuala, as violências físicas, psicológicas e sexuais se entrecruzam. Essa ideia de violência sexual no casamento ainda é considerada um tabu, haja vista que em “uma compreensão histórica e cultural de tais questões revela o quanto as mulheres se viam (e ainda se veem) como obrigadas a manter relações sexuais com seus maridos mesmo sem o desejar por acreditarem que esta é uma responsabilidade da esposa no matrimônio” (GUIMARÃES; PEDROZA, 2015, p. 262)¹⁵⁵. Nesse prisma, não há outra maneira de caracterizar a ação de Rato senão como crime de estupro, tendo em vista que, quando Pascuala não queria ter relações sexuais com seu marido, ele dizia: “ou abre as pernas, ou eu te arrombo” (SERRANO, 2014, p. 117).

As noites de sábados, aquelas que ele tinha livre e costumava passar com ela, se tornaram um pesadelo, pois ele saía e só voltava de madrugada, sempre furioso, lhe gritando e dando ordens. Todavia, é interessante observar que, ao contrário de Ana, que recorria ao silêncio, Pascuala sempre lhe respondia mal¹⁵⁶ e, muitas vezes, negava a Rato o que ele exigia. Ela sempre apanhava, mas não deixava de resistir: “Até que um dia eu

¹⁵⁵ Sobre o estupro marital, ver p. 62 deste estudo.

¹⁵⁶ Pascuala, ao contrário das demais personagens vítimas de violência doméstica do *corpus* analisado nesta tese, é a única que se negava a se calar. Uma hipótese para o seu “não-silêncio” pode ter sido a sua criação, a qual não foi baseada em parâmetros patriarcais.

disse: se você botar a mão em mim, vou te acusar. Vou procurar a polícia [...] e você perde o emprego” (SERRANO, 2014, p. 120). No entanto, ela revela que ameaçá-lo foi uma má ideia, pois “pulou em cima de mim, me puxou pelas pernas, me jogou no chão e me deu um pontapé. Depois outro. Em pleno ventre. Eu gritava como uma louca perdida, sentia algo muito escuro que não era dor e via o mundo indo embora” (SERRANO, 2014, p. 120). Antes deste incidente, ela já refletia a respeito de sua situação de mulher agredida, entretanto, a partir deste dia, ela começou a pensar em como se desvencilhar daquela situação. Ela diz: “fiquei tentada em procurar os tiras e fazer a denúncia, mas me contive ao pensar, e o que faço depois?, para onde vou?, como vou trabalhar com o menino nas costas?, nós vamos comer o quê?” (SERRANO, 2014, p. 120).

No Chile, aprovou-se a *Ley da Violencia Intrafamiliar* nº 20.066, em 2005, que sofreu algumas modificações em 2010, a qual focaliza a violência intrafamiliar, com o objetivo de prevenir, punir e erradicar esse tipo de violência, criminalizando, desse modo, tais abusos inaceitáveis¹⁵⁷. Todavia, ainda que amparada por lei, essas perguntas, transcritas no trecho acima, são muito frequentes das vítimas de agressão, visto que, como já referido, ela dependia dele economicamente e, além disso, achava difícil que alguém a empregasse, tendo ela um filho, a exemplo de como foi com sua mãe, após o falecimento da Senhora, em que as duas ficaram sozinhas.

Nesse sentido, Saffioti afirma que, quando “o homem é o único provedor do grupo domiciliar, uma vez preso, deixa de sê-lo, configurando-se um problema sem solução quando a mulher tem filhos pequenos, ficando impedida de trabalhar fora” (SAFFIOTI, 1999, p. 89). Pensou em sua amiga Eufemia, mas sua casa era tão pequena que não tinha como abrigá-los, e na Senhora Dois, porém, em relação a esta, sentiu vergonha, sentimento comumente partilhado pelas vítimas, como mencionado anteriormente. Por não conseguir visualizar nenhum tipo de ajuda externa, não o denunciou, nem o abandonou.

Alguns sábados depois, ele chegou em casa nas mesmas condições, contudo, dessa vez ele fez algo que, aos seus olhos dela, era ainda mais grave, ele deu um pontapé em Josecito. Desta vez, ela ficou possessa e vociferou: “se você bater de novo nele ou em mim, vou te matar” (SERRANO, 2014, p. 121). Rato riu de incredulidade, mas ficou

¹⁵⁷ Todavia, mesmo com a implantação da Lei, as estatísticas mostram que, no ano de 2016, no Chile, foram registradas 93.545 denúncias de violência familiar, segundo dados da Subsecretaría de Prevención al Delito. Disponível em: <<http://www.seguridadpublica.gov.cl/>> Acesso em: 06 de maio de 2022.

menos violento na semana que se sucedeu, não por ter ficado com medo de sua ameaça, e sim porque estava assustado de Pascuala o ter denunciado por ter batido em seu filho. Na semana seguinte, ele chegou em casa, às seis da manhã, tão bêbado como ela nunca o tinha visto antes. Quando a viu, começou a brigar. Ela o alertou:

Se você se aproximar, eu te mato.
Vai me matar nada, imagine... Mais fácil eu matar você.
Olhei se ele tinha na mão uma faca, estávamos na cozinha, mas não, não tinha.
E tampouco o martelo¹⁵⁸.
Onde está meu filho?, perguntou, a voz quase não lhe saía de tão bêbado que estava (SERRANO, 2014, p. 122).

Possivelmente, esta indagação sobre o menino foi o estopim do que estava por vir. À maneira dela, gritando, vociferando, ela resistia, mas acabava aguentando as agressões do marido. Contudo, não permitiria que ele agredisse o filho novamente. Ela afirma que “não ouvia nada, a não ser as batidas rápidas do meu próprio coração, que me diziam: acabe com ele; e outras que respondiam: não sou uma assassina” (SERRANO, 2014, p. 123). Devido ao seu desequilíbrio, por conta do excesso de álcool¹⁵⁹, ela conseguiu se desvencilhar dele, pegou Josecito na cama e fugiu. Assim como Ana, Pascuala fugiu de casa vestindo apenas uma camisola, todavia, esta não fugiu de madrugada, e sim no início de uma manhã gelada. Não foi a um hospital ou procurou a polícia. Ela diz que teve uma ideia mais inteligente:

Bati à porta de Eufemia, larguei nos braços dela o menino, pedi emprestados um agasalho e uns sapatos, deixei passar uma hora, sentada ao lado da estufa, tomando uma aguinha quente. Então voltei sobre meus passos. Só com minha chave na mão. Entrei na ponta dos pés, olhei pela porta do quarto, o Rato havia conseguido chegar até a cama, vestido e emporcalhado, mas estava em cima da cama, roncando como um vulcão em erupção. Peguei um isqueiro e um maço de cigarros, levei para o quarto e deixei sobre a mesinha capenga. Depois, com a mais absoluta calma, fui até a cozinha, inspecionei o bujão de gás, abri o registro e não acendi o fogo. Casa de merda. Homem de merda (SERRANO, 2014, p. 123).

Então, apesar de a narradora iniciar o conto anunciando que algo sério acontecera, é apenas ao final que o/a leitor/a toma conhecimento que se trata do assassinato do marido. Consoante Schraiber *et al.*, “a violência (...) perpetua doenças e sofrimentos

¹⁵⁸ Nota-se que ela era astuta, porque, mesmo no calor do momento, ela foi racional o suficiente para ver se ele estava armado e se sua vida corria algum perigo imediato.

¹⁵⁹ É importante observar que o álcool, embora, na dinâmica da violência doméstica, seja um potencializador desta, nos dois contos analisados, ele também foi um componente que proporcionou a fuga de Ana e de Pascuala (ainda que esta não vivesse em uma situação de cárcere privado), tendo em vista que tanto Tarcísio quanto Rato estavam tão alcoolizados que não se deram conta da partida de suas respectivas companheiras.

vários (...) e coloca a vida efetivamente em risco” (SCHRAIBER *et al.*, 2005, p. 150), tanto da vítima quanto do agressor. Verifica-se no trecho transcrito que assassinar o marido foi a maneira encontrada por ela de colocar um ponto final na situação de violência que a vitimava e que estava começando a atingir seu filho também. Assim como Anna tinha, como limite para as agressões (Saffioti, 1999), a filha, este limite para Pascuala, sem dúvidas, era Josecito. A princípio, ela apenas fugiu, todavia, diferentemente de Anna e de Ana, ela não tinha nenhuma perspectiva de auxílio externo, que a ajudasse a seguir a vida, com seu filho, sem necessitar recorrer ao marido. Além disso, Pascuala tinha ciência de que, quando Rato acordasse, e ela voltasse para casa, a violência retornaria. Por essa razão, ela premeditou seu homicídio, visto que tal ato lhe exigiu certa elaboração. Ainda de acordo com Saffioti (1999), diferentemente do feminicídio, o homicídio nas mesmas circunstâncias exige planejamento pela menor força física da mulher. Por isso, Pascuala não voltou imediatamente para casa, tirou uma hora para pensar e armou o incêndio, a fim de que parecesse acidental, afinal, ela não poderia correr o risco de ir presa e deixar o filho desamparado. Logo, o homicídio de Rato foi claramente consequência não apenas da violência que sofria e do medo de esta se estender ao filho, mas também da falta de amparo. Com a morte do marido, ela finalmente se viu livre da violência a qual a afligia.

Obviamente, o intuito do texto não é legitimar a justiça com as próprias mãos, mas evidenciar que a ausência de uma intervenção, seja ela advinda de alguém do convívio da mulher agredida, ou mesmo do Estado, pode ocasionar situações extremas, como a do conto de Serrano, haja vista que o homicídio do cônjuge foi provocado pelo medo que Pascuala sentia da violência, principalmente em relação a seu filho, sendo possível, portanto, afirmar, que sua ação se deu em um contexto de proteção ou de legítima defesa perante as violências das quais era vítima.

As narrativas analisadas neste capítulo colocam em foco a violência doméstica, denunciando todas as suas expressões, consoante a *Lei Maria da Penha*: as violências psicológica ou moral, econômica, física e sexual, as quais são pautadas nos sentimentos de poder, superioridade e/ou desprezo que o marido tem pela esposa. Ademais, em *Minhas vizinhas* (2011) e em “Destino: Sé” (2010), observa-se,

em consonância com o ditado que esbanja machismo popular ‘em briga de marido e mulher não se mete a colher’, [que] o relacionamento violento ocorre num silêncio cúmplice entre agressores, vítimas, familiares, vizinhos e amigos (...). Para cada pessoa que minimiza a situação ou ridiculariza o pedido de ajuda da mulher violentada, as chances de que ela possa superar o

relacionamento violento com seu companheiro caem dramaticamente (ANGELIM, 2009, p. 127).

Esse silêncio cúmplice se passa com a família de Anna, de *Minhas vizinhas* (2011), visto que nem ela mesma, nem ninguém do seu âmbito familiar, inclusive sua mãe, denunciaram a violência que presenciavam. Além disso, com exceção de Margarida, a qual não naturalizou a violência que sua amiga sofria, os outros vizinhos do prédio, o padre e, até mesmo, a polícia, sabiam o que se passava dentro da casa dos Armandi, porém, optaram por invisibilizar a personagem e sua dor, ninguém se engajou em ajudá-la. É perceptível que, no início da narrativa, Anna estava resignada com a sua situação, todavia, à medida que se aproximava de Margarida e recebia todo seu acolhimento, ela conseguiu avistar uma maneira de colocar fim nas violências que sofria. A quebra do silêncio cúmplice de Margarida e sua consequente intervenção no casamento alheio foram fundamentais para Anna, no sentido que propiciou “a reflexão necessária para o reconhecimento de sua condição de vítima e seu empoderamento para denunciar e buscar a punição do seu agressor” (ANGELIM, 2009, p. 129), tendo em vista que, como mencionado ao longo da análise, Anna parecia sofrer da síndrome da mulher maltratada (WALKER, 2017 [1984]). Outrossim, Anna tinha uma preocupação econômica, por ser dependente financeiramente de Sandro, receando, desse modo, não ter como sustentar a si e a seus filhos após o fim do casamento. Acerca dessa sua apreensão, o amparo advindo de sua irmã foi imprescindível, pois, a partir do emprego e da moradia por ela proporcionados, Anna poderia recomeçar a vida longe de Sandro e ser a própria provedora de sua família.

Ana, de “Destino: Sé” (2010), também sofreu do silêncio cúmplice, posto que os amigos de Tarcísio, que presenciaram a primeira agressão, ademais de não acudir naquele momento, guardaram o segredo do “dono do pedaço”. Sua família, por sua vez, não tinha conhecimento de que Ana era uma vítima de violência doméstica, já que seu pai havia obrigado todos os familiares a cortarem relações com ela, por essa razão, a de não manterem contato desde que Ana saiu de casa, Altina ficou tão aturdida ao vê-la machucada. Contudo, não é possível inferir se, caso a família tivesse ciência das agressões, alguma medida teria sido tomada a fim de ajudar Ana, até porque seu próprio pai era um homem agressor.

Uma particularidade deste conto é que, enquanto Sandro foi denunciado e iria passar por um julgamento pelas agressões que cometeu contra sua mulher, Tarcísio não sofre nenhum tipo de punição pelos crimes de violência que praticou, dado que Ana não

o denunciou. Consoante Moura e Moura, “no cenário da violência, as liberdades das mulheres tornam-se limitadas (...). Sua capacidade de ser um indivíduo encontra-se em muitos casos sufocada” (MOURA; MOURA, 2009, p. 187). Ana não poderia ser sujeito naquela pequena comunidade onde moravam, onde Tarcísio detinha algum tipo de poder simbólico no âmbito da marginalidade, haja vista que, conforme o narrador, ele “mandava e desmandava” (PAULINO, 2010, p. 76) na região. Sua única opção de sobrevivência e de liberdade era realmente fugir daquele local, sem olhar para trás.

O processo de auxílio para com as vítimas se deu de maneira diferente no romance de Priano e no conto de Paulino, pois Anna tentava esconder o que se passava com ela, tendo Margarida que intervir de maneira mais invasiva, a fim de persuadi-la a mudar de vida. Ana, ao contrário, idealizava fugir e, após conseguir, por vontade própria, depois da fuga, foi direto à casa da irmã em busca de algum socorro e o encontrou, visto que recebeu apoio fraterno e financeiro, incluindo um emprego de doméstica em uma casa em outro bairro. Sem essa assistência, sua fuga teria sido em vão, porque, além da impossibilidade de ser livre, morando na mesma comunidade que Tarcísio, como já explicitado, é preciso levar em conta o risco que uma mulher vítima de violência doméstica corre ao deixar seu domicílio, uma vez que “a maior parte dos homicídios de mulheres cometidos pelo cônjuge tem lugar no momento em que fogem de casa ou quando demonstram essa intenção. O cônjuge que se sente abandonado pode ter uma reação paranoica que pode levar a um assassinato” (HIRIGOYEN, 2005, p. 203).

No conto “Destino: Sé” (2010), não se sabe como Tarcísio reagiu acerca da fuga de Ana, pois o desfecho da narrativa se dá justamente com a partida da jovem da localidade onde residiam. No que concerne ao romance *Minhas vizinhas* (2011), Sandro perdeu completamente o controle, ao ser abandonado por Anna, chegando ao ponto de ameaçá-la de morte. Desse modo, ainda que diferentemente da fuga de Ana, Anna Armandi também “fugiu” de Gênova, já que, ao deixar a casa de abrigo, não tinha a intenção de permanecer na cidade, ela iria para Milão, onde receberia o auxílio da irmã.

Ainda comparando os dois primeiros textos analisados neste capítulo, nota-se uma similaridade quanto ao foco narrativo, tendo em vista que, em Priano e em Paulino, as mulheres agredidas não narram suas próprias histórias. No entanto, a maneira como as instâncias narrativas contam as histórias dessas personagens é bastante distinta. No que tange à história de Anna, mesmo não sendo ela a narrá-la, e sim Margarida, a qual só pode contar o que observa, esta busca apresentar ao/à leitor/a um panorama detalhado dos acontecimentos da vida de Anna, principalmente, à medida que as duas vão ficando mais

próximas. Outrossim, temos ciência do que ela pensa e sente face à situação de violência que presencia e na qual interfere. Já em Paulino, além da surpresa de Altina ao ver a irmã machucada e da assistência que lhe dá, não temos conhecimento de suas percepções relativas à violência doméstica, diferentemente, como exposto acima, de Margarida. E, embora o narrador seja onisciente, pouco se sabe das preocupações de Ana, visto que, ademais de ser uma mulher silenciada pelos pais e, mais tarde, pelo marido, o narrador também a silencia, pois não lhe dá voz ao longo do texto, nem fala em nome dela, a fim de expor seus sentimentos acerca das violências pelas quais estava sofrendo. Ao versar sobre o posicionamento do narrador quanto a situações de violência, Jaime Ginzburg afirma que são características de um narrador realista¹⁶⁰:

a narrativa linear, a configuração de um narrador estável com aparência de objetividade, um tempo organizado em continuidade e uma seleção de vocabulário próxima da confiabilidade atribuída, em seus contextos de recepção específicos, a profissionais como jornalistas ou historiadores. Falar do mundo violento como um território ordenado envolve ficar à distância, deixar a pele sem ferida e o corpo sem dor. Entretanto, no momento em que houver dor envolvida, as categorias organizadas do pensamento institucionalizado mostram seus limites e a ideia de que é possível olhar tudo à distância com neutralidade, frieza ou objetividade, pode cair por terra (GINZBURG, 2013, p. 34).

Assim, apesar de Ana conseguir, por meio da fuga e da ajuda da irmã, se desvencilhar da violência, sendo, então, uma representação positiva no que tocante à temática da violência doméstica e a suas vítimas, bem como o desfecho de *Minhas vizinhas*, (2011), o foco narrativo realista de “Destino: Sé” (2010) pode contribuir para uma naturalização e legitimação da violência, haja vista que o narrador não opina¹⁶¹ sobre a violência narrada, colocando-se em uma posição distante dos acontecimentos, não havendo, portanto, uma “empatia com a dor do outro” (GINZBURG, 2012, p. 207), diferentemente do narrador, também em terceira pessoa, de *A vida invisível de Eurídice Gusmão* (2016), o qual se compadece do sofrimento de Eurídice.

No entanto, independentemente da instância narrativa, as situações narradas nas três obras analisadas refletem muito bem o comportamento abusivo dos homens quanto às suas parceiras, caracterizando, desse modo, a violência doméstica: o desprezo quanto às mulheres; o fato de procurarem o isolamento da vítima, evitando as relações com a

¹⁶⁰ Conforme Ginzburg, o narrador realista corresponde à visão de narrador de Ian Watt, no livro *A ascensão do romance* (1990), “trata-se de uma concepção formal pautada pelo cartesianismo, por uma caracterização do conhecimento que tem a expectativa de objetividade” (GINZBURG, 2013, p. 33).

¹⁶¹ O único momento da narrativa em que o narrador emite uma opinião é para descrever a aparência física de Tarcísio: “Era viril, independente, ainda que a bem da verdade não tivesse lá muita pinta de galã” (PAULINO, 2010, p. 76).

família e as amigas, bem como o isolamento físico e geográfico; o controle da economia, fazendo com que a mulher fique dependente economicamente; a criação de situações e exigências que fazem impossível o emprego remunerado da mulher; a imposição de tarefas domésticas sempre ao serviço do homem e a consideração das mulheres como um objeto sexual.

Sabe-se que a socialização de gênero no sistema patriarcal faz com que os preconceitos, estereótipos e subsequentes atitudes e comportamentos diferenciados de homens e mulheres fiquem incorporados e considerados naturais. Um desses comportamentos considerados naturais é justamente a não interferência no matrimônio de terceiros em hipótese alguma, pois,

tradicionalmente, la consideración de la violencia contra las mujeres (y particularmente de aquella ocurrida en el marco de la pareja) como fenómeno privado ha propiciado que fuera entendida como un derecho del varón, como algo normal e incluso legítimo. Posteriormente, pasó a ser considerada como algo inadecuado o inconveniente pero que formaba parte de la vida íntima y en lo que, por tanto, no había que intervenir. Todo ello ha contribuido a que la resistencia de las mujeres que la padecen a denunciar, tanto por miedo como por vergüenza y desconfianza hacia las posibles ayudas a recibir, y, en definitiva, a que este haya continuado siendo, en gran medida, un grave problema “oculto”, donde las cifras oficiales posiblemente sólo son la punta del iceberg¹⁶² (BOSCH, 2007, p. 3).

Apesar da gravidade da violência doméstica e do silenciamento cúmplice destacados por Bosch (2007) e representados no romance de Priano e nos contos de Paulino e Serrano, é importante ressaltar a sororidade¹⁶³ entre as mulheres nas três narrativas analisadas neste capítulo. Há uma união consciente, como uma aliança política entre as mulheres para conseguir os seus direitos, seu empoderamento e a transformação da sociedade patriarcal numa sociedade justa e igualitária para todas as pessoas.

Na obra *Minhas vizinhas* (2011), essa aliança tem início por meio de Margarida, mas também, ao final do texto, a prima Irene e a vizinha Anita ajudam Anna a se estabelecer na casa de vizinha, antes de ela ir para o abrigo, além de a protegerem contra

¹⁶² “tradicionalmente, a consideração da violência contra as mulheres (e particularmente daquela que ocorre no contexto do casal) como um fenômeno privado tem levado a que esta seja entendida como um direito masculino, como algo normal e até legítimo. Mais tarde, passou a ser considerada como algo impróprio ou inconveniente, mas que fazia parte da vida íntima e na qual, portanto, não era necessário intervir. Tudo isso tem contribuído para a resistência das mulheres que a sofrem em denunciá-la, tanto por medo e vergonha quanto por desconfiança da possível ajuda que podem receber e, em última instância, para que continue sendo, em grande medida, um grave problema “escondido”, em que os números oficiais são possivelmente apenas a ponta do iceberg”.

¹⁶³ bell hooks (2017) define a sororidade como uma união poderosa das mulheres. Segundo ela, “la sororidad feminista está enraizada en el compromiso compartido de luchar contra la injusticia, sin importar la forma que tome esa injusticia” (HOOKS, 2017, pp. 39-40): “a irmandade feminista está enraizada em um compromisso compartilhado de combater a injustiça, não importa a forma que a injustiça assumira”.

a presença circundante de Sandro. Anna também vai contar com a ajuda de sua irmã, a qual lhe proporciona um recomeço. No conto “Destino: Sé” (2010), há menos personagens mulheres, porém, quem possibilita a fuga de Ana do lugar onde viviam para o bairro da Sé é sua irmã, Altina. Já no conto “O homem do vale” (2014), apesar de Pascuala não receber ajuda no período em que sofreu as agressões (enquanto morava com Rato), as mulheres que passaram por sua vida, desde sua infância, a auxiliaram de alguma maneira: primeiro sua mãe e as mulheres da casa da Senhora (uma casa só de mulheres onde a convivência se baseava nos afetos, de acordo com a narradora); mais tarde, a filha da Senhora e a Senhora Dois.

Os homens das narrativas, ao contrário, são a causa das desgraças das mulheres: Sandro, Tarcísio e Rato são os maridos abusivos, contudo, vale lembrar outros personagens masculinos, como Sérgio, que viaja a trabalho, deixando Margarida sozinha, em meio a uma mudança, em um momento em que ela estava emocionalmente frágil, devido a uma depressão; o pai violento de Ana, os amigos homens de Tarcísio, que o acobertam; o filho da Senhora, que, após a morte da mãe, expulsou Maruja e Pascuala da casa onde sempre moraram, e, mesmo indiretamente, o jardineiro que perguntou a Pascuala se ela tinha tempo para trabalhar nas chácaras, o que determina o seu abandono da escola. Podemos considerar que essas situações são certamente intencionadas e simbólicas como representações da construção patriarcal, em que, para muitas mulheres, o homem é a causa de suas infelicidades, e só a aliança dessas mulheres, com exceção do conto de Serrano, pôde trazer sua liberdade.

Logo, é importante que se tenha em mente que, se o índice de casos de violência conjugal tem aumentado, ademais da responsabilidade de cada homem agressor, “a impotência é nossa, não das mulheres que sofrem abuso” (MILLER, 1999, p. 121). Cabe a cada um de nós, diante de situações de violência doméstica, meter a colher no casamento alheio, rompendo com essa conspiração do silêncio¹⁶⁴, que sustenta a violência, nos faz cúmplices desta e que prioriza a imagem familiar, em detrimento do sofrimento da mulher, perpetuando, assim, a ideologia dominante, a qual defende que qualquer fato que comprometa a imagem da instituição familiar não deve ser publicizado. Ao nos esquivarmos da violência doméstica, nos apegamos, por conseguinte, a outro ditado muito conhecido, que “roupa suja se lava em casa”. Desse modo, naturalizamos a violência no “lar doce lar”, nos omitimos no que se refere a essas vítimas e nos afiliamos a esse silêncio

¹⁶⁴ Nesse sentido, Maria Amélia Azevedo (1985) utiliza a expressão “catedrais do silêncio”, fazendo referência à sacralização da família.

cúmplice, o qual lhes nega auxílio, dificultando a possibilidade de que elas se desfaçam do ciclo de violência.

Capítulo III

Até que a morte os separe

Morremos em escala industrial.

Patrícia Melo

Desde o primeiro capítulo deste trabalho fizemos um percurso por diferentes representações conjugais em que a violência doméstica esteve presente em suas diversas roupagens. Neste último capítulo, por meio da análise da obra *Hay una cierva menos en el monte* (2012), da uruguaia Helena Corbellini¹⁶⁵, veremos que “o exercício do poder patriarcal autoriza que mulheres sejam violentadas de diversas formas diariamente, até chegar ao ato último em seus corpos e suas vidas: o feminicídio” (BRAVO, 2019, p. 07), sendo este o assassinato da mulher vítima de violência por seu parceiro, o terceiro e último desfecho observado nas obras que compõem o *corpus* deste estudo.

Femicídio é o vocábulo usado para definir o homicídio de mulheres cometido em razão do gênero, isto é, quando a vítima é morta pelo fato de ser mulher. Para a antropóloga feminista Marcela Lagarde, o feminicídio é o “conjunto de violaciones a los derechos humanos de mujeres y que, estos fuesen identificados como crímenes de lesa humanidad”¹⁶⁶ (LAGARDE, 2008, p. 216), pois está relacionado com toda ação ou omissão que viola os direitos humanos. Tal crime está diretamente relacionado à violência doméstica, pois, segundo o *Atlas da Violência de 2021*¹⁶⁷, 33,3% dos homicídios de mulheres no mundo são executados por seus respectivos parceiros. Antigamente, no Brasil, esse assassinato da mulher cometido por seu cônjuge seria chamado de “crime passionnal” ou “crime em nome da ‘honra’”, por se tratar de uma violência “gerada” por problemas conjugais.

Atualmente, contudo, sabe-se que o assassinato de mulheres está, na verdade, relacionado a questões culturais e ao papel da mulher na sociedade ditado pelo

¹⁶⁵ A autora é jornalista, mestra em Literatura Latino-americana e professora de Literatura no Instituto de Profesores Artigas (CFE). Escreveu, ademais do livro aqui analisado, *Laura Sparsi* (1995); *La novia secreta del Corto Maltés* (2000); *La vida brava: Los amores de Horacio Quiroga* (2007); *El Sublevado: Garibaldi en el Río de la Plata* (2009). É relevante ressaltar que suas narrativas buscam colocar a mulher em foco. Corbellini também escreve poesia e textos teóricos.

¹⁶⁶ “Conjunto de violações dos direitos humanos das mulheres, o qual foi identificado como crimes contra a humanidade”.

¹⁶⁷ Disponível em: <<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/1375-atlasdaviolencia2021completo.pdf>> Acesso em: 06 de maio de 2022.

patriarcado, o qual, conforme Carole Pateman, “é uma forma de poder político” (PATEMAN, 1993, p. 38) e, consoante Saffioti, “um regime de dominação-exploração das mulheres pelos homens” (SAFFIOTI, 2015, p. 47). Assim, a criação de um termo próprio para esse crime, feminicídio, auxilia a colocar em evidência a existência do problema, pois

a partir da tipificação do crime de feminicídio, a utilização do referido termo de forma expressa passou a ser uma forma estratégica de luta pelos direitos de mulheres para que a questão das mortes sexistas de mulheres saia da invisibilidade e tome os espaços públicos, com o escopo de que toda a sociedade brasileira possa refletir sobre essas mortes e possa encarar esses acontecimentos como uma questão política e pública (BRAVO, 2019, p. 05).

O relatório final CPMI da mulher (2013)¹⁶⁸, que investigou a violência contra a mulher brasileira, constatou que

a curva ascendente de feminicídios (o assassinato de mulheres pelo fato de serem mulheres), a permanência de altos padrões de violência contra mulheres e a tolerância estatal detectada tanto por pesquisas, estudos e relatórios nacionais e internacionais quanto pelos trabalhos desta CPMI estão a demonstrar a necessidade urgente de mudanças legais e culturais em nossa sociedade. Conforme mostra a pesquisa intitulada *Mapa da Violência: Homicídios de Mulheres*, mais de 92 mil mulheres foram assassinadas no Brasil nos últimos trinta anos, 43 mil delas só na última década (2013, p.7).

Percebe-se, portanto, que não era necessária apenas uma palavra própria para denominar o assassinato de mulheres: tornava-se fulcral a criação de uma lei que desse conta de tais casos. Logo, em 2015, criou-se a Lei nº 13.104, a qual alterou o artigo 121 do Código Penal e tornou o feminicídio um homicídio qualificado, além de colocá-lo na lista de crimes hediondos, com penas mais altas, de 12 a 30 anos. Apesar disso, o *Mapa da Violência de 2015* aponta que o Brasil tem a quinta maior taxa¹⁶⁹ de feminicídios no mundo: 4,8 homicídios para cada 100 mil mulheres¹⁷⁰¹⁷¹.

Nadine Gasman, a representante da ONU Mulheres no Brasil, afirma que “o primeiro passo para enfrentar o feminicídio é falar sobre ele”¹⁷², deixando claro que é fundamental que o debate não se restrinja aos especialistas, mas que também envolva a

¹⁶⁸Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/institucional/omv/entenda-a-violencia/pdfs/relatorio-final-da-comissao-parlamentar-mista-de-inquerito-sobre-a-violencia-contra-as-mulheres>> Acesso em: 06 de maio de 2022.

¹⁶⁹ Conforme o *Mapa da violência de 2015*, os países que apresentam taxas de feminicídio ainda mais elevadas que o Brasil são: Rússia, Guatemala, Colômbia e El Salvador.

¹⁷⁰ Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2019-12/urugua-decreta-estado-de-emergencia-nacional-por-violencia-de-genero>> Acesso em: 06 de maio de 2022.

¹⁷¹ Pelo fato de a obra aqui analisada ter como espaço narrativo o Uruguai, vale ressaltar que este país apresenta 1,7 feminicídios também para cada 100 mil habitantes.

¹⁷² Disponível em: <<https://pesquisa-eaesp.fgv.br/sites/gvpesquisa.fgv.br/files/casofeminicidio.pdf>> Acesso em: 06 de maio de 2022.

mídia. Dessa forma, o fenômeno adquire maior visibilidade, visto que mobiliza a opinião pública e, conseqüentemente, exige justiça e punição aos agressores. Assim, guardadas as devidas proporções, “a literatura se instaura em uma decisão de não-verdade: ela se dá explicitamente como artifício, mas engajando-se a produzir efeitos de verdade” (FOUCAULT, 2003, p. 221), ou seja, o texto literário se constitui em uma importante fonte para nos aproximarmos do imaginário de diferentes grupos sociais e fazer com que a temática seja debatida, como defende Gasman. Em um artigo sobre a representação da violência, incluso o feminicídio, na literatura latino-americana, a pesquisadora argentina María del Pilar Vila afirma que

ficcionalizar las distintas versiones de la violencia es un desafío dirigido a mostrar la frustración en que se desenvuelven las historias privadas y públicas. En ese sentido, no hay meandros lingüísticos ni estrategias narrativas que enmascaren lo que quieren contar, aunque en ocasiones la representación de esos registros se da de manera oblicua o encubierta o, incluso cuando se procura evitar el rótulo de literatura de ‘denuncia’, la violencia se presenta y es el lenguaje o los comportamientos los que le dan cuerpo literario¹⁷³ (VILA, 2015, 136).

Nesse sentido, ao associar a literatura a um instrumento de denúncia, por meio da representação literária da ordem social, a pesquisadora sinaliza que a literatura tem muito a nos dizer sobre a realidade em que vivemos, como o feminicídio. Nesse contexto, a obra de Helena Corbellini, *Hay una cierva menos en el monte* (2012), ao abordar de maneira majestosa as inúmeras faces deste tema, denuncia o crime em si, o sofrimento das mulheres vítimas de violência e faz com que nós, leitores, reflitamos sobre como a violência contra a mulher no Uruguai é estrutural, bem como no Brasil, conforme informações do próprio Ministério do Interior uruguaio:

el Ministerio del Interior viene dando señales muy fuertes de NO tolerancia a la violencia, sin embargo, no desconocemos que aún falta mucho por hacer

¹⁷³ “ficcionalizar as diferentes versões da violência é um desafio que visa mostrar a frustração em que se desenrolam as histórias privadas e públicas. Nesse sentido, não há meandros linguísticos ou estratégias narrativas que mascarem o que eles querem contar, embora às vezes a representação desses registros ocorra de forma oblíqua ou velada, ou ainda procurem evitar o rótulo literário de ‘denúncia’, a violência se apresenta e é a linguagem ou os comportamentos que lhe dão um corpo literário”.

como sociedad, porque un problema estructural¹⁷⁴ no se puede abordar con desde una sola mirada ni desde un sólo sector¹⁷⁵ (p. 7)¹⁷⁶.

Dessa forma, em abril de 2017, dois anos após o Brasil, o senado uruguaio aprovou a Lei nº 19538¹⁷⁷, alterando, assim, o seu Código Penal, nos artigos 311 e 312, os quais estão relacionados aos atos de discriminação e feminicídio, e tipificando o feminicídio, o qual passa a ser um agravante dos crimes de homicídio cometidos contra mulheres. É importante ressaltar que a lei do feminicídio no Uruguai é de 2017, enquanto a narrativa aqui analisada foi publicada em 2012, logo, não há menção dessa lei na obra. Ademais da análise da representação do feminicídio na narrativa de Corbellini, observar-se-á a dinâmica desse casamento abusivo, em que há a gradação da violência, que culminará no homicídio da personagem, e o silêncio desta, bem como o silêncio cúmplice, analisado no capítulo anterior, mas que também está presente nesta obra, visto que as pessoas que poderiam ajudá-la não o fizeram.

1. Cecilia e Luz: duas cervas no monte de Conchillas

O enredo de *Hay una cierva menos en el monte* (2012), da uruguaia Helena Corbellini, gira em torno do feminicídio de uma das personagens do romance, Cecilia Urquiza, a qual é assassinada pelo seu próprio marido¹⁷⁸. No entanto, a obra possui também uma outra protagonista, Luz. Essas duas mulheres, com estilos de vida muito distintos, terão seus destinos cruzados, e Luz narrará a vida e a morte de Cecilia. O romance é estruturado em forma de diário, porém, não segue uma ordem cronológica, haja vista que a narrativa tem como primeiro registro o ano de 2003, quando Luz narra sua primeira viagem de Montevidéu, onde residia, para Conchillas, uma cidade

¹⁷⁴ Compreende-se, nesta pesquisa, por violência estrutural “aquela que se aplica tanto às estruturas organizadas e institucionalizadas da família como aos sistemas econômicos, culturais e políticos que conduzem à opressão de grupos, classes, nações e indivíduos, aos quais são negadas conquistas da sociedade, tornando-os mais vulneráveis que outros ao sofrimento e à morte” (MINAYO, 1994, p.8).

¹⁷⁵ “o Ministério do Interior vem dando sinais muito fortes de NÃO tolerância à violência, porém, não desconhecemos que ainda há muito a ser feito como sociedade, pois um problema estrutural não pode ser abordado de uma única perspectiva ou de um único setor”.

¹⁷⁶ Disponível em: https://www.minterior.gub.uy/genero/images/stories/Femicidios_Uruguay.pdf
Acesso em: 06 de maio de 2022.

¹⁷⁷ Disponível em: <http://www.impo.com.uy/bases/leyes-originales/19538-2017>
Acesso em: 06 de maio de 2022.

¹⁷⁸ Essa parte do enredo é baseada em uma história real, que ocorreu em Conchillas, em 2004. Helena Corbellini afirma, em uma entrevista no Youtube, que teve a intenção de recuperar a história desse feminicídio que, à época, foi noticiada por apenas um jornal. Entrevista disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GbB1U4nYeSw/>
Acesso em: 06 de maio de 2022.

interiorana do Uruguai, mas há registros com datas alternadas até 2006, momento em que Luz peregrina por algumas cidades próximas à Conchillas, tomando depoimentos de amigos e familiares da vítima, a fim de recuperar as memórias da personagem assassinada, desde a infância e, conseqüentemente, contar a sua história. Consoante Jacques Le Goff,

a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia (LE GOFF, 2013, p.435).

É exatamente por meio do sentimento de angústia, frente ao feminicídio da amiga, como veremos ao final deste capítulo, que Luz inicia o processo de recuperar essa memória coletiva mediante tais testemunhos, contudo, para Maurice Halbwachs, a memória individual é primordial, pois “o primeiro testemunho a que podemos recorrer será sempre o nosso” (HALBWACHS, 2003, p. 29). Assim, a protagonista dá início à narrativa pela sua própria história, a qual irá se entrelaçar com a de Cecilia e, após sua morte, continuará sendo narrada pelas lembranças que Luz e os amigos da vítima têm desta. Desse modo, embora a obra seja construída no formato de diário, não há linearidade narrativa, ainda que o tempo narrativo seja o presente, visto que a narradora mescla informações do passado e do momento atual de sua escrita, o ano de 2006.

O livro é dividido em cinco partes, sendo que quatro destas levam como título um “mistério colorido”, o qual vai mudando de cor no decorrer do texto: “O mistério branco”, “O mistério amarelo”, “O mistério azul” e “O mistério escuro”, respectivamente, e finaliza com um “Epílogo no jardim”. As metáforas do nome de cada capítulo serão explicadas ao longo da análise, porém, é possível adiantar que todas essas incógnitas pertencem a Luz. Assim sendo, somente ela terá a oportunidade de buscar soluções para tais mistérios, até porque esses enigmas estão relacionados a seus sentimentos em relação a si mesma e ao contexto social em que está inserida.

1.1. Luz: em Conchillas

A primeira parte da obra é toda datada de 2003 e nos apresenta a narradora, Luz, que chega a Conchillas acompanhada apenas de sua cachorra e de sua gata. O fato de estar viajando sozinha causa estranheza aos habitantes do local. A narradora declara que, ao pedir informações sobre onde poderia se hospedar, a pessoa a quem se dirigiu lhe perguntou: “¿Viene con su familia? Le expliqué que tenías dos animales. Él dijo que podía

acampar en el club de pesca, que era más recomendable, ya que estaba sola. Recalcó la palabra ‘sola’¹⁷⁹ (CORBELLINI, 2012, p. 14), ou seja, desde já, está explícito, mais uma vez neste trabalho, que, para a sociedade atual, o local que a mulher deve ocupar é o privado. Na pesquisa “Mapeamento de personagens do romance brasileiro: anos 1970, anos 1990”, Regina Dalcastagnè (2006, p. 217) afirma que é fato “a ausência da mulher no espaço urbano. A personagem que caminha pela cidade é, via de regra, o homem”¹⁸⁰, tanto que, durante sua estadia, ela se sentia invisibilizada, dado que os moradores de Conchillas “fingieron no verme y yo fingí no verlos¹⁸¹” (CORBELLINI, 2012, p. 15). Logo, esse estranhamento dos cidadãos quanto à viagem solo de Luz é uma crítica, feita pela autora, em relação a essa questão de a mulher poder/dever transitar no espaço público. Conforme Perrot,

homem público é uma honra; mulher pública é uma vergonha, mulher de rua, do *trottoir*¹⁸², do bordel. O aventureiro é o herói dos tempos modernos; a aventureira, uma criatura inquietante. A suspeita pesa sobre os deslocamentos das mulheres, principalmente das mulheres sozinhas (...). No entanto, elas se movimentam, as mulheres. Saem, viajam, migram (PERROT, 2019, p. 136).

Percebe-se, portanto, uma falta de valorização quanto à Luz, pois ela é essa mulher independente, que viaja sozinha quando bem quer. Desse modo, pouco se importava com os julgamentos e continuava indo e vindo, pelo espaço público, e viajando do interior para a capital e vice-versa, até solucionar os seus mistérios.

Luz havia ido à Conchillas a fim de se isolar, em busca de um autoconhecimento, assim, essa primeira parte da obra é denominada “O mistério branco”, pois este é o nome que a própria narradora dá a essa sua busca do eu: “Yo también necesitaba de un tiempo. Por algo había venido. Tenía confusos los sentimientos y la razón, y tras varias noches de desvelo y cavilaciones había considerado que ese algo que necesitaba era el misterio blanco; y en un lugar apartado y apacible como este lo conocería”¹⁸³ (CORBELLINI, 2012, p. 16). Desse modo, o mistério branco é a busca de Luz por seu lugar no mundo após três anos, período depois do divórcio, em que ela não tinha o sentimento de pertencimento. Conforme Féress-Carneiro,

¹⁷⁹ “‘Você vem com sua família? Expliquei que tinha dois animais. Ele disse que poderia acampar no clube de pesca, o que era mais aconselhável, pois estava sozinha. Ele enfatizou a palavra 'sozinha’”.

¹⁸⁰ A pesquisadora está se referindo à ausência da mulher no espaço público na literatura. Entretanto, como esta representa a ordem social, é possível certificar sua ausência no espaço público nas duas esferas.

¹⁸¹ “fingiram não me ver e eu fingi não os ver”.

¹⁸² Prostituição.

¹⁸³ “Eu também precisava de um tempo. Eu tinha vindo por algum motivo. Tinha sentimentos e a razão confusos, e depois de várias noites sem dormir e devaneios eu havia considerado que o algo de que precisava era o mistério branco; e em um lugar isolado e tranquilo como este eu o conheceria”.

embora o divórcio possa ser, às vezes, a melhor solução para um casal cujos membros não se consideram capazes de continuar tentando ultrapassar suas dificuldades, ele é sempre vivenciado como uma situação extremamente dolorosa e estressante. A separação provoca nos cônjuges sentimentos de fracasso, impotência e perda, havendo um luto a ser elaborado (FERÉS-CARNEIRO, 1998, p. 384).

Dessa maneira, a narradora havia feito aquela viagem com o intuito de se reorganizar mentalmente e socialmente, dado que ela necessitava reconstruir sua identidade e, também, elaborar novos projetos existenciais, pois a narrativa deixa claro que ela não está satisfeita com sua vida pós-divórcio, porém, o motivo não é a separação em si, e sim esse desconhecimento do que ela quer para o seu presente e, também, para o seu futuro. Este, pelo que se infere do desfecho da narrativa, será feliz, contudo, ela passará por um grande trauma, enquanto tenta solucionar o mistério branco e alcançar tal felicidade, que está atrelada a uma paz interior.

Durante sua estadia, Luz, em certo momento, foi reconhecida na cidade, tendo em vista que já havia estado ali com seu ex-marido, Ariel Bonjour, um veterinário. Dessa forma, os moradores iniciaram uma especulação: “‘No es de acá, vino de Colonia’, ‘Yo nunca la vi antes’, ‘Pero sí, es la mujer de Bonjour, el veterinario, ¿te acordás que ella ayudó a parir un ternero de Olazábal?’”¹⁸⁴ (CORBELLINI, 2012, p. 18). É notável, pelo discurso das personagens, como “a posição das mulheres nesse contexto é desvantajosa, pois não seres públicos, e sim patrimônios privados” (TIMM; PEREIRA, 2020, p. 77), dado que, no caso de Luz, ela não tinha uma identidade própria, ela era apenas a “esposa do veterinário”, a “esposa do Dr. Bonjour”.

Entretanto, Luz queria sua identidade desvinculada da de seu ex-marido¹⁸⁵, portanto, não titubeou a ir até os dois homens e dizer: “Soy Luz Abat. El veterinario Bonjour ya no es mi marido”¹⁸⁶ (CORBELLINI, 2012, p. 18), desassociando-se, assim, do ex-marido, almejando sua identidade única¹⁸⁷. Ademais, ao fazer isso, ela se liberta do sobrenome “Bonjour” e profere o seu, “Abat”. Consoante Perrot, “os homens são indivíduos, pessoas, trazem sobrenomes que são transmitidos. Alguns são ‘grandes’, ‘grandes homens’. As mulheres não têm sobrenome, têm apenas um nome. Aparecem sem nitidez, na penumbra dos grupos obscuros” (PERROT, 2019, p. 17). Desse modo,

¹⁸⁴ “Ela não é daqui, ela veio de Colônia’, ‘Eu nunca a vi antes’, ‘Mas sim, ela é a esposa de Bonjour, o veterinário, você lembra que ela ajudou a parir um bezerro de Olazábal?’”.

¹⁸⁵ Diferentemente da personagem Bela, de *Meu marido* (2006), de Livia Garcia-Roza, a qual era reconhecida e se reconhecia como a “esposa de Eduardo”. Ver capítulo 1 deste trabalho.

¹⁸⁶ “Sou Luz Abat. O veterinário Bonjour já não é meu marido”.

¹⁸⁷ O conceito de identidade já foi discutido anteriormente. Ver p. 46 deste estudo.

por essa forma inteiramente singular de *nominação* que é o nome próprio, institui-se uma identidade social constante e durável, que garante a identidade do indivíduo biológico em todos os campos possíveis onde intervém como *agente*, isto é, em todas as suas histórias de vida possíveis (grifos do autor) (BOURDIEU, 2006, p. 186).

Dessa maneira, reforço que essa sua atitude de pronunciar e enfatizar seu próprio nome e sobrenome é um ato não só de “marcação de identidade”, como também de resistência, pois ela sai da invisibilidade, da sombra de Ariel, da penumbra, nas palavras de Perrot, porque ela deixa de ser a “mulher de alguém” e passa a ser conhecida e reconhecida por Luz Abat, ou seja, um agente atuante no lugar onde se encontra.

Ainda em Conchillas, na praia, a narradora conheceu Beto Kent, que era pescador da região, e, a partir do diálogo que ela mantém com ele, o/a leitor/a toma conhecimento que Luz tinha sido casada por oito anos e, que durante o matrimônio, viveu na Colonia del Sacramento, outra cidade pequena do Uruguai, mas que, após o seu divórcio, voltou a morar e a trabalhar em Montevideú, sua cidade natal. Como Luz não havia finalizado o curso de Direito, não podendo obviamente advogar, ela trabalhava como secretária no escritório de advocacia da sua melhor amiga, Ana María Juárez. Luz se aproximou bastante de Beto e, nessa primeira temporada em Conchillas, que durou sete dias, passou muito tempo com ele. Sobre isso, ela diz que “a mí no me gustó demasiado que pudiesen verme acompañada, pero enseguida deseché la idea, porque ¿qué me importa a mí lo que los demás piensen? Lancé una mirada desafiante al mundo y de reajo a él [Beto]”¹⁸⁸ (CORBELLINI, 2012, p. 23). Observa-se que, de alguma maneira, Luz ainda se sentia “par” de Ariel, tendo em vista o seu desconforto inicial de as pessoas vê-la sozinha ao lado de outro homem. Conforme Ieda Porchat, “na separação, também essa permanência de um sentimento de ligação pode existir” (PORCHAT, 1992, p. 105), entretanto, uma das razões de Luz estar naquela cidade, como já explicitado, era construir/reconstruir sua identidade. Consoante Cecil Jeanine Zinani,

a construção do sujeito feminino é um processo com raízes históricas que implica transformações relevantes na sociedade, uma vez que a mudança da mulher acarreta modificações nos papéis sociais que deixam de ser fixos e definidos, tornando-os abertos e indeterminado. Essa transição produz ambiguidade de comportamento e incerteza quanto à identidade” (ZINANI, 2013, p. 55).

Tal ambiguidade no comportamento da narradora é evidenciada por essa mudança de estado civil, de casada para divorciada, sendo esse o motivo desse “titubear” de Luz

¹⁸⁸ “não gostei muito de que me vissem acompanhada, mas logo descartei a ideia, por que o que me importa o que os outros pensam? Eu lancei um olhar desafiador para o mundo e de lado para ele [Beto]”.

em se assumir uma mulher solteira e desimpedida, mas que, por fim, tomou tal identidade para si, ao afirmar que não se importava com os que os outros poderiam pensar dela.

As conversas que travava com seu mais novo amigo a faziam refletir sobre seu ex-marido e sobre o término de seu casamento: “creí que era porque no me había adaptado a la vida en una ciudad chica, sin embargo después de casarnos yo había estado de acuerdo en irnos de Montevideú y radicarnos en Colonia del Sacramento, donde él había nacido y aún vivían sus padres”¹⁸⁹ (CORBELLINI, 2012, pp. 23-24). Percebe-se, portanto, que ela se sentia culpada pelo divórcio, já que, aparentemente, ainda que tivesse concordado com a mudança da cidade para o campo, não havia se adaptado a esse novo estilo de vida. Seu “incômodo” não é infundado, afinal, “para esse imenso universo de sistema de garantias [o casamento] são oferecidos pacotes de tranquilidade que prometem garantias afetivas, patrimoniais e familiares” (TIMM; PEREIRA, 2020, p. 145). Porém, tais promessas de felicidade¹⁹⁰, advindas nesse “pacote” do casamento, não se concretizaram para Luz, mesmo após suas concessões que visavam justamente ao êxito de sua relação. Contudo, após mais reflexões, ela mesma vai desconstruindo esse sentimento de culpa ao lembrar como era infeliz em seu matrimônio:

me sentía como un hámster de los que mi marido vendía a niños inquietos que los manoseaban. Encerrada entre transparentes paredes de vidrio, daba vueltas fin en la calesita. Agobiada y triste, un día estallé, y a gritos le dije que no toleraba más el televisor encendido día y noche con cualquier sujeto estúpido hablando estupideces en la pantalla, que no soportaba a los clientes de la veterinaria con sus mascotas con mantita y obsesiones psicopáticas, que me negaba a seguir limpiando la cantidad de porquerías que iban amontonando dentro de la casa y que no entendía por qué, por qué estábamos juntos, si hacía seis meses que no cogíamos¹⁹¹ (CORBELLINI, 2012, p. 25).

Tal excerto descontrói a noção antiga de amor¹⁹², pois este não é mais considerado algo eterno, simples e que proporciona somente felicidade. O amor é encarado de uma forma menos idílica. Esse novo amor também abre espaço para o desejo do sujeito, para o prazer, sem constrangimentos, tanto que Luz se queixa da falta de relações sexuais.

¹⁸⁹ “achei que era porque eu não tinha me adaptado à vida em uma cidade pequena, mas depois que nos casamos eu tinha concordado em sair de Montevideú e me estabelecer em Colônia do Sacramento, onde ele nasceu e onde seus pais ainda moravam”.

¹⁹⁰ Tal termo/conceito criado por Sara Ahmed (2019) já foi apresentado na introdução e no segundo capítulo deste estudo.

¹⁹¹ “eu me sentia como um hamster dos que meu marido vendia para crianças inquietas que os apalpavam. Fechada entre paredes de vidro transparentes, eu girava no carrossel. Oprimida e triste, um dia eu explodi, e gritei que não aguentava mais a TV dia e noite com qualquer sujeito idiota falando besteiras na tela, que não suportava os clientes da veterinária com seus bichinhos com cobertores e psicopatas obsessões, que me recusava a continuar limpando a quantidade de lixo que se acumulava dentro de casa e que não entendia por que, por que estávamos juntos, já que não fazíamos sexo há seis meses”.

¹⁹² Luz irá apresentar um comportamento contraditório quanto à noção de amor, como veremos ao longo deste capítulo.

Essa liberdade erótica é a marca fundamental do amor moderno, de acordo com Octavio Paz, visto que “não há amor sem erotismo como não há erotismos sem sexualidade” (PAZ, 1994, p. 96). O indivíduo agora não precisa legitimar seu desejo pelas qualidades ou divinização do objeto amado, como faziam os românticos. Ele agora pode simplesmente desejar, liberdade que não é compreendida pelo amor antigo. A erótica do sentimento cedeu lugar para a erótica da intensidade, isto é, o prazer pelo prazer, “é a intensidade que oferece a garantia de legitimidade da experiência amorosa” (LÁZARO, 1997, p. 197). Ademais da questão sexual, ao comparar sua vida com a de um hamster, é evidente que ela se sentia confinada naquela vida, que não era a dela, pois os afazeres que ela descreve no trecho supracitado demonstram que ela vivia em função do ex-marido, já que apenas cumpria seu papel como dona de casa e ajudante de Ariel na clínica veterinária. Logo, Luz não estava feliz com esse enclausuramento no espaço privado, nem com o fato de não terem mais relações sexuais.

O ex-marido lhe disse que ela estava tendo um “rpto de locura” (CORBELLINI, 2012, p. 26), ou seja, uma crise de loucura, um surto de loucura, minimizando, assim, todos os sentimentos que ela explanou. Consoante problematiza Sara Ahmed,

unos de los principales indicadores de felicidad es el matrimonio. La unión conyugal vendría a ser así “el mejor de los mundos posibles”, em la medida en que maximiza la felicidad. El argumento es simple: si una persona está casada, es más probable que sea más feliz que si no lo estuviera. El hallazgo trae de la mano una recomendación: ¡cásese y será más feliz!¹⁹³ (AHMED, 2019, p. 29).

Assim, era inaceitável a ideia de que Luz seria mais feliz sendo divorciada. Outrossim, Jane M. Ussher, em sua obra *The madness of women: myth or experience* (2011, p. 73), problematiza a questão de a loucura/histeria aparecer recorrentemente como um rótulo imposto a mulheres que não necessariamente, apresentam algum transtorno mental, mas àquelas que transgridem os ideais de feminilidade – crenças religiosas, heterossexualidade, submissão ao marido, maternidade... – impostos pela sociedade, ao longo dos séculos. No caso de Luz, ela está colocando fim a um casamento em que o marido é “um muchacho tan bueno”¹⁹⁴ (CORBELLINI, 2012, p. 26), segundo sua própria mãe, haja vista que ele não cometeu nenhum ato que, publicamente, seria uma transgressão ao papel de “bom marido”, pois ele era o provedor, não a traía, não era

¹⁹³ “um dos principais indicadores de felicidade é o casamento. A união conjugal tornar-se-ia assim ‘o melhor dos mundos possíveis’, na medida em que maximiza a felicidade. O argumento é simples: se uma pessoa é casada, é mais provável que seja mais feliz do que se não fosse. A descoberta traz consigo uma recomendação: case-se e será mais feliz!”.

¹⁹⁴ “um homem tão bom”.

violento... Dessa forma, o fato de ela estar infeliz, pelos motivos que ela mesma relata, não é suficiente para o rompimento da instituição casamento¹⁹⁵. Todavia, contrariando os ditames da sociedade patriarcal, para a qual “o amor doméstico refere-se à reprodução do amor idealizado, focado na ideologia do par amoroso, no encontro natural dos amantes, que tem como finalidade a vida familiar e exclusiva, isto é, na união apenas entre dois seres que se amam e supostamente são felizes” (TIMM; PEREIRA, 2020, p. 25), e enfrentando os julgamentos de que não estava em seu perfeito juízo, inclusive pela própria mãe, como mencionado acima, ela vai embora, a fim de ser feliz. Pouco tempo após a separação, Ariel telefona para a mãe de Luz, explicando que não queria o divórcio e que o problema era Luz, “que había enloquecido súbitamente”¹⁹⁶ (CORBELLINI, 2012, p. 26), ou seja, mais uma vez ela é taxada como louca por se desviar do papel de “boa mulher” (GAY, 2016, pp. 303-304)¹⁹⁷ que dela se esperava. Entretanto, a narradora, nesse momento, não toma a culpa para si e afirma categoricamente que ele era um falso, porque “mentía para no compartir la culpa de haber echado perder al matrimonio”¹⁹⁸ (CORBELLINI, 2012, p. 26).

É notável que, ademais de estigmatizar Luz de louca, por tê-lo abandonado, ele quer se eximir de qualquer culpa quanto à separação, atribuindo, desse modo, o fim do matrimônio à “loucura” da esposa Luz, que não voltou atrás e o divórcio ocorreu. Logo que conseguiu independência financeira, conseguindo o trabalho de secretária no escritório de sua amiga, alugou um apartamento e saiu da casa de sua mãe.

Sobre os detalhes da separação, explicitados acima, Luz diz que:

esta historia que ahora escribo no se la conté al pescador en ningún momento. No converso con desconocidos o apenas conocidos, como lo era él. En verdad, casi ni converso. Fue extraño cómo él provocó en mí esos deseos de hablar. Ahora tecló – puedo teclear – estas cosas que pienso en la computadora, y al deslizar los dedos por el teclado experimento un suave placer. Compruebo que la vida escrita, como una roca cubierta por mejillones, adquiere otro espesor. Se puede leer. Puede ser agria o áspera, pero ya no se trata de una suma de fugacidades inútiles, sino que es algo entretenido y sabio¹⁹⁹. (CORBELLINI, 2012, p. 28).

¹⁹⁵ Adianto aqui que Cecilia também será estigmatizada como louca, pelo fato de desfazer a sua união com Carlos.

¹⁹⁶ “que tinha enlouquecido subitamente”.

¹⁹⁷ Ver p. 35 deste estudo.

¹⁹⁸ “mentia para não compartilhar a culpa de ter estragado o casamento”.

¹⁹⁹ “nunca contei ao pescador esta história que estou escrevendo agora. Não converso com estranhos ou pouco conhecidos, como ele era. Na verdade, quase não me converso. Era estranho como ele me fazia querer falar. Agora eu digito – eu posso digitar – essas coisas que eu penso no computador, e enquanto eu deslizo meus dedos pelo teclado eu experimento um prazer suave. Verifico que a vida escrita, como uma

A partir desse trecho, fica evidente que Luz já começou seu processo de escrita, visto que está teclando a história que narra. Tal narrativa, como mencionado, inicia-se por meio de sua história de vida, mas que, em pouco tempo, se cruzará com a de Cecília, tornando-se, assim, uma história una, cujas protagonistas, todavia, terão destinos bastante distintos.

É em sua primeira estada em Conchillas que ela conhece essa outra protagonista da narrativa, Cecília, porém, apenas de vista, pois não tiveram a oportunidade de conversar, não faziam ideia ainda de que se tornariam amigas. Ambas estavam acampadas no mesmo local, pois, enquanto Luz estava ali de viagem, Cecília estava a passeio com sua família. Já nesse primeiro “encontro”, ela consegue perceber que havia algo disfuncional na família de Cecília:

Ella [Cecilia] hacía recorridos por la zona con los niños de la mano (...). También había dos varones adolescentes, pero solamente a él lo llamaban “papá”, con ella se mostraban más distantes. En cambio, los niños más pequeños no se alejaban de sus piernas. **Y estos niños eran silenciosos como los de antes, pero después me pareció que ese silencio cubría un sentimiento de temor.** La chiquita era particularmente callada. Tenía los ojos grises como la madre y le gustaba quedarse en algún rincón gris de su mirada, absorta en sí misma²⁰⁰ (grifos meus) (CORBELLINI, 2012, p. 29).

Os filhos adolescentes eram do primeiro casamento de Carlos, por isso não consideravam Cecília como mãe, já os pequenos, sim, eram seus. E esse silêncio das crianças, notado por Luz (trecho em negrito), era mesmo por medo. Segundo Hernández *et al.* (2016, pp. 51-52), os filhos também são vítimas de “maltrato cuando presencian actos violentos paternos dirigidos hacia su madre (...). Como consecuencia de vivir em un entorno violento se desarrollan diferentes mecanismos de defensa”²⁰¹, como o silêncio. Dessa forma, este se torna uma estratégia não apenas para as personagens vítimas de violência aqui observadas, mas também para os filhos, a fim de evitar novas discussões e possíveis agressões dos pais para com as mães. Após voltar de um encontro casual na praia com Beto, Luz se deparou com uma situação de violência:

rocha coberta de mexilhões, adquire outra espessura. Você pode ler. Pode ser azedo ou áspero, mas não é mais uma soma de transitoriedade inútil, é algo divertido e sábio”.

²⁰⁰ “Ela [Cecilia] fazia passeios pela área com as crianças pela mão (...). Havia também dois meninos adolescentes, mas somente o homem chamavam de “pai”, com ela eram mais distantes. Em contraste, as crianças menores não se afastaram de suas pernas. E essas crianças eram silenciosas como as outras, mas depois me pareceu que esse silêncio encobria um sentimento de medo. A garotinha estava particularmente quieta. Seus olhos eram cinzas como os de sua mãe e ela gostava de ficar em algum canto cinza de seu olhar, absorta em si mesma”.

²⁰¹ “maus-tratos quando presenciam atos violentos paternos dirigidos à mãe (...). Como consequência de viver em um ambiente violento, diferentes mecanismos de defesa são desenvolvidos”.

Cuando volví a camping (...) mis nuevos vecinos estaban alterados. El hombre, con la cara enrojecida por el alcohol, le gritaba a su mujer que era una inútil; creo que sus palabras exactas fueron “Sos una inservible”. Ella se había echado a llorar y los niños se encerraron rápido en la carpa. Entonces el marido agregó: ‘No ves que das lástima’. En ese momento ambos vieron llegar a mi perra. Detrás iba yo. La muchacha se ocultó de inmediato a secar sus lágrimas. Pero él extendió su mirada de desprecio hacia mi persona. Pude advertir un sentimiento duro como una pared de hormigón cuando gritó: Cecilia, ¿quieres servir para algo? Dejate de atormentar y aprontame el mate²⁰² (CORBELLINI, 2012, p. 33).

Luz presenciou uma cena em que Cecilia sofre violência psicológica por parte do marido, haja vista que este grita com ela, a chamando de inútil, e exige que ela lhe sirva um mate, enquanto a mulher chora frente à agressão e à indiferença do marido quanto aos seus sentimentos. O marido, Carlos Araújo, diferentemente do marido de Anna, em *Minhas vizinhas*, de Claudia Priano, não se dá ao trabalho de dissimular que está tudo bem, como Sandro Armandi fazia com Margarida. Ele olha para Luz com desprezo, ou seja, ele não se importa em estar sendo visto maltratando a esposa. A narradora não se mostra intimidada com a atitude de Carlos, contudo, tampouco, interfere na situação, ratificando, como demonstrado no capítulo anterior, a dificuldade em “meter a colher” em uma situação de casal, ainda que seja algo que envolva algum tipo de agressão, pois

o saber que alcança tal *status* de verdade difunde-se em todo o corpo social, fazendo internalizar sistemas de controle e vigilância que prescindem de um soberano para reafirmá-lo e controlá-lo, pois são assumidos de tal modo que qualquer pessoa é capaz de policiá-lo em seu cotidiano e inserir-se no jogo que o faz reaparecer no discurso e nas práticas sociais” (TIMM; PEREIRA, 2020, p. 35).

No trecho supracitado de Corbellini, Luz “se insere no jogo” dessa naturalização da violência entre casais, tendo em vista que ela eufemiza a agressão ao afirmar que seus vizinhos estavam alterados. Todavia, ao descrever o ocorrido, fica clara a violência psicológica de Carlos direcionada à Cecilia, enquanto esta recorre ao silêncio e ao choro, o qual procura esconder, por vergonha, ao perceber que Luz presenciava a cena. Vale ressaltar que este é o primeiro e único relato de uma testemunha ocular da violência que Cecilia sofria. Veremos, no decorrer do capítulo, que as pessoas com as quais convivia,

²⁰²“Quando voltei ao acampamento (...) meus novos vizinhos ficaram chateados. O homem, com o rosto avermelhado pelo álcool, gritou com a esposa que ela era inútil; Acho que suas palavras exatas foram "Você é inútil". Ela começou a chorar e as crianças rapidamente se trancaram na barraca. Então o marido acrescentou: 'Você não vê que dá pena'. Nesse momento os dois viram minha cachorra chegar. Eu estava atrás. A moça se escondeu imediatamente para enxugar as lágrimas. Mas ele estendeu seu olhar de desprezo para mim. Pude ver um sentimento duro como um muro de concreto quando ele gritou: Cecilia, você quer servir para alguma coisa? Pare de brincar e me prepare para o mate”.

inclusive familiares, sabiam das agressões psicológicas e físicas; no entanto, Luz foi a única que presenciou.

Embora tenha relatado o que observou sobre a dinâmica de Cecília e sua família, esse não é o foco da narrativa nessa primeira parte da obra, pois, nesse momento, o intuito é falar de si. Depois de retomar as memórias sobre seu divórcio, ela começa a falar sobre seus sentimentos pelo pescador, afirmando que “sonreía cuando pensaba em Beto (...). Sí, sonreía cuando pensaba en él; en conclusión, me gustaba. Pero yo ¿le gustaría? Como acompañante sí, pero como mujer, ¿podría resultarle atractiva como mujer?”²⁰³ (CORBELLINI, 2012, p. 32). Por um lado, depreende-se desse trecho que Luz via expectativa e estava disposta a ter um novo parceiro, afinal, ela estava reorganizando sua vida, “não cabe mais chorar um casamento perdido, porque ainda se tem a si mesmo como objetivo a ser realizado (PORCHAT, 1992, p. 123). No entanto, por outro lado, em 2003, tempo desse relato, a narradora apresentava uma autoestima baixa, haja vista que, para ela:

no era tan sencillo que un hombre se interesara sexualmente por mí. Muchas veces había pensado que mi empleo en el estudio jurídico, en ese sentido, no me favorecía. Usaba trajecitos formales sobre mi cuerpo delgado, cargaba bajo un brazo el pesado porta-folio y seguramente despertaba un inconsciente temor al pleito. También he considerado que mi nombre espanta a los hombres que buscan relaciones fáciles: la palabra “luz” sugiere algo antiguo y por lo tanto serio. Los hombres se enamoran de muchachas dulces y frágiles que suelen llamarse Gabriela o Mariana. También Cecilia²⁰⁴ es un nombre posible para el amor²⁰⁵ (CORBELLINI, 2012, p. 33).

É importante observar que a baixa autoestima de Luz está relacionada ao fato de ela não se perceber como uma mulher que apresenta a fragilidade que os homens buscam a partir da construção social patriarcal do que é a mulher “feminina”. Logo, conforme Maria Tereza Maldonado, “a postura da mulher forte, autônoma financeiramente, longe da imagem da “rainha do lar”, pode ser assustadora para o homem, modelado para ser o mais sabido, o dominador, ainda quando aparenta ser liberal e defensor da igualdade dos

²⁰³ “sorria ao pensar no Beto (...). Sim, sorria quando pensava nele; Concluindo, gostava dele. Mas ele gostaria de mim? Como acompanhante sim, mas como mulher, poderia me achar atraente como mulher?”.

²⁰⁴ Nesse excerto, Luz está se referindo a uma vizinha que teve, quando criança, a qual tinha esse nome. Porém, após a leitura completa da obra, tendo em vista que a personagem vítima de violência conjugal também de chama Cecília, fica claro que, nesse contexto, a associação desse nome com o amor é proposital.

²⁰⁵ “não era tão fácil para um homem se interessar sexualmente por mim. Muitas vezes pensei que meu trabalho no escritório de advocacia, nesse sentido, não estava a meu favor. Eu usava pequenos ternos formais em meu corpo esguio, carregava uma pasta pesada debaixo do braço e certamente despertava um medo inconsciente de processo judicial. Também considerei que meu nome assusta os homens que buscam relacionamentos fáceis: a palavra “luz” sugere algo antigo e, portanto, sério. Os homens se apaixonam por garotas doces e frágeis que geralmente são chamadas de Gabriela ou Mariana. Também Cecília é um nome possível para o amor”.

sexos” (MALDONADO, 2009, p. 252). Depreende-se, portanto, que essa falta de confiança de Luz em si mesma é advinda do conceito patriarcal do que é ser mulher e com o qual ela não se reconhece.

Assim que termina essa autorreflexão, ela pensa em sair do bar onde se encontrava e voltar ao acampamento, contudo, ela se lembra da “pobre Cecilia y su marido y temi presenciar otra escena como la de la tarde”²⁰⁶ (CORBELLINI, 2012, p. 35) e, por essa razão, preferiu sair para caminhar com a sua cachorra. Esse comentário de Luz demonstra o quão incomodada ela se sentiu ao testemunhar a agressão, a ponto de não querer presenciá-la novamente. No entanto, também demonstra uma apatia, ou, talvez, uma falta de empatia, para com Cecilia, nesse primeiro momento, tendo em vista que ela preferiu dar uma caminhada a voltar e checar se Urquiza estava bem, ou seja, mais uma vez, ela não tinha a intenção de “meter a colher” na discussão do casal²⁰⁷.

No dia seguinte, um sábado, Luz sai com Beto para um passeio de barco, esses vão ficando mais próximos, apesar de o pescador ser bastante reservado, principalmente, quanto ao seu passado. Para ambos, o passeio estava agradabilíssimo até que Luz vê que Beto carregava um revólver. Ela o questiona sobre o porquê de uma arma a bordo, ao passo que lhe deixa claro seu repúdio quanto ao uso de qualquer tipo de arma. Ele explica que o revólver lhe servia de proteção, entretanto, ainda assim, Luz fica desanimada durante o resto do passeio. No domingo, sem se despedir de Beto, devido ao incidente com o revólver, ela volta, insatisfeita, à capital uruguaia, pois, além de confessar para si mesma que gostava de Beto, desfazendo sua visão, após o divórcio, de que seria uma solteira convicta, em Conchillas ela se sentia livre, enquanto em sua cidade, ela se sentia triste e sufocada. Ainda devido a esses pensamentos sobre o matrimônio, agora de forma geral, ela aborda a violência conjugal:

a mi pesar, también había conocido parejas vinculadas por la violencia. Eran casos de mujeres golpeadas que en los peores momentos pedían asesoramiento, pero luego no volvían por ayuda. ¿Por qué no volvían? Ese era otro tipo de misterio, un misterio nauseabundo de pantano. Con desánimo comprobaba que en esas situaciones el divorcio solamente se producía si el marido encontraba una nueva víctima, otra mujer que le resultase más incauta o atrayente. Entonces sí, la vieja esposa quedará liberada y lo que deseará en lo profundo de su corazón es nunca más estar con un hombre. Llevará la marca del animal maltratado, que al percibir el más mínimo movimiento huye y nadie logra alcanzar. Es difícil imaginar cuántos han sido sus padecimientos. Ellas echan un candado en el corazón, recogen el alma hecha un trapo y ponen todo su empeño en crear a los hijos. **En aquel momento también recordé a la muchacha que se llamaba Cecilia y vivía en Conchillas. El marido la**

²⁰⁶ “coitada da Cecilia e de seu marido, e temi presenciar outra cena como a da tarde”.

²⁰⁷ Vale ressaltar que apenas Carlos estava discutindo e agredindo verbalmente Cecilia, pois esta se ateve ao silêncio e ao choro.

destrataba verbalmente, era posible que también la golpeará. Ella le temía, eso era seguro. Recordé su mirada de cierva sin amparo²⁰⁸. (grifos meus) (CORBELLINI, 2012, pp. 42-43).

Essa reflexão de Luz, já em Montevideu, demonstra que, por mais que algumas pessoas tenham lidado com vítimas de violência doméstica, o instinto não é ajudar, a não ser que esse auxílio seja pedido. A narradora declara que ela conheceu mulheres agredidas, porque estas iam ao escritório de advocacia, onde trabalhava, buscando auxílio jurídico, sendo que muitas não retornavam, e ela não compreendia o porquê. Como já mencionado anteriormente neste estudo, a retirada de queixa é comum e pode decorrer de inúmeros fatores, inclusive um que ela mesma menciona: o marido não aceitar a separação (a não ser que ele encontre uma nova vítima). É possível verificar que neste relato ela demonstra empatia pelas vítimas, enfatizando os traumas que carregaram, talvez, por toda a vida.

E, ao fazer todas essas considerações sobre a dinâmica da violência conjugal, ela se lembra de Cecilia e da cena que presenciou, mas que optou por não se “intrometer”. Diante disso, ela tinha noção de que o comportamento de Carlos não era uma simples alteração, como afirmou na ocasião, tanto que ela supõe, como é possível observar nos períodos em negrito, que o marido de Cecilia também cometia agressões físicas e não apenas as verbais que ela testemunhou. Outro ponto interessante é que ela garante que, enquanto o olhar de Carlos era de desprezo (CORBELLINI, 2012, p. 33), o de Cecilia era de desamparo, visto que ela estava sozinha, não tinha ninguém com quem pudesse contar.

1.2.Cecilia: uma cervá no monte

Nessa segunda parte da narrativa, nos deparamos com uma polissemia, dado que há uma mescla da voz de Cecilia, sempre marcada por uma escrita em itálico, e de testemunhos de diversas pessoas próximas desta, em sua maioria parentes, as quais contam o que sabem sobre sua vida desde sua infância. Tais depoimentos são colhidos

²⁰⁸ “para meu pesar, também conheci casais ligados pela violência. Eram casos de mulheres agredidas que nos piores momentos pediam assessoramento, mas depois não voltavam para pedir ajuda. Por que elas não voltavam? Esse era outro tipo de mistério, um mistério nauseante de pântano. Com desespero, verifiquei que nessas situações o divórcio só acontecia se o marido encontrasse uma nova vítima, outra mulher mais descuidada ou atraente. Então, sim, a velha esposa será libertada e o que ela desejará no fundo de seu coração é nunca mais estar com um homem novamente. Levará a marca do animal maltratado, que, ao perceber o menor movimento, foge e ninguém consegue alcançá-lo. É difícil imaginar quantos foram seus sofrimentos. Elas colocam um cadeado no coração, pegam a alma em um trapo e colocam todos os seus esforços na criação de filhos. Nesse momento também me lembrei da moça chamada Cecilia que morava em Conchillas. O marido abusou verbalmente dela, era possível que ele também batesse nela. Ela tinha medo dele, isso era certo. Lembrei-me de seu olhar indefeso de cervá”.

em 2006, sendo que esta foi assassinada por seu, à época, ex-marido, em 2004. É importante ressaltar que é apenas ao final desse capítulo do livro que o/a leitor/a toma ciência de que quem está percorrendo cidades e desenterrando o passado de Cecilia é Luz, ou seja, ela está recontando a vida da amiga, por meio dessas outras vozes.

Segundo Maurice Halbwachs, “recorremos a testemunhos para reforçar ou enfraquecer e também para completar o que sabemos de um evento sobre o qual já temos alguma informação” (HALBWACHS, 2003, p. 29). É com o intuito de completar o que ela já sabia sobre Cecilia que Luz recorre à memória coletiva, tanto que o título desta parte da obra é denominado “O mistério amarelo”, pois, para Luz, o ato de não recordar ganha uma cor amarelada, porque “empaña sus memorias como el fondo de un vaso”²⁰⁹ (CORBELLINI, 2012, p. 78). Logo, sua atitude de resgatar a memória das pessoas em relação a Cecilia significa não permitir que sua vida (e morte) se torne um mistério amarelo, isto é, seu intuito é dar visibilidade à história da amiga.

O primeiro relato, da própria Cecilia, é do dia 20/04/2003²¹⁰, mesmo dia em que Luz deixa Conchillas e volta a Montevidéu: “Se acaba de encender el motor del vehículo. Ah, es la mujer de al lado que se marcha. Nunca la vi antes por aquí”²¹¹ (CORBELLINI, 2012, p. 47). Esse trecho vai de encontro ao que foi narrado no capítulo anterior da obra de Corbellini, pois demonstra que não foi apenas Luz que viu Cecilia, esta também viu aquela e sentiu a mesma estranheza que os outros moradores da cidade tiveram ao ver uma mulher viajando desacompanhada. Contudo, ainda no acampamento, seus pensamentos sobre Luz logo se diluem e ela passa a pensar sobre ela mesma, sobre sua vida e sobre o relacionamento abusivo em que vivia: “Antes, ya no sé cuánto antes, cuándo fue la primera vez que él me lastimó, cuando fue la segunda y la tercera”²¹² (CORBELLINI, 2012, p. 47). Assim, apresenta uma naturalização dessa violência silenciada, pois, como veremos ao longo da análise, ela demora ainda um tempo para verbalizar que era agredida pelo marido.

Nessa mesma ocasião, ela confessa, em pensamento, a situação de violência apenas para sua mãe, Liliana Valenzuela, já falecida, declarando: “Mamá, yo me equivoqué. Él me trata mal, me desprecia y no le importa que yo sufra”²¹³ (CORBELLINI,

²⁰⁹ “obscorece suas memórias como o fundo de um copo”.

²¹⁰ Ela estava com 33 anos no momento desse relato.

²¹¹ “O motor do veículo acabou de ser ligado. Oh, é a vizinha saindo. Nunca a vi por aqui antes”.

²¹² “Antes, já não sei quanto tempo antes, quando foi a primeira vez que ele me machucou, quando foi a segunda e a terceira”.

²¹³ “Mãe, eu estava errada. Ele me trata mal, me despreza e não se importa que eu sofra”.

2012, p. 47) e também lhe dá razão por ter se oposto ao casamento. Chela Ramallo, uma senhora que trabalhou por anos na casa dos Urquiza, ao falar sobre a juventude de Cecilia, corrobora a contrariedade da mãe, quanto ao matrimônio, e diz não saber “en que momento, en qué maldito momento, la muchacha se ensartó con ese tipo [Carlos]. La madre se opuso, pero no hubo caso. La madre siempre quiso otra vida para su hija. Eso de que la muchacha se fuese a estudiar a Montevideo fue idea de la madre, a la Cecilia no interesaban los libros”²¹⁴ (CORBELLINI, 2012, p. 54).

Conforme Timm e Pereira, “é necessário, pois, questionar as relações entre os sujeitos e a verdade, isto é, que tipo de saber exerceu determinado poder sobre o sujeito, que o disciplinou para viver uma determinada forma de amor” (TIMM; PEREIRA, 2020, p. 27). Para Liliana, os estudos eram de extrema relevância, porque proporcionariam uma vida melhor para a filha, sendo estes prioridade em relação a um possível casamento. Diante disso, Cecilia era instigada pela mãe a buscar o espaço público, porém, a sua segunda opção “de futuro” para Cecilia era o casamento, como veremos adiante. Entretanto, não há no texto um discurso materno, ou de outra pessoa, que a estimule a buscar o amor romântico. Ainda segundo Timm e Pereira,

a crença de que o amor é universal e natural coincide com as normas que guiam e reproduzem o mito do amor romântico. A ideologia do par amoroso, constituída pela primazia da individualidade e da intimidade como formas de vida, normatizou as experiências do amor. Evidente perceber a normatização quando nos deparamos com as histórias de insucessos amorosos, que não raro provocam sensações de culpa, raiva ou até revolta contra os valores impostos quando estes não alcançam o ideal do amor, ou seja, um par (TIMM; PEREIRA, 2020, p. 78).

Desse modo, embora não haja na narrativa incentivo de amor romântico, Cecilia se apegou a este ideal e, quando o insucesso do casamento ocorreu, por meio da violência, ela passa a sentir essa sensação de culpa a ponto de pedir perdão à mãe, já que a enfrentou em nome desse mito.

Ainda nesse momento intimista de reflexão, ela também se lembra de como sua infância foi feliz, liberta naqueles campos de Colonia e de Conchillas, se “sentía libre como una cierva en el monte”²¹⁵ (CORBELLINI, 2012, p. 64). A partir dos relatos que seguirão, será possível perceber o quanto Cecilia valorizava e desfrutava da liberdade que tinha até o momento em que se casou com Carlos, quando toda sua autodeterminação é

²¹⁴ “em que momento, em que maldito momento, a menina se envolveu com aquele cara [Carlos]. A mãe se opôs, mas não houve caso. A mãe sempre quis outra vida para a filha. Isso de que a menina fosse estudar em Montevideú foi ideia da mãe, Cecilia não se interessava por livros”.

²¹⁵ “se sentia livre como uma cervo no monte”.

podada por seu marido agressor. Nessa analepse, ela também se lembra do pai e de sua promessa em não permitir que ninguém a machucasse, mas que não pôde cumprir, pois ficou enfermo e faleceu, quando ela tinha apenas oito anos:

soy una mujer agobiada por las obligaciones y el maltrato, y aún esté clavada en la tierra como un árbol seco, vuelvo a sentir aquel imperioso deseo de fuga que sentí cuando murió mi padre. Sí, quiero huir, huir muy lejos, cruzar a nado el arroyo, pasar las fronteras del pueblo (...). Desde adentro de la carpa suena la vocecita de Álvaro, mi hijo que me llama, “Cecilia, reacciona. No podés irte a ninguna parte. Tus hijos están aquí”²¹⁶ (CORBELLINI, 2012, p. 50).

É notável sua ânsia por reaver a liberdade que tinha quando era jovem, bem como a vontade de se ver livre de todas as obrigações que lhe eram impostas por ser mulher, tendo em vista que era ela quem cuidava sozinha da casa, dos filhos e, inclusive, de conseguir uma mínima renda familiar, pois Carlos regrava o dinheiro que lhe dava. Além disso, tinha um anseio de fugir das agressões do marido, contudo, se sentia presa, visto que não visualizava uma alternativa de fuga por conta dos filhos, devido às condições financeiras. Essa dependência econômica de Cecilia em relação a Carlos é muito semelhante à de Anna para com Sandro, pois esta também via dificuldades em romper com o casamento abusivo pelo fato de não ter um emprego e, assim, não poder sustentar a si, nem os filhos. Timm e Pereira, citando um estudo de Jurandir Freire Costa (1999), afirmam que existem contradições do ideal de amor, pois

ora visto como necessidade para alcançar o ideal de felicidade, ora como um sequestro da liberdade. Não encarar as incertezas do amor como um fenômeno humano é que pode produzir a violência, pois, uma vez idealizado, instaura-se como uma imagem mítica, que não permite desvios, ou seja, imaginação. Nos sistemas modelizantes, existem sempre imagens de referência e essas são constituídas pela naturalização não apenas do amor romântico como da ambivalência que gira em torno da busca pela instabilidade e, paradoxalmente, pela liberdade perdida quando a rotina instala-se. (TIMM; PEREIRA, 2020, p. 86).

Destarte, Cecilia irá viver tal contradição do ideal de amor, visto que, no início da relação a promessa de felicidade é, em tese, alcançada, mas a imagem mítica do amor não prevalecerá, abrindo espaço para a violência, em vários níveis, e o sequestro não apenas da sua quista liberdade, mas também de qualquer resquício de felicidade.

Após essas reflexões de Cecilia, Luz começa a narrar os relatos que escutou de pessoas próximas à sua amiga. No anexo I, para melhor compreensão desses

²¹⁶ “sou uma mulher sobrecarregada de obrigações e abusos, e ainda estou pregada no chão como uma árvore seca, sinto de novo aquele desejo urgente de escapar que senti quando meu pai morreu. Sim, quero fugir, fugir para muito longe, atravessar o rio a nado, atravessar as fronteiras da cidade (...). De dentro da barraca soa a vozinha de Álvaro, meu filho me chamando: ‘Cecilia, reaja. Você não pode ir a lugar nenhum. seus filhos estão aqui’”.

deslocamentos, segue uma tabela com o registro de todas as pessoas entrevistadas por Luz, assim como o local, a data e o parentesco que tinham com Cecilia. Há também a voz da própria Cecilia intercalada a esses relatos²¹⁷. É nítido, nessas declarações de terceiros, esse apreço que Cecilia tinha pela liberdade e que ela lamenta ter perdido no excerto supracitado da narrativa.

Luz declara que “la gente me ha contado más cosas sobre la vida de Cecilia Urquiza. La gente conta las cosas que sabe y también las que no sabe”²¹⁸ (CORBELLINI, 2012, p. 50), ou seja, ela precisou filtrar alguns comentários, pois alguns destes destoavam uns dos outros. Ademais, ficou claro para Luz que muitos de seus conhecidos condenavam as atitudes de Cecilia na adolescência, sendo esta taxada como rebelde. Sua tia materna, por exemplo, Marita Valenzuela, garante que sua sobrinha era permissiva devido à má criação dos pais, que a mimavam demasiado. Já seu irmão, Geraldo, ainda que não a recrimine, ratifica tal comportamento indisciplinado, ao dizer que

[a Cecilia] le gustaba salir, la vieja [a mãe] decía que era una adolescente rebelde (...). Pero (...) mi hermana terminó el liceo. No alcanzó calificaciones altas y perdió uno que otro examen. Sin embargo, a la larga aprobó todos los cursos y estuvo en condiciones de ir a la Universidad²¹⁹ (CORBELLINI, 2012, p. 53).

Com esse apanhado de informações sobre sua indisciplina, a sua recusa em obedecer à mãe e frequentar a Universidade de Montevidéu, além de outros relatos, como a da amiga Amparo Hellburg, que conta que, quando eram adolescentes, a jovem Urquiza lhe ensinou a fumar e também a se embriagar, é evidente que Cecilia foi rotulada como uma mulher “desviante” (SAFFIOTI, 1980). Vale ressaltar que alguns dos indivíduos entrevistados atribuíam o destino trágico de Cecilia a esse seu comportamento “insubordinado” em sua juventude, ou seja, a culpa de seu homicídio estava sendo atribuída a ela, e não a Carlos Araújo, que foi quem perpetrou inúmeras facadas em seu corpo, levando-a à morte

Assim, por fazer parte do grupo das “levianas” (PINSKY, 1997), Chela Ramallo confia a Luz que, “tras aquella tarde del regreso”²²⁰, Liliana comprendió que era pura fantasía suya creer que la muchacha se disciplinaría (...) [a mãe] se conformó con la idea

²¹⁷ Estes estão em negrito, na tabela.

²¹⁸ “as pessoas me contaram mais coisas sobre a vida de Cecilia Urquiza. As pessoas contam as coisas que sabem e também as coisas que não sabem”.

²¹⁹ “[Cecilia] gostava de sair, a velha [mãe] dizia que ela era uma adolescente rebelde (...). Mas (...) minha irmã terminou o Ensino Médio. Ela não obteve notas altas e foi reprovada em um ou outro exame. No entanto, a longo prazo, ela passou em todos os cursos e conseguiu ir para a Universidade”.

²²⁰ Quando Cecilia volta para casa, após um curto período na Universidade de Montevidéu, desistindo, assim, dos estudos.

de que su hija aún tenía la posibilidad de casarse con un joven de familia respetable”²²¹ (CORBELLINI, 2012, p. 57). Como explicitado anteriormente, sem desejo de se dedicar aos estudos, o casamento era a segunda alternativa para a vida de Cecilia, conforme sua mãe. De acordo com Timm e Pereira:

no caso das expectativas com relação ao amor romântico, os regimes de normalização encarregam-se de isolar aqueles que não legitimam ou repetem o ideal do par, do casamento e da família. É só sob essa repetição - sem movimento - que o amor-norma organiza-se como natural, necessário, universal e sinônimo de felicidade. (...) O casamento funciona como um eficaz motor para refrear a agitação dos impulsos e da relação entre os seres na cena pública. Ferramenta poderosa de pacificação social (TIMM; PEREIRA, 2020, p. 92).

É notável que, para Liliana, o melhor para sua filha seria ter uma profissão e ser independente, porém, com a negativa de Cecilia em estudar, apenas lhe sobrava, como perspectiva de futuro, o casamento. Ainda que a mãe não teça um discurso sobre o amor romântico, o amor-norma se tornou a única opção para a felicidade da filha, bem como para reprimir a “rebeldia” desta e trazer a paz para o cerne de sua família. Em uma visita à Soledad Quitán, esta disse a Luz que, em uma carta, Cecilia, sua prima, lhe revelou que sua prioridade não era encontrar um pretendente com a finalidade de se casar, ela queria aproveitar sua juventude:

¡Si soy joven, tengo tempo, que me deje disfrutar la juventud! Recién en junio cumpliré los veintiuno. Es una pesada. A mi hermano no lo persigue como a mí, siempre tuvo debilidad por él, imagínate, es varón y el menor. Pero bueno, para que me deje un poco en paz le prometí que después de cumplir los veintiuno empezaré una vida más seria, una vida de adulta. La verdad es que no tengo idea de lo que haré, ya me ocurrirá algo cuando llegue el momento²²² (CORBELLINI, 2012, p. 63).

Amparo Hellburg, melhor amiga de Urquiza, corrobora a fala de Cecilia, ao reiterar que esta tinha o espírito livre e que havia muitos rapazes interessados nela durante a adolescência, mas que “no se enamoró de ninguno. Así fue hasta que conoció a Carlos Araújo”²²³ (CORBELLINI, 2012, p. 60). Todavia, é a prima Soledad que conta para Luz como Cecilia e Carlos se conheceram. Cecilia, já com vinte anos, estava na casa onde passou sua infância em Conchillas, casa essa que a mãe prometeu lhe dar quando ela se

²²¹ “depois daquela tarde de seu retorno, Liliana entendeu que era pura fantasia dela acreditar que a menina se disciplinaria (...) [a mãe] se conformou com a ideia de que sua filha ainda tinha a possibilidade de se casar com um jovem de uma família respeitável”.

²²² “Se sou jovem, tenho tempo, deixe-me aproveitar a juventude! Só em junho farei vinte e um anos. Ela é uma teimosa. Ela não persegue meu irmão como eu, sempre teve um fraquinho por ele, imagine, ele é um menino e o mais novo. Mas bem, para que ela me deixasse um pouco em paz, prometi a ele que depois de fazer vinte e um anos começaria uma vida mais séria, uma vida adulta. A verdade é que não tenho ideia do que vou fazer, algo vai acontecer comigo quando chegar a hora”.

²²³ “ela não se apaixonou por nenhum deles. Foi assim até conhecer Carlos Araújo”.

casasse. Ela havia viajado de Colonia para Conchillas para passar um tempo com a prima e com sua amiga Amparo. Em uma das noites, as três saíram para beber e dançar em uma discoteca, na qual estava ocorrendo uma festa à fantasia. “Al entrar al salón sintió el deseo de la mirada de los hombres. De nosotras tres, ella era quien causaba cierta sensación (...). Pero ahí fue que la detuvo el peso de una mirada”²²⁴. (CORBELLINI, 2012, p. 68). Soledad estava certa, o olhar fixo foi de Carlos Araújo, o qual, segundo Cecilia, “me estava observando desde que entré (...) Me seguirá mirando hasta que sea suya”²²⁵ (CORBELLINI, 2012, p. 69). Ele convidou Cecilia para dançar, porém, nem esperou uma aceitação, ele a segurou pela cintura e lhe disse: “Vas a seguir bailando conmigo toda la noche”²²⁶ (CORBELLINI, 2012, p. 70).

É importante observar que, além de não aguardar seu consentimento para a dança, ele usa o modo verbal imperativo para dizer a Cecilia que será com ele que ela ficará até o final da festa. Contudo, Cecilia não parece se importar com o tom impositivo de Carlos, já que a impressão que ela teve dele foi que: “Este hombre no es uno de esos muchachos atontados que toman tragos y se ríen entre ellos sin animarse a más, sino un hombre verdadero, experimentado y seguro”²²⁷ (CORBELLINI, 2012, p. 70). Soledad acrescenta que, nesta mesma noite, ela e Cecilia foram ao banheiro e que Carlos adentrou o banheiro feminino para tirá-la de lá e levá-la de volta ao salão da discoteca, ignorando, propositadamente, a presença da prima. “Cecilia lo siguió hipnotizada y ya no volvió a separarse de él”²²⁸ (CORBELLINI, 2012, p. 70).

Ao final da festa, Soledad e Amparo tiveram que insistir para que Cecilia fosse embora com elas, ela foi levada e empurrada pelos braços. Percebe-se, portanto, que Carlos demonstra ser um homem manipulador e controlador desde o primeiro encontro com Cecilia. Consoante Esperanza Bosch, a manipulação, a qual ela classifica como um micromachismo²²⁹, “es una actitud encubierta de violencia contra las mujeres en la pareja”²³⁰ (BOSCH, 2007, p. 45), sendo assim um tipo de violência sutil, fazendo com que, muitas vezes, a mulher não perceba o ato violento da manipulação. Já em relação ao

²²⁴ “Ao entrar na sala, sentiu o desejo do olhar dos homens. De nós três, foi ela que causou certa sensação (...). Mas foi aí que o peso de um olhar a deteve”.

²²⁵ “ele estava me vigiando desde que eu entrei (...) Ele vai continuar me vigiando até que eu seja dele”.

²²⁶ “Continuará dançando comigo durante toda a noite”.

²²⁷ “Este homem não é daqueles patetas que bebem e riem entre si sem se emocionar, mas um homem verdadeiro, experiente e confiante”.

²²⁸ “Cecilia o seguiu hipnotizada e não se separou mais dele”.

²²⁹ Para uma definição de micromachismo, ver BOSCH, 2007, p. 15 ou ver p. 101 deste estudo.

²³⁰ “é uma atitude encoberta de violência contra a mulher por parte de seu parceiro”.

controle, manifestado por Carlos, segundo Miller, ele “é o fim em si mesmo” (MILLER, 1999, p. 27), esse é a ferramenta do agressor para manter o seu poder.

Amparo conta que, logo no dia seguinte à festa, Cecilia anunciou que gostou de Carlos e que continuaria a vê-lo. Assim, a amiga e a prima começaram a buscar informações sobre ele:

averiguaron que había estado casado, pero su mujer lo había abandonado un par de años atrás. No logramos averiguar se había hecho el divorcio. Suponíamos que sí, porque la gente suponía que ella se había ‘ido por allí’, había abandonado el hogar para irse a trabajar a los quilombos de la ruta. Desde entonces, el hombre no había vuelto a tener pareja. Existían dos hijos varones que vivían con él y su madre, quien se encargaba de la casa²³¹ (CORBELLINI, 2012, p. 72).

Na verdade, sua ex-mulher, que ficou difamada por abandonar o seu lar e os seus filhos com a intenção de prostituir-se, fugiu de Carlos devido à violência contra ela perpetrada. Voltarei a essa questão mais à frente neste capítulo. Ao saber do “abandono” da mulher, Cecilia diz: “De pronto intuyo que él ha sufrido intensamente. Recuerdo a aquella mala mujer que fue capaz de abandonar a él y a sus hijos. Comprendo que él me necesita para olvidar su desdicha y ser feliz. Es así de simple: solamente yo puedo hacerlo feliz”²³² (CORBELLINI, 2012, p. 72). Ainda que ela não tenha sido criada com base nos discursos do mito do amor romântico, ela foi vítima do microfascismo, associado a tal noção de amor, descrito por Timm e Pereira,

os microfascismos são esses do cotidiano, que sequer percebemos, pois estão dissolvidos nas práticas sociais como se compusessem nossa ‘natureza’. Mas, se quisermos buscar uma vida ética, podemos percorrer alguns caminhos que nos ajudem a desconstruir certos saberes, justamente aqueles que contribuem para o fortalecimento do mito do amor romântico (TIMM; PEREIRA, 2020, p. 88).

Em vista disso, embora Cecilia tenha sido uma jovem desprendida, determinada, com possibilidades de poder transitar pelo espaço público, a partir do momento que ela começa a gostar de Carlos, ela se apega a esse sistema de valores do amor romântico, um microfascismo, para as pesquisadoras supracitadas, que se mantêm na sociedade patriarcal quase como um ritual. E, desse modo, ao invés de continuar desconstruindo os

²³¹ “descobriram que ele havia sido casado, mas sua esposa o havia deixado alguns anos atrás. Não conseguimos descobrir se o divórcio havia sido feito. Presumimos que sim, porque as pessoas achavam que ela tinha “ido por ali”, saído de casa para ir trabalhar nos quilombos do caminho. Desde então, o homem não teve mais uma parceira. Havia dois filhos que moravam com ele e sua mãe, que cuidava da casa”.

²³² “De repente sinto que ele sofreu intensamente. Lembro-me daquela mulher má que conseguiu o abandonar, bem como seus filhos. Eu entendo que ele precisa de mim para esquecer sua miséria e ser feliz. É simples assim: só eu posso fazê-lo feliz”.

papéis que tentavam lhe impor, ela passa a idealizar uma vida ao lado desse homem que ela acabara de conhecer, calcada numa concepção de família como um microcosmo, além de demonstrar um sentimento de querer cuidar dele, de protegê-lo, a fim de que ele fosse feliz.

Alice Pascual Fernandez afirma que a sociedade elegeu a mulher “como provedora de cuidados e intimidades, otorgándole el poder de los afectos”²³³,²³⁴ (FERNANDEZ, 2016, p. 69) aos outros, ocasionando em um apagamento de sua identidade. Assim, com o intuito de ser feliz e de fazer Carlos, igualmente, feliz, ela planeja dizer a mãe que: “ya tengo novio, pero sé que a mi madre, cuando le diga quién es, no le va a gustar. Pero ¿por qué tiene que gustar a ella?, ¿por qué no me dejan en paz?”²³⁵ (CORBELLINI, 2012, p. 76), e também objetivava enfrentá-la, pois já imaginava que Liliana não iria aprovar Carlos como seu namorado, devido ao fato de ele ser mais velho, já ter filhos, de vir de uma família que não era considerada respeitada na cidade e também por sua classe social mais baixa.

Alice revela a Luz que Liliana ficou sabendo do namoro de Cecilia durante o casamento de Soledad:

Cecilia estaba novia de un camionero de la arenera de Conchillas. Puso el grito en cielo. De ninguna manera se casaría con ese hombre sin educación, sin dinero, que cargaba con una familia desfecha. ¿Para qué tantos desvelos, ilusiones, cuidados? ¿Para qué la hija se fuese con cualquier desgraciado? ¿Cecilia se olvidaba de que provenía de dos respetables familias antiguas? Aquellos apellidos no debían juntarse con cualquiera.

-Nunca vas a ser feliz con él – le aseguró a su hija -. No te doy autorización para que te cases.

Ella se burló de los prejuicios de su madre. Aunque todavía no había cumplido veintiuno y necesitaba su permiso. **Pero lo único importante era el amor. Y si su madre se oponía tanto, no le importaba vivir con él sin casamiento mediante.** Esa idea acabó con Liliana.

-Vos debés estar loca.

-Él me quiere, mamá. **¿No te parece que el amor es lo más importante? La gente se pasa diciendo que el dinero no hace felicidad y que el verdadero amor barre cualquier obstáculo.**

-Eso es solamente en las telenovelas. En el mundo real hay que vivir y vivir – sentenció Liliana²³⁶. (grifos meus) (CORBELLINI, 2012, pp. 78-79).

²³³ “como provedora de cuidados e intimidade, dando-lhe o poder do afeto”.

²³⁴ Sobre os afetos e cuidados atribuídos à essência da mulher, ver p. 26 deste estudo.

²³⁵ “já tenho namorado, mas sei que minha mãe, quando eu contar quem ele é, não vai gostar. Mas por que ela tem que gostar? Por que não me deixam em paz?”.

²³⁶ “Cecilia estava namorando um caminhoneiro de Conchillas. Ela gritou para o céu. De jeito nenhum ela iria se casar com aquele homem sem educação, sem dinheiro, que carregava uma família desfeita. Para que tantos esforços, ilusões, cuidados? Para que a filha se fosse com qualquer desgraçado? Cecilia se esqueceu de que vinha de duas famílias antigas respeitáveis? Esses sobrenomes não devem ser associados a qualquer um.

-Você nunca será feliz com ele”, ela assegurou à filha. Eu não lhe dou permissão para se casar.

Ao observar os períodos em negrito no excerto acima, é possível assegurar que Cecilia está completamente envolta no mito de que “o amor tudo pode, tudo crê, tudo espera, tudo suporta”, explorado no primeiro capítulo deste estudo. Segundo Carol Herrera Gómez, os mitos têm a função de “integrar al ser humano en su cultura, y apoyar el *status quo* del orden social (...). Además se consolidan gracias al apoyo del sistema simbólico y mitológico creado para sustentarlo”²³⁷ (GÓMEZ, 2010, p. 289). Dessa maneira, a fala de Cecilia está ancorada nesse mito do amor e em outro que vem arraigado a ele: o mito de que o amor é onipotente, que é, ainda conforme Gómez, a

creencia de que ‘el amor lo puede todo’ y debe permanecer ante todo y sobre todo. Este mito ha sujetado a muchas mujeres que han creído en este poder del mágico del amor para salvarlas y hacerlas felices, pese a que el amor no siempre puede con la distancia, ni los problemas de convivencia²³⁸, ni la pobreza extrema²³⁹ (GÓMEZ, 2010, p. 294).

Já em relação ao posicionamento de Liliana, vale ressaltar que, por um lado, ela está em seu direito de querer o melhor para a filha e acreditar que Carlos não seria esse melhor. Contudo, por outro, ela está vendo a situação apenas pela perspectiva financeira, e não se dá ao trabalho de observar se Carlos seria um bom marido para Cecilia em outros âmbitos da vida conjugal. Assim, ela não enxerga, bem como a própria filha, os indícios de que Carlos era um homem agressivo. Diferentemente, por exemplo, de Soledad, que disse a prima que “ese hombre era malo”²⁴⁰ (CORBELLINI, 2012, p. 73), todavia, Cecilia não lhe deu atenção.

Ainda no casamento da prima, Cecilia se embebedou. Por meio dos testemunhos, Luz tomou ciência, tanto por Geraldo como por Soledad, que o motivo de sua embriaguez se deu pela discussão com a mãe, a qual se colocou contra o namoro, não lhe permitindo ser feliz, na visão da jovem Urquiza. Após várias conversas, Liliana propôs à filha que

Ela zombou dos preconceitos de sua mãe. Embora não tivesse vinte e um anos e necessitasse de sua permissão. Mas a única coisa importante era o amor. E se sua mãe se opunha tanto, ela não se importava de viver com ele sem casamento. Essa ideia acabou com Liliana.

-Você deve estar louca.

-Ele me ama, mãe. Você não acha que o amor é a coisa mais importante? As pessoas andam por aí dizendo que dinheiro não traz felicidade e que o verdadeiro amor varre qualquer obstáculo.

-Isso é só em novelas. No mundo real você tem que viver e viver – Liliana sentenciou”.

²³⁷ “integrar o ser humano em sua cultura, e sustentar o *status quo* da ordem social (...). Além disso, eles se consolidam graças ao suporte do sistema simbólico e mitológico criado para sustentá-lo”.

²³⁸ Como, por exemplo, a violência presente no casamento.

²³⁹ “crença de que 'o amor pode tudo' e deve permanecer em primeiro lugar. Esse mito prendeu muitas mulheres que acreditaram nesse poder mágico do amor para salvá-las e fazê-las felizes, apesar de o amor nem sempre superar a distância, nem os problemas de convivência, nem a pobreza extrema”.

²⁴⁰ “esse homem era mau”.

esperasse ao menos mais um ano para se casar, com esperança de que ela, nesse interim, desistisse do matrimônio. Cecilia, aparentemente, concordou, pois, para ela, “el amor era eterno y ella estaba enamorada para siempre”²⁴¹ (CORBELLINI, 2012, p. 79). Porém, Alicia Urquiza, tia paterna de Cecilia, conta que ela não aguardou o tempo solicitado pela mãe. Apenas lhe deu a notícia que o casamento no Registro Civil já estava marcado e que não haveria cerimônia na igreja, visto que Carlos era divorciado. Liliana garantiu que não iria ao casamento, mas foi e, “para evitar más infames comentarios sobre la vergüenza que recaía sobre su familia, pagó unos brindis en el club de la Colonia”²⁴² (CORBELLINI, 2012, p. 81). No entanto, após cumprimentar os convidados (evitando os familiares do noivo), deu um pretexto de que não se sentia bem e foi para casa. Sobre a ida repentina de Liliana, sua irmã fala que Cecilia não se deu conta do quão “desdichada se sentía su madre ni lo pronto que se marchó”²⁴³ (CORBELLINI, 2012, p. 81). A filha não compreendeu a desilusão da mãe e associou o ato de ela ter organizado essa pequena cerimônia como uma tentativa de reconciliação, ratificando, para si mesma, a ideia de que o amor sempre vence, ou seja, Cecilia ainda se matinha vinculada ao mito da onipotência do amor (GÓMEZ, 2010).

Durante o casamento, somente Marita observava atentamente o casal. Ela relata que “el novio la [Cecilia] sujetaba por el brazo, a mí me parecía que quería encadenarla”²⁴⁴ (CORBELLINI, 2012, p. 81) e acrescenta que “el novio parecía de mal genio”²⁴⁵ (CORBELLINI, 2012, p. 84). Além disso, ela é a única personagem que o descreve fisicamente, como sendo um pouco mais baixo que Cecilia “pero él tenía cierta virilidad atractiva, tal vez por el cuerpo musculoso y la mirada dura”²⁴⁶ (CORBELLINI, 2012, pp. 81-82). Possivelmente, tenha sido por essa virilidade que Cecilia se sentiu atraída. No entanto, para Simone de Beauvoir, a virilidade masculina é um perigo, pois “para todos que têm complexo de inferioridade, [a violência] se trata de bálsamo milagroso, ninguém é mais arrogante, agressivo ou desdenhoso com as mulheres que um homem preocupado com sua virilidade” (BEAUVOIR, 2005, p. 59). E, mesmo que Cecilia não perceba, um pouco antes do matrimônio, Carlos dá outra demonstração dessa sua virilidade acompanhada de agressividade, já sendo possível, portanto, captar sinais

²⁴¹ “o amor era eterno e ela estava apaixonada para sempre”.

²⁴² “para evitar comentários mais infames sobre a vergonha que caiu sobre sua família, ela fez alguns brindes no clube Colonia”.

²⁴³ “sua mãe estava tão infeliz que foi embora o quanto antes”.

²⁴⁴ “o noivo a [Cecilia] segurou pelo braço, me pareceu que ele queria acorrentá-la”.

²⁴⁵ “o noivo parecia de mau-humor”.

²⁴⁶ “mas ele tinha uma certa virilidade atraente, talvez por causa do corpo musculoso e do olhar duro”.

de sua opressão, como bem observou Marita ao relatar como ele a segurava pelo braço. A própria Cecilia narra que, enquanto estavam se arrumando para a cerimônia, Carlos lhe disse: “Y será la última vez que te pongas una pollera tan corta²⁴⁷. ¿Querés que cualquiera te mire? Ahora vas a ser una mujer casada”²⁴⁸ (CORBELLINI, 2012, p. 83), ou seja, mais uma vez, ele estava sendo agressivo e controlador, ditando como ela deveria se vestir daquele momento em diante. Conforme Porchat, muitas vezes, “a mulher abre mão do ‘vestir-se’ como forma de expressão pessoal, de identidade. Rejeita aquilo que a identificava como mulher” (PORCHAT, 1992, p. 111) para obedecer ao marido. Cecilia sente-se incomodada, porque sua intenção era que ele a achasse bonita, contudo, ela mesma minimiza o comentário do noivo dizendo para si que os homens falam esse tipo de coisa quando estão nervosos²⁴⁹.

Chela conta que, um ano após o casamento, Cecilia engravidou e deu à luz a uma menina a quem deram o nome de Paulina. Ainda que não a tenham batizado, Amparo foi escolhida para ser a sua madrinha. Com o nascimento da neta, o rancor que Liliana sentia pela filha e por seu casamento passou e, assim, ela viajava para Conchillas, frequentemente, para visitar a filha, ainda que preferisse se hospedar em um hotel, a fim de evitar o genro, o qual sempre mostrava contrariedade com a sua presença. Quanto ao gênio de Carlos, todos acreditavam que iria melhorar com o nascimento de uma menina. Essa afirmação demonstra claramente que as pessoas que conviviam com Cecilia conheciam a personalidade, no mínimo, hostil de Carlos. Porém, Chela diz que:

aunque por aquel tiempo a ella todavía le gustaba que él fuese firme: cuando él emitía una opinión, era la única válida, cuando daba una orden debía cumplirse de inmediato. Yo creo que estaba acostumbrando tanto a hacer lo que él le decía, que la Cecilia, después de haber sido caprichosa, ya no sabía distinguir lo que quería ella de lo que quería él²⁵⁰ (CORBELLINI, 2012, p. 86).

Levando em consideração o contexto da narrativa, essa declaração de que Cecilia gostava dessa dureza de Carlos não se confirma, até porque a própria Cecilia, em nenhum momento, relata apreço por esse comportamento. Entretanto, é possível que Chela tenha tido essa impressão devido à sujeição de Cecilia, isto é, pelo fato de ela não reclamar das

²⁴⁷Tia Marita afirma que, na época, esse modelo de vestido de noiva mais curto estava na moda (CORBERLLINI, 2012, p. 82).

²⁴⁸ “E será a última vez que você usará uma saia tão curta. Você quer que alguém olhe para você? Agora você vai ser uma mulher casada”.

²⁴⁹ A acepção do adjetivo “nervoso”, no contexto em que Cecilia aborda, faz referência a estar devido ao casamento, e não “nervoso” devido à sua personalidade agressiva, até porque ela ainda não havia percebido.

²⁵⁰ “embora naquela época ela ainda gostasse que ele fosse firme: quando ele emitia uma opinião, era a única válida, quando ele dava uma ordem, tinha que ser executado imediatamente. Acho que ela estava tão acostumada a fazer o que ele mandava, que Cecilia, depois de ter sido caprichosa, já não sabia mais distinguir entre o que ela queria e o que ele queria”.

atitudes do marido, Chela interpretou seu silêncio como uma aceitação e mesmo um contentamento dela em relação às ações “firmes” de Carlos. Um relato de Cecília que comprova que ela não aprovava todas as condutas do marido é seu lamento por ele desmerecer seus familiares e as pessoas das quais gostava, exatamente como Eduardo fazia com Bela, em *Meu marido*, de Livia Garcia-Roza:

es verdad que él disfruta hablando mal de las personas que más quiero; sí siento que disfruta con eso. **‘Además vos me tenés a mí, no precisas querer a nadie más.** Ya bastante tenés con la nena’. Es eso, él me quiere tanto que no quiere compartirme con nadie más. El amor absorbe todo, es una gran esponja que pasa sobre el mundo y lo seca²⁵¹ (grifo meu) (CORBELLINI, 2012, p. 88).

Embora ela lamente o desprezo que Carlos demonstra pela sua família, ela não compreende que ele está exercendo sobre a esposa o processo de isolamento da vítima, como destacado no período em negrito, o qual é um padrão comum dos homens agressores. Vale lembrar que Eduardo e Sandro fazem exatamente o mesmo com Bela e Anna, respectivamente²⁵². Ratificando o propósito do isolamento social, Miller afirma que o objetivo deste

é o controle. Se um homem puder manter a mulher afastada do contato com o mundo externo, ela dependerá única e exclusivamente dele. Assim, será forçada à submissão, sem recursos externos para obter apoio e drenada de recursos internos para extrair força (...). A forma mais comum de um homem isolar uma mulher é pela manipulação, arranjando situações – ou reorganizando-as – até ela ser isolada (MILLER, 1999, p. 57).

A manipulação de Carlos é tamanha para que ocorra o isolamento, sendo perturbador observar que ele faz Cecília acreditar que é por amor, ou seja, que essa dinâmica do isolamento que está em processo é fruto do amor que ele sente por ela. Logo, mais uma vez, o mito do amor está presente, reiterando que “uno más uno termina resultando uno, lo cual es un grave error, no solo aritmético, que es asimilado mayoritariamente por mujeres”²⁵³ (GÓMEZ, 2010, p. 294), justificando, desse modo, um comportamento abusivo.

²⁵¹ “é verdade que ele gosta de falar mal das pessoas que mais amo; eu sinto que ele gosta. 'Além disso, você me tem, você não precisa amar mais ninguém. Você já tem o suficiente com a criança'. É isso, ele me ama tanto que não quer me dividir com mais ninguém. O amor absorve tudo, é uma grande esponja que passa pelo mundo e o seca”.

²⁵² Em relação a essa questão do isolamento da vítima, Ana, personagem de “Destino: Sé”, de Simone Paulino, não foi mencionada aqui, porque, embora ela estivesse vivendo em cárcere privado, em virtude do ciúme de Tarcísio, seu pai já a havia afastado dos demais familiares, proibindo-os de vê-la.

²⁵³ “um mais um acaba sendo um, o que é um erro grave, não só de aritmética, que é assimilado principalmente pelas mulheres”.

Todavía, dois meses após esse episódio, Cecilia começou a desconstruir esse mito do amor por conta de uma situação com a sua filha. Esta estava chorando, e Cecilia pediu a Carlos que a pegasse no colo, porque ela estava preparando o almoço:

- La levanto un ratito pero tenés que ocuparte vos, que sos la madre. Esta gurisa es pura maña, claro, si te pasás arriba de ella. Claro, para vos no existe nada más. Apurate con la comida, que quiero descansar porque después voy a salir. No quiero estar enojada, pero sí que lo estoy. Creí que la niña nos uniría más. No es así. Carlos casi que no se queda en casa, y cuando viene es para rezongar. Empiezo a verlo como un intruso. Estoy como perdida, solamente pesa la voluntad de él, como pesan los platos, ollas y sartenes que limpio cada día. Pero, ¿qué otra cosa puedo esperar ahora de la vida? Formé mi propia familia. Debo entenderlo (...).

-No te vayas sin dejarme el dinero para las compras.

-¿Cómo? ¿Ya te gastaste toda la plata que te di?

- Eso hace tres días. No me queda ni para el pan (...).

- Tomá, y que te dure. Bastante me cuesta ganar esta plata para que vos gastes como si fuera agua.

Su desprecio me congela. Haré lo imposible por estirar esos para no pasar tan pronto por la humillación de pedirle otra vez²⁵⁴ (CORBELLINI, 2012, p. 89).

Esse trecho se assemelha muito à dinâmica de relacionamento que Pascuala, do conto “O homem do vale”, de Marcela Serrano, vivenciava com seu parceiro, Rato, tendo em vista que este também se negava veementemente a dividir o peso das tarefas domésticas e a ajudar a cuidar do filho. Na primeira fala de Carlos, no excerto da narrativa acima, ele aceita segurar o bebê no colo, porém, rapidamente. No entanto, embora não queira cuidar da sua própria filha, ordena à mulher que termine o almoço, porque ele queria descansar e depois sair. Já se sabe que “a defesa do essencialismo torna o patriarcado ‘natural’ e é evidente que cristaliza papéis femininos e masculinos, ficando ainda mais difícil combater as opressões de gênero” (TIMM; PEREIRA, 2020, p. 106), assim, tanto Pascuala como Cecilia são oprimidas, por seus próprios companheiros, respaldados pelo patriarcado, a exercerem sozinhas os papéis de cuidar da casa e dos filhos. Quando Cecilia percebe a situação de prisioneira dos afazeres domésticos em que

²⁵⁴ “-Vou segurá-la por um tempinho, mas você tem que cuidar, você é a mãe. Esta criança é a pura manha, claro, você está sempre por conta dela. Claro, para você não há mais nada. Apresse-se com a comida, quero descansar porque vou sair mais tarde.

Não quero ficar com raiva, mas estou. Achei que a criança nos aproximaria mais, porém não foi assim. Carlos quase nunca fica em casa, e quando vem é para resmungar. Estou começando a vê-lo como um intruso. Estou meio perdida, só pesa a vontade dele, como os pratos, panelas e frigideiras que limpo todos os dias. Mas o que mais posso esperar da vida agora? Criei minha própria família. Devo entender (...).

- Não vá embora sem me deixar o dinheiro para as compras.

- Como? Você já gastou todo o dinheiro que eu te dei?

-Isso foi há três dias. Não me sobrou nem para o pão (...).

-Pegue e faça durar. É muito difícil para mim ganhar esse dinheiro para você gastar como se fosse água.

Seu desprezo me congela. Farei o possível para economizar para não passar pela humilhação de pedir de novo tão cedo”.

se encontrava e também começa a se desiludir em relação a Carlos, ela sofre, contudo, essa era a família a qual havia escolhido, não cabia a ela alterar tal instituição da ordem social. Destarte, embora já se sinta uma vítima de opressão, ela, neste primeiro momento, demonstra apenas conformidade.

Ainda sobre o trecho transcrito e de maneira análoga à Pascuala, Cecilia também sofre de privações econômicas, já que, assim como Rato fazia com a parceira, Carlos limitava o dinheiro que lhe dava, mesmo sabendo que era para a alimentação de sua família. Consoante Miller, “no abuso econômico, o homem geralmente oferece quantias tão pequenas, que a mulher é forçada, como uma criança a pedir mais. Se ele aceita, sua condescendência a humilha; se recusa, sua avareza a deixa em necessidade. Em ambos os casos, ela fica indefesa sob seu controle” (MILLER, 1999, p. 71). A personagem de Serrano não conseguia se calar perante tal abuso econômico, contudo, Cecilia, ainda de maneira conformista, pensa que a única solução é tentar economizar ainda mais para não ter que passar pela humilhação, descrita por Miller (1999), de pedir dinheiro ao marido com brevidade.

Dois anos após o nascimento de Paulina, Cecilia engravida novamente e dá à luz a um menino, Alvarito. Luz foi visitar o médico que atendia Cecilia desde quando ela era pequena e pediu que ele comentasse sobre a vez que a paciente foi atendida com urgência por ele devido a contrações e, conseqüentemente, a uma ameaça de aborto da segunda gravidez: “Le hice una ecografia y las preguntas de rutina. Al terminar la consulta le pregunté si las cosas marchaban bien. La chica de Urquiza no supo qué responder. **Tal vez sospeché que yo había descubierto los moretones que tenía en los brazos**”²⁵⁵ (grifos meus) (CORBELLINI, 2012, p. 93). Ele a aconselhou que fosse passar alguns dias na casa de sua mãe para que pudesse descansar, pois necessitava de repouso. Porém, infere-se que a indicação de afastá-la de sua casa e colocá-la sob os cuidados da mãe tenham sido para afastá-la do marido, haja vista que, pelo trecho em negrito, o médico viu os machucados nos braços de Cecilia decorrentes das agressões sofridas. No entanto, mais uma vez, em virtude do silêncio cúmplice das pessoas que conhecem mulheres vítimas de agressões por parte de seus parceiros, mas nada fazem, o Dr. Forteza não se intromete. Timm e Pereira explicam essa apatia do outro, daquele que não faz parte do seio familiar, também pela crença no mito do amor:

²⁵⁵ “Fiz um ultrassom e perguntas de rotina. No final da consulta perguntei se as coisas estavam indo bem. A garota de Urquiza não sabia o que responder. Talvez ela suspeitasse que eu havia descoberto os hematomas em seus braços”.

há uma valorização massiva do amor romântico e dos modelos de família como forma de vida feliz, mas é sobre esse mesmo solo que convivemos com o outro polo, das ilusões amorosas e das violências íntimas. É nesse mesmo regime de significados que o amor e ódio misturam-se, convivem, colocam em prática desejos de convivência e aniquilamento. Há, pois, uma acomodação ao discurso naturalizado do amor que coloniza a subjetividade (TIMM; PEREIRA, 2020, p. 31).

Assim, devido a essa naturalização da violência íntima, escamoteada pela idealização do amor, o doutor não tece nenhuma conversa com Cecília sobre as contusões observadas, nem, muito menos, cogita a hipótese de denunciar Carlos às autoridades, ou seja, ele não “mete a colher”. Tais contrações, que levaram Cecília a procurar um médico, foram resultado da primeira agressão narrada, cronologicamente²⁵⁶, pela própria. Era noite, quando Carlos chegou, bêbado e nervoso, e encaminhou-se ao dormitório onde a filha do casal estava dormindo. A fim de proteger a filha²⁵⁷ de qualquer dano que o pai pudesse lhe causar, Cecília lhe diz:

- No, a la cama no vas, la nena está conmigo. **A vos no te importamos. Sos um maldito borracho.**

Entonces aparece algo nuevo en su mirada: el odio (...). Me aferra de los brazos y comienza a sacudirme.

- Loca, loca, sos una loca.

Sus dedos robustos son garras de gavián sobre la presa. *Y me arrepentí de lo que dice, pero no puedo contestar (...)*. Quedo tendida de costado sobre el piso, con las piernas enrolladas contra el vientre. Él continúa insultándome rabioso, me lanza un par de puntapiés que dan contra mi espalda y luego abre la puerta y sale otra vez a la calle. Ahí, tirada en el piso, empiezan las contracciones. Tengo miedo de que el bebé se muera²⁵⁸ (grifos meus) (CORBELLINI, 2012, pp. 94-95).

Percebe-se que Carlos se ofende porque Cecília o chama de bêbado e diz que ele não se importa com a família (ver trecho em negrito). Como ele a via como um simples objeto, que tinha a exclusiva função de servi-lo, já que “não raro o outro da relação é compreendido simbolicamente como propriedade, como posse, [sendo que] as (...) violências se estruturam nessas representações vis e servis da existência” (TIMM;

²⁵⁶ Em 2003, quando estava no acampamento, embora ela assuma que era agredida, ela não relata um caso específico.

²⁵⁷ Vale lembrar que tanto Anna como Pascuala também enfrentaram seus respectivos cônjuges a fim de protegerem seus filhos. A situação de Anna se assemelha muito à de Cecília, porque, em ambos os casos, foi o primeiro confronto.

²⁵⁸ “-Você não vai para a cama, a criança está comigo. Nós não importamos para você. Você é um bêbado. Então algo novo aparece em seu olhar: ódio (...). Ele agarra meus braços e começa a me sacudir.

-Louca, louca, você é louca.

Seus dedos robustos são as garras de um falcão na presa. E me arrependi do que disse, mas não posso contestar (...). Deito de lado no chão, com as pernas dobradas contra a barriga. Ele continua a me insultar com raiva, me dá alguns chutes que atingem minhas costas e depois abre a porta e volta para a rua. Ali, deitada no chão, começam as contrações. Tenho medo que o bebê morra”.

PEREIRA, 2020, p. 93), ele não hesita em espancar a esposa grávida a ponto de deixá-la caída no chão. Não há remorso, nem ao menos um pedido de desculpas, mesmo que fosse dissimulado. Já Cecilia, como podemos observar no trecho em itálico, ao perceber que iria ser agredida e que seu bebê corria perigo, arrepende de tê-lo “desrespeitado”, mas, como ela mesma afirma, não havia nada que pudesse fazer, naquele momento, que a livraria da violência de Carlos.

Também é possível observar nesse trecho a violência psicológica por meio do alvitamento, que significa a abjeção, a degradação da mulher, quando ele a chama de louca (período sublinhado). Segundo Hirigoyen, ele a está depreciando e expressando “dúvidas quanto à sua saúde mental” (HIRIGOYEN, 2005, p. 105). Ademais, cabe aqui a leitura da histeria feminina (USSHER, 2011), pois como ela o estava enfrentando, abandonando, portanto, o papel de passividade e subordinação que lhe competia, ela “deve/pode” ser taxada como louca.

Depois que Cecilia regressa da casa da mãe, Chela vai à sua casa a fim de ajudá-la com seus afazeres. Embora a mulher não reclame do marido e não lhe conte sobre a agressão, Chela, que já havia observado que o relacionamento do casal não estava bem e que Carlos era um homem agressivo, lhe dá um conselho extremamente arraigado aos ditames patriarcais: “Este no es un hombre de su casa, le gusta la noche, las parrandas, las salidas. No intentes cambiarlo. Aceptarlo como es (...). Además es común que los hombres se hartan de la vida con una casa con niños. (...) Pero vos tenés que aguantar porque sos mujer”²⁵⁹ (CORBELLINI, 2012, p. 95). Primeiramente, Chela está ratificando a quais ambientes homens e mulheres pertencem, ou seja, que “as mulheres dirigem seu desejo maquinicamente para dentro, para o espaço doméstico, enquanto os homens o investem para fora, para o mundo público. Estão, ao contrário, ‘eternamente condenados à vontade de partir’²⁶⁰” (TIMM; PEREIRA, 2020, p. 43). Além disso, ao invés de “meter a colher” e aconselhá-la a romper com aquele relacionamento abusivo, ela interfere no relacionamento para sustentar a ideia de que Cecilia o suporte, ou seja, há “a naturalização do amor conjugada à banalização da dor, (...) e a perspectiva de uma vida conjugal naturalizada” (TIMM; PEREIRA, 2020, p. 40) na violência, simplesmente pelo fato de Cecilia ser mulher.

²⁵⁹ “Este não é um homem de casa, ele gosta da noite, festejar, sair. Não tente mudá-lo. Aceite-o como é (...). Também é comum que os homens se cansem da vida com uma casa com filhos. (...) Mas você tem que aguentar porque você é mulher”.

²⁶⁰ Citação de Guattari, F.; Rolnik, 2013, p. 343.

Conforme Miller, “a mulher vítima de abuso gasta muita energia para cumprir o seu papel. Ela pode fazê-lo esforçando-se para evitar confrontos, aceitando as exigências do marido ou com racionalizações inconscientes, desviando o problema dele para si mesma” (MILLER, 1999, p. 181). Desse modo, Cecilia acaba concordando com Chela, culpabilizando-se pelas ausências e pelo gênio de Carlos, assumindo, então, a responsabilidade de se esforçar para que ele tome gosto de ficar em casa.

Na terceira visita que Luz faz a Amparo, esta relata que, quando as crianças estavam com aproximadamente 5 e 7 anos, Carlos arrumara um emprego que lhe rendia bastante dinheiro. Ninguém, nem Cecilia, sabia exatamente em que ele trabalhava, todavia, toda a cidade especulava que ele tinha se tornado contrabandista. Sua mulher não parecia se importar com sua nova “profissão”, visto que nem ela nem as crianças estavam passando por dificuldades financeiras, como ocorria no início do matrimônio, e ela deixou de sofrer do abuso econômico (MILLER, 1999), já que Araújo estava provendo sem ela precisar pedir e/ou se humilhar.

No início dos anos 2000, Liliana faleceu repentinamente e, concomitantemente a essa tragédia, Carlos viu-se obrigado a parar de exercer o contrabando, devido a algumas mudanças que houve no departamento de polícia de Conchillas, em que o comissário começou a investigar os policiais corruptos que facilitavam tais atividades ilícitas na região. Com a falta da mãe e de dinheiro, Geraldo, irmão caçula de Cecilia, começa a ajudá-la com as crianças e também financeiramente. Entretanto, por meio de Chela, ela ficou sabendo de uma empresa que empregava mulheres para vender cosméticos desde suas casas.

Segundo Miller, “muitas mulheres vítimas de abuso não têm emprego, geralmente, por imposição do marido” (MILLER, 1999, p. 130), afinal, para que haja um isolamento completo da vítima, ela não deve ter contato com nenhum ciclo social, caso contrário, o controle do abusador fica fragilizado. Porém, como esse trabalho não necessitava que Cecilia percorresse o espaço público, Araújo não deu muita importância. Destarte, Cecilia conseguiu o emprego e passou a vender seus produtos no período em que seus filhos estavam na escola, isto é, ela estava conciliando o papel de mãe, esposa e dona de casa com o de uma mulher que trabalha, assim como Eurídice Gusmão, personagem do romance de Martha Batalha, o desejava. Passados uns dias, ela se atreveu a sair de casa a fim de vender seus produtos e também para fazer serviços de depilação, hidratação de cabelos e afins, com o intuito de ter sua própria renda, ainda que pequena. Cecilia “al parecer, al poco tiempo, lograba cubrir los gastos básicos (...). se sentía

independiente (...). Se sentía libre cuando recibía los pagos de las clientas”²⁶¹ (CORBELLINI, 2012, p. 105). Chela conta que “Araújo tardó en comprender la modesta prosperidad de su mujer. Se ensimismaba en sus fracasos y el resentimiento contra el mundo crecía”²⁶² (CORBELLINI, 2012, p. 106).

Além de ressentimento, ele também alimentava ciúmes, por isso verificava constantemente as mensagens que Cecilia recebia, mas, por fim, constatava que se tratava apenas de mensagens de suas clientes. Por um lado, ele reprovava o fato de Cecilia trabalhar, pois dizia que “la mujer tiene que estar en la casa, no está bien que ande por ahí”²⁶³ (CORBELLINI, 2012, p. 107), no entanto, por outro, Cecilia afirma que para ele era “un alivio que yo me arregle para mantener la casa y no le pida nada”²⁶⁴ (CORBELLINI, 2012, p. 107), tanto que ele parou de lhe dar dinheiro. Com a renda que recebia dos seus trabalhos esporádicos como caminhoneiro pagava algumas contas, e o que sobrava ele gastava no bar.

O último relato dessa segunda parte da obra é de Amparo. Ela conta a Luz que no dia 1º de julho de 2003, aniversário de uma conhecida senhora de Conchillas, Helga Evans, a amiga chegou à casa de Cecilia e a encontrou de olhos inchados de tanto chorar e muito angustiada. Ela fez um pedido muito inusitado à Amparo: “Prométeme que si un día me pasa algo vas a quedar con los niños”²⁶⁵ (CORBELLINI, 2012, p. 111). Cecilia não esclarece o que havia acontecido para que ela estivesse naquele estado de sofrimento e preocupação, somente implora que a amiga diga sim a seu pedido. Amparo concorda e, desse modo, Cecilia muda imediatamente de assunto, se referindo à festa de Helga Evans, que seria naquele mesmo dia, que, coincidentemente, foi o dia em que ela viu Luz pela primeira vez, em sua segunda viagem a Conchillas. Entretanto, Amparo também sabia que sua amiga vivia um relacionamento abusivo, logo, ela supôs que a aflição e o pedido de Cecilia tinham a ver com Carlos, porém, conforme Bourdieu,

a censura alcança seu mais alto grau de perfeição e invisibilidade quando cada agente não tem mais nada a dizer além daquilo que está objetivamente autorizado a dizer: sequer precisa ser, neste caso, seu próprio censor, pois já se encontra de uma vez por todas censurado, através das formas de percepção e

²⁶¹ “Aparentemente, depois de um curto período de tempo, ele conseguiu cobrir as despesas básicas (...). Se senti independente (...). Ela se sentia livre quando recebia os pagamentos das clientes”.

²⁶² “Araújo demorou a compreender a modesta prosperidade de sua esposa. Ele ficou absorto em seus fracassos e o ressentimento contra o mundo cresceu”.

²⁶³ “a mulher tem que estar em casa, não é certo que ela ande por aí”.

²⁶⁴ “um alívio que eu consiga manter o sustento da casa e não necessite pedir nada”.

²⁶⁵ “Prometa-me que se um dia algo acontecer comigo você ficará com as crianças”.

de expressão por eles interiorizadas, e que impõem sua forma a todas as suas expressões (BOURDIEU, 1979, p. 133 *apud* DALCASTAGNÈ, 2006, p. 200).

A intromissão no casamento alheio, como já explicitado no capítulo anterior e retomado neste, ainda é um tabu, é essa censura internalizada, a qual impede que uma pessoa, mesmo que muito próxima, como Amparo era de Cecília, faça qualquer referência que, porventura, venha a macular esse matrimônio. Assim, mais uma vez, o sofrimento e a vida de Cecília são negligenciados em nome da instituição família.

1.3. Luz: em Montevideú

A terceira parte do livro é intitulada: “O mistério azul”, o qual, para Cecília, é o tentar imaginar o outro lado das coisas, como, por exemplo, saber que, mesmo quando ela não está vendo ou percebendo a existência de outra pessoa, esse outro pode, sim, tê-la notado. Nesse ponto da narrativa, Luz ainda não era amiga de Cecília, por isso, apesar do incômodo sentido pela agressão que testemunhou, o foco de seus pensamentos não era Urquiza, e sim Beto. Voltando à ideia de o “mistério azul”, ela ansiava que Beto a tivesse visto, no sentido de tê-la percebido e gostado dela. Conforme Maria Tereza Maldonado, versando sobre a instituição casamento e o término desta,

a baixa autoestima [da mulher separada] vem de muitos lugares: a sensação de fracasso por um casamento que não deu certo; a culpa por querer se separar e a sensação de ser uma pessoa má, merecedora de castigo. Quando nos depreciamos, pensamos que não merecemos ser amados. Esse medo é tão intenso que nem nos damos conta, começamos a “bater em retirada”: ficamos arredios, distantes, menos interessantes aos nossos olhos (MALDONADO, pp. 258-259).

Embora Luz não sentisse culpa pela separação, ela, após o divórcio, se autodepreciava, talvez por essa frustração do término do matrimônio e pelo fato de não se achar atraente, como aqui já comentado²⁶⁶. Assim, literalmente, “bateu em retirada” de Conchillas, quando percebeu que estava se interessando por Beto sem ter indícios de que o seu sentimento era recíproco. O primeiro registro dessa terceira parte da obra de Corbellini se dá no dia 26 de abril de 2003, uma semana após a sua primeira saída de Conchillas.

Desse modo, Luz narra os meses de abril e maio de 2003, quando se encontrava em Montevideú, tentando seguir com sua vida profissional, ainda trabalhando como secretária no escritório de advocacia de sua amiga, e tentando conhecer pessoas novas para um possível relacionamento (lembrando que foi Beto, indiretamente, quem lhe

²⁶⁶ Ver Corbellini, 2012, p. 33 ou ver p. 172 deste estudo.

proporcionou esse desejo de interagir com outros homens, visando, talvez, uma nova relação amorosa). De acordo com Porchat, na busca de um novo parceiro, espera-se deste uma compensação do que faltou no relacionamento anterior, pois, “em realidade, ou apenas no desejo de que assim seja, o parceiro é aquele que completa, que preenche” (PORCHAT, 1992, p. 122). Logo, a fim de socializar com pessoas novas, ela se inscreveu em um curso de escrita criativa, pois, desde antes do falecimento da amiga, ela já dizia que “conservaba la secreta ambición de escribir”²⁶⁷ (CORBELLINI, 2012, p. 116), pois este é “um método para recordar” (CORBELLINI, 2012, p. 132).

Nesse curso, ela conheceu um engenheiro com que saiu algumas vezes, contudo, “esa relación con el ingeniero de sistemas confirmó mi hipótesis sobre mi escaso atractivo sexual, y en compensación, mi gran capacidad de escuchar a los demás”²⁶⁸ (CORBELLINI, 2012, p. 116). Ela continuava com a autoestima baixa, visto que, mais uma vez, reitera que não se considerava uma mulher atraente, porém, se via como uma boa ouvinte, haja vista que o relacionamento com o homem acima mencionado gerava várias conversas em que ele se abria e ela escutava.

Entretanto, ela assume para si mesma que estava apaixonada por Beto, ainda que acreditasse que esta seria uma relação inviável:

volví [de Conchillas] con el alma herida de amor, pero una vez en Montevideo y retomada mi rutina semanal, cuando me acordaba de Beto comprendía la estupidez que era relacionarme con alguien tan diferente a mí. Ni siquiera me atreví a contárselo a mis amigas, por temor a que burlasen de mi insólita elección afectiva. Si mi madre supiera diría “debés estar loca”, y tendrían razón. Lo mejor era olvidar aquellos días raros con luz anaranjada y zorzales cantando en las orillas, y el mejor era intoxicarme con actividades simples y enajenantes²⁶⁹ (CORBELLINI, 2012, p. 118).

Consoante Maldonado, “uma relação amorosa profunda provoca a necessidade de revisão de nós mesmos, da nossa história, dos amores passados. A pessoa se vê diante das próprias dificuldades de modo mais implacável e é difícil disfarçá-las, atenuá-las ou negá-las” (MALDONADO, 2009, p. 260). Luz considera a relação com Beto inviável não apenas por eles viverem em cidades distintas, mas pelo fato de ele ser um pescador, morar em um barco e viver de forma mais livre, enquanto ela tinha uma vida, pela visão

²⁶⁷ “guardava a secreta ambição de escrever”.

²⁶⁸ “esse relacionamento com o engenheiro de sistemas confirmou minha hipótese sobre não ser atraente sexualmente e, em compensação, ter uma grande capacidade de ouvir os outros”.

²⁶⁹ “voltei [de Conchillas] com a alma ferida de amor, mas uma vez em Montevideu e retomada minha rotina semanal, quando me lembrava de Beto entendia o quão estúpido era me relacionar com alguém tão diferente de mim. Nem ousei contar às minhas amigas, com medo de que elas zombassem da minha escolha emocional incomum. Se minha mãe soubesse, diria “você deve estar louca”, e eles estariam certos. O melhor era esquecer aqueles dias raros de luz laranja e tordos cantando nas margens do rio, e o melhor era me embriagar com atividades simples e alienantes”.

tradicional da sociedade, mais estável, já que possuía um emprego rentável, uma moradia fixa e uma rotina, que, diga-se de passagem, a entediava. Infere-se, assim, que esse seu medo de assumir o que sentia por Beto não era por ter que dar uma justificativa à família, mas a si mesma, remexendo nesses sentimentos, de variada sorte, muitas vezes doloridos, que estavam guardados no íntimo do seu ser, os quais são retratados por Maldonado (2009) como uma “revisão de si”.

Durante esse período em Montevideu, ela encontrou-se com apenas mais um homem, com quem se relacionou sexualmente, ao acaso, em uma boate. Ele lhe deu o número de seu telefone, mas ela nunca o procurou. Segundo Luz,

el lado diurno de mi persona me impide tener un hombre más joven que yo, y además tierno y lindo. O tal vez me avergonzaría de que alguien descubriera que me había relacionado con un stripper, aunque fuese por única vez. Me dije para mí: **“Luz, sos una mediocre divorciada hipócrita de la clase media. Te asusta relacionarte con los strippers y los pescadores”**²⁷⁰ (grifos meus) (CORBELLINI, 2012, pp. 122-123).

Constata-se, reiteradamente, que Luz imputa seu silenciamento sobre os relacionamentos que experencia aos outros. Entretanto, ela não era o tipo de mulher que tinha receio de enfrentar o julgamento das pessoas para poder viver da maneira que almejava, afinal, ela já havia feito isso ao se separar de Ariel. Dessa maneira, é possível que, em um primeiro momento, tenha havido, realmente, uma preocupação com o pensamento alheio, como quando estava sozinha na praia com Beto²⁷¹, por exemplo, afinal, após três anos da conclusão do divórcio, esses são seus primeiros encontros com outros homens. Para Maldonado,

muitas mulheres oscilam entre dois estereótipos – a santa e a puta -, e essa oscilação pode causar conflitos importantes após a separação. O recato e a timidez revelam o medo de “o que vão pensar de mim?”, que inibe a espontaneidade e a desenvoltura, resultando em inibição sexual pelo medo de cair na imagem oposta. Há também quem sinta medo de transar com quem não conhece direito; ou que personifique a “puta” e restrinja os relacionamentos ao nível da transa sexual, proibindo a ternura e o desenvolvimento (MALDONADO, 2009, p. 257).

Todavia, como é possível observar no trecho da obra de Corbellini destacado em negrito, seu comportamento introspectivo quanto aos homens é devido à sua própria insegurança, a qual será dissipada ao longo da narrativa, por meio da autoconfiança que

²⁷⁰ “o lado diurno da minha pessoa me impede de ter um homem mais novo que eu, e também terno e fofo. Ou talvez eu ficasse envergonhada se alguém descobrisse que eu estava envolvida com um stripper, mesmo que fosse apenas uma vez. Eu disse a mim mesma: ‘Luz, você é uma divorciada hipócrita medíocre de classe média. Você se assusta em se relacionar com strippers e pescadores’”.

²⁷¹ Ver Corbellini, 2012, p. 23.

irá obter. Além disso, seu receio em se expor não é algo que a impedirá de viver o que deseja.

Por fim, ela desistiu de encontros e, inclusive, de sair de casa. Apenas ia ao trabalho porque não havia escolha. Ela estava desgostosa de morar na capital, ao passo que, em Conchillas, sentiu-se muito feliz: “en Conchillas había sentido algo distinto, como si um pedazo de mí estuviera plantado entre los montes salvajes y aquel río oscuro”²⁷² (CORBELLINI, 2012, p. 135). No final do mês de junho, deste mesmo ano, ela decide voltar ao interior a contragosto de sua chefe/melhor amiga e também de sua mãe. Pelo fato de Conchillas se localizar perto de Colonia²⁷³, onde Luz morou durante o período em que estava casada, sua mãe lhe perguntou se não passaria por lá, pois ainda torcia pela reconciliação de sua filha, já que Ariel era um homem tão bom e que ela nunca entenderia o porquê de Luz o haver deixado. Maldonado afirma que “a mulher que é deixada muitas vezes inspira pena, compaixão, solidariedade e proteção dos familiares (...). A mulher que toma a iniciativa da separação fica, contudo, mais exposta às críticas abertas ou veladas, sendo taxadas de louca²⁷⁴, irresponsável e egoísta” (MALDONADO, 2009, p. 128). Ademais, “muitos pais expressam ressentimento e acusação ostensivamente, recusando qualquer apoio” (MALDONADO, 2009, p. 128). Sua mãe comporta-se dessa forma, rotulando-a como imprudente e assumindo uma postura de tentar promover a reconciliação. Não obstante, Luz foi bastante irônica e incisiva em sua resposta: “le aseguré que sí, que Ariel era un buen muchacho y que era verdad que yo debía haber perdido la razón cuando me divorcié de un hombre como él, pero como actualmente seguía loca, no iba a reconciliarme”²⁷⁵ (CORBELLINI, 2012, pp. 141-142). Entretanto, não pela pressão materna, ela se sentiu obrigada a passar por Colonia, porque sua mãe contou a Ariel que Cecilia iria estar nas redondezas, e ele telefonou para ela, lhe pedindo que fosse até lá, haja vista que tinha um assunto importante a ser discutido. O tema era a casa, a qual já deveria ter sido vendida, a fim de concluir a divisão de bens após o divórcio.

Consoante Maldonado, “a divisão dos bens é um processo que mobiliza forte carga emocional. É comum a mesquinharia na hora de repartir bens e objetos. (...). É um

²⁷² “em Conchillas senti algo diferente, como se um pedaço de mim estivesse plantado entre as montanhas selvagens e aquele rio escuro”.

²⁷³ Para melhor compreensão do espaço geográfico, ver mapa no Anexo II.

²⁷⁴ Ver p. 168 deste estudo.

²⁷⁵ “eu lhe assegurei que sim, Ariel era um bom rapaz e que era verdade que eu devia ter enlouquecido quando me divorciei de um homem como ele, mas como eu ainda estava louca no momento, não ia me reconciliar”.

modo de expressar raiva e ressentimento” (MALDONADO, 2009, p. 116). No entanto, Luz não agiu dessa maneira, ela simplesmente se foi e passou a aguardar, sem cobranças, a venda da casa. Porém, Ariel não quer conversar sobre tal venda, ao contrário, ele agora está vivendo com outra mulher, a qual está grávida de seis meses. Desse modo, pede a Luz que desista da venda da residência, para que sua nova família permaneça ali, e ele, com o tempo, iria juntar o dinheiro correspondente à sua parte do imóvel e lhe pagar. Ela concordou e se foi com muita pressa, porque queria chegar a Conchillas ainda no horário do almoço.

Todavia, sua urgência em ir embora não se deu unicamente por uma questão de horário, pois, por mais que nesse aspecto do divórcio ela seja muito bem resolvida, tendo em vista que em nenhum momento da narrativa demonstra arrependimento²⁷⁶ de sua decisão, é notável que ela fica abalada ao saber que Ariel será pai e que seguiu com sua vida. Esse acontecimento na vida do ex-marido irá causar uma mudança em sua forma de compreender o amor.

Desta vez, Luz decidiu não acampar, e sim alugar uma casa na região. Quando chegou, a funcionária da imobiliária mostrou-lhe a casa e, assim que ela se retirou, a narradora percebeu que não conseguia fazer o aquecedor funcionar, o que era emergencial, dado que o inverno era rigoroso. Depois de exclamar um palavrão por conta de sua frustração, Beto Kent aparece em seu lar provisório lhe prestando ajuda. Ele “encendió el fuego como por arte de magia, pasó la escoba al piso y tiró la arena afuera, sacudió las mantas, abrió las ventanas porque ‘hay que ventilar un rato’ y me invitó a comer en el Pyca²⁷⁷, mientras se caldeaba la casa”²⁷⁸ (CORBELLINI, 2012, p. 147).

Embora, por um lado, seja interessante a representação de homem que descobriu o papel da mulher no que se refere aos serviços domésticos, já que ele limpa o chão, sacode os lençóis e abre as janelas para ventilar a casa, contudo, por outro, a maneira como ele se apresenta à porta da casa de Luz, se assemelha a de um herói, um salvador, como se ela não conseguisse se ajeitar sozinha. Ele toma conta de toda a situação, tanto que é ele mesmo que fecha a casa para eles irem almoçar no restaurante que ele escolheu e que ele pagou a conta. Ademais, ao retornarem à casa de Luz, na despedida, eles

²⁷⁶ Como já explicitado anteriormente, ela já demonstrou sentir culpa pelo casamento não ter dado certo, mas arrependimento, nunca.

²⁷⁷ Nome de um restaurante.

²⁷⁸ “ele acendeu o fogo como que por mágica, passou a vassoura no chão e jogou a areia para fora, sacudiu os cobertores, abriu as janelas porque ‘temos que ventilar um pouco’ e me convidou para comer no Pyca, enquanto a casa esquentava”.

comentam sobre a festa de aniversário de 90 anos de Helga Evans, da qual quase todos da pequena cidade tinham ciência e haviam sido convidados para tal, inclusive Luz, que recebeu o convite pela funcionária da imobiliária.

Entretanto, ela, em nenhum momento, confirma presença, até porque se mostra desconfortável em ir a um evento em que não conhece ninguém, nem ao menos a aniversariante, porém, Beto diz: “ya la conocerás. Apenas anochezca **aparecé** por allí. **No vayas** demasiado tarde (...) te veo esta noche”²⁷⁹ (grifos meus) (CORBELLINI, 2012, p. 150). É perceptível por meio dos verbos conjugados no modo imperativo (em negrito no excerto) que ele não está reforçando o convite, ele está, na verdade, ordenando que ela compareça e finaliza sua fala dizendo que a verá à noite, garantindo ou reiterando a presença dela na festa, confirmando, dessa maneira, o “encontro” tanto por ele como por ela. E Luz, por sua vez, não demonstra nenhum incômodo em relação a esse comportamento manipulador. Logo, é possível afirmar que, ainda que um homem não seja físico ou verbalmente abusivo, ele pode ter essa necessidade de controle da situação. Conforme Marlise Vinagre Silva,

as representações acerca da mulher, seja na relação familiar ou na sociedade, passam pelas concepções de fragilidade, dependência e submissão, que dão ao homem o direito de tutela sobre ela. Essa situação é frequentemente posta como se fosse uma questão inerente à natureza da mulher e não fruto de uma ideologia que tende a reproduzir uma ordem social iníqua, baseadas em relações de poder contraditórias (SILVA, 1992, p. 26).

Desse modo, percebe-se que pode haver diferentes combinações de o homem manifestar dominação, tendo em vista que, no caso de Beto, como dito acima, sua expressão de controle sobre Luz não está associada a agressões físicas e verbais, entretanto, ele está exercendo o poder de macho que lhe foi concedido e validado pelo patriarcado.

1.4. Cecilia: uma cervo a menos no monte

A quarta e última parte da obra se passa em Conchillas, majoritariamente, entre os anos de 2003 e 2004. Luz afirma, no ato da escrita dessa história, em 2006, que “los acontecimientos que narraré (...) oscurecieron la belleza del misterio que yo buscaba. Tuve muy cerca de a mí una mujer joven que amaba la vida y los bienes que la vida le

²⁷⁹ “você vai conhecê-la. Assim que escurecer, apareça lá. Não vá muito tarde (...) vejo você hoje à noite”.

había ofrecido (...). Su muerte cubrió de sombras el paisaje del río”²⁸⁰ (CORBELLINI, 2012, p. 153). Isso porque a narrativa de Corbellini tem início com Luz em busca de solucionar o mistério branco, que era encontrar razão para sua própria existência, contudo, como corrobora o próprio título desse capítulo, “O mistério escuro”, ela se depara com algo horrendo, que se torna um mistério, porque ela não consegue ver sentido, muito menos aceitar o feminicídio de Cecilia.

Após essa reflexão, Luz volta à narrativa no ponto em que havia parado no capítulo anterior: no aniversário de Helga Evans. Ao chegar à festa, ela não vê Beto, no entanto, encontra aquela que se tornará uma grande amiga: “¡Vos sos la amiga de Beto! Te vi en Semana Santa, en el camping. Así que volviste. Yo soy Cecilia”²⁸¹ (CORBELLINI, 2012, p. 154). Nesse trecho, Urquiza está fazendo referência à primeira vez em que as duas se cruzaram, um dos primeiros relatos de Luz, quando ela presenciou, no *camping*, Cecilia sofrendo violência psicológica por parte de Carlos. Ainda na ausência de Beto, Cecilia se encarregou de apresentar a aniversariante à Luz. A senhora nonagenária, após os devidos cumprimentos, indagou Cecilia sobre a presença do marido. Afinal, a população da pequena cidade já estava habituada ao isolamento de Urquiza, haja vista que, a fim de manter seu controle, o qual “se situa primeiramente no registro de posse: é vigiar alguém de maneira maldosa com a ideia de dominá-lo ou dirigi-lo” (HIRIGOYEN, 2005, p. 31), Carlos não permitia que ela saísse sem a sua presença, com exceção dos trabalhos de vendas de cosméticos, de depilação e afins que ela realizava, daí o estranhamento do comparecimento de Cecilia sozinha ao festejo. Esta lhe respondeu que ele não fora à festa, porque estava de serviço com o caminhão, ou seja, como não estava na cidade, ele não tinha ciência de que Cecilia havia saído. Helga Evans, devido às ausências constantes de Carlos, diz à jovem o que pensa sobre seu marido:

pero ese hombre se pasa en el monte. Así no se puede, mi hija. Un hombre tiene que estar en el hogar también, yo no digo que no salga, pero este no para nunca. Vos no podés pasarte la vida sola, no es justo. Primero te hiciste cargo de dos hijos que no eran tuyos, ahora estás criando los que sí son tuyos. Y siempre sola. Sos bien guapa y te las sabés arreglar con la casa, con el auto, pero él debería colaborar”²⁸² (CORBELLINI, 2012, p. 157).

²⁸⁰ “os acontecimentos que vou narrar (...) obscureceram a beleza do mistério que eu procurava. Tive muito perto de mim uma jovem que amava a vida e os bens que a vida lhe oferecia (...). Sua morte cobriu de sombras a paisagem do rio”.

²⁸¹ “Você é amigo do Beto! Eu vi você na Páscoa, no acampamento. Então você voltou. Eu sou Cecilia”.

²⁸² “mas esse homem passa muito tempo no monte. Assim não pode, minha filha. Um homem tem que estar em casa também, não estou dizendo que ele não deve sair, mas esse não para nunca. Você não pode passar a vida sozinha, não é justo. Primeiro você cuidou de dois filhos que não eram seus, agora você está criando os que são seus. E sempre sozinha. Você é muito bonita e sabe lidar com a casa, com o carro, mas ele deveria colaborar”.

É importante observar que seu discurso é completamente distinto do de Chela. Ainda que a senhora Evans não aconselhe Urquiza a se separar, ela coloca em xeque os papéis femininos e masculinos impostos pela sociedade patriarcal, denunciando o fato de que Carlos Araújo não a auxilia em absolutamente nada, pois, além de se manter muito ausente de casa, não necessariamente trabalhando, mas também no bar, ele não divide os cuidados para com os filhos com ela. Outrossim, expõe o fato de que Cecilia, para mais de cuidar de sua própria prole, sendo “un perro pastor con sus hijos”²⁸³ (CORBELLINI, 2012, p. 158), pois tomava conta de ambos com muito esmero, também tratou de seus enteados, agora já adultos, sozinha. Ademais, coloca em evidência as qualidades de Cecilia, ressaltando sua beleza e seu zelo para com sua casa, mas arremata ao final que Araújo deveria colaborar. Logo, sua fala, realmente, destoa da de Chela, a qual absteve Carlos de qualquer responsabilidade, atribuindo todas elas a Cecilia, inclusive a de que Araújo se tornasse mais presente e mais tranquilo.

No meio da festa, Luz decide ir embora, pois havia bebido um pouco mais do que estava acostumada. Beto se acercou dela e lhe disse: “**pasate** al asiento del acompañante. Yo te llevo a tu casa”²⁸⁴ (grifo meu) (CORBELLINI, 2012, p. 161). Mais uma vez, ele faz uso do modo imperativo para se dirigir a Luz e tomar o controle da situação, tendo em vista que, mesmo que a narradora houvesse bebido, em nenhum momento, ela sinalizou que estava sem condições de dirigir, nem lhe pediu ajuda. Nesta noite, Beto dormiu na casa alugada de Luz, porém, em um outro quarto. Quando ela se levantou, o amigo estava preparando um mate para o café da manhã. Ele lhe perguntou se ela sabia amassar pão, ela respondeu: “Claro que no, pero sé ir a la panadería”²⁸⁵ (CORBELLINI, 2012, p. 164). Entretanto, ele contestou que não era o mesmo, lhe explicou como fazer e pediu que ela deixasse a massa descansando até que ele voltasse. “No me opuse. Podía aprender a amasar, ¿por qué no?”²⁸⁶ (CORBELLINI, 2012, p. 164). Realmente, não há problema em aprender algo novo, contudo, Beto desconsidera a praticidade de comprar o pão na padaria a fim de que ela prepare o pão em casa em sua ausência e, quando ele chegasse, colocariam os pães para assar.

Essa é mais uma situação manipulada por Beto, em que este coloca Luz “presa” ao espaço privado, pois “se espera de la mujer que se comporte de acuerdo con las pautas

²⁸³ “Um cão pastor com seus filhos”.

²⁸⁴ “passe para o banco do carona, eu te levo pra casa”.

²⁸⁵ “Claro que não, mas sei ir à padaria”.

²⁸⁶ “Não me opus. Poderia aprender a amassar. Por que não?”

femeninas”²⁸⁷ (BOSCH *et al.*, 2013, p. 16), sendo que cozinhar para o homem faz parte dessa pauta. Logo, reforço que Beto, ainda não sendo violento, no sentido físico ou verbal, a oprime pela violência psicológica, justamente, ao corroborar com esse processo de socialização que fende os papéis masculinos dos femininos. Como já abordado anteriormente (GAY, 2016); (SAFFIOTI, 1980); (MIGUEL; BIROLI, 2014); (LOURO, 2014)²⁸⁸:

la socialización diferencial entre mujeres y hombres implica la consideración social de que niños y niñas son en esencia (*por naturaleza*) diferentes y están llamados a desempeñar papeles también diferentes en su vida adulta. Así, los diferentes agentes socializadores (el sistema educativo, la familia, los medios de comunicación, el uso del lenguaje, la religión...) tienden a asociar tradicionalmente la masculinidad con el poder, la racionalidad y aspectos de la vida social pública, como el trabajo remunerado o la política (tareas productivas que responsabilizan a los varones de los bienes materiales) y la feminidad con **la pasividad**, la dependencia, la obediencia y aspectos de la vida privada, como el cuidado o la afectividad (tareas de reproducción que responsabilizan a las mujeres de los bienes emocionales). Para lograr este fin se fomentan aprendizajes diferenciados en cuanto a responsabilidades, habilidades y destrezas. Es por lo tanto un proceso que perpetúa las desigualdades entre mujeres y hombres y la división sexual del trabajo²⁸⁹ (BOSCH *et al.*, 2013, p. 14).

Passado um mês que Luz se encontrava em Conchillas, ela necessitava voltar a Montevideú, porque suas férias haviam acabado. Beto, ao vê-la fazendo as malas, lhe indagou: “¿Cuál es tu vida? (...) ¿Cuál es tu casa? (...) ¿A cuál vida querés volver?”²⁹⁰ (CORBELLINI, 2012, p. 166). A narradora ficou muito irritada com tais perguntas, dizendo que “era una mujer independiente, de las que saben tomar sus propias decisiones, sin necesidad de que ningún pescador (...) se tomara atribuciones por [su] persona”²⁹¹ (CORBELLINI, 2012, p. 166). Ao que parece, Luz vive uma experiência dialética com

²⁸⁷ “espera-se que a mulher se comporte de acordo com os padrões femininos”.

²⁸⁸ Ver páginas 35, 41, 130 e 148, deste estudo, respectivamente.

²⁸⁹ “a socialização diferencial entre mulheres e homens implica a consideração social de que meninos e meninas são essencialmente (por natureza) diferentes e são chamados a desempenhar papéis diferentes em suas vidas adultas. Assim, os diferentes agentes socializadores (o sistema educacional, a família, a mídia, o uso da linguagem, a religião...) tendem a associar tradicionalmente a masculinidade com o poder, com a racionalidade e com aspectos da vida social pública, como o trabalho remunerado e a política (tarefas produtivas que responsabilizam os homens pelos bens materiais) e a feminilidade com passividade, dependência, obediência e aspectos da vida privada, como cuidado ou afeto (tarefas de reprodução que responsabilizam as mulheres pelos bens emocionais). Para atingir este objetivo, promove-se uma aprendizagem diferenciada em termos de responsabilidades, capacidades e competências. Trata-se, portanto, de um processo que perpetua as desigualdades entre mulheres e homens e a divisão sexual do trabalho”.

²⁹⁰ “Qual é a sua vida? Qual é a sua casa? À qual vida quer voltar?”.

²⁹¹ “era uma mulher independente, daquelas que sabem tomar suas próprias decisões, sem a necessidade de nenhum pescador (...) tomasse atribuições pela sua pessoa”.

essa independência e tomadas de decisões, porque, como já explicitado, ela pouco demonstrou suas vontades a Beto, permitindo que ele tomasse o controle dos acontecimentos em determinados momentos, ainda que ela fosse, realmente, independente financeiramente e em suas escolhas, como se separar, viajar sozinha, contrariar a opinião de sua mãe... Entretanto, essa emancipação de Luz é relativa, pois, quando se trata de Beto, como demonstrado, ou mesmo de Ariel, essa sua determinação é fortuita.

Vale lembrar o quão contrariada ela ficou ao saber que o ex-marido havia construído uma família após o divórcio, mas ela não, tanto que se questiona “de pronto me encontré preguntándome por qué Ariel había sido capaz de formar una familia y yo no. Casi todas las mujeres y casi todos los hombres organizan una familia y habitan un hogar”²⁹² (CORBELLINI, 2012, p. 167). Logo, Luz, embora tivesse ficado insegura quanto a si mesma no que tange a relacionamentos e apresentado um certo receio de que as pessoas a vissem com outros homens, não apresentava vínculos com o amor romântico e seus mitos, porém, após tomar conhecimento do novo arranjo familiar do ex-marido, ela passa a apresentar uma associação com o mito do amor romântico no que se refere à crença da formatação e estabilidade da instituição família. Segundo Maria José de Mattos Taube,

muito embora os regimes matrimoniais tenham mudado sensivelmente, desde os tempos da instituição casamento até os dias de hoje, muitos desses ideais, enquanto um sistema de valores, têm se mantido, assim como seus rituais, fazendo com que homens e mulheres ainda sonhem com figuras idealizadas de noivo e noiva, de pai e mãe, em que os indivíduos de uma sociedade desenvolvam um sentimento de pertencimento que os prepara para a adequação à vida comunitária, social. Através da família (e do matrimônio), célula-máter da sociedade, sedimenta-se o pacto social, as normas e regras que estabelecem a convivência numa ordem social (TAUBE, 1992, pp. 33-34)

Dessa maneira, Luz parece almejar se estabelecer na ordem social por meio de um casamento ou algo que o valha, por essa razão age com muita tolerância quanto aos discursos dominadores de Beto, tanto que, por acreditar que havia sido rude com ele, ela o procura em sua embarcação ancorada para pedir-lhe desculpas, demonstrando uma das características descritas por Bosch (2013), em negrito no excerto, transcrito anteriormente, que é associada às mulheres, a fragilidade. Nessa nova conversa, Beto lhe faz uma outra pergunta: ele queria saber por que Luz nunca teve filhos. Ela respondeu que “aquel buen muchacho que era mi exmarido nunca había deseado la procreación.

²⁹² “de repente me peguei me perguntando por que Ariel foi capaz de começar uma família e eu não. Quase todas as mulheres e quase todos os homens organizam uma família e vivem em uma casa”.

Pasados dos años de matrimonio yo le había planteado que dejaría de tomar los anticonceptivos, pero él no estuvo de acuerdo”²⁹³ (CORBELLINI, 2012, p. 168).

Na opinião de Beto, eram as mulheres que tomavam essa decisão de ter filhos. Tal afirmativa pode ser lida como um posicionamento favorável por parte de Beto em relação à mulher, lhe “concedendo” o poder de escolha quanto à maternidade, mas sem descartá-la. Contudo, é relevante ressaltar que para Bosch “la maternalización²⁹⁴ induce a la mujer a dar prioridad al cuidado de otras personas (hijos/as, familiares...), promoviendo que ella no tenga en cuenta su propio desarrollo personal o laboral”²⁹⁵ (BOSCH, 2007, p. 16). Entretanto, Luz reforça que com ela não foi dessa forma e que sua “maternidad quedaba reducida a un juego de muñecas en la infancia”²⁹⁶ (CORBELLINI, 2012, p. 168). Em razão disso, ela chorou, demonstrando uma romantização quanto à maternidade, reiterando a ideia de que as mulheres são socializadas para a reprodução, desde crianças, para serem mães, como a própria Luz, que brincava com suas bonecas como se fossem suas filhas, considerando, desse modo, que “su plenitud y satisfacción sólo puede alcanzarse a través de la maternidad”²⁹⁷ (BOSCH *et al.*, 2013, p. 22). Diante disso, ainda que Luz tenha aceitado a decisão de Ariel de não terem filhos, ela manifesta uma clara frustração em não ter sido mãe. Esse comportamento difere do de Bela, do romance *Meu marido*, tendo em vista que nessa dinâmica matrimonial quem queria ter filhos era Eduardo, para poder comprovar sua virilidade, não sua esposa, a qual não externa nenhum interesse em ter filhos. Todavia, concorda com a gravidez para satisfazer o desejo do seu marido.

Ao fim dessa conversa, Beto lhe faz uma última pergunta: “¿No te parece que tu hogar puede estar aquí, en Conchillas, **junto a mí?**”²⁹⁸ (grifo meu) (CORBELLINI, 2012, p. 169). Essa proposta de Beto é inusitada, pois eles não possuíam um relacionamento amoroso para que ele lhe propusesse ficar em Conchillas por ele ou com ele. Nesse caso, evidentemente, quanto a Beto, não se pode falar em mito do amor, já que ele não exterioriza em nenhum momento da narrativa que estava, ao menos, apaixonado por Luz, lhe causando, inclusive, dúvidas sobre os sentimentos deste quanto a ela, no início do

²⁹³ “aquele bom rapaz que era meu ex-marido nunca desejou a procriação. Depois de dois anos de casamento eu havia sugerido que parasse de tomar anticoncepcionais, mas ele não concordou”.

²⁹⁴ Considerada pela autora um micromachismo.

²⁹⁵ “a maternalização induz a mulher a priorizar o cuidado de outras pessoas (filhos, parentes...), fazendo com que elas não levem em consideração seu próprio desenvolvimento pessoal ou laboral”.

²⁹⁶ “maternidade ficou reduzida a um jogo de bonecas na infância”.

²⁹⁷ “sua plenitude e satisfação só pode ser alcançada por meio da maternidade”.

²⁹⁸ “Você não acha que seu lar pode estar aqui, em Conchillas, junto a mim?”.

enredo (CORBELLINI, 2012, p. 32). Uma possibilidade de interpretação é que o sentimento de Beto fosse o “amor sociable o de compañeros/as, que incluye intimidad pero sin pasión”²⁹⁹ (BOSCH, 2013, p. 40), além de carinho e compromisso com o outro. Logo, configurar-se-ia óbvio que Luz o questionasse sobre tais sentimentos frente ao inesperado pedido e mencionasse a não existência de um relacionamento que justificasse sua presença ali, por ele.

Contudo, o que ela responde é que, por mais que goste do lugar e da casa, não seria possível, haja vista que ela necessitava trabalhar, ou seja, não há nenhuma menção da narradora sobre uma possível relação amorosa. Para a questão econômica, Beto tinha uma solução, ele a sustentaria, isto é, cumpriria sua função masculina de provedor. Luz não aceita de imediato, argumentando que desde que se tornou maior de idade era independente financeiramente. Porém, ele, em forma de contra-argumento, lhe propõe uma troca: “vos me prestás la camioneta a cambio de techo y comida”³⁰⁰ (CORBELLINI, 2012, p. 170), acrescentando uma condição, a de ir viver com ela. Isso significa que ele exige que ambos passem a morar juntos, e ela aceita esse rompante de proposta/imposição, sem mais delongas. Assim, neste mesmo dia, eles se beijam e se relacionam sexualmente pela primeira vez, “consumando tal relação” e passando a dividir a mesma casa, com Luz renunciando à sua quista independência financeira, pois ela nem cogita a hipótese de arrumar um emprego em Conchillas, passando a ser sustentada pelo seu companheiro. Uma possibilidade para entender a atitude de Luz em ter concordado com os planos de Beto é que

o amor romântico pode não ser a última e melhor maneira de se escolher um parceiro, mas é a única que se dispõe o homem moderno (...) a despeito de suas tolices e desilusões, divórcios e infelicidades, todos supostamente tidos como consequências do amor romântico, sem ele o homem e a mulher moderna não encontrariam um no outro aquela única, frágil e difícil mistura de protetor e protegido, pais e filhos, conforto e tentação, amigo e amante que é atualmente implícita na palavra marido e mulher” (HUNT, 1959, p. 131 *apud* COSTA, 1999, p. 151).

Em virtude disso, Luz, após a desilusão demonstrada por ela com o fato de Ariel ter encontrado alguém e construído uma nova família, enquanto ela não, reestabelece sua vida, três anos depois do divórcio, desvendando, desse modo, os seus mistérios branco e azul, que eram, respectivamente, sua busca do seu próprio eu e de alguém que a notasse, em virtude de que não queria estar sozinha, mas sim ao lado de alguém. Logo, Beto foi a solução para esses seus dois enigmas pessoais.

²⁹⁹ “amor social ou de companheiros/as, que inclui intimidade, mas sem paixão”.

³⁰⁰ “você me empresta a caminhonete em troca de teto e comida”.

Assim que decidiu ficar na cidade, as pessoas passaram a comentar: “la ex del veterinario Bonjour ahora vivía con el Beto Kent. ¿Qué clase de mujer sería?”³⁰¹ (CORBELLINI, 2012, p. 181). Percebe-se que ela ainda não era reconhecida em Conchillas por sua própria identidade, Luz Abat, e sim como a ex-mulher do veterinário Bonjour. No entanto, ela não demonstra aquele incômodo do início da narrativa com o julgamento alheio, pois os discursos do amor romântico “buscam organizar os afetos em regimes de estabilidade e pacotes de satisfação e felicidade” (TIMM; PEREIRA, 2020, p. 24). Em vista disso, como ela estava se sentindo completa e feliz ao lado de Beto, a opinião dos cidadãos não lhe interessava mais. Nesse prisma, a pessoa que mais a apoiou e a acolheu na cidade foi Cecilia. Luz a via frequentemente, tanto em razão da amizade como para obter seus serviços, pois Urquiza havia montado em sua casa um salão de beleza improvisado, contudo, adequado às clientes. Em um determinado dia, a narradora foi à casa da amiga, onde também se encontrava Amparo, com o intuito de se depilar. Nessa ocasião, Luz escutou uma conversa de Cecilia ao telefone, a qual iria começar a formar na cabeça da narradora a situação de abuso constante em que Cecilia vivia, comprovando sua intuição de que ela era uma mulher vítima de violência doméstica desde que a viu, no acampamento, na sua primeira visita a Conchillas, quando observou como Carlos a tratava. Cecilia diz a sua tia Alicia, por telefone: “no puedo ir sola a Colonia, nunca me deja. Es muy celoso”³⁰² (CORBELLINI, 2012, p. 182). Consoante Bosch, esse tipo de ciúmes, apresentado por Carlos, seria o patológico, o qual é

un trastorno en el que la persona tiene una creencia irracional (no hay evidencia alguna que la sustente pero la persona mantiene esa creencia, por lo que hablamos de creencia irracional) en que su pareja es o le será infiel y presenta respuestas emocionales (miedo, ansiedad, ira...), cognitivas (pensamientos intrusivos y recurrentes sobre dónde o con quién está la pareja) y conductuales (acusaciones verbales, interrogatorios, correspondencia, espionaje...) consecuentes con esa creencia³⁰³ (BOSCH *et al.*, 2013, p. 75).

Cecilia conversava sobre sua vida pessoal com Amparo sem se preocupar com a presença de Luz. Dessa forma, a narradora escutou outros lamentos, ademais do ciúme patológico, da depiladora em relação a seu marido. Quando chegou em casa, pediu a Beto que lhe desse mais informações sobre Cecilia; e Carlos e, logo, percebeu que o

³⁰¹ “a ex do veterinário Bonjour agora morava com Beto Kent. Que tipo de mulher seria?”.

³⁰² “não posso ir sozinha a Colonia, nunca me deixa. É muito ciumento”.

³⁰³ “um transtorno em que a pessoa tem uma crença irracional (não há evidências para apoiá-la, mas a pessoa mantém essa crença, razão pela qual falamos de uma crença irracional) de que seu parceiro é ou será infiel e apresenta respostas emocionais (medo, ansiedade, raiva...), cognitivas (pensamentos intrusivos e recorrentes sobre onde ou com quem o parceiro está) e comportamental (acusações verbais, interrogatórios, correspondência, espionagem...) consistentes com essa crença”.

companheiro não gostava do marido de Cecília e que sua amiga realmente estava em uma relação abusiva:

-Antes ya tuvo otra mujer y dos hijos, y la mujer lo dejó. A la gente le gusta hablar sin saber, así es que la culpan, imaginan que se gana la vida por las whiskerías de la ruta. Pero la verdad es que nada de aquí le volvió a ver. Alguien se la cruzó en Montevideo, ella no quiso dar información. Creo que todavía tiene miedo que Araújo la encuentre. Después él se casó con Cecilia. El padre y la madre de Cecilia eran oriundos de aquí, gente respetable, de trabajo. Nadie se explica lo qué vio la muchacha para casarse con él. Pero yo creo que lo entiendo, lo he visto hablarle a las mujeres: **es un encantador de serpientes. Simpático** (...).

Lo expliqué que me preocupaba como la muchacha me parecía amorosa, y por lo que había oído, no estaba satisfecha con su matrimonio. Él, con la misma expresión de disgusto, declaró:

-¡Cómo va a estar contenta a Cecilia! Él tipo se pasa en los quilombos. Le gusta todo lo que un hombre lo aleja del hogar: la vida nocturna, las prostitutas (...). Debería echar a ese tipo de la casa.

La historia de Cecilia me inquietaba. Le imaginé ligada a aquel hombre como si fuese la soga del ahorcado (...). Tal vez Cecilia no supiera cómo arrancarlo de su vida³⁰⁴ (grifos meus) (CORBELLINI, 2012, pp. 187-188).

O relato de Beto demonstra que ele desconfiava que a história contada por Araújo, de que a mulher se fora para prostituir-se era falsa, pois ele tinha ciência do comportamento agressivo de Carlos, o que o faz inferir que a mulher fugiu por medo dele. Contudo, ele afirma, no trecho em negrito, que Araújo é um “encantador de serpentes”, corroborando a tese de Walker (1979)³⁰⁵ de que o homem agressor é dissimulado quando é do seu interesse. Consoante, Miguel Lorente Acosta, “es por eso que la mayoría de los agresores desarrollan habilidades especiales a la hora de relacionarse fuera de hogar”³⁰⁶ (ACOSTA, 2001, p. 149). E, ainda segundo Acosta, quando os vizinhos escutam “gritos, ruidos o peleas (...) son consideradas como ‘lo normal dentro del matrimonio’”³⁰⁷ (ACOSTA, 2001, p. 149).

³⁰⁴ “- Antes ele já tinha outra mulher e dois filhos, e a mulher o deixou. As pessoas gostam de falar sem saber, então a culpam, imaginam que ela ganha a vida nos bares de uísque da estrada. Mas a verdade é que ninguém aqui nunca mais a viu. Alguém cruzou com ela em Montevideú, ela não quis dar informações. Acho que ela ainda tem medo de que Araújo a encontre. Mais tarde casou-se com Cecilia. O pai e a mãe de Cecilia eram daqui, gente respeitável, gente trabalhadora. Ninguém explica o que a garota viu para se casar com ele. Mas acho que entendi, já o vi falar com mulheres: ele é um encantador de serpentes. Simpático (...).

Expliquei que estava preocupada com o quão amorosa a moça parecia para mim e, pelo que eu tinha ouvido, ela não estava satisfeita com seu casamento. Ele, com a mesma expressão de desgosto, declarou:

- Como Cecilia ficará feliz! O cara não sai dos prostíbulos. Ele gosta de tudo que afasta um homem de casa: vida noturna, prostitutas (...). Ela deveria expulsar esse cara de casa.

A história de Cecilia me perturbou. Eu a imaginava amarrada àquele homem como se fosse um laço de carrasco (...). Talvez Cecilia não soubesse arrancá-lo de sua vida”.

³⁰⁵ Ver p. 98 deste estudo.

³⁰⁶ “por isso, a maioria dos agressores desenvolve habilidades especiais na hora de se relacionar fora de casa”.

³⁰⁷ “gritos, barulhos ou brigas (...) são considerados como ‘o normal dentro do casamento’”.

Dessa maneira, ninguém interfere na relação e o agressor fica ileso. Embora soubesse da camuflagem da personalidade de Carlos e acreditasse que o melhor para Cecília seria a separação, já que, além das agressões, ele era um homem boêmio que a traía com frequência, ele não esboça sua opinião à Urquiza, da mesma maneira que Luz, ainda que também acreditasse que a vontade da amiga fosse a de se separar do marido. Nesse prisma, fica claro, uma vez mais, a dificuldade de “romper as barreiras do silêncio e da cumplicidade diante desse fenômeno” (SILVA, 1992, p. 172) de “meter a colher” no relacionamento de terceiros, visto que as pessoas próximas à vítima de violência doméstica não se atrevem a intervir, ou ao menos, envolver-se, na relação matrimonial do outro.

Em 2003, Alvarito, o filho caçula de Cecília fez 8 anos. Luz e Beto ajudaram na preparação da festa, enquanto Carlos não havia auxiliado na organização, nem comparecido ao festejo, de início. A narradora, ao adentrar a casa, olhou em direção ao dormitório do casal e lhe pareceu que havia muitas coisas fora do lugar. Cecília percebeu que Luz havia visto a bagunça do quarto e pediu desculpas pela desordem:

- No tuve tiempo... – Me pareció que mentía, que algo más había sucedido. Se sentó a mi lado. Respiraba una profunda tristeza.
- ¿Estás triste porque tu marido no llegó? –le pregunté con suavidad.
-No, no es eso. Estoy preocupada porque últimamente discutimos mucho y él se enfurece.
Se levantó el flequillo de la frente, tenía un gran chichón amoratado.
-Cecilia, es muy grave. He visto otros casos como este en mi trabajo. Tenés que denunciarlo a la policía³⁰⁸.
-No, él no quiso golpearme. Se enojó conmigo y me empujó. Me di contra la pared, pero él no tuvo la intención de que pasara esto. Supongo que por eso se fue y no ha vuelto. Está avergonzado.
Yo no tenía palabras para esa explicación, tan parecida a otras que había escuchado en el estudio jurídico. Por lo tanto no insistí.³⁰⁹ (CORBELLINI, 2012, p. 190).

Percebe-se que a briga foi tão violenta que Luz pôde ver como o quarto ficou uma desordem. Ademais, Cecília tinha um grande machucado inchado na testa, o qual estava

³⁰⁸ No Uruguai existe a Lei 17.514/2002, também chamada de *Lei da Violência Doméstica*, que equivale, no Brasil, à *Lei Maria da Penha*, ainda que não sejam idênticas.

³⁰⁹ “- Eu não tive tempo... - Pareceu-me que ela estava mentindo, que outra coisa havia acontecido. Ela se sentou ao meu lado. Respirava uma profunda tristeza.

- Você está triste porque seu marido não veio? -Eu perguntei gentilmente.

- Não, não é isso. Estou preocupada porque temos discutido muito ultimamente e ele fica bravo.

Ela levantou a franja da testa, ela tinha uma grande contusão.

- Cecilia, é muito sério. Já vi outros casos como este no meu trabalho. Você tem que denunciá-lo à polícia.

- Não, ele não queria me bater. Ele ficou bravo comigo e me empurrou. Eu bati na parede, mas ele não queria que isso acontecesse. Acho que foi por isso que ele saiu e não voltou. Ele está envergonhado.

Eu não tinha palavras para essa explicação, tão parecida com outras que eu tinha ouvido no escritório de advocacia. Por isso não insisti”.

encoberto pela franja, mas que ela mostrou à amiga. Contudo, ela tenta minimizar a agressão do marido, dizendo que foi um acidente, já que ele “apenas” a empurrou, sem intenção de feri-la, porém, ela acabou batendo o rosto contra a parede. Segundo Bandeira e Thurler, “a intenção da marca é, no geral, para reafirmar quem tem a autoridade e o comando na relação familiar, na comunidade conjugal, confirmando a delimitação dos papéis de cada um” (BANDEIRA; THURLER, 2009, p. 163).

Assim, ao minimizar a agressão, é possível observar, portanto, que “nessa dinâmica se estabelece uma sorte de “jogo de aposta”, isto é, tais ações de violência, com o tempo, levam a mulher a incorporá-las como normal” (BANDEIRA; THURLER, 2009, p. 164), ocorrendo, desse modo, uma naturalização dessa violência³¹⁰ por parte de Cecília, como ratifica Hirigoyen, afirmando que “se as mulheres suportam tantos maus-tratos, é porque foram postas sob opressão e ficaram condicionadas” (HIRIGOYEN, 2005, p. 99). Dessa maneira, “há explicações conscientes ou inconscientes que, para ela, justificam sua submissão ao abuso constante” (MILLER, 1999, p. 123). Além disso, ela associa a ausência de Araújo na festa de aniversário do próprio filho por estar arrependido e envergonhado do que aconteceu, o que não é verdade, como veremos a seguir. Entretanto, pela primeira vez, durante toda a narrativa, alguém dá um conselho à Cecília no sentido de que ela se livre da violência doméstica, pois Luz lhe sugere denunciar Carlos à polícia, todavia, frente à negativa de Cecília, ela não insistiu. Conforme Acosta,

la mujer permanece unida a su agresor por una especie de gomas elásticas gigantes. Cuando intenta terminar la relación y se aleja de él, la goma se va estirando hasta llegar, incluso, a un punto cercano a la ruptura, pero resulta muy difícil de superar, y cuanto más se aleja mayor es la tensión para hacerla volver. Para una persona debilitada físicamente, anulada psíquicamente y temerosa de dar los pasos será muy difícil lograr escapar de estos lazos; necesita la ayuda de otras o de los mecanismos sociales que actúen como tijeras que permita liberarla cortando las gomas o lazos traumáticos³¹¹ (ACOSTA, 2001, pp. 186-187).

Já se sabe da importância de uma intervenção externa (SAFFIOTI, 1999)³¹² para que a vítima de violência doméstica consiga colocar um ponto final na relação. Logo, era vital que Luz insistisse em sua ideia de denunciá-lo às autoridades competentes e tentasse

³¹⁰Sobre a naturalização da violência, ver SHOWALTER (1989); MIGUEL; BIROLI (2014); BOURDIEU (2016), na p. 14 deste estudo.

³¹¹ “a mulher permanece presa ao agressor por uma espécie de elásticos gigantes. Quando ela tenta terminar o relacionamento e se afasta dele, a borracha é esticada até chegar a um ponto próximo de romper, mas é muito difícil superar, e quanto mais ela se afasta, maior a tensão para fazê-la voltar. Para uma pessoa debilitada fisicamente, anulada psiquicamente e com medo de dar os passos, será muito difícil escapar desses vínculos; precisa da ajuda de outros ou de mecanismos sociais que ajam como tesouras que permitam que ela seja libertada cortando os elásticos ou laços traumáticos”.

³¹² Ver p. 85 deste estudo.

persuadir a amiga, no intuito de romper com essa cola, metaforizada por Acosta, a fim de que ela escapasse da violência conjugal que sofria, a qual agora não era mais apenas uma suspeita, era um fato, estava estampada em seu rosto. Sabe-se que

múltiples estudios han demostrado que hay razones socioculturales que hacen que la mujer permanezca en ese tipo de relación, incluyendo la falta de alternativas, el temor a la desaprobación de familiares y amigos, la preocupación por la pérdida de sus hijos y hogar, y el miedo a las represalias del agresor³¹³ (ACOSTA, 2001, pp. 184-185).

Porém, pelo contexto da narrativa, não há como assegurar a razão de Cecilia haver apresentado um desinteresse em denunciá-lo, seguindo, assim, o conselho de Luz. Para Silva,

a mulher [agredida] não é estimulada a denunciar e quando o faz é considerável o índice de arrependimento, quer porque não se vê apoiada na sua iniciativa, quer porque é responsabilizada pelo crime de que foi vítima, quer ainda porque sofre pressões do agressor, ou porque não há respaldo no nível da sociedade para levar avante seu intento. Além disso, há toda a ambiguidade da sua socialização que faz sentir-se culpada e querer justificar a situação que vivencia (SILVA, 1992, p. 68).

Desse modo, embora Cecilia recebesse o apoio da amiga, não há como afirmar com precisão o porquê de ela não ter feito a denúncia, pode ter sido por medo de uma represália de Araújo, por vergonha de se assumir frente à sociedade de Conchillas que era uma vítima de violência doméstica, ainda que as pessoas que ali moravam já soubessem disso, para não expor os filhos ou por qualquer outro motivo elencado por Silva (1992) e Acosta (2001).

No final da comemoração, Carlos chegou, como se nada tivesse acontecido, sem pedir desculpas à mulher ou esboçar qualquer tipo de culpa pelo espancamento. Ao recordarmos as três fases do ciclo da violência (WALKER, 1979)³¹⁴, o aumento da tensão, o ato de violência em si e a lua de mel, a qual se caracteriza pelo arrependimento do agressor somado ao comportamento carinhoso, percebe-se que, na dinâmica conjugal violenta na qual Cecilia está inserida, não há a terceira etapa, pois Araújo nunca lhe pede desculpas, nem demonstra arrependimento ou carinho.

Ao fazer uma tipologia dos agressores de mulheres, Marie-France Hirigoyen caracteriza esse tipo de agressor, o que não se arrepende, como aquele que possui personalidade antissocial ou psicopática, pois esses homens “se apresentam como duros

³¹³ “vários estudos mostraram que existem razões socioculturais para as mulheres permanecerem em tal relacionamento, incluindo falta de alternativas, medo da desaprovação da família e amigos, preocupação em perder os filhos e a casa e medo da retaliação do agressor”.

³¹⁴ Ver pp. 95-96 deste estudo.

(...) [são] os mais fortes. Desconfiam das próprias emoções: para eles, os sentimentos ternos ou calorosos são sinais de fraqueza” (HIRIGOYEN, 2005, p. 141). Dessa forma, Araújo não manifesta nenhum remorso frente às suas atitudes violentas, mas sim uma desconsideração em relação à mulher, permutando apenas pelas primeira e segunda fases do ciclo de violência, o qual segue ocorrendo pelos motivos mais banais.

Os sobrinhos de Luz, filhos de seu único irmão, foram passar as férias de primavera com ela, em Conchillas. Certo dia, ela os levou para conhecer Cecilia e sua prole. A narradora percebeu que a amiga estava com olheiras e esta acabou desabafando: “Duermo poco y mal. Quiero que él [Carlos] se vaya, pero me da pena (...), él no quiere salir de aquí (...). Voy a esperar que esté mejor³¹⁵ para pedirle otra vez que se vaya. Tendrá que buscar donde vivir. Supongo pe puede volver a lo de su madre”³¹⁶ (CORBELLINI, 2012, p. 197). Logo, Cecilia permite que ele fique na casa por mais uns dias, porém sua decisão já estava tomada, iria se separar.

Ao final das férias dos sobrinhos de Luz, esta foi levá-los à estação de ônibus em Carmelo, para que voltassem a Montevideú. Este local serviu de gatilho para que ela se lembrasse de algo que se passou em 1988, quando ainda era noiva de Ariel:

en esa misma agencia [de ônibus], quince años atrás, una mujer entró corriendo. Estaba asustada. Se encerró en el baño. Enseguida apareció un hombre en el local. Venía agitado y con el rostro desencajado. Nos miró a todos con furia. La buscaba, era evidente. Observó la puerta del baño y golpeó. Nadie le respondió. Volvió a insistir una y otra vez. Los golpes fueron cada vez más intensos (...). Un funcionario (...) pidió al hombre que no siguiera golpeando. El sujeto resoplaba ira. Salió a la calle, atropellando a quien estaba en el paso. Cuando el ómnibus con destino a Montevideo arrancó (...) la mujer seguía encerrada en el baño. Ella había sido la primera mujer de Araújo. La cara y la furia del hombre habían permanecido guardadas en un arcón antiguo de mi memoria³¹⁷ (CORBELLINI, 2012, p. 198).

Essa recordação da própria narradora certifica a suspeita de Beto de que a ex-esposa de Carlos se foi devido às agressões, e não para se prostituir, comprovando que ele era um homem de alta periculosidade. No entanto, embora essa memória fosse fulcral

³¹⁵ Segundo Cecilia, ele estava estarecido com a notícia de que ela queria se separar, pois ele nunca imaginou que a mulher o deixaria.

³¹⁶ “Durmo pouco e mal. Eu quero que ele [Carlos] saia, mas sinto pena (...), ele não quer sair daqui (...). Vou esperar até que esteja melhor lhe pedir de novo que vá embora. Ele terá que encontrar um lugar para morar. Acho que ele pode voltar para a casa de sua mãe”.

³¹⁷ “nessa mesma agência [de ônibus], quinze anos atrás, uma mulher entrou correndo. Estava assustada. Ele se trancou no banheiro. Imediatamente um homem apareceu no local. Ele estava agitado e com o rosto contorcido. Ele olhou para todos nós com fúria. Ele estava procurando por ela, era óbvio. Ele olhou para a porta do banheiro e bateu. Ninguém lhe respondeu. Ele insistiu de novo e de novo. Os golpes eram cada vez mais intensos (...). Um funcionário (...) pediu ao homem que parasse de bater. O sujeito bufou de raiva. Ele saiu para a rua, atropelando quem estava no caminho. Quando o ônibus para Montevideú partiu (...) a mulher ainda estava trancada no banheiro. Ela tinha sido a primeira esposa de Araújo. O rosto e a fúria do homem permaneceram guardados em um antigo baú de minha memória”.

para que Cecília tomasse todas as precauções possíveis e necessárias no que tange a Carlos, Luz não menciona nada desse acontecimento para Urquiza, nem para ninguém, se voltando para um silêncio cúmplice (ANGELIM, 2009); (BOSCH, 2007)³¹⁸, que, de alguma maneira, vai resultar no feminicídio de Cecília. Ademais, é crítico que ela se mantenha calada, tendo em vista que Luz sabia do interesse da amiga na separação e que esta só não havia ocorrido, porque ela estava preocupada em pedir que Carlos se fosse, naquele estado de estupefação. Entretanto, ela deveria estar preocupada com ela mesma, haja vista que, como Carlos não aceitaria ser rejeitado, ele ficaria ainda mais perigoso. Segundo Saffioti,

como o território humano não é meramente físico, mas também simbólico, o homem, considerado todo-poderoso, não se conforma em ter sido preterido por outro por sua mulher, nem se conforma quando sua mulher o abandona por não mais suportar seus maus-tratos. Qualquer que seja a razão do rompimento da relação, quando a iniciativa é da mulher, isso constitui uma afronta para ele. Na condição de macho dominador, não pode admitir tal ocorrência, podendo chegar a extremos de crueldade (SAFFIOTI, 2015, p. 65).

Araújo, nessa condição de “macho dominador”, não aceitou o abandono/a fuga de sua ex-mulher, perseguindo-a até quase alcançá-la. E, com o abandono de Cecília, ele se comportará praticamente da mesma forma, como veremos posteriormente. Vale lembrar aqui da reação de Sandro ao ser deixado por Anna, em *Minhas vizinhas*, de como ele fica possesso e perigoso com as negativas de reconciliação da ex-mulher. Saffioti (1999)³¹⁹ alerta que é neste período de separação e rejeição que as chances de um feminicídio ocorrer aumentam consideravelmente.

Quinze dias depois da festa de aniversário de Alvarito, Luz foi até o salão de Cecília para pintar os cabelos. Contudo,

esa tarde estaba nerviosa. Se notaba que había tenido otra pelea. Supuse que había llorado porque tenía el rostro hinchado y pálido. En voz muy baja me dijo:
-Se había puesto furioso, que rompió el mármol de la mesita de un golpe. Le dije que juntara sus cosas y se fuera (...). Al rato llegó la infaltable Amparo (...). Cecilia le pidió que nunca se olvidara de la promesa que había hecho (...). Me prometiste ocuparte de mis hijos si alguna vez yo faltó.
- ¿Pero estás loca? ¿Qué querés decir con que vas a faltar? Si vos va a pasar los noventa como la tía Helga. Verás crecer nietos y bisnietos.
-Deus te oiga. Puede ser, pero no sé.
Aquella era una historia muy triste, pero me pareció positivo que ella hubiese decidido separarse de un hombre que hacía daño, y se lo dije.

³¹⁸ Ver pp. 153 e 156, deste estudo, respectivamente.

³¹⁹ Ver p. 127 deste estudo.

-Dentro de un tiempo, cuando te liberes por completo de él, te sentirás feliz³²⁰ (CORBELLINI, 2012, pp. 198-199).

Urquiza cansou-se da violência do marido e, por ela mesma, decidiu se separar. Entretanto, ela não foi embora da cidade, pois não tinha condições financeiras de prover o sustento de sua família sozinha, longe de Conchillas, nem optou por buscar nenhum tipo de proteção judicial. Sobre essa questão, Renata Bravo afirma que

ocorre que as referidas medidas protetivas e o maior rigor na instituição criminal e no apenamento dos agressores, quando os processos criminais ensejam uma condenação, não estão sendo suficientes para, de forma isolada, impedir que as mulheres continuem sendo ameaçadas, agredidas fisicamente e, por fim, mortas em relações domésticas e familiares (BRAVO, 2019, p. 03).

Cecilia não explicita o porquê de não requerer auxílio judicial, mesmo temendo pela sua vida, como fica claro no excerto da narrativa de Corbellini anteriormente transcrito, pois, quando ela ratifica o pedido feito a Amparo de que se algo lhe ocorrer que a amiga cuidasse de seus filhos, é porque ela temia pela própria vida, haja vista que ela sabia, por conta de todas as agressões sofridas ao longo do casamento, que Araújo era um homem extremamente violento. Luz, ao contrário, estava otimista, acreditando que ele iria se acalmar, contudo, levando em consideração sua experiência no trabalho com mulheres vítimas de violência doméstica e sabendo como Carlos reagiu à fuga de sua ex-mulher, ela estava sendo bastante ingênua e até negligente com a amiga ao não contar tudo que sabia e, assim, aconselhá-la e orientá-la.

Carlos, finalmente, saiu do domicílio, porém, seguia reaparecendo na casa de Cecilia³²¹. Desta vez, apareceu bêbado, dizendo que havia visto o demônio e que este queria levá-lo para o inferno. Cecilia, sem saber o que fazer, pediu a Beto e Luz que fossem até lá. Ela explicou que não tinha como deixá-lo para fora de casa, visto seu estado de bebedeira e desorientação. Todavia, Luz diz que: “yo le lancé una mirada de reproche,

³²⁰ “essa tarde estava nervosa. Era óbvio que ela teve outra briga. Presumi que ela havia chorado porque seu rosto estava inchado e pálido. Em voz muito baixa, ela me disse:

-Ele ficou tão furioso que quebrou o mármore da mesinha com um golpe. Eu disse para ele pegar suas coisas e ir embora (...). Depois de um tempo chegou Amparo (...). Cecilia pediu que ela nunca esquecesse a promessa que fizera (...). Você me prometeu cuidar dos meus filhos na minha falta.

-Mas você está louca? O que você quer dizer com ‘na sua falta’? Você vai passar os noventa anos como a tia Helga. Você verá netos e bisnetos crescerem.

-Deus te ouça. Pode ser, mas não sei.

Essa foi uma história muito triste, mas me pareceu positivo que ela tivesse decidido se separar de um homem que lhe fazia tão mal, e eu disse isso a ela.

- Dentro de um tempo, quando você se livrar dele completamente, você se sentirá feliz”.

³²¹ De maneira muito similar à de Sandro, de *Minhas vizinhas*, o qual ficava cercando o prédio onde Margarida morava, batendo na porta do apartamento, a fim de conversar com Anna e ameaçá-la.

como diciéndole que no debió dejarlo entrar”³²² (CORBELLINI, 2012, p. 201). Enquanto isso, Carlos esbravejava: “¡Esa ya no quiere ser mi mujer! ¡Me echó de la casa! ¡De mi casa! Cecilia se puso a llorar. ¿Ves que yo tengo culpa? No puedo decirle que se vaya, está enfermo y se pone peor”³²³ (CORBELLINI, 2012, p. 202). Percebe-se que Carlos, embora houvesse deixado a morada, não havia aceitado a separação, por isso, ficava circundando e aparecendo na casa da, agora, ex-mulher. Hirigoyen, versando sobre os homens agressores que são abandonados, afirma que:

sua tensão interna está igualmente ligada a seu medo infantil de serem abandonados. Por isso, toda situação que lembre uma separação suscita neles sentimentos de medo e de cólera, o que os torna taciturnos, irritáveis e ciumentos, responsabilizando a mulher por seu mal-estar interior. A angústia do abandono só pode ser contida com um controle permanente sobre a parceira e pode, a seguir, explodir em uma crise de ciúme cego e devastador. Ora, isso constitui um círculo vicioso, pois, ao descarregarem suas tensões sobre sua companheira, criam a tensão para que ela os deixe; porém, ao mesmo tempo, não conseguem se separar, o que leva aos comportamentos instáveis que descrevemos (HIRIGOYEN, 2005, pp. 127-128).

Araújo estava se comportando da maneira relatada acima, pela psiquiatra, visto que estava irritável, demonstrando ira e culpando Cecilia pelo seu estado, declarando que esta não queria mais ser sua mulher, não se responsabilizando pelo motivo da separação e fazendo com que Urquiza se sentisse culpada pelo término e pelo “sofrimento” do homem que a atacava, todavia, tal “sofrimento” nada mais é do que a perda de controle sobre ela, tendo em vista que ele não assume seu comportamento violento, pois não se arrepende, nem cogita a hipótese de tentar mudar, até porque ele não reconhece a violência como algo errôneo, reprovável. Nesse sentido, dada a instabilidade e periculosidade do agressor, Miller (1999, p. 204) afirma que, no ato da separação, as mulheres vítimas de violência doméstica devem buscar que seus ex-companheiros sejam presos ou obter uma ordem de proteção.

No entanto, pelo fato de não compreender essa dinâmica de que ele era um agressor tentando ter sua vítima de volta sob seu jugo, ela interpreta o estado emocional do ex-marido como algum tipo de enfermidade psicológica e, nesse dia, consente que ele durma em seu lar, mesmo que não considere a possibilidade de uma reconciliação. É importante ressaltar que muitas mulheres que sofrem de abuso, saem de casa, como Anna, e não fazem o que Cecilia fez, pedir que o cônjuge se retire, porém, aquela casa nunca foi dele, era da família de Cecilia. Sua mãe, como já comentado aqui, lhe prometeu que

³²² “eu dei a ela um olhar de reprovação, como se dissesse que ela não deveria tê-lo deixado entrar”.

³²³ “Essa já não quer mais ser minha esposa! Ela me expulsou de casa! Da minha casa! Cecilia começou a chorar. Você vê que eu tenho culpa? Não posso dizer para ele ir embora, ele está doente e está piorando”.

aquela casa seria dela muito antes de Liliana saber que o futuro marido da filha seria Carlos.

Alguns dias após esse incidente, Cecilia teve um sonho em que Carlos tenta matá-la, bem como matar seus filhos. Essa é a única entrada, na quarta parte do livro, em que há a própria voz de Cecilia (sempre em itálico), pois o restante da narrativa é realizado por Luz. É possível inferir que, devido às atitudes ainda mais instáveis de Carlos e em virtude do sonho, Cecilia estava sentindo medo de que algo lhe acontecesse, ou seja, ela tinha noção do risco de morte que estava correndo, contudo, ela se apega a um outro mito comum dentro da dinâmica da violência doméstica, o de que o marido não chegará a esse extremo, ele não teria coragem, isso não aconteceria com ela. Entretanto, conforme Miller,

como o abuso surge da necessidade de controle, o homem se sente mais desafiado quando a mulher sob o seu poder se liberta. Até esse momento, ele conseguira mantê-la submissa, destruindo sua autoimagem e ameaçando o seu bem-estar físico, psicológico, social e econômico. De repente, ela o abandona e, embora possa não ter dito uma palavra, suas ações revelam que ele não tem mais autoridade. Sendo essa a única situação que não consegue tolerar, ele faz o ato que é necessário para recuperar o controle sobre ela: uma briga até a morte e, se é necessário, a morte dela. É por isso que mais mulheres são mortas depois de terem abandonado os seus parceiros abusivos do que enquanto continuam na escravidão (MILLER, 1999, p. 203).

Dessa forma, Cecilia corria um risco iminente de ser assassinada. Seus filhos, por serem ainda pequenos, não tinham total ciência da periculosidade do pai, mas já sabiam das agressões que a mãe sofria, apesar de não verbalizarem isso, por enquanto. No dia do aniversário de Alvarito, Luz conta que quando seu pai se aproximou do filho para lhe dar seu presente, ele sentiu medo. Além disso, “últimamente escuchaban muchas discusiones de sus padres. Alvarito ponía la tele fuerte para no oír los gritos, pero ella [Paulina] no podía hacer eso. Quedaba expectante. Tenía miedo de que a su mamá le ocurriera algo malo”³²⁴ (CORBELLINI, 2012, p. 205). Logo, ainda que “a mãe [possa] cuidar para que seu filho não veja diretamente a violência, ele verá as marcas dos golpes e a infelicidade refletida nos olhos dela” (HIRIGOYEN, 2005, pp. 127-128).

Ademais de escutar as discussões, como se observa no relato sobre Alvarito e Paulina, o sofrimento gerado pela violência conjugal alcança toda a família, podendo

³²⁴ “últimamente, eles ouviram muitas discussões de seus pais. Alvarito ligava a TV bem alto para não ouvir os gritos, mas ela [Paulina] não podia fazer isso. Ela ficava expectante. Tinha medo de que algo ruim acontecesse com sua mãe”.

causar traumas e transtornos nos filhos³²⁵. De maneira alguma, Cecilia queria que essa violência que lhe atingia alcançasse seus filhos também. Desde o nascimento destes, Cecilia foi uma mãe muito presente e cuidadosa. Agora que estes estavam mais crescidos, ela fazia planos para seus futuros, queria que estudassem, que fossem independentes, que viajassem e conhecessem outros locais. Ela sonhava para os filhos o que sua própria mãe sonhou para ela, e

en esos planes el marido era un estorbo. En los últimos años no solamente no colaboraba con dinero ni con tareas, sino que además los afectaba con disgustos. Sus hijos veían entrar al hogar un harapo de hombre. Hablaba mal y decía cosas desagradables. Cada vez que él regresaba, el hogar se ensombrecía. Ella lo había esperado muchas veces, ahora deseaba que no volviera nunca³²⁶ (CORBELLINI, 2012, pp. 207-208).

Contudo, desde o dia da bebedeira, quando ele reapareceu em sua casa desorientado, ele não se foi, mesmo que sua presença fosse indesejada. Cansada de seu mau comportamento e exemplo para os filhos, como descrito acima, Cecilia telefonou para o irmão de Carlos e lhe pediu que este fosse até a sua casa e o levasse de lá. Seu cunhado atendeu ao seu pedido. A princípio, o marido parecia resignado com a ideia de ir embora, entretanto, antes de ir, ele olhou para Cecilia e disse ao irmão uma clara ameaça à mulher: “Ésta me las va a pagar”³²⁷ (CORBELLINI, 2012, p. 211). Cecilia não se amedrontou com os dizeres de Araújo, ao contrário, suspirou de alívio, pois “era como haber acabado con una maldición lanzada sobre su vida en un carnaval olvidado”³²⁸ (CORBELLINI, 2012, p. 212), ou seja, ela acreditava que, finalmente, havia se livrado dele, não levando a sério a ameaça feita pelo ex-marido de que algo ruim lhe aconteceria. Consoante Hirigoyen, “as ameaças e os atos destinados a atemorizar o outro são a etapa final antes da agressão física. Mas, nesse estágio nada é visível” (HIRIGOYEN, 2005, pp. 42-43), visto que a ameaça faz parte da violência psicológica, logo, muitas vezes, acredita-se que esta ficará em um nível abstrato do discurso e que nunca se concretizará.

Duas semanas após a retirada de Carlos da casa de Cecilia, ele reapareceu. Ela imaginou que este havia voltado para pegar seus cachorros e, desse modo, abriu a porta

³²⁵ Na narrativa de Corbellini, a descrição da situação emocional das crianças não é desenvolvida. Porém, na obra de Priano, os filhos de Anna apresentavam tais transtornos: Alice era tímida e arredia, enquanto Tommaso tinha distúrbios alimentares (PRIANO, 2011, pp. 234-235).

³²⁶ “nesses planos o marido era um obstáculo. Nos últimos anos, ele não apenas não colaborou com dinheiro ou com tarefas, mas também os afetou com desgostos. Seus filhos viram o trapo de um homem entrar na casa. Ele falava mal e dizia coisas desagradáveis. Toda vez que ele voltava, a casa ficava ensombrecida. Ela esperou por ele muitas vezes, agora ela desejava que ele nunca voltasse”.

³²⁷ “Ela vai me pagar”.

³²⁸ “era como haver acabado com uma maldição lançada em sua vida em um Carnaval esquecido”.

dos fundos para ele, demonstrando que, realmente, não havia levado a sério a ameaça de Araújo, pois não temia por sua vida, ao menos, naquele momento. Ele, com um facão preso no cinto, o qual era certamente uma forma de intimidação, disse que queria ver seus filhos. Obviamente, isso era uma desculpa para adentrar à casa, já que nunca foi um pai presente ou amoroso. Cecília, rapidamente, o contestou:

- No sé si ellos querrán verte a vos (...)
- Sos una puta –pero cuando terminaba la frase se encontró con la mirada de los hijos detenidas en el pasillo de la casa. Él hizo un cambio súbito:
- ¿Cómo están mis hijitos?
Paulina salió corriendo y se cerró en su cuarto. El varón quedó allí, lo miraba como si no entendiera de dónde había salido aquel hombre.
-Ellos también prefieren que te vayas. Mira en qué estado estás.
El hombre levantó la mano como para darle un cachetazo. Entonces oyó el grito del niño:
-No le pegues a mamá.
En seguida sintió que el niño le sujetaba el brazo.
-No le pegues, no le pegues.
- Hijito, ¿cómo te ocurre? (...) ¿Qué diría la gente si te oyera? ¿Soy un hombre malo? (...) ¿Entiende mi hijito cuánto lo quiero? A usted y a su hermana. A ustedes y tu mamá. Son mi familia. No sé qué le pasa a tu mamá conmigo, me echa, por eso tengo que ir.
El niño siguió callado, la madre no sabía cómo actuar. Aquel hombre la desconcertaba. Por un momento mostraba la furia de un animal feroz acorralado y enseguida era tierno y solícito, como cuando lo conoció. Eran personas distintas en el mismo hombre³²⁹ (CORBELLINI, 2012, pp. 213-214).

Cecília não via que a capacidade de Carlos em mudar de personalidade com tanta ligeireza se dava porque era dissimulado e manipulador, como já explicitado. Dessa forma, ele consegue disfarçar sua fúria, manifestada pelo xingamento destinado a ela, bem como a mão levantada a ponto de lhe desferir um golpe, por uma fala mansa, tratando Alvarito por “filhinho” e se fazendo de vítima, atestando que nunca havia batido em sua mãe, que era um homem que amava sua família e que não compreendia por que Cecília o

³²⁹ “- Não sei se vão querer te ver (...)

- Você é uma puta – mas quando terminou a frase encontrou o olhar das crianças detidas no corredor da casa. Ele fez uma mudança repentina:
- Como estão meus filhinhos?
Paulina saiu correndo e se trancou no quarto. O menino ficou ali, olhando para ele como se não entendesse de onde aquele homem tinha vindo.
- Eles também preferem que você vá embora.
- Veja em que estado você está.
O homem levantou a mão como se fosse esbofeteá-la. Então ouviu o menino gritar:
- Não bata na mamãe.
Imediatamente ele sentiu o menino agarrar seu braço.
-Não bata nela, não bata nela.
-Filhinho, como pode pensar isso? (...) O que as pessoas diriam se ouvissem você? Eu sou um homem mau? (...) Entende, meu filhinho, o quanto eu te amo? Você e sua irmã. Amo vocês e sua mãe. São minha família. Eu não sei o que há de errado com sua mãe comigo, ela me expulsa, por isso que eu tenho que ir. A criança ficou calada, a mãe não sabia como agir. Este homem a intrigou. Por um momento ele mostrou a fúria de um animal feroz encurralado e depois ficou terno e solícito, como quando o conheceu. Eram pessoas diferentes no mesmo homem”.

havia deixado, a responsabilizando, outra vez, pelo término e tentando incutir tal ideia na mente do caçula. Urquiza, diante desse panorama de “mudança de humor” ou “mudança de personalidade”, passou a crer, veementemente, que ele estava sofrendo de algum tipo de transtorno mental e que deveria haver medicamentos que fossem curá-lo dessa “doença”. Consoante Acosta,

la agresión a la mujer no es obra de enfermos ni de hombres con trastornos de personalidad ni de individuos que llevan a cabo sus agresiones bajo los efectos del alcohol o de otras sustancias tóxicas. Se trata de personas normales que deciden recurrir a la agresión para conseguir el objetivo pretendido (controlar y someter a la mujer), haciéndolo cuando perciben que dicha conducta no les va a suponer ningún perjuicio³³⁰ (ACOSTA, 2001, p. 159).

Porém, acreditando, sim, que o comportamento de Carlos era fruto de uma enfermidade, ela procurou seu cunhado novamente e lhe pediu que convencesse Carlos a ir a um psiquiatra na Colonia. Cecilia disse que iria junto à consulta, desde que o irmão de Carlos também fosse: “yo no puedo ir sola en el auto com él. Me da miedo, puede maltratarme y tengamos un accidente”³³¹ (CORBELLINI, 2012, p. 202). É notável que, neste momento da separação, Cecilia já estava acreditando nas ameaças de Carlos, as quais tinham exatamente a finalidade de “introduzir o controle, o medo e, até mesmo, o terror na companhia, caso ela não siga as regras de conduta”, que, nesse caso, seria restaurar o casamento. Todavia, vale ressaltar que sua intenção era ajudá-lo, mas não reatar o relacionamento, pois estava decidida: “a ella no le alcanzaba con la separación, quería el divorcio”³³² (CORBELLINI, 2012, p. 215). Carlos, por sua vez, apenas aceitou ir à consulta, porque seu irmão mentiu, afirmando que a motivação de Cecilia com esse tratamento é que ele pudesse auxiliar na reconciliação do matrimônio. Desse modo, vendo uma possibilidade de voltar à casa de onde foi expulso, aceitou ir ao médico, ou seja, sua motivação não era retornar ao lar e ficar bem com Cecilia e com os filhos, mas sim reaver seu controle, pois “para os parceiros violentos (...) não pode haver nenhuma conciliação, porque, violentos como são, eles precisam da sensação do poder, assim como um viciado precisa das drogas para sentir-se bem” (MILLER, 1999, p. 191).

No dia da consulta, ela fez questão de ser atendida primeiro e sozinha, a fim de explicar ao psiquiatra as ações de Carlos e também de lhe contar que ele a ameaçara de

³³⁰ “a agressão contra a mulher não é obra de enfermos, nem de homens com transtornos de personalidade, nem de indivíduos que praticam sua agressão sob a influência de álcool ou outras substâncias tóxicas. São pessoas normais que decidem recorrer à agressão para atingir o objetivo pretendido (controlar e subjugar a mulher), fazendo-o quando percebem que tal comportamento não lhes causará nenhum tipo de prejuízo”.

³³¹ “eu não posso ir sozinha com ele no carro. Me dá medo, pode me maltratar e teremos um acidente”.

³³² “ela não se contentava com a separação, queria o divórcio”.

morte. Após o médico atender o paciente, ele chamou Cecília de volta ao consultório e a alertou:

- Manténgase alejada de él. Usted está en peligro. Puede agredirla a cualquier momento.
- ¿Me dice algo tan terrible y no piensa hacer nada?
- ¿Qué quieres que haga yo? Su marido se rehúsa a tratarse. Le propuse que volviera para conservar y se negó, le propuse una medicación que lo tranquilizara y se molestó conmigo. Realmente no puedo hacer nada³³³ (CORBELLINI, 2012, p. 216).

O psiquiatra não esclarece qual seria o possível transtorno de Carlos, porém, fica atestado que ele era agressivo, haja vista que o médico a alerta de maneira clara do perigo que ela corria de ser agredida por Araújo, além de garantir que ele recusou o atendimento que envolvia tranquilizantes e descartou a terapia, pois ele diz que Araújo se negou a voltar outra vez para conversar. Isso se dá pelo que já foi comentado anteriormente de que ele não se considerava um doente³³⁴, afinal, “esse processo de dominação e controle que resulta em episódios de violência faz sentido em uma sociedade patriarcal, caracterizada pela imposição institucional da autoridade do homem sobre a mulher” (AGUIAR; DINIZ, 2009, p. 141). Nesse prisma, não haveria sentido em Araújo pensar que seu comportamento agressivo era errado ou mesmo uma doença, pois ele estava apenas exercendo a autoridade que lhe é de direito consentida pela cultura patriarcal. Em relação a essa associação da violência doméstica com as enfermidades psicológicas, as pesquisadoras Timm e Pereira informam que

as feministas buscam distanciar essa noção *psicopatologizante* da passionalidade dos crimes perpetrados contra mulheres, tendo em vista que essa visão desqualifica o caráter político das violações de gênero e reduz o problema à personalidade dos agressores ou ao conflito conjugal desajustado, isto é, à esfera íntima (TIMM; PEREIRA, 2020, p. 110).

³³³ “- Fique longe dele. Você está em perigo. Ele pode atacá-la a qualquer momento.

- Você diz algo tão terrível para mim e você não planeja fazer nada?

-O que você quer que eu faça? Seu marido recusa o tratamento. Eu sugeri que ele voltasse para conservar e ele recusou, sugeri um remédio para acalmá-lo e ele ficou chateado comigo. Eu realmente não posso fazer nada”.

³³⁴ Apesar de não ser o caso de Carlos Araújo, até porque ele não enfrentará um processo pelo feminicídio de Cecília, Timm e Pereira alertam sobre essa problemática de o agressor querer imputar a responsabilidade de seus atos em transtornos mentais, em “descrever o estado mental supostamente desequilibrado dos acusados, ou pior, para justificar que foram provocados pela vítima, e para justificar que essas pessoas não estavam em condições mentais satisfatórias para responder pelos seus atos. Os atos agressivos movidos pelas paixões continuam atravessando as subjetividades, ao mesmo tempo que criam um efeito de naturalização da violência. Uma pessoa que comprova seu estado mental ‘desequilibrado’ passa a ser inimputável, o que não quer dizer que não será privada da liberdade em hospitais de custódia/manicômios judiciais. No entanto, o debate não recai na inimputabilidade penal, um problema ainda a ser seriamente debatido no Brasil, mas sobre a produção simbólica desse argumento das paixões/emoção atrelado à privação dos sentidos, que desorganiza o pensamento e naturaliza o comportamento agressivo” (TIMM; PEREIRA, 2020, p. 105).

Essa ideia é corroborada pela afirmativa de Acosta (2001, p. 159) de que essa relação minimiza e encobre as verdadeiras razões de um homem cometer violência conjugal.

Depois de escutar o médico, Cecilia se sentiu desamparada e desprotegida, haja vista que ela corria o risco de morrer, atestado pelo próprio psiquiatra, mas que nada fez, no sentido prático, para protegê-la do perigo que a rondava. “¿Qué podía hacer ella? ¿Huir? ¿Escondarse? (...) ¿Y los niños? ¿Los iba a dejarlos solos? De ninguna manera. ¿Los iba a sacar de la casa para ir no se sabía dónde? Dondequiera que fuese tampoco se sentiría segura, porque él averiguaría dónde estaba y la seguiría”³³⁵ (CORBELLINI, 2012, p. 217). É notável que ela levanta possibilidades de se livrar de Carlos de maneira definitiva, entretanto, à medida que vai se questionando, os obstáculos que dificultam essa partida de Cecilia de Conchillas vão aparecendo. Contudo, as questões que mais se destacam é a preocupação que ela tem quanto ao bem-estar dos filhos, pois lhe falta recursos para a sobrevivência (MILLER, 1999, p. 128), um lugar para onde ir (MILLER, 1999, p. 129) e o medo subjacente de Carlos encontrá-los e lhes fazer mal. Esse desnorteamento se assemelha ao de Pascuala³³⁶, pois ela também se perguntava o que poderia fazer para sair daquele relacionamento abusivo e não encontrava saída. Todavia, Cecilia, diferentemente de Pascuala, tinha familiares e amigos que poderiam acolher tanto ela como seus filhos, porém, no excerto acima, fica claro que ela não enxergava escapatória, tendo em vista que ela sabia que ele iria persegui-la. Percebe-se, portanto, que, mesmo se sentindo completamente vulnerável, Cecilia, bem como Pascuala, não recorre aos meios legais. Consoante Bandeira e Thurler, “persiste ainda uma tolerância social em relação à violência contra a mulher, que precisa ser banida, os operadores do direito ainda olham, com muita cautela jurídica e pouca vontade política de mudar a compreensão, os argumentos e os procedimentos em relação a essa tolerância” (BANDEIRA; THURLER, 2009, p. 166), logo, novamente, Cecilia nem ao menos cogitou a hipótese de ir à delegacia a fim de fazer uma denúncia quanto às ameaças que vinha sofrendo.

³³⁵ “O que ela poderia fazer? Fugir? Esconder-se? (...) E as crianças? Ele iria deixá-los em paz? De maneira nenhuma. Ela iria tirá-los da casa para ir quem sabe para onde? Onde quer que ela fosse, ela também não se sentiria segura, porque ele descobriria onde ela estava e a seguiria”.

³³⁶ Anna, de *Minhas vizinhas*, também apresentava muitas dúvidas e insegurança em sua deliberação quanto à sua separação de Sandro e às denúncias de seus crimes. Contudo, ela tinha o apoio incondicional e constante de Margarida, a qual foi fundamental para sua tomada de decisão.

Ao retornar à Conchillas, Carlos mentiu, dizendo à mulher que o psiquiatra afirmara que ele estava bem, “así la que estás mal sos vos. Estás loca³³⁷. Destruís la familia”³³⁸ (CORBELLINI, 2012, p. 217). Assim como Luz foi estigmatizada como louca por Ariel, aqui Cecilia recebe o mesmo julgamento, por parte de Carlos, visto que esta também está finalizando sua relação matrimonial. Elaine Showalter (2004, p. 68), em consonância com Ussher (2011), afirma que as mulheres que se desviam dos papéis a elas impostos pela sociedade patriarcal são rotuladas como loucas/histéricas, pois a histeria se tornou uma expressão de protesto quando associada à posição feminina. Desse modo, Luz e Cecilia, ao protestarem, no sentido de estarem em desacordo em permanecerem em relações infelizes e/ou abusivas, são consideradas loucas por seus ex-maridos, os quais não assumem, nem se responsabilizam pela sua parcela de culpa³³⁹ frente à decisão do término da relação por suas respectivas mulheres. Contudo, Cecilia, a qual é a vítima de abuso, continua se culpabilizando pelo “transtorno emocional” de Carlos e ainda cogita a possibilidade de estar mesmo louca, tanto que telefona para Amparo, a fim de que esta lhe garanta o contrário. A amiga diz-lhe que: “nosotros nunca opinamos para no influir en la pareja. Los asuntos del matrimonio son difíciles, no hay que meterse. Pero ahora que sí te separarte me animo a decirte muy bien. Y sabés que contás con Efraín [seu marido] y conmigo”³⁴⁰ (CORBELLINI, 2012, p. 217). Urquiza recebe o apoio que espera, entretanto, é alarmante que a melhor amiga dela, desde a infância, nunca tenha lhe dado conselhos para que ela se separasse em razão do mito de “em briga de marido e mulher não se mete a colher”, deixando isso explícito em sua fala.

Além disso, ela não demonstra arrependimento de não haver interferido no casamento, pois “duvidar do amor é duvidar da intimidade, algo que poderia soar demasiadamente patológico numa cultura que a valoriza ao extremo” (TIMM; PEREIRA, 2020, p. 32), logo, ela só se atreve a comentar algo, no que tange à intimidade do casal, após a separação, demonstrando a sacralização da instituição família, a qual é calcada na intimidade, em detrimento à felicidade e à própria segurança da vida da amiga. Dessa maneira, quando Amparo lhe diz que pode contar com ela e com seu marido, ela se refere à decisão de se separar que Cecilia tomou sozinha, contando apenas com os breves

³³⁷ Ver p. 168 deste estudo.

³³⁸ “então quem está mal é você. Você está louca. Você destrói a família”.

³³⁹ Em relação ao casamento de Cecilia, devido à violência conjugal, a responsabilidade do término é totalmente de Carlos.

³⁴⁰ “nunca demos nossa opinião para não influenciar o casal. Assuntos matrimoniais são difíceis, não se deve envolver-se. Mas agora que você se separou, atrevo-me a dizer-lhe muito bem. E você sabe que pode contar com Efraín [seu marido] e comigo”.

conselhos de Luz, mas que, pelo contexto da obra, fica claro que a resolução pela dissolução do matrimônio partiu do seu próprio discernimento.

Sua prima Soledad, também com o intuito de lhe apoiar, todavia, assim como Amparo, somente após o término do relacionamento, convidou-a para acampar com sua família e alguns amigos no mês seguinte. Cecilia aceitou e começou a pensar que “la marea que la envolvía empezaba a diluirse. Ella no estaba loca y volvía a empeñarse en ser feliz”³⁴¹ (CORBELLINI, 2012, p. 218), ou seja, ela estava esperançosa quanto a uma vida melhor. Segundo Costa, “no caso do amor romântico, a punição para os dissidentes é o pavor da solidão, o estigma do fracasso emocional e a exclusão do mundo dos felizes” (COSTA, 1999, p. 147). Nesse sentido, apesar de Cecilia ter se casado a partir dos mitos do amor romântico, ela não tinha esse “medo” do fracasso, talvez porque ela se sentisse livre da violência, alcançando a liberdade e, conseqüentemente, a felicidade. Logo, é possível perceber uma resistência de Cecilia, ainda que os planos elaborados para um futuro feliz não viessem a se concretizar.

Já era dezembro de 2003, e o Natal seria comemorado na casa da tia Helga Evans. Cecilia ficou de levar garrafas de refresco e pão, contudo, teve que fazer isso, desde sua casa, a pé, tendo em vista que em plena véspera de Natal ela encontrou seu carro com os quatro pneus vazios. Ao compartilhar o acontecido com Beto e Luz, eles imediatamente imaginaram que Carlos seria o autor do incidente, entretanto, Cecilia teve dúvidas: “al pensar lo me digo que no es posible. ¿Por qué nos va a hacer ese daño? Él sabe o cuanto necesito del auto para trasladarme con los gurises”³⁴² (CORBELLINI, 2012, p. 224). Desse modo, é notável que Cecilia, mesmo tendo medo de Carlos, colocava-se de forma cética, acreditando que ele seria incapaz de prejudicá-la de alguma maneira. Esse comportamento contraditório, que oscila entre o ceticismo e o temor de que o ex-parceiro cumpra as ameaças que fez, deixa a mulher vítima de violência doméstica ainda mais vulnerável a um possível atentado contra sua vida, como ocorrerá com Cecilia. Conforme a *Lei da Violência Doméstica* uruguaia, Lei 17.514/2002, o ato de Carlos, em relação ao automóvel da ex-mulher, seria compreendido como violência patrimonial, a qual é

toda acción u omisión que con ilegitimidad manifiesta implique daño, pérdida, transformación, sustracción, destrucción, distracción, ocultamiento o retención de bienes, instrumentos de trabajo, documentos o recursos económicos,

³⁴¹ “a maré que a envolvia começou a se diluir. Ela não estava louca e insistiu em ser feliz novamente”.

³⁴² “quando penso nisso, digo a mim mesmo que não é possível. Por que iria nos prejudicar? Ele sabe o quanto eu preciso do carro para me mover com as crianças”.

destinada a coaccionar la autodeterminación de otra persona³⁴³ (URUGUAI, 2002, s/p)

E que, caso o processo fosse a julgamento, o juiz determinaria o ressarcimento do prejuízo causado à mulher. No dia seguinte, o casal ajudou Cecilia a encher os pneus e a alertou a prestar queixa na polícia³⁴⁴. Ela assentiu, acrescentando que “han pasado más cosas malas que ustedes no saben”³⁴⁵ (CORBELLINI, 2012, p. 225). Em verdade, ela relatará “incidentes” que o próprio leitor desconhece até então. Dessa forma, Luz foi com ela à delegacia registrar um boletim de ocorrência. Era Natal, o policial de plantão, ao vê-los, inferiu que se tratava de um roubo³⁴⁶, contudo, Cecilia o contestou:

-No se trata de un robo, quiero denunciar a mi exesposo porque quiere hacerme daño. Tengo miedo de que me mate.

-¿La golpeó? ¿Puede mostrar los golpes?

-No, pero me ha amenazado varias veces.

-Eso no cuenta.

Yo estaba indignada. Intervine con tono autoritario:

-Mire, trabajo en un estudio jurídico y conozco de leyes. Ella vino a presentar una denuncia y usted tiene que tomarla porque si no está en falta por omisión. El policía no me contestó, se dirigió a Cecilia.

-Bien, haga tu declaración.

Ella contó que, en la última semana, dos veces él la había esperado en sitios distintos. Una vez la sorprendió en la puerta de la panadería. Se le acercó, cortó la punta de la flauta que asomaba de la bolsa y le dijo si lo había pensado mejor, porque él quería volver a la casa. Ella se apartó y le dijo que la dejara en paz. “**Te voy a matar**”, le respondió él. No la siguió porque había algunos conocidos circulando por la calle. La segunda vez fue más sorpresiva. Ella salía de la casa de una clienta después de venderle algunos productos. Había estado más de media hora adentro. ¿Cómo sabía él que estaba allí? La cuestión era que cuando se subió al Peugeot él surgió de la nada, abrió otra puerta y se metió adentro. Ella arrancó. **Él le habló amorosamente: le aseguró que la quería que viviesen juntos otra vez.** Ella frenó el auto y le ordenó que se bajase. Él volvió a suplicar, pero cuando comprobó que sus ruegos no eran atendidos, reventando de furia **apretó las manos contra el cuello de la mujer.** Ella tocó bocina y alguien que pasaba se dio vuelta. Él la soltó: “Siempre metiendo escándalo, vos, no se puedo hablar contigo”. Bajó rápidamente del auto y desapareció tan misteriosamente como había aparecido.

-¿Tiene testigos?

-No.

-Yo escribí todo lo que usted me dijo, pero no podemos hacer nada al respecto.

Usted no está lastimada y no tiene pruebas de esas amenazas.

-Entonces ¿qué tengo que hacer?

-Bueno, se llega a pasar algo malo nos llama. Entonces sí vamos a intervenir.

³⁴³ “qualquer ação ou omissão que com manifesta ilegitimidade implique dano, perda, transformação, subtração, destruição, distração, ocultação ou retenção de bens, instrumentos de trabalho, documentos ou recursos econômicos, destinada a coagir a autodeterminação de outra pessoa”.

³⁴⁴ Mais à frente na narrativa, o/a leitor/a toma conhecimento de que havia um boletim de ocorrência registrado por Cecilia no dia 11 de janeiro de 2004, pouco antes do seu feminicídio, que ocorreu em 23/01/2004. Contudo, não há nenhum relato com essa data no texto, logo, não sabemos o que Carlos fez e que motivou Cecilia a prestar queixa.

³⁴⁵ “aconteceram outras coisas ruins que vocês não sabem”.

³⁴⁶ É importante observar que ela não relata o dano patrimonial, talvez, porque sua urgência fosse em descrever as violências mais graves e as ameaças de morte que vinha sofrendo.

Salimos desalentadas. Todavía alcanzamos a oír el teléfono. El policía informó: “Todo tranquilo salvo por una **histerica** que vino a hablar mal del marido en Navidad”³⁴⁷ (grifos meus) (CORBELLINI, 2012, pp. 226-227).

O relato de Cecilia é assustador, porque demonstra as perseguições sistêmicas de Carlos, bem como as violências física e psicológica, esta caracterizada na forma de ameaças³⁴⁸, que lhe eram investidas. Quando Urquiza inicia sua explanação, afirmando que o marido queria machucá-la e que ela tinha medo de morrer, o policial, rapidamente, a questiona sobre as marcas das agressões. Assim que ela revela que não as tem, mas que Carlos a havia ameaçado de morte de forma explícita, o policial diz às amigas que nada poderia fazer, revelando um total desinteresse pela vida da vítima. Consoante Hirigoyen, a violência psicológica é difícil de ser comprovada, pois, se não houver testemunhas,

³⁴⁷ “- Isso não é um assalto, eu quero denunciar meu ex-marido porque ele quer me machucar. Tenho medo de ele me mate.

- Ele te bateu? A senhora pode mostrar os golpes?

- Não, mas ele me ameaçou várias vezes.

- Isso não conta.

Fiquei indignada. Intervi com um tom autoritário:

- Olha, eu trabalho em um escritório de advocacia e conheço as leis. Ela veio apresentar uma denúncia e você tem que aceitar porque senão você terá culpa por omissão.

O policial não me respondeu, virou-se para Cecilia.

- Ok, faça sua declaração.

Ela disse que duas vezes na última semana ele a esperou em lugares diferentes. Uma vez ele a surpreendeu na porta da padaria. Aproximou-se dela, cortou a ponta do pão que estava para fora da sacola e perguntou se ela tinha pensado melhor, porque ele queria voltar para casa. Ela se afastou e disse a ele para deixá-la em paz. "Eu vou te matar", ele respondeu. Ele não a seguiu porque havia alguns conhecidos andando pela rua. A segunda vez foi mais surpreendente. Ela estava saindo da casa de um cliente depois de vender alguns produtos. Ela ficou lá dentro há mais de meia hora. Como ele sabia que ela estava lá? A questão é que quando ela entrou no Peugeot ele saiu do nada, abriu a outra porta e entrou. Ela arrancou. Ele falou com ela amorosamente: ele assegurou-lhe que queria que eles morassem juntos novamente. Ela parou o carro e ordenou que ele saísse. Ele implorou novamente, mas quando viu que seus apelos não foram atendidos, explodindo de fúria, ele pressionou as mãos contra o pescoço da mulher. Ela buzinou e alguém que passava se virou. Ele a soltou: "Sempre fazendo escândalo, você, não posso falar com você." Ele rapidamente saiu do carro e desapareceu tão misteriosamente quanto apareceu.

- Tem testemunhas?

- Não.

- Escrevi tudo o que você me disse, mas não podemos fazer nada a respeito. A senhora não está ferida e não tem provas dessas ameaças.

- Então o que eu tenho que fazer?

- Bem, se algo ruim acontecer, ligue para nós. Então vamos intervir.

Saímos desanimadas. Ainda podemos ouvir o telefone. A polícia relatou: “Tudo tranquilo, exceto por uma mulher histerica que veio falar mal do marido no Natal”.

³⁴⁸ Na *Lei Maria da Penha*, as agressões estão explícitas no que se compreende como violência psicológica. Já na *Lei da Violência Doméstica*, o ato de agredir fica subtendido no trecho em destaque, o qual define a violência psicológica: “toda acción u omisión dirigida a perturbar, degradar o controlar la conducta, el comportamiento, las creencias o las decisiones de una persona, mediante la humillación, intimidación, aislamiento o **cualquier otro medio que afecte la estabilidad psicológica o emocional**” (URUGUAI, 2002, s/p): “Qualquer ação ou omissão destinada a perturbar, degradar ou controlar a conduta, comportamento, crenças ou decisões de uma pessoa, por meio de humilhação, intimidação, isolamento ou outro meio qualquer que afete a estabilidade psicológica ou emocional”.

“nada vem lhe dar provas da realidade do que ela [a vítima] sofre. É uma violência ‘limpa’” (HIRIGOYEN, 2005, p. 42). Todavia, embora não houvesse provas, o policial deveria fazer um boletim de ocorrência sem contrariedade, contudo, ele só permite que Cecília faça a denúncia, porque Luz o pressiona, dizendo que conhecia as leis. Outro aspecto relevante que deve ser destacado é que Araújo queria voltar para casa, não para refazer sua família com Cecília e seus filhos, mas sim para readquirir o poder que tanto necessitava, desse modo, a ameaça de morte é proferida exatamente pela negativa de Cecília em aceitar seu regresso.

No segundo “encontro” narrado, ele muda o tom ao falar com ela, tentando convencê-la a se reconciliar, por meio de um pedido carinhoso, porém, frente à outra negativa, ele a agride, apertando seu pescoço. Para Segato, “na vida adulta, quando ele perde, por alguma razão, potência econômica, política, intelectual, viril... digamos potência homossexual, trata-se de uma situação que chamamos de emasculação. Ele, então, pode tentar reaver a masculinidade pela violência física” (SEGATO, 2010, p. 53). Carlos estava em uma situação de emasculação, com sua virilidade à prova diante das recusas da ex-mulher, intensificando, por conseguinte, a violência que lhe infligia. A agressão física é uma manifestação de violência mais fácil de provar, pois ela deixa marcas. Todavia, Cecília estava expondo acontecimentos com um determinado espaçamento temporal, por essa razão, se Carlos deixou hematomas em seu pescoço ao apertá-lo, esses já haviam sumido. Para Angelim, “a polícia tem um papel fundamental ao dispor dos recursos para intervir, quando solicitada, nos episódios de agressão, realizar o inquérito necessário ao processo judicial e acolher as vítimas” (ANGELIM, 2009, p. 130). No entanto, essa intervenção e esse acolhimento não são oferecidos a Cecília, porque, segundo o policial, ela não tinha testemunhas, mesmo que isso não seja um requisito para a prestação da queixa, como dito acima.

De acordo com Pierre Bourdieu, “entre as censuras mais eficazes e mais bem dissimuladas situam-se aquelas que consistem em excluir certos agentes de comunicação excluindo-os dos grupos que falam ou das posições de onde se fala com autoridade” (BOURDIEU, 1979, p. 133 *apud* DALCASTAGNÈ, 2006, p. 200), assim, “falar com autoridade’ [é] o reconhecimento social de que o discurso tem valor e, portanto, merece ser ouvido” (DALCASTAGNÈ, 2006, p. 200). Entretanto, o relato de Cecília, para o policial, não continha autoridade, tendo em vista a solicitação de testemunhas, que ele lhe faz, para apenas prestar uma queixa, a fim de garantir a veracidade de sua palavra, ou

seja, sua fala necessitava ser legitimada³⁴⁹. Logo, ela havia sido excluída do “grupo de fala” por ser uma mulher, pois as mulheres “se han encontrado siempre en una posición de inferioridad con respecto a los hombres. Y no sólo inferioridad de fuerza física, sino también social y jurídica”³⁵⁰ (SOLA, 2016, p. 53).

Dessa forma, silenciada pela polícia e sem poder legitimar as ameaças e a agressão pela fala de outrem, a vítima é instruída a voltar para casa desprotegida, visto que não obteve o amparo da polícia, e desacreditada e difamada, dado que, ao ser chamada de histérica, fica óbvio que o policial não acreditou em seu testemunho. E ainda a rotulou como uma mulher louca que apenas queria denegrir a imagem do marido no dia de Natal, tendo em vista que “os homens e a masculinidade são protegidas enquanto a responsabilidade é transferida para as mulheres”³⁵¹ (RADFORD, 1992, p. 352).

A narrativa de Luz faz um salto de quase um mês, pois a próxima entrada após o Natal é do dia 23 de janeiro de 2004. Cecilia e seus filhos estão no Camping del Arroyo San Francisco, juntamente com sua prima Soledad. Neste dia, Carlos apareceu furtivamente no acampamento, acercou-se de sua filha e pediu-lhe que desse um recado à sua mãe: “quiero que me haga un favor: decile a mamá que necesito hablar urgente con ella. Hoy mismo. Que venga hasta donde vivo ahora”³⁵² (CORBELLINI, 2012, p. 228). Paulina fez o que havia prometido ao pai, foi até sua mãe, que se divertia jogando cartas com a prima e com os amigos, e lhe deu o recado. Pelo fato de a filha haver dito que o pai parecia estar muito triste, Cecilia se compadeceu e decidiu ir ao encontro de seu futuro algoz. Recomendou a Marcos, marido da prima Soledad, que cuidasse de seus filhos por um momento, pois ela iria se encontrar com Carlos. “Ni al primo Marcos ni a los demás les pareció que fuera una buena idea. Pero entendían que Cecilia era empecinada y era inútil contradecirla. Ella subió al auto decidida, encendió el motor y arrancó, pero luego se detuvo y volvió hasta ellos: ‘les aseguro que en un rato estoy de vuelta’”³⁵³ (CORBELLINI, 2012, p. 229).

³⁴⁹ Ver Spivak, 2014, p. 14 ou ver p. 49 deste estudo.

³⁵⁰ “sempre se encontraram em uma posição de inferioridade em relação aos homens. E não só inferioridade de força física, mas também social e legal”.

³⁵¹ “men and masculinity are protected as responsibility is shifted onto women”.

³⁵² “quero que me faça um favor: diga à sua mãe que necessito falar urgente com ela. Hoje mesmo. Que venha até onde moro agora”.

³⁵³ “Nem o primo Marcos, nem os outros acharam uma boa ideia. Mas eles sabiam que Cecilia era teimosa e era inútil contradizê-la. Ela entrou no carro determinada, ligou o motor e deu partida, mas depois parou e voltou para eles: ‘Asseguro-lhes que volto daqui a pouco’”.

Contudo, ela não regressaria. Essa foi a última vez que sua família e seus amigos a viram com vida. É contraditório, a princípio, pensar que Cecilia tinha ido sozinha se encontrar com Carlos, haja vista o medo que sentia dele, no entanto, por mais que as mulheres sejam as vítimas, “o são de uma ordem na qual (...) precisam ser convencidas de que são culpadas” (TIBURI, 2018, p. 95-96). Desse modo, ao saber por Paulina que Araújo estava pesaroso, ela deixa de se ver como uma vítima de violência doméstica e toma a culpa dessa tristeza do ex-marido para si, já que foi ela quem tomou a iniciativa de se separar dele, responsabilizando-se, assim, pelo seu desolamento³⁵⁴.

Cerca de uma hora depois da partida de Cecilia, um tiro ressoou alto e muito perto da casa de Luz. Ela estava sozinha e ficou aflita. Como Beto estava trabalhando, foi ao Camping del Arroyo San Francisco, buscando justamente a companhia de Cecilia e de outros amigos que lá se encontravam. Ao chegar, Marcos lhe disse que todos estavam muito preocupados com Cecilia, visto que ela havia saído para se encontrar com Carlos e estava demorando voltar, sendo que esta havia garantido que não tardaria. Tentaram entrar em contato pelo telefone, mas não obtiveram resposta, desse modo, enquanto Soledad ficou cuidando das crianças, seu marido e Luz foram até o local onde Carlos estava morando. O carro de Cecilia estava lá, logo, acreditaram que ela também estaria. As luzes da casa de Carlos estavam apagadas e as portas trancadas, chamaram por ela, mas não obtiveram resposta. Em virtude disso, voltaram ao acampamento e Luz explicou que o melhor era chamar a polícia, porém, “ellos dudaran, no era bueno mesclar la policía em asuntos de matrimonio”³⁵⁵ (CORBELLINI, 2012, p. 232). Eles acreditavam que Carlos e Cecilia podiam ter se reconciliado, pautando-se nos “modos padronizados de amar e sentir. Tais significados estão colados aos discursos da intimidade e animam o mito do amor romântico, que muitas vezes tem sido ofuscado e excluído das discussões sobre os conflitos amorosos e sobre a violência de gênero” (TIMM; PEREIRA, 2020, p. 31).

Dessa forma, as pessoas mais próximas a Cecilia, com exceção de Luz, se apegaram a essa ideia da intimidade do casal, a qual não pode sofrer interferências³⁵⁶, idealizando que estaria havendo um entendimento entre estes e que reatariam o

³⁵⁴ Vale lembrar que ela ainda se culpava pelo estado emocional de Araújo, acreditando que ele tinha desenvolvido um transtorno mental.

³⁵⁵ “eles duvidaram, não era bom misturar a polícia com assuntos do casamento”.

³⁵⁶ Da mesma forma que Amparo, em sua fala sobre apoiar Cecilia após a separação, explica que nunca interferiu em seu matrimônio por respeitar a intimidade do casal, embora fosse sua melhor amiga (CORBELLINI, 2012, p. 217).

relacionamento, relutando, dessa maneira, em chamar a polícia, descartando, conseqüentemente, a possibilidade de ter ocorrido qualquer tipo de violência contra Cecilia. Rita Segato (2013)³⁵⁷ afirma que o crime contra as mulheres não se restringe às agressões íntimas, ao contrário, expandem-se para violências extremantes cruéis que tornam o copo feminino territórios de conquista, tal como o feminicídio cruel de Cecilia, em que seu corpo foi aberto e destroçado dentro do seu próprio carro. Contudo, ao menosprezarem a importância de se envolverem na intimidade do casal, sendo que todos tinham ciência das ameaças e da agressividade de Carlos para com Cecilia, colocaram, novamente, a sacralidade da instituição família em um patamar superior à integridade da vida da mulher.

Luz os convenceu a chamar a polícia e foi, mais uma vez, com Marcos à casa de Carlos, onde já se encontravam os policiais. Estes se acercaram no carro de Cecilia e se afastaram com assombro.

¿Qué pasa? – preguntó Marcos y también se acercó del interior del Peugeot. Dio un grito horrible y corrí junto a él. No quería verla y la vi. Nadie se atrevía a tocar el cuerpo exangüe iluminado por los focos de las linternas, atravesado entre los dos asientos delanteros, como quién quiere pasar atrás y no logra. Sobre el asiento delantero quedaron las dos piernas enfundadas que desgarraban la tela y la manchaban de sangre. Los pies habían quedado encogidos dentro de sus zapatillas negras. Los focos de las linternas se dirigieron al asiento trasero buscando el resto del cuerpo. El torso, los brazos y la cabeza de la muchacha habían caído allí. El cuello había sido abierto por dos grandes cuchilladas. Otras heridas profundas en el vientre habían empapado la remera rosa y el pantalón. La linterna se detuvo en sus ojos claros muy abiertos. La mirada estaba vacía. Un espumarajo rosado, endurecido, había brotado de su boca. Todo el interior del vehículo estaba cubierto por la sangre coagulada de la mujer muerta. El horror nos inundó. No recuerdo con precisión el resto de los hechos. Creo que yo grité y Marcos trató de sujetarme para que no cayese al suelo (...). En la pieza que hacía de dormitorio, el cuerpo de Araújo yacía tendido en un lago de sangre. A su lado, después de dispararse, había quedado tirada su escopeta de cazador, calibre 16. Sobre la mesa de luz, manchado por la sangre de Cecilia, brillaba un cuchillo de larga hoja filosa, con su cabo de plata y oro³⁵⁸ (CORBELLINI, 2012, pp. 234-235).

³⁵⁷ Rita Segato, em seu texto, está tratando do assassinato de mulheres na cidade de Juarez, no México.

³⁵⁸ “O que está acontecendo? – Marcos perguntou e também se aproximou do interior do Peugeot. Ele deu um grito horrível e eu corri para ele. Eu não queria vê-la e eu a vi. Ninguém ousava tocar o corpo exangue iluminado pelos faróis, esparramado entre os dois bancos dianteiros, como quem quer passar para a parte detrás e não pode. No banco da frente estavam as duas pernas embainhadas que rasgavam o tecido e o manchavam de sangue. Seus pés haviam encolhido dentro de seus chinelos pretos. Os fochos das lanternas foram para o banco de trás procurando o resto do corpo. O torso, os braços e a cabeça da mulher caíram ali. O pescoço havia sido aberto por duas grandes facadas. Outras feridas profundas na barriga haviam ensopado a camisa cor-de-rosa e as calças. A lanterna parou em seus olhos claros e bem abertos. O olhar estava vazio. Uma espuma rosada brotou de sua boca. Todo o interior do veículo estava coberto pelo sangue coagulado da mulher morta. O horror tomou conta de nós. Não me lembro exatamente do resto dos fatos. Acho que gritei e o Marcos tentou me segurar para não cair no chão (...). Na parte da casa que servia de quarto, o corpo de Araújo jazia estendido em um lago de sangue. Ao seu lado, após ser disparado, estava jogada sua espingarda de caçador calibre 16. Sobre a mesa de cabeceira, manchada pelo sangue de Cecilia, reluzia uma faca de longa lâmina afiada, com cabo de prata e ouro”.

Consoante Hannah Arendt, “a violência aparece quando o poder está em risco” (ARENDDT, 2016, p. 73). Nesse prisma, Araújo havia perdido todo controle que tinha sobre Cecilia com a separação. Além disso, esse dismantelamento do seu controle sobre ela ficou evidente com suas negativas em deixá-lo voltar para casa, embora este tenha feito uso das violências psicológica e física a fim de atingir o seu objetivo. Dessarte, frente a sua derrota, a falta de poder deu lugar à violência extrema, o feminicídio a facadas de Cecilia. Segundo uma pesquisa feita pelo Ministério Público de SP, em 2017, sobre as armas mais usadas em feminicídios, verificou-se que “as armas brancas — como facas, canivetes e facões — são as mais utilizadas para agredir e matar mulheres, presentes em 60% das denúncias analisadas. Já as armas de fogo aparecem em apenas 17% dos casos”³⁵⁹. A escolha da arma branca, feita pelo assassino, não é ao acaso. Essa predileção pela faca, por exemplo, tem a ver com poder. Conforme o advogado e pesquisador do Direito André Peixoto de Sousa, matar a facadas é

a ação mais pessoal do homicídio. Ferir a faca requer proximidade, contato real e iminente (...). A faca requer proximidade entre vítima e algoz, o que revela um certo caráter de poder deste sobre aquela, diferentemente do distanciamento privilegiado pela arma de fogo. Sendo assim, no acontecimento do homicídio com faca, o homicida detém inevitável percepção de poder sobre a vítima (PEIXOTO, 2016, s/p)³⁶⁰

Ao narrar como Cecilia e Araújo foram encontrados mortos, Luz diz que ele possuía uma escopeta calibre 16, a qual utilizou para tirar a própria vida. Contudo, para assassinar Cecilia, Carlos fez uso de uma faca de lâmina longa e afiada, provavelmente, porque ele queria sentir tal poder sobre a ex-esposa uma vez mais. Logo,

tais mortes são a expressão final de poder e controle sobre o corpo e a vida das mulheres, às quais são impostas limitações, determinações e castrações durante toda a vida pela sociedade como um todo, aparecendo essa imposição de forma muito clara nas instituições como a escola, a Igreja e a prisão, até chegar às relações interpessoais (BRAVO, 2019, p. 03).

Ninguém sabia com exatidão como o crime havia acontecido, pois faltou apuração e investigação, por parte da polícia, do que ocorrera, com a justificativa de que Cecilia já estava morta, bem como seu assassino, e nada mudaria esse fato. A atuação da justiça também foi falha, tendo em vista que perderam o relatório pericial da autópsia feita em Cecilia, reiterando a falta de importância dada à morte de mulheres. Os meios de

³⁵⁹ Disponível em:

<http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/Nucleo_de_Genero/Feminicidio/RaioXFeminicidioC.PDF/>
Acesso em: 06 de maio de 2022.

³⁶⁰ Disponível em: <<https://canalcienciascriminais.com.br/teses-sobre-homicidio-parte-7/>> Acesso em: 06 de maio de 2022.

comunicação não agiram de maneira diferente, minimizando a importância da vida da vítima, pois

ni la televisión, ni la radio, ni los diarios locales se ocuparon del caso. La única noticia la dio un corresponsal de un diario de Montevideo, y la tituló “**drama pasional**”. Más abajo anunciaba: “Mató a su expareja de diez puñaladas y después se eliminó con su escopeta”. El texto explicaba que “un hombre y una mujer habían resultado muertos como consecuencia de un **drama pasional** acaecido en una zona más o menos cercana a la pequeña localidad colonense de Conchillas...”. Y más detalladamente añadía que el protagonista masculino del drama “habría tenido un entredicho con quiera fuera hasta hace algunas semanas su compañera”. Sin embargo, por los rumores de los vecinos se preveía una reconciliación, por eso “se gestó el encuentro”, “para charlar ambos sobre sus **intimidades**”³⁶¹ (grifos meus) (CORBELLINI, 2012, pp. 237-238).

A mídia rotulou o crime como um drama passional sem ter a menor ciência do contexto da violenta relação entre Cecília e Carlos por mais de dez anos. Segundo Timm e Pereira, muitas vezes, os agressores “não carregam em si a representação de um grau de periculosidade ou de delinquência, como acontece com pessoas que violam o patrimônio ou que se envolvem no tráfico de drogas” (TIMM; PEREIRA, 2020, p. 104). Assim, as maldades direcionadas à Cecília não foram suficientes para que a sociedade daquele local visse Carlos como um homem perigoso, com exceção daqueles que conviviam com o casal e conheciam, por conseguinte, a personalidade de Araújo. Sobre a passionalidade do crime, o assassinato de Cecília não poderia ser considerado como tal, pois foi premeditado, haja vista que, por conta da perda de controle e de poder sobre ela, Carlos usa a própria filha para atraí-la ao local ermo onde estava morando, para matá-la. Pelo fato de a janela do carro de Cecília estar semiaberta e por ela ter sido morta dentro do veículo, infere-se que ela não saiu do automóvel, apenas abaixou um pouco o vidro para escutar o que Carlos tinha a lhe dizer, mas ele já a esperava com uma faca em mãos para atacá-la, concluindo-se, portanto, a premeditação do crime. Destarte, não se tratou de um crime ou um drama passional, entretanto, rotular o feminicídio dessa forma traz uma

justificativa simbólica que atrela o crime contra a mulher a uma espécie de paixão social que compreende que a exaltação das emoções leva o indivíduo – masculino – à privação dos sentidos em um momento específico da sua vida

³⁶¹ “nem a televisão, nem o rádio, nem os jornais locais trataram do caso. A única notícia foi dada por um correspondente de um jornal de Montevideu, e ele a intitulou “drama passional”. Mais abaixo, ele anunciou: “Ele matou sua ex-mulher com dez facadas e depois se matou com sua espingarda”. O texto explicava que “um homem e uma mulher foram mortos como resultado de um drama passional ocorrido em uma área mais ou menos próxima à pequena cidade colonial de Conchillas...”. E com mais detalhes, ele acrescentou que o protagonista masculino do drama “teria um interdito com sua parceira há algumas semanas”. No entanto, pelos rumores dos vizinhos, previa-se uma reconciliação, por isso “o encontro foi marcado”, “para conversar sobre suas intimidades”.

amorosa. Essa naturalização ativa a noção de que a agressão masculina é natural (TIMM; PEREIRA, 2020, p. 104).

Saffioti corrobora tal afirmativa, pois, para ela, “os condicionamentos sociais induzem muitos a acreditar na incontrolabilidade da sexualidade masculina” (SAFFIOTI, 2015, p. 28), ratificando a ideia de que o homem é um ser ativo, viril, agressivo e que, sendo assim, não consegue controlar suas emoções, agindo por instinto, ou seja, sendo passional³⁶². Ademais, não havia nenhum indício de que o casal reataria o matrimônio. Logo, essa dedução dos vizinhos, no trecho transcrito da narrativa, não possui nenhum embasamento.

É de suma importância ressaltar que houve uma testemunha do crime:

Abrojo Suárez, que salía hacer una compra en el quiosco ubicado a cincuenta metros, vio que un hombre introducía una e otra vez el brazo por la ventanilla del coche. Le pareció oír que el hombre pronunciaba injurias a cada golpe. Lo reconoció. Era Carlos Araújo. Pensó que estaría dando una paliza a su mujer. Era un problema de ellos. Si dio vuelta y prosiguió su camino. No le gustaba meterse en asunto ajenos³⁶³ (CORBELLINI, 2012, p. 239).

Cecilia teve uma chance de ser salva, porém, não o foi, porque um homem que viu o marido xingando e espancando sua mulher, o qual ele reconheceu como sendo Carlos, imaginou que se tratava “apenas” de uma briga entre marido e mulher. Assim, não interferiu, porque era um problema matrimonial, que envolvia a intimidade do casal, não cabendo a ele envolver-se, ou seja, o mito de “não meter a colher” no relacionamento de terceiros segue se manifestando nesta narrativa, bem como ocorreu em outras obras analisadas aqui neste estudo. No caso de Cecilia, tal mito lhe custou a vida.

1.5. Luz: de volta a Conchillas

Luz, após ver Cecilia e Carlos mortos, perdeu a consciência: “eso me dicen. Uno de los policías me llevó a policlínica. Cuando me reanimé, tuvieron que darme un tranquilizante porque gritaba. Tampoco lo recuerdo”³⁶⁴ (CORBELLINI, 2012, p. 240).

³⁶² Segundo Timm e Pereira, “o caráter passional ainda é visível no meio simbólico, embora a justificativa legal de legítima defesa da honra ou violenta emoção não esteja previsto no Código Penal” (TIMM; PEREIRA, 2020, p. 22).

³⁶³ “Abrojo Suárez, que saía para fazer uma compra em um quiosque localizado a cinquenta metros de distância, viu um homem enfiar o braço pela janela do carro repetidas vezes. Ele acreditou ter ouvido o homem xingar a cada golpe. Ele o reconheceu. Era Carlos Araújo. Ele pensou que estaria batendo na esposa. Era problema deles. Ele se virou e continuou seu caminho. Ele não gostava de se meter nos assuntos alheios”.

³⁶⁴ “isso é o que eles me dizem. Um dos policiais me levou à policlínica. Quando acordei, tiveram que me dar um calmante porque eu estava gritando. Eu também não me lembro”.

Ela não havia se dado conta de que sua falta de memória foi uma consequência do trauma que adquiriu ao ver a amiga assassinada, tanto que ela não narra o assassinato de forma coesa, porque, além de não o ter presenciado, apresentava uma dificuldade em relatar esses fatos, sobre os quais tomou ciência mais tarde. Como narrar o inenarrável? Segundo Charlotte Delbo, o trauma seria não-representável, pelo fato de não fazer parte da ordem do simbólico e da linguagem.

Dessa maneira, seria um conteúdo impossível de materializar-se em formas tradicionais de narrativas (DELBO, 1990). Quando Beto chegou, ela pediu que ele entrasse em contato com seu irmão para que este fosse buscá-la e a levasse de volta a Montevideú. Luz acomodou-se na casa de sua mãe e se recusou a ver Beto, ela estava realmente traumatizada com a morte da amiga e com o que viu. Ela tinha sintomas de depressão e síndrome de pânico, apesar de tais transtornos não serem nomeados na obra, e estava tomando medicamentos psiquiátricos. Em maio de 2004, passados quatro meses do acontecido, estimulada pelo irmão, ela voltou a trabalhar no escritório de advocacia de sua amiga Ana María e saiu da casa da mãe para o antigo apartamento que alugava. Em agosto do mesmo ano, retomou os estudos na Faculdade de Direito e se formou advogada.

Em dezembro de 2005, ou seja, quase dois anos depois do feminicídio de Cecilia, ela decide entrar em contato com Beto. Durante esse período em que ela permaneceu em Montevideú, ele ligava, mandava mensagem, mas ela não queria contato, ainda por conta do trauma. Talvez a presença de Beto a fizesse lembrar Conchillas e, conseqüentemente, o assassinato de Cecilia. Contudo, assim que manda uma mensagem para o pescador, ele responde prontamente e lhe indaga quando ela voltará, e ela lhe diz que no dia seguinte. Logo, após narrar seus mistérios em quatro partes, há ainda um epílogo na obra, um “Epílogo no jardim”. No instante em que chega ao barco, onde Beto fez morada, este a beija. Luz não dá mais detalhes de como foi esse reencontro. Ela volta a narrar apenas no dia seguinte, 29 de dezembro de 2005, quando ela pede que Beto a acompanhe até a casa que fora de Cecilia, a qual agora está vazia e com uma placa de “aluga-se”³⁶⁵. Luz, ao andar pelo jardim da casa, diz que

hay una mujer y un relato enterrados. Cierro los ojos y deseo que la vida empiece otra vez. Quiero llenar de líneas la memoria. ‘Soy Luz y quiero contar esta historia’. Al fin me digo a mí misma que por eso he vuelto: para escribir

³⁶⁵ Após o feminicídio de Cecilia, seus filhos passaram a morar com Amparo em Colonia.

la historia de Cecilia, para escribir mi propia historia y darle sentido al tiempo que pasa³⁶⁶ (CORBELLINI, 2012, p. 253).

Assim, é por meio dessa metalinguagem, que a obra de Corbellini finaliza, mas que a narrativa de Luz terá início de forma cíclica, já que, ainda que o final do livro anuncie o começo da história, esta já havia sido iniciada pelo “Mistério branco”, quando ela fala de si, porém, fica claro que o que lhe interessava realmente era não se calar frente ao “Mistério escuro”, que é o feminicídio de Cecilia. É fulcral destacar que Urquiza, no que tange à violência conjugal que sofria, foi negligenciada coletivamente: pela família, pelos conhecidos e amigos, pelo ginecologista, pelo psiquiatra³⁶⁷ e, inclusive, pela própria polícia. Essa interferência (ou não) do Estado na vida da mulher agredida é bastante ineficiente, como nos mostra, em nível de Brasil, o *Mapa da Violência de 2015*. Neste mapa resta-se identificado que, em 2014, foram atendidas, pelo SUS (Sistema Único de Saúde), 223.796 mulheres as quais foram vítimas de diversos tipos de violência, contudo, duas em cada três destas (147.691) foram mulheres que precisaram de atenção médica por terem sofrido violência doméstica, demonstrando a omissão e/ou a falta de importância dada à vida dessas mulheres por parte do Estado. Tal proposição aponta para o conceito, elaborado por Michel Foucault, denominado biopolítica. De acordo com o filósofo francês, a partir do século XVII, o poder soberano, caracterizado pelo direito (absoluto ou limitado) de causar a morte ou deixar viver, foi sendo substituído pelo poder político de gerar a vida (FOUCAULT, 1988, p. 128). Sobre essa questão, Rita Segato sustenta que “el trazo por excelencia de la soberanía no es el poder de muerte sobre el subyugado, sino su derrota psicológica y moral, y su transformación en audiencia receptora de la exhibición del poder de muerte discrecional del dominador”³⁶⁸ (SEGATO, 2013, p. 21). Nesse sentido apresentado por Segato, caso não exista a subordinação psicológica e moral da mulher, o homem não exerce o poder soberano de forma completa,

³⁶⁶ “há uma mulher e uma história enterradas. Fecho os olhos e desejo que a vida comece de novo. Eu quero encher a memória com linhas. ‘Eu sou a Luz e quero contar essa história’. Por fim, digo a mim mesma que é por isso que voltei: para escrever a história de Cecilia, para escrever minha própria história e dar sentido ao tempo que passa”.

³⁶⁷ No Brasil, a Lei 13.931/2019 “obriga profissionais de saúde a registrar no prontuário médico da paciente e comunicar à polícia, em 24 horas, indícios de violência contra a mulher”. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2019/12/11/vira-lei-obrigacao-de-notificar-casos-de-violencia-contra-a-mulher-em-24-horas/>> Acesso em: 06 de maio de 2022.

Não foi encontrada, durante a fatura desse estudo, uma lei uruguaia que obrigue profissionais de saúde a fazerem denúncias caso constatem que a paciente sofreu violência doméstica.

³⁶⁸ “o golpe por excelência da soberania não é o poder de morte sobre o subjugado, mas sim sua derrota psicológica e moral, e sua transformação em audiência receptora da exibição do poder discricionário de morte do dominador”.

porém, como observamos ao longo na análise da obra, a morte pode ser a tentativa final de controle sobre a mulher.

Na mesma linha que Foucault, mas ampliando a discussão, Giorgio Agamben (2007) afirma que o que está em questão na biopolítica, na contemporaneidade, é a *vida nua* do cidadão, sobre a qual se baseia o poder soberano, e não apenas a politização da vida. O conceito de *vida nua*, central em sua análise, é formulado a partir da ideia do *homo sacer*, uma figura ambivalente do direito romano arcaico, a qual não pode ser sacrificada, contudo, pode ser morta por qualquer um impunemente. Assim, sua morte (que não é aprovada por lei) não é considerada como sacrifício, nem como homicídio. Logo, a *vida nua* seria essa vida matável e insuscetível do *homo sacer*. Ainda conforme Agamben, na biopolítica da modernidade, cada sociedade define e redefine ininterruptamente as vidas que estarão incluídas ou excluídas dos direitos de cidadania, havendo, portanto, um recorte social (de gênero, classe, etnia...) que faz com que o indivíduo que corresponda à *vida nua* perca, como já explicitado anteriormente, seus direitos de cidadão e, conseqüentemente, de proteção do Estado, tornando-se, desse modo, uma vida matável. Ou seja, a vida que for considerada excluída passa a ser desprovida de valor jurídico e de relevância política, podendo, em virtude disso, ser eliminada. Avançando nesse pensamento, Judith Butler (2015) propõe pensar a vida para além dos direitos de cidadania, apresentando uma outra chave de leitura para analisar a biopolítica: a noção de *vida precária*³⁶⁹. Esta é útil para pensarmos a posição da mulher para a sociedade e para o Estado em relação à violência de gênero. Segundo a autora, para uma vida ser considerada matável, ela precisa, primeiramente, ser considerada viva:

Se certas vidas não são qualificadas como vidas ou se, desde o começo, não são concebíveis como vidas de acordo com certos enquadramentos epistemológicos³⁷⁰, então essas vidas nunca serão vividas nem perdidas no sentido pleno dessas palavras (BUTLER, 2015, p. 13).

Logo, são os enquadramentos que assentam, distinguem e estabelecem quais vidas podem ser reconhecidas como tais e quais não. Outrossim, Butler (2015, p. 32) também explica que nestes enquadramentos, que definem uma vida, ela só será considerada dessa maneira se for digna de luto, isto é, a vida só tem valor na medida que é passível de ser enlutada. Conseqüentemente, a precariedade da vida consiste no “fato de que a vida de alguém está sempre, de alguma forma, na mão do outro” (BUTLER, 2015, p. 31). Por

³⁶⁹ Vale ressaltar que tal enfoque dado por Butler, em “*Quadros de guerra: Quando a vida é passível de luto?*” (2015), é no contexto da guerra dos Estados Unidos da América contra o Iraque e na tortura dos prisioneiros em Guantánamo.

³⁷⁰ Como também de gênero.

isso, “afirmar que a vida é precária é afirmar que a possibilidade de sua manutenção depende, fundamentalmente, das condições sociais e políticas, e não somente de um impulso interno para viver” (BUTLER, 2015, p. 40). Assim, percebe-se que a condição precária designa uma condição politicamente induzida. Nesse contexto, toda sociedade é induzida a fazer o seu enquadramento, sendo a precariedade uma condição, em maior ou menor grau, imposta aos que nela vivem. Desse modo, cabe refletir por que algumas vidas são mais precárias que outras. Essa situação vai depender de como tal sociedade foi construída historicamente, bem como são suas práticas sociais, políticas, dentre outros aspectos, com o objetivo de “maximizar a precariedade para alguns e minimizar a precariedade para outros” (BUTLER, 2015, p. 41). Essa afirmação corresponde a uma decisão de quais vidas são relevantes e merecem, portanto, ser preservadas e quais, ao contrário, não têm importância e podem ser eliminadas. Ainda segundo Butler,

aqueles cujas vidas não são “consideradas” potencialmente lamentáveis e, por conseguinte, valiosas, são obrigados a suportar a carga de fome, do subemprego, da privação de direitos legais e da exposição diferenciada à violência e à morte (BUTLER, 2015, pp. 45-46).

A partir dessa perspectiva, é possível pensar as mulheres, em situação de violência doméstica, como “vidas precárias”, “matáveis”, as quais não são social e politicamente passíveis de luto, já que estão expostas à violência patriarcal, a qual é muitas vezes legitimada pela sociedade, e por não terem uma proteção jurídica eficiente do Estado, prevalecendo, para os agressores, a impunidade. Conforme Júlio Waiselfisz (2015),

se a impunidade é amplamente prevalecente nos homicídios dolosos em geral, com muito mais razão, pensamos, deve ser norma nos casos de homicídio de mulheres. A *normalidade* da violência contra a mulher no horizonte cultural do patriarcalismo justifica, e mesmo “autoriza” que o homem pratique essa violência, com a finalidade de punir e corrigir comportamentos femininos que transgridem o papel esperado de mãe, de esposa e de dona de casa (WAISELFISZ, 2015, p. 75).

Nesse prisma, a vida da personagem Cecilia pode ser considerada como uma vida precária, haja vista que o Estado não a protegeu juridicamente, enquanto vítima de violência doméstica, permitindo, ainda que indiretamente, seu feminicídio.

Em relação à temática dos silêncios compartilhados por mulheres vítimas de violência doméstica, a qual é tratada como hipótese neste estudo, no sentido de que tais silêncios possuem múltiplos significados, observou-se que Cecilia, durante praticamente todo o seu matrimônio, se ateu ao silêncio disciplinado por Carlos, bem como ao silêncio estratégico de defesa, pois sabia que, se falasse algo que o desagradasse, como no episódio em que quase abortou Alvarito, ou contasse para alguém o que lhe passava, apanharia

mais. Observa-se também, assim como no segundo capítulo, o silêncio cúmplice, pois, mesmo que Cecilia não verbalizasse a violência conjugal que lhe acometia, esta era de conhecimento de todos. Entretanto, à sua maneira, ela resistiu, expulsando Araújo de casa, rompendo, dessa maneira, com o ciclo da violência, sem ajuda externa, o que é raro conforme Saffioti (1999)³⁷¹, negando seus pedidos de “reconciliação”, ainda que fosse ameaçada de morte, indo à delegacia denunciá-lo e tentando seguir sua vida, criando seus filhos sozinha. No entanto, “quanto maior a resistência, mais aquele que pretende se manter como o detentor do exercício do poder atuará para reprimir essa resistência” (BRAVO, 2019, p. 47), assim, mesmo que tenha quebrado seu silêncio e buscado ajuda, ela não a recebe. Desse modo, sem o acolhimento e o auxílio devido do Estado, Cecilia é assassinada, reforçando a ideia de que sua vida era “precária”, no sentido atribuído por Butler (2015).

Por conseguinte, como já explanado, é em razão do feminicídio da amiga que Luz retorna à Conchillas. Beto lhe pediu que ficasse com ele na cidade, contudo, não é possível garantir que ela ficou e, se ficou, não se sabe se foi por ele. O que se pode afirmar é que, como dito pela própria narradora (CORBELLINI, 2012, p. 253), ela voltou para escrever sobre Urquiza e, ao menos durante o ano de 2006, ela fica nessa região, colhendo os relatos dos familiares e conhecidos de sua amiga. Consoante Le Goff, “a memória, a qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro” (LE GOFF, 2013, p. 437). Destarte, a motivação de Luz em resgatar as memórias de Urquiza e escrever sobre ela e sobre o que lhe passou é uma maneira de não permitir que sua vida e morte sejam invisibilizadas. Conforme Adriana Sola, “el lenguaje es uno de los medios más eficaces de violencia cultural en la medida en que interioriza y condiciona nuestra forma de ver el mundo”, porém, embora a linguagem faça parte da estrutura da construção social da sociedade, ela “también puede convertirse en un instrumento crítico para abordar la violencia de género”³⁷² (SOLA, 2016, p. 58).

Percebe-se, portanto, que Luz, por meio da linguagem escrita, resgata suas memórias e as de Cecilia, pois esta é uma história de duas mulheres que, a princípio, é contada em separado, mas que vão se entrecruzar e que vai denunciar, a partir da violência conjugal experienciada por Cecilia, como, muitas vezes, esta não se restringe apenas às

³⁷¹ Ver p. 85 deste estudo.

³⁷² “a linguagem é um dos meios mais eficazes de violência cultural na medida em que internaliza e condiciona nossa forma de ver o mundo”, porém, embora a linguagem faça parte da estrutura da construção social da sociedade, ela “pode também se tornar uma ferramenta crítica para lidar com a violência de gênero”.

violências descritas na *Lei Maria da Penha*, ou mesmo na *Lei da Violência Doméstica* uruguaia: a física, a psicológica, a moral, a sexual e a patrimonial, pois, caso o ciclo de violência não seja interrompido e continue sendo negligenciado pela sociedade e pelo Estado, mulheres continuarão sendo vítimas de feminicídio.

Considerações finais

Aquela moça continua sendo assassinada todos os dias e de diferentes maneiras.

Carlos Drummond de Andrade

Neste trabalho, procuramos analisar a representação literária da violência doméstica³⁷³, no âmbito conjugal, em narrativas contemporâneas. Observou-se que, embora, infelizmente, esta seja uma constante em nossa sociedade, em uma esfera mundial, a temática tem sido pouco abordada na literatura brasileira. Conforme Regina Dalcastagnè, a literatura “nos exprime não apenas pelo que nos diz, mas também sobre o qual se cala. Os silêncios na narrativa brasileira contemporânea, quando nós conseguimos percebê-los, são reveladores do que há de mais injusto e opressivo em nossa estrutura social” (DALCASTAGNÈ, 2006, p. 219). Nesse prisma, constata-se que esse silenciamento da representação da violência contra a mulher na literatura, no Brasil, nos expõe como essas mulheres seguem oprimidas e, por conseguinte, silenciadas na ordem social, em razão do discurso patriarcal dominante da superioridade masculina frente à inferioridade da mulher.

Foi notável tal ausência de representações literárias da violência contra a mulher durante a seleção do *corpus* para a elaboração desta pesquisa, tanto que não foi possível eleger apenas obras nacionais, dado que, além da escassez destas, busquei narrativas que abordassem a temática com profundidade para que houvesse verticalidade nas análises. Dessa forma, o *corpus* é composto por dois romances e um conto brasileiros, *A vida invisível de Eurídice Gusmão* (2016), de Martha Batalha, *Meu Marido* (2006), de Livia Garcia-Roza, e “Destino: Sé” (2010), Simone Paulino, bem como os romances *Minhas Vizinhas* (2008), da italiana Claudia Priano, *Hay una cierva a menos en el monte* (2012), da uruguaia Helena Corbellini, e o conto “O homem do vale”, da chilena Marcela Serrano, Outrossim, percebe-se que, quanto à autoria, todas as escritoras são mulheres, haja vista

³⁷³ Sobre tal temática, porém, com um recorte mais abrangente da violência doméstica, ver a tese doutoral de Paula Dutra, intitulada “Entre a dor e o silêncio: a violência contra a mulher em romances contemporâneos”. Disponível em:

<https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/35677/1/2019_PaulaQueirozDutra.pdf> Acesso em: 06 de maio de 2022.

“a importância da reflexão trazida sobre violência contra a mulher nas relações conjugais, a partir de uma perspectiva de gênero, [que] permite destacar que as relações de gênero se apresentam como um dos fundamentos da organização da vida social” (BANDEIRA, 2013, p. 132). Nesse sentido, reitero que o patriarcado contribui para a manutenção da violência, pois é uma característica cultural, a qual é ressignificada constantemente. Logo, é relevante que verifiquemos as representações dessas violências por um olhar distinto do masculino.

Meu interesse pelo assunto se deu pelo fato de eu ter sido uma vítima de violência conjugal, percebendo, na prática, que “o lugar onde se inocula o patriarcado é na família. Não importa qual seja ela, uma vez que estou falando de norma, da pressão pelo padrão” (SEGATO, 2010, p. 52). Em virtude disso, a fim de quebrar o silêncio que me foi imposto tanto pelo meu ex-parceiro como por essa norma/padrão social, em que a mulher, mesmo sofrendo agressões, deve aceitá-las, uma vez que, para o patriarcado, muitas dessas violências são legitimadas em prol da sagrada instituição família, decidi pensar, estudar, pesquisar, discutir e escrever a respeito, a partir da análise das representações literárias desse *corpus*, assim como das personagens mulheres que vivenciam, ademais das violências em si, medos, sofrimento, vergonha, letargia, desamparo e, dentre outros, o silêncio. Com base nisso, minha hipótese de leitura para os textos investigados, visto que foi uma característica observada em quase todas as personagens agredidas nas obras aqui analisadas, foram os possíveis significados e/ou motivações para que estas se mantivessem no mutismo, verificando se tal ocorrência poderia ser uma forma de reação e resistência, o que se confirma ao final deste estudo.

O recorte do presente trabalho, além de temporal, é temático, levando em consideração os desfechos recorrentes apresentados nas obras lidas para a seleção do *corpus*³⁷⁴. Dessa maneira, dividi os capítulos por meio da similaridade dos seus “finais”, cujas representações das mulheres vítimas de violência domésticas são: a mulher agredida continua no casamento abusivo, por razões diversas, como passividade, por achar que este é o papel da mulher, por questões econômicas, filhos, dentre outros; a mulher consegue sair do relacionamento abusivo por intermédio de uma ajuda externa, podendo ser uma amiga ou a família; a mulher é assassinada pelo seu parceiro. É importante

³⁷⁴ Devido ao fato de o *corpus* ser composto por obras que trazem a violência conjugal como temática, o livro *Mulheres empilhadas*, de Patrícia Melo, publicado em 2019, o qual aborda com propriedade a violência contra a mulher, não foi analisado nesta pesquisa, pois, embora a temática principal seja o feminicídio, o texto não dá centralidade ao feminicídio praticado por parceiro.

destacar que, em certa medida, os desfechos aqui elencados são originados do amor romântico e dos mitos que o envolvem, “tornando-nos refém dos modos padronizados de amar e sentir. Tais significados estão colados aos discursos da intimidade e animam o mito do amor romântico, que muitas vezes tem sido ofuscado e excluído das discussões sobre os conflitos amorosos e sobre a violência de gênero” (TIMM; PEREIRA, 2020, p. 31). Para dar ênfase a tais mitos, nomeei os capítulos tendo em conta seus respectivos conteúdos, com expressões que fazem referência a essas crenças: “O amor tudo pode, tudo crê, tudo espera, tudo suporta”; “Em vida de marido e mulher se mete, sim, a colher” e “Até que a morte os separe”.

Destarte, por meio da teoria da representação e de uma metodologia dos estudos culturais, que atende as intertextualidades estéticas e culturais que cada texto carrega, ademais de uma análise comparativa e descritiva, verifiquei, no capítulo I, a partir dos romances *A vida invisível de Eurídice Gusmão* (2016), de Martha Batalha, *Meu Marido* (2006), de Livia Garcia-Roza, situações de violência doméstica em que a mulher agredida, por alguma razão, não cogita a possibilidade de se separar do cônjuge abusivo. Tanto Eurídice quanto Bela apresentam um conformismo no que tange à dinâmica de violência em que estão inseridas, se atendo ao silêncio, contudo, silêncios com denotações diferentes. Eurídice, por ter ciência de que sua voz não era ouvida, sendo, então, uma mulher que sofria do silêncio disciplinador, via opressão, fazia uso do mutismo que lhe era imposto a fim de seguir com seus projetos, os quais não eram aprovados pelo marido.

Logo, tal silêncio não deve ser encarado como uma passividade da personagem, mas sim como uma forma de resistência, pois ela o reinventa para atingir seus objetivos. Já Bela demonstrava dois tipos de silenciamento, que serão observados em outras personagens e que um ocorre em consequência do outro. O primeiro é o silêncio disciplinador oriundo do agressor, a fim de que a esposa se mantenha sempre submissa a ele, enquanto o segundo se caracteriza como um silêncio de defesa, do qual Bela fazia uso para evitar discussões. Assim, tal silêncio seria uma maneira de resistir às violências psicológicas perpetradas por Eduardo.

No capítulo II, investiguei o romance italiano *Minhas vizinhas* (2008), de Claudia Priano, e os contos “Destino: Sé” (2010), de Simone Paulino e “O homem do vale” (2014), da chilena Marcela Serrano, sendo que, nas duas primeiras obras, as vítimas conseguem ser salvas de seus agressores, porque uma terceira pessoa foi na contramão do dito popular que “em briga de marido e mulher não se mete a colher”. A personagem Anna obtém, primeiramente, ajuda de Margarida, sua vizinha, a qual lhe dá apoio e a

encoraja a se separar do marido. Mais tarde, já livre da violência de Sandro, ela conta com a ajuda da irmã, que lhe concede trabalho e um local para morar em outra cidade. No conto “Destino: Sé”, também é a irmã da vítima que lhe proporciona auxílio, lhe dando dinheiro para sair da localidade onde residiam, afastando, portanto, do agressor, e esta também lhe consegue um emprego. Nas obras de Priano e de Paulino, restou identificado o silêncio cúmplice, tendo que em vista que vítima, agressor e pessoas próximas aos dois primeiros sabiam do que ocorria entre quatro paredes, mas ninguém intervinha, de alguma maneira oferecendo, por conseguinte, uma ajuda externa, a fim de que a mulher agredida pudesse se desvencilhar de tal ciclo da violência, o qual se compõe, consoante Walker (1979), em três fases: a construção da tensão no relacionamento; o episódio da violência e a lua de mel. Tal silêncio cúmplice não foi identificado no conto de Serrano, haja vista que a personagem vítima de agressão não relata ou dá algum indício de que outras pessoas sabiam que ela era uma “mulher agredida”. Ademais, esta narrativa foi analisada neste capítulo, não em virtude do seu desfecho, que destoa das demais, mas sim como um desfecho também possível no caso de uma mulher que, sem enxergar nenhuma perspectiva de ajuda alheia, procura outros meios, como o assassinato do próprio parceiro, para findar os abusos. Outrossim, nas personagens Anna e Ana, são notáveis os silêncios disciplinadores e o de defesa, sendo que o segundo, como explicitado, é uma consequência do primeiro, cabendo às vítimas fazerem do mutismo uma maneira de autopreservação. Já Pascuala não costumava silenciar frente às violências de Rato, pois o enfrentava, porém, mesmo demonstrando essa resistência, ela silenciou duas vezes, ao não o denunciar à polícia, tendo em vista que ela e seu filho dependiam dele financeiramente, e também ao não compartilhar a violência à qual era submetida com nenhum de seus conhecidos, pois estava cética de que receberia alguma ajuda.

Por fim, no capítulo III, acompanhamos a história de Cecilia, no romance uruguaio *Hay una cierva menos en el monte* (2012), de Helena Corbellini, em que a representação literária da violência doméstica culmina no feminicídio da vítima, demonstrando que, quando silenciada e, desse modo, não denunciada, essa violência extrema pode levar a esposa agredida à morte. Na narrativa de Corbellini, encontram-se todos os tipos de silêncio mencionados anteriormente: o disciplinado, o de autodefesa e o cúmplice. Contudo, este último é o que mais chama atenção, visto que Cecilia consegue resistir à violência verbal, patrimonial, psicológica e física que sofria e quebrar os dois primeiros silêncios supracitados, separando-se do seu marido, sem ajuda, além de denunciá-lo à polícia e não guardar segredo diante das pessoas que a rodeavam sobre o que lhe

acontecida. Entretanto, o silêncio cúmplice resultou em uma negligência cúmplice, pois, com exceção de algumas pequenas intervenções de Luz, ninguém protegeu Cecília, por isso, seguindo o pensamento de Butler (2015), considero-a uma “vida precária”, “matável”, ou seja, aquela vida que não é social e politicamente passível de luto, dado que ficou exposta à violência patriarcal, a qual é, como explicitado neste trabalho, legitimada pela sociedade, e, por não lhe ter sido proporcionada uma proteção jurídica eficiente do Estado, ela foi vítima do crime de feminicídio.

Ademais dos significados do silêncio, propus-me a refletir se tais representações literárias sobre a violência conjugal alimentariam o estereótipo de que as mulheres vítimas de violência conjugal permanecem em seus relacionamentos abusivos porque gostam ou merecem tais agressões. Verificou-se que, apesar de não haver uma romantização de final feliz, pois o mais próximo que as personagens chegam de alcançar a felicidade é quando conseguem sair do relacionamento abusivo e não serem mortas³⁷⁵, como ocorreu com Anna e Ana, em todas as obras que compõem o *corpus* deste estudo, as autoras desconstruíram esse imaginário social. Consoante Schmidt, “as mulheres narradoras³⁷⁶ silenciadas pelas práticas dominantes na cultura patriarcal sinaliza um novo episteme narrativo em que novos saberes, para além de limites sagrados e seculares impostos pela tradição, atualizam um novo sujeito engajado na reconstrução de si e do mundo” (SCHMIDT, 1998, p. 183). Dessa forma, uma leitura possível para o rompimento desse padrão sexista de pensamento do masoquismo da vítima seja, justamente, pelo fato de que as seis narrativas aqui pesquisadas foram escritas por mulheres, entendendo, portanto, as subjetividades que são próprias destas.

Um aspecto importante que não foi colocado como hipótese neste trabalho, mas que foi sendo percebido ao longo da análise das narrativas, foi a necessidade de determinadas personagens escreverem sobre eventos traumáticos, que, nas obras aqui analisadas, trata-se da violência doméstica. Assim, fazendo uso das discussões sobre a escrita de si³⁷⁷, a qual “como relato de resistência, interroga as condições e os efeitos das narrativas nas situações estremadas de tensão entre assujeitamento e subjetivação”

³⁷⁵ Isso se dá porque, embora consigam se desvencilhar da violência, os traumas ainda permanecem.

³⁷⁶ Rita Terezinha Schmidt está se referindo a mulheres autoras.

³⁷⁷ É necessário destacar que eu compreendo que as “Escritas de si” têm relação com o autor explícito, ou seja, o autor empírico, sendo esses textos uma auto ficção em 1ª pessoa. Contudo, devido aos traumas vividos pelas personagens sobre as quais irei discorrer, me aproprio da teoria a fim de aplicá-la nas representações das mulheres agredidas, bem como de pessoas próximas a estas que compartilharam dos traumas da vítima e, por essa razão, sentiram a necessidade de escrever a respeito, seja como forma de empoderamento e resistência, seja como forma de denúncia.

(SOUSA *et al.*, 2014, p. 15) do autor empírico, aplico tal conceito para as próprias personagens vítimas ou não, mas que se envolveram, em certa medida, na dinâmica da violência doméstica e que, desse modo, sentem uma necessidade de falar sobre o que lhes passou.

No primeiro capítulo, Eurídice Gusmão, ao decidir ser escritora, escreve um livro sobre a invisibilidade, sobre o qual se infere que seja uma autobiografia, contudo, ainda que não seja, é evidente que tal invisibilidade é a das mulheres, provocada pela opressão masculina, que as silencia, não dando importância ao que elas têm a dizer, ou seja, a violência psicológica, cabendo a elas apenas abaixar a cabeça perante o marido, como fazia Eurídice. Porém, ao escrever seu livro, “as feridas secretas não precisam mais ser guardadas e negadas, passam a ser explicadas e (re)organizadas no mundo que nos cerca. Em outras palavras, trata-se de um lugar de empoderamento” (SOUSA *et al.*, 2014, p. 13). No segundo capítulo, há Margarida, que já era uma escritora profissional e que estava, no decorrer da narrativa de Priano, passando por um processo de escrita de um novo livro. Todavia, após testemunhar o que sua vizinha, Anna Armardi, sofreu, a temática do seu livro muda, pois ela deixa claro que o tema de sua obra será a violência contra a mulher e ainda acrescenta que esta será uma escrita engajada, visto que ela quer que seu livro seja lido como uma forma de denúncia das agressões que atingem as mulheres. Já no terceiro capítulo, há Luz, que, assim como Margarida, não foi a vítima da violência, no entanto, sofreu o trauma do feminicídio da amiga Cecília. Vale lembrar que o impacto do assassinato de Cecília foi tão grande na vida de Luz, que ela necessitou de atendimento psiquiátrico.

Para Sousa *et al.*, essas “narrativas de resistência e empoderamento [possibilitam], através das implicações com os lugares e os modos diversos como os sujeitos vivenciam e guardam marcas das ‘feridas’ da vida e como constroem, [e] através da escrita de si, formas de empoderamento de traumas e de resistências nas aprendizagens biográficas da vida” (SOUSA *et al.*, 2014, p. 15), dessa maneira, ainda que de forma inconsciente, a decisão de Luz em escrever a história de Cecília Urquiza, buscando, inclusive, relatos de sua infância, não é apenas o de registrar, pela linguagem escrita, a vida e morte da amiga, a fim de que não fossem esquecidas e/ou invisibilizadas. Ela também precisava se (re)organizar no mundo, se curar do trauma, que foi essa “ferida” deixada pelo feminicídio de Cecília e se empoderar, com a finalidade de seguir com sua vida.

De acordo com a definição de Iris Marion Young, o conceito de “perspectiva social” reflete o fato de que “pessoas posicionadas diferentemente [na sociedade] possuem

experiências, história e conhecimento social diferentes, derivados dessa posição” (YOUNG, 2000, 136). Nesse contexto, pode-se afirmar que Eurídice, Bela, Anna, Ana, Pascuala e Cecilia, embora se encontrem representadas em posições sociais distintas, em diversos aspectos, não foram poupadas da violência doméstica, demonstrando que esta pode atingir qualquer mulher, independentemente de sua “perspectiva social”. Tratando a questão em nível de Brasil, conforme Timm e Pereira,

a Lei Maria da Penha, por exemplo, que é tida como uma das mais importantes conquistas das mulheres, é um ordenamento jurídico colado à lei do direito individual. Enquanto tal, sem negar sua importância, ela não é uma resposta suficiente para criar vias de respostas de acesso à autonomia das mulheres frente aos processos de subjetivação marcados pelo capital, patriarcado, racismo, classes sociais, entre outros sofisticados sistemas de oposições hierárquicas que funcionam plenamente no que chamamos de nossa democracia (TIMM; PEREIRA, 2020, pp. 68-69).

Percebe-se, portanto, que a lei brasileira que ampara as mulheres vítimas de violência conjugal não é suficiente para salvá-las de seus algozes. Harold Rosenberg (2004) afirma que a arte não tem a capacidade de solucionar os problemas que identifica. Nessa esteira, a literatura, como arte que é, também não apresenta tal possibilidade de mudança na ordem social, entretanto, ela, por meio de suas representações da complexa dinâmica da violência doméstica, bem como do sofrimento da vítima, dos filhos e dos possíveis desfechos trágicos para tais relacionamentos abusivos, denuncia a temática criminosa, possibilitando as reflexões e as ponderações necessárias, conforme afirmam Timm e Pereira (2020), no trecho transcrito acima, a respeito do tema, atuando, desse modo, de maneira conscientizadora.

Assim, parafraseando a fala da personagem Margarida, de Cláudia Priano, sobre seu livro, eu não quero que a leitura desta tese seja tranquilizadora, ao contrário, necessito que ela traga incômodo, principalmente, àqueles que são cúmplices de tal violência, pois, ratificando, se por um lado, as vítimas de violência doméstica nunca devem ser culpabilizadas pela violência que sofrem, nós, por outro, somos responsáveis, caso sejamos complacentes, pois, como vimos aqui, o nosso auxílio pode salvar uma vida, contudo, nossa negligência pode matar.

Referências

Corpus

BATALHA, Martha. *A vida invisível de Eurídice Gusmão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

CORBELLINI, Helena. *Hay una cierva menos en el monte*. Uruguai: Sudamericana, 2012.

GARCIA-ROZA, Livia. *Meu marido*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

PAULINO, Simone. “Destino: Sé”. In: MIGUEL, Adilson (Org.). *Grafias urbanas: antologia de contos contemporâneos*. São Paulo: Scipione, 2010. p. 68-83.

PRIANO, Claudia. *Minhas vizinhas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

SERRANO, Marcela. O homem do vale. In: SERRANO, Marcela. *Doce inimiga minha*. Rio de Janeiro: Alfabeta, 2014.

Referências

ACOSTA, Miguel Lorente. *Agresión a la mujer: Maltrato, violación y acoso*. Granada: Comares, 2001.

ACOSTA, Miguel Lorente. *Mi marido me pega lo normal*. Barcelona: Planeta, 2009.

AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer – o poder soberano e a vida nua*. Editora da UFMG: Belo Horizonte, 2007.

AGUIAR, Luiz Henrique Machado de; DINIZ, Gláucia Ribeiro Starling. Gênero, masculinidade e o atendimento a homens autores de violência conjugal. In: LIMA, Fausto Rodrigues de; SANTOS, Claudiene (Org.). *Violência doméstica: vulnerabilidade e desafios na intervenção criminal e multidisciplinar*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2009.

AHMED, Sara. *La promesa de la felicidad: una crítica cultural al imperativo de la alegría*. Buenos Aires: Caja Negra, 2019.

ALMEIDA, Sandra Aparecida P. *A tradução de títulos de livros*. Monografia de Graduação em Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 1992.

ALVES, Raquel *et al.* A busca da identidade na ficção de Livia Garcia-Roza e Tatiana Salem Levy. *Revista Humanidades e Inovações*, v. 6, n. 4, 2019.

ANGELIM, Fábio Pereira. “A importância da intervenção multidisciplinar face à complexidade da violência doméstica”. In: LIMA, Fausto Rodrigues de; SANTOS, Claudiene (Org.). *Violência doméstica: Vulnerabilidade e desafios na intervenção criminal e multidisciplinar*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2009.

- ARENDDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense, 1991.
- ARENDDT, Hannah. *Sobre a violência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- AZEVEDO, Maria Amélia. *Mulheres espancadas: a violência denunciada*. São Paulo: Cortez, 1985.
- BADINTER, Elisabeth. *Rumo equivocado: o feminismo e alguns destinos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- BALISTA, Carolina, BASSO, Emiliana; COCCO, Marta; GEIB, Lorena T. C. Representações sociais dos adolescentes acerca da violência doméstica. *Revista Eletrônica de Enfermagem*. v. 6, n. 3, 2004.
- BANDEIRA, Lourdes; THURLER, Ana Liése. A vulnerabilidade da mulher à violência doméstica: aspectos históricos e sociológicos. In: LIMA, Fausto Rodrigues de; SANTOS, Claudiene (Org.). *Violência doméstica: Vulnerabilidade e desafios na intervenção criminal e multidisciplinar*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2009.
- BANDEIRA, Lourdes. Comentário da Sessão 2 – Violências contra as mulheres. Reflexões e casos de intervenção. In: ALMEIDA, Tânia; PENSO, Maria (Org.). *Direitos e conflitos psicossociais: ações e interfaces disciplinares*. São Paulo: Roca, 2013.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: fatos e mitos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- BERLO, David K. *O processo de comunicação: Introdução à teoria e à prática*. 10ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BERTH, Joice. *O que é empoderamento?* Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- BERNARDES, Betina. Crime contra a mulher é cometido por parceiro. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 3 de março, p. 3, 1998.
- BÍBLIA SAGRADA. Trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1998.
- BOSCH E. Del mito del amor romántico a la violencia contra las mujeres en la pareja. *Ministerio de Igualdad, Instituto de la mujer*. Universidad de les Illes Balears, 2007.
- BOSCH E. Los mitos románticos en España. *Boletín de Psicología*, n. 99, 2010, pp. 7-31.
- BOSCH E. *La violencia contra las mujeres: el amor como coartada*. Madrid: Anthropos, 2013.
- BOURDIEU, Pierre. *La distinction: critique sociale du jugement*. Paris: Minuit, 1979.

- BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. Trad. De Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2016.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2006.
- BRASIL. Lei n. 11.340. *Lei Maria da Penha*. Brasília: Presidência da República, 2006.
- BRAVO, Renata. *Femicídio: tipificação, poder e discurso*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2019.
- BUTLER, Judith (2015). *Quadros de guerra: Quando a vida é passível de luto?* Civilização Brasileira: Rio de Janeiro.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2010.
- CHAUÍ, Marilena. A não violência do brasileiro – um mito interessantíssimo. In: *Almanaque*. São Paulo, v, 11, 1980.
- CHAUÍ, Marilena. “Participando do Debate sobre Mulher e Violência”. In: CARDOSO, Ruth, CHAUÍ, Marilena e PAOLI, Maria Celia (Org.). *Perspectivas Antropológicas da Mulher 4*, São Paulo: Zahar, 1985.
- CHILE. Ley de Violencia Intrafamiliar nº 20.066, 2005.
- CISNE, Mirla. *Feminismo e consciência de classe no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2014.
- CAÑO, Xavier. *Maltratadas: el infierno de la violencia sobre las mujeres*. España Hoy: Madrid, 1995.
- COSTA, Jurandir Freire. *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- CORIA, Clara. Otra vida es posible en la edad media de la vida. In: CORIA, C., FREIXAS, A. e COVAS S. (Org.). *Los cambios en la vida de las mujeres: Temores, mitos y estrategias*. Buenos Aires: Paidós, 2005.
- CUCHE, Denys. “Cultura e Identidade”. In: *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: EDUSC, 1999.
- CUNHA, Tânia Rocha Andrade; SOUSA, Rita de Cássia Barbosa de. Violência psicológica contra a mulher: dor invisível. *V seminário Internacional Enlaçando Sexualidades 10 anos*. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/UESB, p. 1-11, set. 2017.
- DALCASTAGNÈ, Regina. “Representações restritas: a mulher no romance brasileiro contemporâneo”. In: DALCASTAGNÈ, Regina e LEAL, Virgínia Maria Vasconcelos

(Org.). In: *Deslocamentos de gênero na narrativa brasileira contemporânea*. São Paulo: Horizonte, 2010.

DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Rio de Janeiro: Horizonte, 2012.

DALCASTAGNÈ, Regina. A representação da mulher no romance brasileiro contemporâneo. In: CORRÊA, Regina Helena Machado Aquino (Org.). *Nem fruta nem flor*. Londrina: Edições Humanidades, 2006.

DANTAS-BERGER, Sônia Maria; GIFFIN, Karen. A violência nas relações de conjugalidade: invisibilidade e banalização da violência sexual?. *Cadernos de Saúde Pública*. v. 21, n. 2, p. 417-425, 2005.

DEL PRIORE, Mary. *História do amor no Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.

DELBO, Charlotte. *Days and memory*. Vermont: Marlboro Press, 1990.

Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. São Paulo: Objetiva, 2007.

D'OLIVEIRA, Mariane Camargo; TAVARES, Carla Rosane da Silva. A invisibilidade das mulheres nas relações sociais: mitificação dos gêneros. *Anais do XVI Seminário Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão*, Rio Grande do Sul, 2011.

DOMÍNGUEZ, Nora. *Literatura que mata: femicidios, recuento y representación*. Exlibris. Buenos Aires, n. 4, pp. 210-214, 2015.

DUBAR, Claude. "Para uma teoria sociológica da identidade". In: *A socialização*. Porto: Porto Editora, 1997.

DUBY; PERROT. *História das mulheres no Ocidente*. Porto: Edições Afrontamento, 1993.

DUTRA, Paula Queiroz. A violência doméstica em Paraíso, de Tatiana Salem Levy, e Minhas vizinhas, de Claudia Priano. In: DALCASTAGNÈ, Regina. *et al.* (Org.). *Literatura e Direitos Humanos*. Porto Alegre: Zouk, 2018, pp. 157-170.

ESTEBAN, M. L.; TÁVORA, A. El amor romántico y la subordinación de las mujeres: revisiones y propuestas. *Anuario de Psicología*, v. 39 n. 1, pp. 59-73, 2008.

FARIA, Sandra A. A. *A tradução de títulos de livros*. Minas Gerais: Monografia de Graduação, Universidade Federal de Juiz de Fora, 1992.

FERNANDEZ, Alicia Pascual. Sobre el mito del amor romántico. Amores cinematográficos y educación. *Dedica. Revista de Educación e Humanidades*, 10, pp. 63-78, 2016.

FÉRES-CARNEIRO, T. *Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade*. Porto Alegre, v. 11, n. 2, pp. 379-394, 1998.

- FERRER, Victoria Aurora. *et al.* Los mitos románticos en España. *Boletín de Psicología*, n. 99, pp. 7-31, 2010.
- FIGUEIREDO, Eurídice. *Por uma crítica feminista: leituras transversais de escritoras brasileiras*. Porto Alegre: Zouk, 2020.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I – a vontade de saber*. Graal: Rio de Janeiro, 1988.
- FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. In: FOUCAULT, Michel. *Estratégia, poder-saber. Ditos e escritos IV*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p.203-222, 2003.
- FREIRE, Pollianna de Fátima Santos. *Afetos possíveis: a representação de diferentes tipos de arranjos familiares na literatura brasileira contemporânea*. Brasília: Tese de Doutorado, Universidade de Brasília, 2020.
- GAY, Roxane. *Mala feminista*. Madrid: Capitán Swing Libros, 2016.
- GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. Trad. Álvaro Faleiros. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.
- GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 2013.
- GUIMARÃES, M. C.; PEDROZA, R. L. S. Violência contra a mulher: problematizando definições teóricas, filosóficas e jurídicas. *Psicologia e Sociedade*, Recife, 27(2), 2015, pp. 256-266.
- GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Unesp, 1993.
- GINZBURG, Jaime. O narrador na literatura brasileira contemporânea. *Tintas. Quaderni di letture iberiche e iberoamericane*, n. 2, pp. 199-221, 2012.
- GINZBURG, Jaime. *Literatura, violência e melancolia*. Campinas: Autores Associados, 2013.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada* (4ª ed.). Rio de Janeiro: LTC, 1998.
- GÓMEZ, Coral Herrera. *La construcción sociocultural del amor romántico*. Madrid: Editorial Fundamentos, 2010.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2003.
- HERNÁNDEZ, Carolina Afonso *et al.* *Guía de buen trato y prevención de la violencia de género: protocolo de actuación en el ámbito educativo*. Andalucía: Consejería de Educación, 2016.

HIRIGOYEN, Marie-France. *A violência do casal: da coação psicológica à agressão física*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

HOOKS, bell. *El feminismo es para todo el mundo*. Madrid: Traficante de sueños, 2017.

HOWES, Penny (Ed.). Relatório da Organização Mundial de Saúde (OMS) sobre violência contra a mulher. WHO, 2013. Disponível em: <http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/85239/1/9789241564625_eng.pdf> Acesso em: 06 de maio de 2022.

JODELET, Denise. “As representações sociais: um domínio em expansão”. Jodelet, Denise (org.). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001, pp. 14-44.

KROB, Daniéle Busanello. A igreja e a violência contra as mulheres. Anais do Congresso Internacional da Faculdade EST. São Leopoldo: EST, v. 2, 2014, pp. 208-216.

LAGARDE, Marcela. *Acerca del amor: las dependencias afectivas*. Valencia: Asociación de Dones Joves, 1999.

LAGARDE, Marcela. *Para mis socias de la vida: claves feministas para el poderío y la autonomía de las mujeres, los liderazgos entrañables y las negociaciones en el amor*. Madrid: Horas y Horas, 2005.

LAGARDE, Marcela. Antropología, feminismo y política: violencia feminicida y de derechos humanos de las mujeres. In: BULLEN, Margaret; MINTEGUI, Carmen Diez (Org.). *Retos teóricos y nuevas prácticas*. Espanha: Ankulegi Antropologia, 2008.

LANGLEY, Roger.; LEVY, Richard. *Mulheres espancadas: fenômeno invisível*. São Paulo: HUCITEC, 1980.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 7. ed. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2013.

LAURETIS, Teresa de. “A tecnologia do gênero”. Trad. de Susana Borneo Funck. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). In: *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LÁZARO, André. *Amor: do mito ao mercado*. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

LEAL, Virgínia Maria Vasconcelos. *As escritoras contemporâneas e o campo literário brasileiro: uma relação de gênero*. Brasília: Tese de Doutorado em Universidade de Brasília, 2008.

LE MOS, Carolina Teles; SOUZA, Sandra Duarte de. *A casa, as Mulheres e a Igreja: gênero e religião no contexto familiar*. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 2014.

- MAIA, Cláudia de Jesus. *A invenção da solteirona: conjugalidade moderna e terror moral - Minas Gerais (1890 – 1948)*. Brasília: Tese de Doutorado em Universidade de Brasília, 2017.
- MAINGUENEAU, Dominique. Do provérbio à ironia: polifonia, captação e subversão. In: MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001. pp. 169-178.
- MALDONADO, Maria Tereza. *Casamento, término e reconstrução*. São Paulo: Integreare, 2009.
- MAY, Simon. *Amor: uma história*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- MCLAREN, Margaret A. Foucault and Feminism. In: TAYLOR, Dianna; VINTGES, Karin. *Feminism and the final Foucault*. Chicago: University of Illinois Press, 2004.
- MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. “Teoria política feminista, hoje”. In: (org.). *Teoria política feminista: textos centrais*. Vinhedo: Horizonte, 2013.
- MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. *Feminismo e política*. São Paulo: Boitempo, 2014.
- MILLER, Mary Susan. *Feridas invisíveis: abuso não-físico contra mulheres*. São Paulo, Summus, 1999.
- MINAYO, Maria Cecília de S. A violência social sob a perspectiva da saúde pública. *Cad. Saúde Pública.*, Rio de Janeiro, n. 10, p. 7-18, 1994.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Violência intrafamiliar: orientações para a prática em serviço*. Secretaria de Políticas de Saúde. Brasília, 2002. Autor. Disponível em: <https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cd05_19.pdf> Acesso em: 06 de maio de 2022.
- MOUNIN, G. *Os problemas teóricos da tradução*. São Paulo: Cultrix, 1975.
- MOURA, Leides B. A.; MOURA, Bruno A. “Reflexões sobre a conjugalidade violenta na condição moderna”. In: LIMA, Fausto Rodrigues de; SANTOS, Claudiene (Org.). *Violência doméstica: vulnerabilidade e desafios na intervenção criminal e multidisciplinar*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2009.
- NAVARRO-SWAIN, Tânia. “Meu corpo é um útero? Reflexões sobre a procriação e a maternidade”. In: STEVENS, Cristina (Org.). *Maternidade e Feminismo: Diálogos Interdisciplinares*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2007.
- NARDI, Suzana Catanio dos Santos; BENETTI, Silvia Pereira da Cruz. Violência conjugal: estudo das características das relações objetais em homens agressores. *Boletim de psicologia*, São Paulo, v. 62, n. 136, 2012, pp. 53-66.

- NETTO, Albuquerque Leônidas *et al.* “Isolamento de mulheres em situação de violência pelo parceiro íntimo: uma condição em redes sociais”. *GF Escola Anna Nery* v. 21, n. 1, 2017.
- NEVES, Ana Sofia Antunes das. As mulheres e os discursos genderizados sobre o amor: a caminho da "amor confluyente" ou o retorno ao mito do "amor romântico"?. *Estudos Feministas*, Florianópolis, set/dez, p. 609-627, 2007.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. São Paulo: Unicamp, 2015.
- PATEMAN, Carole. *El contrato sexual*. Barcelona: Editorial Anthropos, 1995.
- PAZ, Octavio. *A dupla chama. Amor e erotismo*. São Paulo, Siciliano, 1994.
- PEIXOTO, Aimê F.; NOBRE, Bárbara P. R. A responsabilização da mulher vítima de estupro. *Revista Transgressões: ciências criminais em debate*, Natal, v. 3, n. 1, pp. 227-239, 2015.
- PERROT, Michelle. *Minha história de mulheres*. São Paulo: Contexto, 2019.
- PIMENTEL, Adelma. Violência psicológica nas relações conjugais: pesquisa e intervenção clínica. São Paulo: Summus, 2011.
- PIMENTEL, Adelma. Pesquisa exploratória da violência psicológica por meio da linguagem. *Filologia e linguística portuguesa*. São Paulo, 15(1), p. 7-26, Jan./Jun. 2013.
- PINSKY, Carla Bassanezi. “Mulheres dos anos dourados”. In: DEL PRIORE, Mary. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 1997.
- PONDAAG, M. C. M. *Sentidos da violência conjugal: a perspectiva de casais*. Brasília: Tese de Doutorado em Universidade de Brasília, 2009.
- PORCHAT, Ieda. Pensando a dor da separação conjugal. In: *Amor, casamento, separação: a falência de um mito*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.
- RIDENTI, Marcelo Siqueira. “As mulheres na política brasileira: os anos de chumbo”. *Tempo social*. São Paulo, v. 1, pp. 113-128, 1990.
- RADFORD, Jill. Where do you go from here? In: RUSSELL, Diana, E. H.; RADFORD, Jill (Org.). *Femicide: the politics of Woman killing*. New York. Twayne Publishers, 1992.
- RANGEL, Débora e QUEIROZ, Ana Beatriz. “A representação social das adolescentes sobre a gravidez nesta etapa da vida”. *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem*, v. 12, n. 4, pp. 780-788, 2008.
- ROCHA, M., MOTA, C. P.; MATOS, P. M. Vinculação à mãe e ligação aos seus pares na adolescência: O papel mediador da autoestima. *Análise Psicológica*. n. 29, p. 185-200, 2011.
- ROSENBERG, Harold. *Objeto ansioso*. Cosac & Naify: São Paulo, 2004.

- ROUGEMONT, Denis. *O amor e Ocidente*. Tradução de Paulo Brandi e Ethel Brandi Cachapuz. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.
- SAFFIOTI, Heleieth. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1979.
- SAFFIOTI, Heleieth. “Prefácio da edição brasileira”. In: LANGLEY, Roger; LEVY, Richard C. *Mulheres espancadas: fenômeno invisível*. São Paulo: HUCITEC, 1980.
- SAFFIOTI, Heleieth. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna, 1987.
- SAFFIOTI, Heleieth. Já se mete a colher em briga de marido e mulher. *São Paulo em perspectiva*. v. 13, n. 4, p. 82-91, 1999.
- SAFFIOTI, Heleieth. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 16, 2001, pp. 155-136.
- SAFFIOTI, Heleieth. *Gênero patriarcado violência*. São Paulo: Expressão popular, 2015.
- SCHMIDT, Rita Terezinha. “Em busca da história não contada ou: quando o objeto começa a falar”. In: *Revista do Mestrado em Letras da UFSM*. Rio Grande do Sul, 1998, pp. 183-196.
- SCHRAIBER, Lilia Bilma *et al.* *Violência dói e não é direito: a violência contra a mulher, a saúde e os direitos humanos*. São Paulo: Editora Unesp, 2005.
- SCHWAB, B.; MEIRELES, W. *Um soco na alma: relatos e análises sobre violência psicológica*. Brasília: Logos 3, 2014.
- SCHWANTES, Cíntia; DUTRA, Paula Queiroz. A representação da violência contra a mulher nos contos “Marido”, de Lídia Jorge, e “Destino: Sé”, de Simone Paulino. *Raído*, Dourados, MS, v. 10, n. 22, 2016, pp. 152-165.
- SEGATO, Rita Laura. *Las estructuras elementares de la violencia: ensayos sobre género, entre antropología, el psicoanálisis y los derechos humanos*. Buenos Aires: Prometeo, 2003.
- SEGATO, Rita Laura. Crimes de gênero em tempos de “paz” e guerra. In: ALMEIDA, BRASIL, STEVENS (Org.). *Gêneros e Feminicídios: convergências disciplinares*. Brasília-DF, Ex Libris, 2010.
- SEGATO, Rita Laura. Femigenocídio y feminicidio: una propuesta de tipificación. In: *Encuentro Mesoamericano de Estudios de Género y Feminismos*, 2, Guatemala, 2011.
- SEGATO, Rita Laura. *La escrita en el cuerpo de las mujeres asesinadas en Ciudad Juárez*. Buenos Aires: Tinta Limón, 2013.
- SHOWALTER, Elaine. *Speaking of gender*. New York and London: Routledge, 1989.

- SHOWALTER, Elaine. *Histórias históricas: a histeria e a mídia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.
- SILVA, Ana Isabel. *A capa de livro: o objeto, o contexto, o processo*. Portugal: Dissertação de Mestrado em Universidade do Porto, 2008.
- SILVA, Marlise Vinagre. *Violência contra a mulher: quem mete a colher?* Rio de Janeiro: Cortez, 1992.
- SOLA, Adriana Cases. *El género de la violencia: mujeres y violencias en España (1923-1936)*. Málaga: Uma Editorial, 2016.
- SOLNIT, Rebecca. *Os homens explicam tudo para mim*. São Paulo: Cultrix, 2017.
- SOARES, Tufi *et al.* Fatores associados ao abandono escolar no Ensino Médio público de Minas Gerais. *Educ. Pesqui.*, São Paulo, v. 41, n. 3, pp. 757-772, 2015.
- SONTAG, Susan. *Diante da dor do outro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SOPHIA, Eglacy C. *et al.* Amor Patológico: Um Novo Transtorno Psiquiátrico? *Revista Brasileira de Psiquiatria* v. 29, n. 1, pp. 55-62, 2007.
- SOUZA, Elizeu *et al.* *Escritas de si, resistência e empoderamento*. Curitiba: Editora CRV, 2014.
- SPIVAK, C. Gayatri. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: UFMG, 2010.
- STREY, Marlene Neves *et al.* (Org.). *Construções e perspectivas em gênero*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2000.
- TAUBE, José Maria de Mattos. Alianças partidas ou a dor da separação nas camadas populares. In: *Amor, casamento, separação: a falência de um mito*. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- THEODOR, Ervin. *Tradução: ofício e arte*. São Paulo: Cultrix, 1983.
- TIBURI, Márcia. *Feminismos em comum: para todas, todes e todos*. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 2018.
- TIMM, Flávia B.; PEREIRA, Ondina P. *O eu do amor*. Curitiba: Appris Editora, 2020.
- URUGUAI. *Lei de Violência Doméstica uruguaia nº 17.514/2002*. Disponível em: <https://www.oas.org/dil/esp/ley_contra_violencia_domestica_uruguay.pdf/> Acesso em: 06 de maio de 2022.
- USSHER, Jane M. *The madness of women: myth or experience*. London: Routledge, 2011.
- VILA, María del Pilar. Voces del desencanto y la violencia en la narrativa latinoamericana. In: BASILE, Teresa (Org.). *Literatura y violencia: en la narrativa latinoamericana reciente*. Argentina: Universidad Nacional de La Plata, 2015.

WASELFISZ, Júlio Jacob (2015). *Mapa da violência 2015 – homicídios de mulher no Brasil*. Flacso Brasil: Brasília. Disponível em: <<http://www.mapadaviolencia.org.br> /> Acesso em: 06 de maio de 2022.

WALKER, Lenore E. *The battered woman*. New York: Harper Perennial, 1979.

WALKER, Lenore E. *The battered woman syndrome*. New York: Springer Publishing, 2017.

WOLFF, Cristina Scheibe. “Profissões, trabalho: coisas de mulheres”. In: *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis: v. 18, n. 2, 2010.

WOOLF, Virginia. *Profissões para mulheres e outros artigos*. Rio de Janeiro: L&PM Pocket, 2017.

YOUNG, Iris Marion. *Inclusion and democracy*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

ZILBERMAN, Monica e BLUME, Sheila. “Violência doméstica, abuso de álcool e substâncias psicoativas”. In: *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 2005; 27 (Supl. II).

ZALUAR; ABRANCHES. Questões urbanas, espaço global e regional interiorização: mortes violentas, vítimas e homicídios. *Revista Perspectiva*, São Paulo: Fundação SEDAE, v. 9, n. 3, 1995.

ZINANI, Cecil J. A. *Literatura e gênero: a construção da identidade feminina*. Caxias do Sul: EDUCS, 2013.

ZOLET, Simone. *Autonomia Afetiva: Maturidade nas Interrelações*. In: Anais do I Simpósio de Consciencioterapia, 2000.

ANEXO I

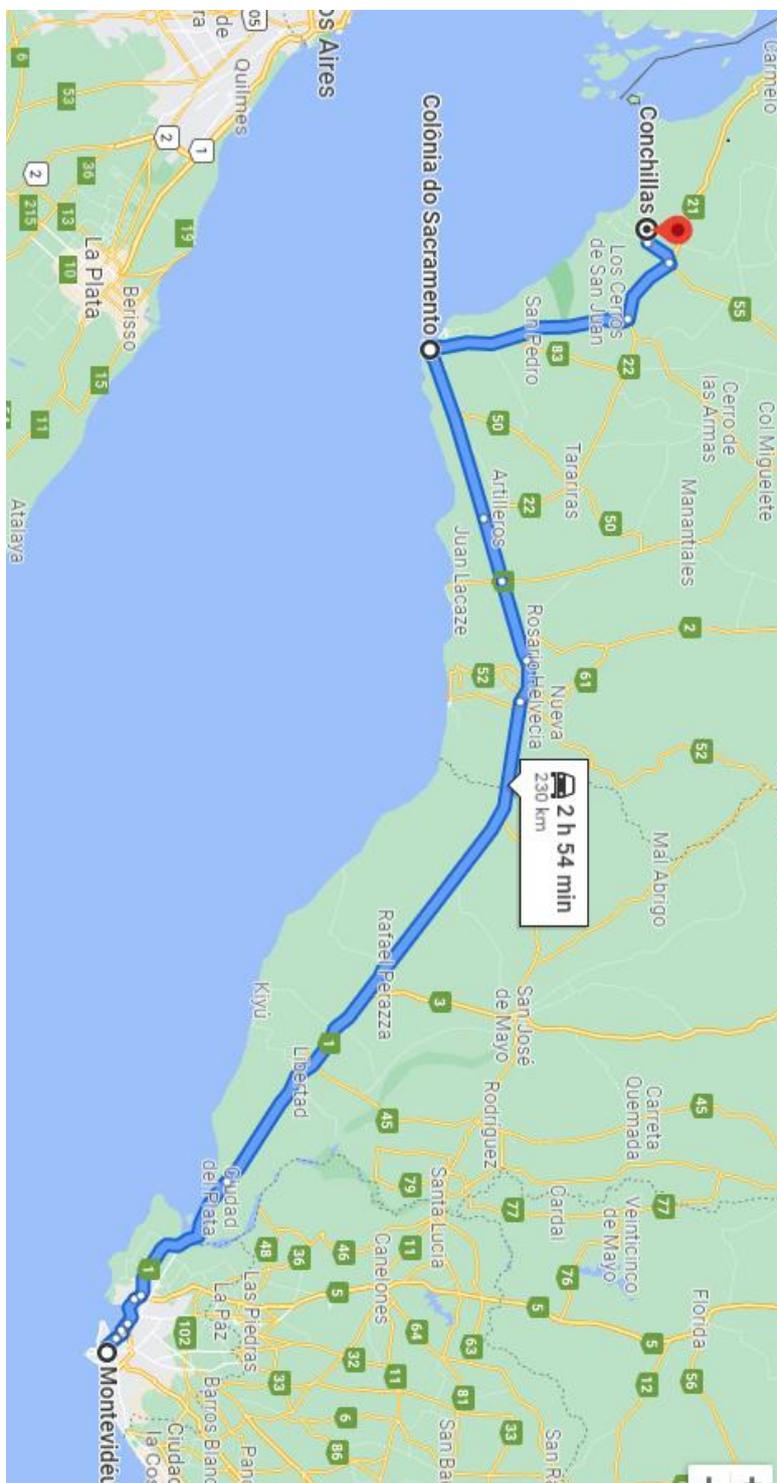
Testemunhos apanhados por Luz

Local	Data	Entrevistado	Parentesco com Cecilia
Pueblo Gil	fevereiro de 2006	Marita Valenzuela	tia materna de Cecilia
Colonia del Sacramento	fevereiro de 2006	Geraldo Urquiza	irmão de Cecilia
Conchillas	fevereiro de 2006	Chela Ramallo	trabalhava na casa de Cecilia quando esta era criança
Real de San Carlos	fevereiro de 2006	Amparo Hellburg	amiga de Cecilia
Conchillas	março de 2006	Chela Ramallo	
Pueblo Gil	fevereiro de 2006	Marita Valenzuela	
Real de San Carlos	março de 2006	Amparo Hellburg	
Campana	março de 2006	Soledad Quián	prima de Cecilia
Colonia del Sacramento	março de 2006	Geraldo Urquiza	
Conchillas	10 de fevereiro de 1991	Cecilia	
Campana	março de 2006	Soledad Quián	
Carmelo	11 de fevereiro de 1991	Cecilia	
Campana	março de 2006	Soledad Quián	
Carmelo	11 de fevereiro de 1991	Cecilia	
Real de San Carlos	março de 2006	Amparo Hellburg	
Conchillas	12 de fevereiro de 1991	Cecilia	
Campana	março de 2006	Soledad Quián	
Pueblo Gil	abril de 2006	Marita Valenzuela	
Campana	abril de 2006	Soledad Quián	
Conchillas	abril de 2006	Chela Ramallo	
Colonia del Sacramento	12 de maio de 1991	Cecilia	
Colonia del Sacramento	maio de 2006	Alicia Urquiza	
Colonia del Sacramento	maio de 2006	Geraldo Urquiza	
Colonia del Sacramento	maio de 2006	Alicia Urquiza	tia paterna de Cecilia
Pueblo Gil	maio de 2006	Marita Valenzuela	
Colonia del Sacramento	28 de maio de 1991	Cecilia	

Pueblo Gil	maio de 2006	Marita Valenzuela	
Conchillas	junio de 2006	Chela Ramallo	
Real de San Carlos	junio de 2006	Amparo Hellburg	
Conchillas	22 de março de 1993	Cecilia	
Real de San Carlos	junho de 2006	Amparo Hellburg	
Conchillas	14 de maio de 1993	Cecilia	
Conchillas	julho de 2006	Chela Ramallo	
Real de San Carlos	julho de 2006	Amparo Hellburg	
Conchillas	20 de maio de 1995	Cecilia	
Conchillas	julho de 2006	Chela Ramallo	
Colonia del Sacramento	julho de 2006	Dr. Forteza	médico que atendia Cecilia
Conchillas	29 de junho de 1995	Cecilia	
Conchillas	julho de 2006	Chela Ramallo	
Conchillas	8 de julho de 1995	Cecilia	
Conchillas	23 de agosto de 1995	Cecilia	
Real de San Carlos	julho de 2006	Amparo Hellburg	
Conchillas	julho de 2006	Chela Ramallo	
Conchillas	9 de novembro de 1998	Cecilia	
Real de San Carlos	julho de 2006	Amparo Hellburg	
Conchillas	27 de setembro de 1999	Cecilia	
Campana	agosto de 2006	Soledad Quián	
Colonia del Sacramento	agosto de 2006	Geraldo Urquiza	
Conchillas	14 de junho de 2002	Cecilia	
Colonia del Sacramento	agosto de 2006	Geraldo Urquiza	
Conchillas	julho de 2006	Chela Ramallo	
Conchillas	19 de novembro de 2002	Cecilia	
Conchillas	setembro de 2006	Jacobo Ripke	gerente do bar que Carlos frequentava
Real de San Carlos	setembro de 2006	Amparo Hellburg	

ANEXO II

Mapa do percurso da viagem de Luz



- A imagem ilustra o caminho de Montevideo à Conchillas, passado por Colonia del Sacramento. O trajeto, de carro, como fazia Luz, dura aproximadamente 3 horas.